

**BOLETIM DA
BIBLIOTECA GERAL
DA UNIVERSIDADE
DE COIMBRA**

VOL. 48 (2018)



Boletim da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

VOL. 48 (2018)



COIMBRA, 2018

FICHA TÉCNICA

DIRETOR

José Augusto Cardoso Bernardes

COORDENADORA

Iuliana Filimon Barros Gonçalves

EQUIPA EDITORIAL

A. E. Maia do Amaral (BGUC – aemaia@bg.uc.pt)

Ana Maria Eva Miguéis (SIBUC – evamigueis@sib.uc.pt)

Isabel João Vaz Ramires (BGUC – iramires@bg.uc.pt)

Iuliana Filimon Barros Gonçalves (BGUC – ifilimon@bg.uc.pt)

José Augusto Cardoso Bernardes (FLUC, BGUC – augusto@ci.uc.pt)

Maria de Fátima Moura Carvalho (BGUC – fmoura@bg.uc.pt)

Maria Luísa de Sousa Machado (BGUC – lmachado@bg.uc.pt)

SECRETARIADO DA REDAÇÃO

Jaqueline Neves (BGUC – jneves@bg.uc.pt)

PROPRIEDADE

Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

MORADA PARA CORRESPONDÊNCIA

Boletim da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

Largo da Porta Férrea

3000-447 Coimbra

E-mail: boletim@bg.uc.pt

URL: <http://www.uc.pt/bguc/>

EDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra

E-mail: imprensauc@ci.uc.pt

URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc

INFOGRAFIA

Imprensa da Universidade de Coimbra

ISSN 0870-0273 (impresso)

ISSN 1647-8436 (em linha)

DEPÓSITO LEGAL 431919/17

DOI DA REVISTA 10.14195/1647-8436

PERIODICIDADE Anual

Os artigos são da inteira responsabilidade dos seus autores.

© Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra e Imprensa da Universidade de Coimbra

Sumário

ESTATUTO EDITORIAL	7
---------------------------------	---

NOTA DE APRESENTAÇÃO

Nota de apresentação <i>José Augusto Cardoso Bernardes</i>	11
---	----

ARTIGOS

A Biblioteca da Universidade: os principais desafios <i>José Augusto Cardoso Bernardes</i>	15
À conquista da sabedoria. A pintura de quadratura e o programa iconográfico da Biblioteca Joanina <i>Giuseppina Raggi</i>	37
<i>In or Out</i> : a Biblioteca Casa da Saudade em New Bedford, Massachusetts, Estados Unidos da América do Norte <i>Maria José Paiva Fernandes Carvalho</i>	91
O papel das Bibliotecas Universitárias de Saúde e dos seus profissionais na promoção de competências em Literacia da Informação: o caso da Biblioteca das Ciências da Saúde da Universidade de Coimbra <i>Teresa Martins, Rita Guerreiro, Sandra Lima</i>	123
O Serviço Integrado das Bibliotecas da Universidade de Coimbra: um percurso <i>Ana Eva Miguéis</i>	145
O Serviço de Apoio Administrativo da Biblioteca Geral: funções correntes e desafios novos <i>Odete Cláudia Azevedo</i>	173
Fundo Doutor Luís de Albuquerque da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra <i>Maria de Fátima Moura de Carvalho</i>	189

Adenda mas não Corrigenda ao Catálogo «Sócios portugueses da RSL» <i>A. E. Maia do Amaral</i>	201
<i>Mutatis mutandis</i> : os dramas da forma. Nos dois mil anos da morte de Ovídio, criador das Metamorfoses <i>Margarida Miranda</i>	213

VIDA DA BIBLIOTECA

Atividades culturais 2017 <i>Maria Luísa Sousa Machado, José Alberto Mateus</i>	227
Catálogos de exposições bibliográficas <i>Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra</i>	247
Vergílio Ferreira (1916-1996).....	249
Luís de Albuquerque (1917-1992).....	263
Histórias do jazz em Portugal	271
«Uma coisa útil, um livro popular». Almeida Garrett e o Romanceiro.....	279
<i>Mutatis mutandis</i> : os dramas da forma. Metamorfoses de Ovídio.....	285
Eis Bocage.....	295
<i>Bibliothecae</i> imago: bilhete de identidade de uma biblioteca geral	303
Um precursor do Modernismo: Camilo Pessanha (1867-1926).....	309
A polifonia em Santa Cruz de Coimbra	319

Estatuto Editorial

1. Âmbito e objetivo do *Boletim*

O *Boletim* tem como principal objetivo o estudo e a divulgação dos fundos documentais da Biblioteca Geral e de todas as bibliotecas da Universidade de Coimbra.

Encontra-se aberto a toda a comunidade científica para a publicação de trabalhos no âmbito da Biblioteconomia e da Cultura, dando preferência aos que tenham por objeto acervos existentes na Universidade ou com eles relacionados.

Colaborarão na revista, por convite e/ou sob proposta de submissão, com artigos originais, resenhas, notícias ou outro tipo de trabalhos, especialistas em ciências da informação e da documentação e outros investigadores de reconhecida idoneidade e mérito.

Com uma periodicidade anual, o *Boletim* é publicado em versão impressa e em versão eletrónica. O formato eletrónico pode ser acedido na plataforma *Impactum* da UC-Digitalis (https://digitalis.uc.pt/content/uc_impactum).

2. Informações para os Autores

Seleção dos artigos

Os artigos propostos não devem ter sido publicados anteriormente, nem estar em processo de avaliação por outro editor.

Os artigos propostos para publicação serão submetidos à apreciação da Comissão Editorial que, se entender necessário, poderá

recorrer, para avaliação, a outros especialistas de reconhecido mérito, cabendo à Direção da revista a decisão de publicação.

Direitos de autor

No caso de os autores incluírem nos seus artigos qualquer material que envolva a autorização de terceiros, é da responsabilidade do autor obter a respetiva autorização escrita, assumindo os eventuais encargos que daí possam derivar.

Ao aceitarem publicar um artigo no *Boletim da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*, os autores cedem à Biblioteca Geral o direito de o publicar, em formato impresso e/ou em formato digital, em qualquer momento e por tempo indeterminado, e sem quaisquer contrapartidas.

Apresentação dos artigos

As propostas dos artigos para publicação devem ser acompanhadas do texto completo, título do artigo, na língua do artigo e em inglês, nome(s) do(s) autor(es) e respetivo(s) endereço(s) de e-mail, indicação da afiliação institucional, resumo (máximo 300 palavras), em português e em inglês, palavras-chave (4-6), em português e em inglês.

Os documentos devem ser entregues em formato digital (CD, PenDrive, DVD, E-mail ou serviços online de transferência de ficheiros), em formato Word, com os textos e as figuras (ilustrações, fotos, gráficos, tabelas etc.) gravados em ficheiros individuais, com indicação, no texto, do local exato onde devem ser inseridas as figuras, bem como as respetivas legendas.

Formatação

Dimensões da página:

Mancha útil: 115 mm (largura) por 193 mm (altura), margem superior 25 mm, margem inferior 20 mm, margem interna 25 mm, margem externa 20 mm.

Texto:

Título: tipo de letra Myriad pro ou Arial, tamanho da letra 11,5 pt, espaçamento entre linhas 17,5 pt, alinhamento o centro;

Texto principal: Myriad pro ou Arial 10 pt, espaçamento entre linhas 16,36 pt, alinhamento justificado, início de parágrafo 5 mm;

Citações: Myriad pro ou Arial 10,5 pt itálico, alinhamento justificado, recuo à esquerda 10 mm;

Notas de rodapé: Myriad pro ou Arial 8 pt, espaçamento entre linhas 10 pt, alinhamento justificado;

Referências bibliográficas: Myriad pro ou Arial 8 pt, espaçamento entre linhas 13 pt, alinhamento justificado.

Material gráfico e ilustrações:

Formato TIFF com 300 dpi de resolução;

Idealmente, as imagens terão 115 mm de largura com altura proporcional ou 195 mm de altura com largura proporcional para o formato 160 x 230 mm da página.

Referências bibliográficas:

A bibliografia deverá constar no final de cada artigo.

As referências e as citações bibliográficas devem ser elaboradas de acordo com uma das seguintes normas:

Norma NP 405

Norma APA (American Psychological Association)

Para mais informações, aceder aos exemplos elaborados pela Imprensa da Universidade de Coimbra:

NP 405: https://www.uc.pt/imprensa_uc/Autores/np405

Norma APA: https://www.uc.pt/imprensa_uc/Autores/apa

Nota de apresentação

O trabalho prolongado que o investigador desenvolve numa biblioteca obriga, por vezes, a estados de fixação intensa e obsidiante. Nessa fase, tantas vezes dominada pela angústia e pela necessidade imperativa de cumprir prazos, a ajuda do bibliotecário converte-se em algo de providencial, quer fazendo luz na selva escura dos catálogos, quer lembrando a pista esquecida que tudo esclarece.

Para além da sua área de qualificação profissional, os bibliotecários não têm possibilidade de dominar os assuntos específicos que interessam aos utentes; mas, por vocação e pela força das circunstâncias, possuem um conhecimento e uma curiosidade abrangentes. Em tempo de intensa especialização, esse saber multidisciplinar torna-se ainda mais precioso.

Para além dos bibliotecários que acolhem diretamente os leitores, há ainda outros que estes não chegam a conhecer mas de cujo trabalho muito beneficiam. Falo daqueles que se dedicam à catalogação e indexação, desde logo. A esses deve o pesquisador pelo menos tanto como deve ao bibliotecário com quem fala diretamente. Afinal, é do seu zelo e do seu saber que depende a boa identificação e a integral acessibilidade do documento. Em regime de verdadeiro anonimato, trabalham ainda na biblioteca outras pessoas decisivas: os que arrumam os livros e as publicações periódicas, os vigilantes, as pessoas que mantêm os espaços limpos, os técnicos que se encarregam das reproduções, os que zelam pela operacionalidade logística, os funcionários administrativos. Basta que se verifique uma quebra

significativa num destes sectores para que fique comprometida a eficiência geral.

Com uma qualificação tão exigente e com uma vocação tão altruísta, o bibliotecário deveria beneficiar do reconhecimento geral: estudantes, professores e órgãos de governo da Universidade. Em Coimbra, concretamente, onde, por força de uma história institucional ímpar no país se encontram bibliotecas riquíssimas e onde, durante decénios, esteve sediado o único curso de bibliotecários e arquivistas existente em Portugal, continuam a existir encorajantes sinais de gratidão para com os bibliotecários. Não são poucos os investigadores que lhes agradecem no preâmbulo das suas teses, por exemplo. Mas não é certo que essa atitude se mantenha. Os sinais de despreço pelo livro enquanto objeto de cultura associam-se, por todo o lado, a indicadores de desvalorização do trabalho intelectual personalizado e original. Em vez dele, ganha vantagem a informação produzida, recolhida e elaborada de forma anónima e negligente. Se esta tendência vier a prevalecer, estará em causa um modelo global de relacionamento com a informação e uma forma de construir e de coligir conhecimento. E, pela primeira vez, desde há séculos, estará igualmente em questão a importância do bibliotecário enquanto parte importante desse mesmo modelo. Nesse sentido, para além de todos os desafios que resultam da sua missão convencional, quem hoje trabalha numa biblioteca universitária enfrenta desafios de outra ordem. O maior de todos é seguramente o de persistir em estimular um procedimento que está a cair em desuso: ler livros. O conforto que resta aos bibliotecários é o de saberem que estão do lado certo: o do combate pela pesquisa intelectual séria, consequente e emancipadora do ponto de vista humano.

Mas se ajudar quem investiga constitui, já por si, um trabalho de enorme utilidade, não pode esquecer-se que os bibliotecários podem ser, eles próprios, também investigadores. De alguma maneira, foram-no sempre. A sua proximidade com os documentos e também

o contacto assíduo com académicos de muitos quadrantes favorecem o surgimento de uma curiosidade espontânea e continuada. Em geral, o bibliotecário é também ele um leitor perseverante, que se deixa atrair por muitas matérias. A ponto de, em alguns casos, poder assumir-se também como interlocutor ocasional e descomprometido do investigador. Para além de todos os assuntos dos quais pode aproximar-se, por gosto mais ou menos diletante, existem alguns que estão seguramente no centro das suas atenções. Quem trabalha numa biblioteca patrimonial como é o caso da maioria das bibliotecas da Universidade de Coimbra, não pode deixar de se interessar pela sua história, desde logo, tantas vezes associada à história da Universidade no seu todo e ao papel que nela desempenhou o livro enquanto repositório do saber transmitido.

Um outro domínio que está permanentemente inscrito nas preocupações de quem trabalha numa biblioteca é o das ciências da informação. Depois de num primeiro momento ter funcionado como um campo de saber de carácter adjacente, as ciências da informação e a biblioteconomia em particular transformaram-se, nas últimas duas décadas, num domínio de conhecimento específico, dotado de um objeto complexo e em constante alteração, requerendo métodos flexíveis e particularmente exigentes. Para tanto, contribui, desde logo, o facto de esta área de conhecimento se ter transformado num domínio híbrido, conjugando uma forte componente humanística com uma outra, de carácter técnico. Assim se explica nomeadamente que as ciências da informação se encontrem hoje inscritas na oferta formativa das grandes universidades do mundo a nível da graduação e da pós-graduação.

Os artigos deste *Boletim* foram zelosamente coligidos e coordenados por uma bibliotecária e são, na sua maioria, assinados por pessoas que trabalham em bibliotecas universitárias. Alguns, não sendo bibliotecários de profissão, fazem das bibliotecas um objeto de pesquisa. No lugar destes últimos, encontra-se o autor destas

linhas, para quem a biblioteca tem sido um tempo e um lugar de aprendizagem inestimáveis. Neste mesmo alinhamento encontram-se ainda as Doutoradas Giuseppina Raggi, que agora consagra aos tetos da Biblioteca Joanina um importante e inovador estudo interpretativo, e a Doutora Margarida Miranda que, depois de ter concebido para nós uma memorável Exposição sobre as *Metamorfoses* de Ovídio, aqui dá testemunho escrito dos princípios que animaram o seu trabalho. Os restantes artigos ocupam-se de assuntos que dizem diretamente respeito à vida das bibliotecas, envolvendo alguns dos problemas que estas enfrentam tanto no plano das opções de fundo como no que diz respeito à sua vida corrente. O leitor que se abeirar deste conjunto de artigos pode dar-se conta da seriedade com que foram escritos. Mas pode sobretudo aperceber-se do grau de compromisso profissional que eles evidenciam por parte dos seus autores. Para além da sua natural afabilidade e do gosto genuíno de servir, os bibliotecários possuem ainda um interesse real em contribuir para que as bibliotecas continuem a ser reconhecidas como espaços essenciais na Universidade dos nossos dias. Também por isso a comunidade académica lhes deve tanto.

José Augusto Cardoso Bernardes

(Diretor da Biblioteca Geral)

A Biblioteca da Universidade: os principais desafios¹

José Augusto Cardoso Bernardes²

RESUMO

Confrontada com a necessidade de melhorar o seu funcionamento, a Biblioteca da Universidade vem centrando as suas energias na reconversão tecnológica. Sem questionar a importância desse desafio contínuo, defende-se a necessidade de o conjugar com as missões primordiais e ainda com alguns desafios que vêm surgindo nos tempos mais recentes. Estes últimos desafios revelam-se particularmente exigentes e resultam das mudanças que se vêm operando na própria Universidade, envolvendo comportamentos e valores.

PALAVRAS-CHAVE

A Biblioteca da Universidade de Coimbra: missão e novos desafios, papel dos bibliotecários.

ABSTRACT

Faced with the need to improve its performance, the Library of the University of Coimbra has been focusing its energies on technological reconversion. Without questioning the importance of this continuous challenge, this

-
- 1 O presente texto serviu de base à conferência proferida em Macau, no dia 13 de dezembro de 2017, no âmbito do Annual Meeting of the Guangdong-Hong Kong-Macau University Library Alliance and Forum on Inter-regional Library Alliance Best Practice and Future Development.
 - 2 Diretor da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra – augusto@ci.uc.pt.

paper defends the necessity of combining the technological updating with the primordial mission of the Library and with some new challenges that have arisen in recent times. The latter are particularly demanding and result from the changes that have been taking place at the University itself, involving behaviors and values.

KEYWORDS

The Library of the University of Coimbra: mission and new challenges, role of the librarians.

1. A parte principal da Universidade

Em Coimbra, aproveitamos todos os pretextos para celebrar as bibliotecas. Há pouco tempo (em 2013), assinalámos os 500 anos de existência contínua da Biblioteca Geral, inicialmente chamada *Livraria* e, mais tarde, *Biblioteca da Universidade*.

Não era obrigatório fazê-lo. Desconhecemos a data exata da sua fundação, se é que se pode falar propriamente de uma “fundação”. Sabemos que a Universidade foi globalmente criada em 1290 (há 728 anos) e o mais provável é que nunca tenha existido Universidade sem livros e sem instalações para os acolher.

O fundamento para esta celebração é, portanto, bastante fortuito: relaciona-se, em concreto, com a existência de uma *ata* de 1513 (estando a Universidade em Lisboa), que assinala a necessidade de proceder a reparações numa casa onde se guardavam livros. Nessa altura, refere-se a existência de infiltrações de água, a que era urgente acudir. Não conhecemos pormenores: localização exata do edifício ou extensão e natureza do acervo que albergava. Sabemos apenas que, pelo menos desde há cinco séculos atrás, existia um lugar para os livros da Universidade e que a sua segurança inspirava cuidados³.

3 A citada *Ata* é reproduzida, transcrita e comentada em Maia Amaral (pp. 13-18).

Em face de tantas incógnitas, a celebração estava, por isso, longe de ser obrigatória. Ainda assim, decidimos levá-la por diante, promovendo manifestações de vários tipos: exposições, espetáculos de música e de teatro, palestras. Quisemos, porém, que o ponto alto fosse um Congresso Internacional, centrado nas missões que a Biblioteca é chamada a desempenhar na Universidade do nosso tempo⁴. Já então nos parecia que se vinham instalando algumas dúvidas sobre o préstimo real das bibliotecas em contexto de mudanças fortes e aceleradas.

Em 2017, resolvemos também comemorar o início da construção da Biblioteca Joanina. Temos mais certezas, desta vez: sabemos que o edifício começou a ser construído em 17 de julho de 1717, envolvendo a colocação solene de uma primeira pedra, e que estava concluído 11 anos depois. Poderíamos ter esperado por 2028 para assinalar o termo da construção. Mas entendemos que era importante chamar a atenção para a data do início das obras.

Afinal, existe uma carta dirigida ao Rei no ano anterior, dando conta da conveniência em construir uma casa para aquele fim específico. Depois de lembrar que a falta de uma biblioteca contrariava o que se encontrava disposto nos Estatutos da Universidade, o Reitor invoca a situação de inferioridade em que Coimbra se encontrava relativamente a outras universidades europeias e a estranheza que isso causava em quem visitava a universidade portuguesa. Era por isso muito necessário corrigir

“... a injúria que padecia entre os Estrangeiros e Nacionaes que a hiam ver [à Universidade] por lhes não mostrarem a Livraria por que logo perguntavão como parte principal que nella devia de haver.”

4 O referido Congresso contou com testemunhos muito variados, provenientes de Portugal e do estrangeiro e ainda com intervenções de fundo, a cargo de especialistas autorizados. O evento decorreu no Auditório da Reitoria da Universidade e veio a dar origem a um livro, em formato impresso e eletrónico.

A rapidez com que o processo teve início, envolvendo a autorização do monarca e todos os trabalhos preparatórios da construção, prova que se tratava de uma aspiração mobilizadora. Impressiona, desde logo, o vultuoso investimento da Universidade na sua Casa da Livraria⁵. Bem pode dizer-se que, no seu aparato artístico, na sua dimensão, na enorme carga simbólica de que é provida e também na sua invulgar funcionalidade, a Biblioteca Joanina constitui uma resposta cabal e compensatória à carta que o Reitor Nuno da Silva Teles enviou a D. João V, em 8 de junho de 1716, lembrando a necessidade de prover a Universidade da sua “parte principal”.

Bem sabemos que as comemorações nunca são inocentes. No plano institucional e também na nossa vida privada lembramos alguns acontecimentos e esquecemos outros, num processo seletivo que pode radicar em sentimentos de vários tipos. Cumpre pois perguntar: por que motivos se há de hoje chamar a atenção para as bibliotecas universitárias?

As bibliotecas são discretas por natureza e não suportam bem a presença demorada de holofotes. Dessa descrição, contudo, sempre resultou uma consequência desagradável e injusta: nota-se quando funcionam mal mas raramente são notícia quando cumprem a sua missão. Algumas existem há séculos. Isso não significa, porém, que existam desde sempre e para sempre. Foram criadas, mantidas e desenvolvidas em função de atos de vontade e o seu futuro continuará sempre dependente de outros atos de vontade. Ao contrário do que pode parecer a alguns, portanto, as bibliotecas não têm vida própria: exigem atenção diligente e não subsistem muito tempo sem ela.

5 - De acordo com Ramos Bandeira (*O Instituto*, vol. 92º, 2ª parte, p. 628, nota 3, reportando-se aí ao Anuário da Universidade de 1877-78) e a Florêncio Mago Barreto Feyo, o custo global da construção da Biblioteca foi de, aproximadamente, 67 contos de réis. Do outro lado, devem considerar-se as receitas anuais globais onde o montante de 20 contos de réis aparece como a melhor estimativa dos rendimentos globais anuais da Universidade. E falo sempre de estimativa, dada a mudança de regime de arrecadação que se processou em 1720, em plena campanha de obras da biblioteca (Fernando Taveira da Fonseca, pp. 580-583).

No contexto da vida universitária atual, celebrar as bibliotecas não significa apenas chamar a atenção para um lugar especial, onde se lê e investiga. Nas atuais circunstâncias, a celebração de uma efeméride deste tipo equivale a sublinhar a importância do Livro, do Estudo e da Razão num contexto em que a sua valia deixou de ser consensualmente reconhecida. Sabemos, de facto, que não são esses os ídolos do nosso tempo; sabemos inclusivamente que a Universidade não tem conseguido manter-se imune ao culto que se vem prestando a outros deuses. Nessa medida, em ambiente universitário, falar hoje da importância das casas de livros representa, de alguma forma, uma *atitude de resistência*.

São de vários tipos as adversidades a que importa resistir.

Tal como sucede com outros lugares ligados à instituição educativa no seu todo, também a biblioteca se encontra afetada pela ideia de uma transformação radical. Com efeito, quando se fala de práticas pedagógicas ou de saberes, é costume juntar a palavra *novo*. Quem o não faz corre o risco de passar por conservador ou anacrónico. O caso das bibliotecas não foge a essa regra. O próprio facto de existirem há muitos séculos facilita de algum modo a sua desqualificação. A tendência não é propriamente recente mas acentuou-se nos últimos anos: deprecia-se o que existe há muito tempo, no pressuposto implícito de que uma existência longa anuncia uma extinção próxima.

A segunda componente adversa relaciona-se com os cuidados que requerem as bibliotecas dos nossos dias. Tal como sucedia em 1513, quando a humidade impunha a construção de um cano de escoamento, continua a ser essencial zelar pelas infraestruturas. Hoje como ontem, é importante assegurar boas condições de climatização, em geral.

Mas as preocupações de quem trabalha nas bibliotecas já não se limita a esses aspetos. Por força das circunstâncias, é hoje necessário assegurar investimentos contínuos e relativamente vultuosos, quer no que diz respeito à aquisição de documentos e à sua

disponibilização “em linha”, quer no que respeita à formação contínua de funcionários ou à atualização de equipamentos. Ora, sabendo que os investimentos públicos se encontram hoje dependentes de um retorno de visibilidade e aceitação imediatos, podemos de algum modo compreender a dificuldade sentida pelos decisores em afetar recursos humanos ou económicos a uma qualquer biblioteca em vez de os aplicar em áreas de impacto mais rápido, seguro e popular.

De forma mais ou menos assumida, instalou-se a ideia de que as bibliotecas são coisa do passado. Seriam necessárias noutros tempos mas foram deixando de o ser. Em geral, são objeto de respeito mas não justificam esforços especiais no plano do investimento e da renovação. Junto com esta ideia vem uma outra, que envolve o livro, em geral: a de que as bibliotecas antigas são inúteis, como dispensáveis se tornaram (ou não de tornar) os livros em papel.

Quem dirige uma biblioteca universitária é muitas vezes confrontado com este tipo de preconceitos, tendo necessidade de os rebater com paciência e fundamento claro.

Há que explicar designadamente que, sendo muito importante, a tecnologia digital não substituiu totalmente a tecnologia analógica em termos de valor, de utilidade e durabilidade. Nessa medida, a digitalização de um documento antigo não anula o esforço de preservação do original, quer porque o suporte digital não diz tudo o que o investigador pode necessitar de saber quer porque a fragilidade da versão digital não pode competir com a robustez do documento autêntico, quer ainda porque, do ponto de vista patrimonial é obrigação das bibliotecas acautelar a guarda dos documentos verdadeiros e originais.

O esforço despendido pelos bibliotecários neste tipo de argumentação tem que ser persistente. Mas deve ser igualmente criativo. Uma das contra-provas que podem aduzir-se para contrariar a ideia de que as bibliotecas pouco ou nada têm que ver com as

necessidades do nosso tempo pode surgir em forma da seguinte hipótese: imaginemos um leitor de há 50 anos que hoje se dirigisse a uma biblioteca moderna. Deixaria ele de poder orientar-se num espaço diferente daquele a que estaria habituado? Teria ele dificuldades de maior para cumprir os procedimentos que hoje se encontram em vigor? Podemos imaginar que ficasse impressionado com algumas transformações, nomeadamente aquelas que são do domínio tecnológico mas continuaria a saber que estava num lugar onde poderia encontrar informação qualificada. Em sentido inverso (e bem menos ficcional), algo de semelhante sucederia com um utente do nosso tempo que necessitasse de trabalhar numa biblioteca que se tivesse mantido intocada desde o início do século passado. Sentiria a falta de alguns meios de pesquisa mas, com maior ou menor dificuldade, conseguiria suprir essas faltas e efetuar as suas pesquisas. Basta considerar este exemplo para se concluir que, tendo mudado e continuando a mudar em alguns aspetos, as bibliotecas não só não desapareceram como, contrariamente ao que se vem proclamando, não passaram por nenhum processo de alteração substantiva.

2. Missões da biblioteca: as antigas e as emergentes

Continuemos no domínio das hipóteses, imaginando agora a possível reação de um universitário de outros tempos que hoje procurasse inteirar-se dos principais problemas enfrentados pelas bibliotecas.

Não se surpreenderia decerto ao ser informado da permanência de missões antigas: a preservação e a divulgação de acervos. Surpreender-se-ia talvez mais se lhe fosse dito que essas missões não se afirmam em si mesmas e que os bibliotecários encontram cada vez mais dificuldades para fazer valer a sua importância junto de quem distribui orçamentos e junto da sociedade em geral.

Estou certo, porém, que a surpresa maior adviria da indicação de alguns desafios recentes, uma vez que eles superam a vocação convencional das bibliotecas.

Um dos que lhe seriam reportados por qualquer responsável é, sem dúvida, a colaboração que a biblioteca é hoje chamada a prestar na defesa da ética universitária. Refiro-me nomeadamente à colaboração ativa e empenhada que hoje se espera das bibliotecas enquanto lugares propiciadores do trabalho perseverante, que se situa para além da sala de aula. Ontem como hoje, esse trabalho requer atributos raros e preciosos: **silêncio, concentração, esperança** no valor do conhecimento.

O universitário de outros tempos poderia estranhar, de facto. Não se inscreveu sempre essa ética na missão da própria Universidade? Pode a Universidade sobreviver sem o seu respaldo? Seria necessário explicar-lhe então que esse ideal permanece válido no plano teórico. As práticas, porém, apontam num outro sentido, aparentemente contraditório.

Um dos exemplos de contradição que poderiam ser referidos relaciona-se com a famosa Declaração de Bolonha, a partir da qual se transformou, de forma concertada, a oferta formativa na generalidade das universidades europeias. É verdade que o citado documento (subscrito pelos Ministros responsáveis pelo Ensino Superior da União Europeia, em 19 de junho de 1999) reconhece a necessidade de reforçar a ideia de *aprendizagem*, no que ela comporta de construção do saber por parte do estudante. E é também verdade que essa tónica aponta direta ou indiretamente para a necessidade de valorizar o papel das bibliotecas enquanto lugares adequados para o processo de autonomia que tanto se enaltece nesse texto. Passadas duas décadas sobre a assinatura desse documento e consumadas as alterações legais que daí resultam, a realidade pode parecer desconcertante. Nas informações a prestar ao colega de outras eras não poderiam omitir-se as tendências que se vêm verificando no Ensino Superior

em ordem a desqualificar o contacto direto com o documento e, o que é mais grave, em ordem a menorizar a importância do espírito crítico que esse contacto pode e deve fomentar.

Em face desta última tendência, a biblioteca, que no século XVI e durante os séculos que se seguiram foi entendida como a “parte principal da Universidade” é hoje sobretudo vista como uma espécie de *contra-espaço*. Enquanto até há poucos anos as bibliotecas representavam o lugar onde se intensificava o esforço intelectual, para além das aulas, hoje verifica-se que nela se observam procedimentos e atitudes que são opostos aos que vigoram em qualquer outro lugar frequentado por jovens. Esse ambiente de dispersão e de nomadismo intelectual sucede um pouco por todo o *campus*, sem excluir as salas de aula onde, cada vez mais, predomina o ruído continuado, a desconcentração e a inquietude que não exclui o contacto com telemóveis e outros equipamentos eletrónicos.

É certo que a possibilidade de recolhimento não é um exclusivo das bibliotecas⁶. O laboratório, por exemplo, é um lugar igualmente adequado para esse fim. Nesse caso, porém, a exigência de recato não se afigura tão drástica. Mais do que na biblioteca, no laboratório existe tempo e necessidade de debater e dialogar em voz alta.

A maior diferença, porém, reside no tipo de utente que ocorre a um e outro espaço. De facto, quando pensamos nos leitores que frequentam as bibliotecas e naqueles que trabalham nos laboratórios, temos de começar por considerar os níveis de impacto que uns e outros podem alcançar.

Assim que um químico ou um farmacêutico descobrem uma nova molécula com aplicação na saúde humana, por exemplo, o mundo é geralmente informado desse avanço. Justifica-se que assim seja, uma vez que o conjunto de beneficiários diretos é vastíssimo. Não é a

6 Tanto mais que, ao longo dos últimos anos, na grande maioria das bibliotecas universitárias vêm surgindo espaços que permitem o trabalho coletivo.

mesma coisa quando se trata de um jurista, de um filósofo ou de um historiador, para falar daqueles que mais frequentam as bibliotecas.

Na maior parte dos casos, a investigação humanística não conduz a resultados de grande impacto. A descoberta de um documento novo ou a simples releitura de um documento antigo podem conduzir à escrita de um artigo de uma dezena de páginas. Esse artigo, porém, chega a poucos especialistas e, em geral, não assegura a fama de quem o escreve.

Por outro lado, a pesquisa que se desenvolve no âmbito das ciências sociais ou das humanidades é lenta e baseia-se no trabalho interpretativo. Por isso, nunca pode considerar-se como estando concluída.

Esta diferença, que se traduz essencialmente no reconhecimento público das áreas de pesquisa faz com que o recolhimento perseverante seja mais necessário a um investigador que trabalhe na área das Humanidades.

Em face das mudanças que vêm ocorrendo na Universidade, das transformações tecnológicas que se vêm operando num ritmo e numa intensidade que não tem comparação com nenhuma outras ocorridas no passado e também face à manifesta evolução que se vem verificando nas chamadas “culturas juvenis”, impõe-se que a biblioteca se pense a si própria, a partir da sua história e das missões que é chamada a desempenhar.

2.1. A primeira questão relaciona-se justamente com a aparente separação das especialidades do saber. Perguntemos diretamente: o biólogo e o químico, o engenheiro e o informático necessitam de uma biblioteca? Num primeiro momento, pode achar-se que não precisam de recorrer a esse lugar. Dir-se-ia que apenas têm necessidade de ter acesso à informação e ao conhecimento que são produzidos nas suas áreas. E, como bem sabemos, as revistas especializadas onde se publicam os *papers* encontram-se quase sempre disponíveis “em linha”.

A este propósito, pode mesmo assinalar-se uma nova situação. Consideremos, por exemplo, um investigador de domínios experimentais, com menos de 30 anos. Se a sua relação com os saberes humanísticos se restringir ao currículo do Ensino Secundário, o mais natural é que não tenha retido um estímulo forte para continuar a ler e a interessar-se por matérias literárias, filosóficas ou historiográficas. Qual será a sensação experimentada por esse jovem universitário quando deixa por momentos o seu laboratório e entra ocasionalmente numa biblioteca antiga (constituída antes do século XIX), onde encontra livros volumosos, que condensam o saber e a sensibilidade humana sob a forma de romances, ensaios ou compêndios? A sua tendência para pensar que se encontra num espaço museográfico tem que ser encarada como natural. Quem senão os apreciadores de objetos antigos se interessa hoje por estes volumes, provavelmente “superados” por muitos outros que entretanto vieram a público?

2.2 Com o propósito de suscitar algumas das questões que mais vezes ocorrem ao espírito de quem se ocupa de bibliotecas universitárias, referirei agora a divisão que se vem fazendo, de forma mais ou menos vincada, entre bibliotecas **históricas** e bibliotecas **modernas**.

Em princípio, as primeiras destinam-se-iam apenas à *alta investigação documental*. São procuradas por poucos investigadores, embora se trate de pessoas absolutamente essenciais à preservação e ao conhecimento do património.

Por sua vez, as chamadas *bibliotecas modernas* são arquivos documentais menos estáveis, sustentados por servidores ativos à escala mundial. Nestas últimas, o investigador pode encontrar o que foi tornado público no dia anterior, muitas vezes em regime de acesso aberto e livre. Tudo se encontra à distância de um *download*.

Não sendo propriamente nova (as bibliotecas vêm-se modernizando desde há muitas décadas) esta divisão vem-se acentuando nos últimos vinte anos, por força do enorme impacto da revolução digital.

De acordo com esta lógica, existe um modelo novo de biblioteca, que superou definitiva e totalmente o modelo anterior.

A questão que daqui resulta pode formular-se da seguinte forma: existe uma biblioteca **velha**, de base analógica, e uma outra, que deve chamar-se **nova**, apenas porque se funda na tecnologia digital?

2.3. Permito-me, por fim, suscitar um terceiro problema. Trata-se, desta vez, da necessidade de estabelecer uma hierarquia dos problemas que afetam as bibliotecas universitárias. Todos sabemos que esses problemas são muitos e de natureza muito variada. Essa circunstância, porém, obriga as bibliotecas a enfrentar um dos seus maiores desafios: estabelecer prioridades ou, pelo menos, definir modelos articulados de atuação.

A este propósito, peço licença para evocar uma circunstância recente em que estive pessoalmente envolvido. Há cerca de um ano, em Coimbra, por iniciativa do Ministério da Ciência e do Ensino Superior, ocorreu uma reunião das bibliotecas que servem as diferentes instituições de ensino superior do país, envolvendo universidades e institutos politécnicos⁷.

Como é natural, as instituições representadas na reunião enfrentam problemas muito diferentes, consoante os públicos que servem, as áreas que compõem a oferta formativa em vigor ou as dinâmicas de investigação instaladas.

O propósito era claro e foi claramente exposto pela representante do Governo, a Senhora Secretária de Estado do Ensino Superior: analisar formas de cooperação entre bibliotecas que quase nunca comunicam entre si. Porém, quando chegou a vez de os presentes se

7 A reunião teve lugar a 9 de maio de 2017, e decorreu sob coordenação da Senhora Secretária de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (SECTES). Nela estiveram presentes representantes do CRUP, CCISP e de muitos bibliotecários de várias instituições de ensino superior. Desse encontro saiu a decisão de criar um Grupo de Trabalho destinado a apresentar uma proposta para a criação e operacionalização da Rede das Bibliotecas do Ensino Superior.

manifestarem, as intervenções tomaram outro rumo. O facto de os bibliotecários terem à sua frente alguém que representava o Poder constituía uma oportunidade única para exprimir os seus lamentos: denunciou-se a falta de apoio logístico, financeiro e humano, a falta de compreensão por parte do governo das instituições, com destaque para o que se considerou ser a falta de investimento generalizado que se vem fazendo sentir na última década. Recordo sobretudo o facto de se ter dito que, por todo o país, existem cada vez mais bibliotecas universitárias sem a supervisão de pelo menos um bibliotecário devidamente qualificado. Não porque surjam bibliotecas novas mas porque quando os bibliotecários se aposentam ou são transferidos não se opera a sua substituição no mesmo patamar de habilitação.

O coro de lamentos não deixava margem para dúvidas: depois de, até há poucas décadas, terem sido consideradas o *coração da universidade*, há hoje cada vez mais pessoas que, de forma direta ou indireta, tendem para pensar que as bibliotecas entraram na categoria dos equipamentos exornativos ou pelo menos não essenciais. É isso que explica entre outras coisas a não substituição dos bibliotecários que por qualquer motivo vão abandonando as suas funções.

Mas era realmente imperativo superar a fase das lamentações e identificar possibilidades de colaboração. Após alguma hesitação, surgiu o projeto de criar uma rede de bibliotecas do ensino superior, repetindo experiências que se verificam já em muitos países europeus. A meta de um catálogo coletivo começou então a impor-se como forma primeira de promover a complementaridade de recursos de modo a que as diferentes comunidades académicas pudessem beneficiar de acervos aos quais geralmente não acedem⁸.

8 Os exemplos de redes de bibliotecas universitárias abundam por toda a Europa, constituindo um fenómeno datável do início do século XXI, sob o estímulo direto da tecnologia digital. Em Espanha, por exemplo, a primeira rede foi formalmente constituída (com a designação de REBIUN) em 1988, tendo entrado em funcionamento em 1993. Para mais informações sobre a génese e a evolução deste fenómeno, veja-se o capítulo I do excelente manual coordenado por Luisa Orera Orera, em especial as pp. 33-41.

Surge assim a terceira pergunta: porque surgiu naquele encontro esta forma de colaboração e não outra?

Estão enfim colocadas as três questões que elegi para base da minha reflexão. É agora tempo de tentar responder. Fá-lo-ei pela mesma ordem. De forma breve, como tem que ser, sem prejuízo de, numa outra oportunidade, vir a tratar a questão de forma mais desenvolvida.

3. Bibliotecas *gerais* ou *especializadas*?

3.1. A primeira questão relaciona-se com a existência de bibliotecas para investigadores de dois tipos: os que trabalham na área das ditas ciências exatas e os que desenvolvem trabalho no campo das ciências sociais e humanas.

Tem de reconhecer-se como natural a tentação de separar as bibliotecas em função dos conteúdos que nelas prevalecem. Trata-se, desde logo, de uma solução cómoda, económica e funcional.

É necessário porém, evitar que essa separação se torne demasiado rígida. Esta reserva resulta, em primeiro lugar, de uma opção de fundo: a de quem entende a Universidade como lugar de abrangência, onde se verifica uma *associação* e não uma simples *soma* de saberes. Em função deste pressuposto, as bibliotecas deveriam ser, ao mesmo tempo, especializadas e gerais.

Explico melhor: o ideal seria que, num só edifício (ou, pelo menos, através de um acesso comum), o leitor pudesse encontrar o que necessita de forma previsível mas também aquilo de que pode vir a necessitar de forma imprevista: a revista ou o livro que não lhe tinham indicado e pelo qual passou a interessar-se, quer porque ele pode vir a ter impacto no seu estudo, alargando o seu âmbito de interesse, quer porque simplesmente esses documentos encontrados (mas não inicialmente procurados) o tocam na sua curiosidade.

Sim. Devemos ver no estudante ou no professor não um investigador estritamente focado na sua área mas também uma *pessoa curiosa*. De acordo com esta conceção de Universidade, torna-se necessário que nela existam espaços letivos onde se tratem as matérias respeitantes aos diferentes cursos. Mas é igualmente recomendável que existam atividades e lugares destinados a alargar horizontes, para além de um determinado domínio de especialização.

Esses espaços devem ter uma natureza convivial, no sentido nobre do termo. Podem e devem ser bibliotecas, que não tenham apenas os artigos e os livros recomendados nas aulas, permitindo o contacto com outros domínios do saber, que enquadram e expandem os seus interesses pré-determinados.

As universidades nasceram há oito séculos como lugares de associação, *encontro*, *permuta* e *interpenetração de saberes*. De certo modo, a sua excecional longevidade é vista como um mistério. Por que duraram e continuam a durar as universidades? Por que foram tão facilmente exportadas da Europa para todas as regiões do mundo, com naturais diferenças de funcionamento mas seguindo uma base organizativa reconhecível em qualquer lugar? De entre as razões que têm sido apontadas para explicar este fenómeno incomum, sobressai justamente a circunstância de terem sabido alimentar, desde sempre, esta vocação de abertura e universalização, que responde à pulsão de curiosidade que é própria do ser humano.

Este ideal deve repercutir-se, desde logo, na oferta formativa, que devendo ser *especializada* tem que resistir à tentação de transformar-se em *hiperespecializada*. Em algum lugar da Universidade deve conservar-se um espaço para a autoformação. Todos os estudos o dizem e toda a gente o sabe: a autoformação resulta do interesse genuíno e, por isso, tem efeitos particularmente duradouros na vida das pessoas.

Ora, mais do que qualquer outro espaço académico, as bibliotecas gerais são excelentes lugares de autoformação. Bastaria isso para

justificar a atenção e o apoio de que continuam a beneficiar nas grandes universidades do mundo.

3.2. A segunda questão relaciona-se com a divisão entre bibliotecas *analógicas* e *digitais*. Até que ponto se justifica aceitar esta divisão?

Não há nenhuma dúvida sobre o assunto. A chamada *revolução digital* é particularmente benéfica para as bibliotecas a muitos títulos porque lhes permite cumprir muito melhor o seu papel de sempre: preservar e disponibilizar informação.

A esse nível, os benefícios fazem-se sentir, desde logo, nos documentos que são originariamente produzidos em ambiente digital. Por isso, existem hoje bibliotecas quase exclusivamente digitais. É normal e desejável que assim seja.

Mas isso não significa que todas devam seguir esse modelo. Basta lembrar, desde logo, que as chamadas *bibliotecas analógicas* beneficiam igualmente dessas transformações. A possibilidade de oferecerem os seus documentos em formato digital leva-as mais longe no cumprimento da sua função de base. Os autógrafos originais de Almeida Garrett encontram-se no cofre da Biblioteca da Universidade de Coimbra. Mas quem quiser saber como são e o que dizem não necessita de sair de sua casa. Basta digitar o endereço do nosso repositório de livro antigo. O investigador pode contentar-se ou não com a informação obtida por esta via. Se precisar de tocar os originais (e algumas vezes isso é realmente necessário) basta deslocar-se a Coimbra e recorrer às indispensáveis luvas brancas antes de manusear o documento. Os referidos manuscritos estão simultaneamente disponíveis em linha e sob formato material. Haverá utentes que se contentam com o primeiro tipo de acesso e outros para os quais ele se revela insuficiente.

Ao contrário do que uma análise apressada pode fazer crer, a ideia chave não é, portanto, a de uma *separação* entre bibliotecas

velhas e novas. A designação certa pode ser **complementaridade flexível**, que tenha em conta, ao mesmo tempo, a natureza dos documentos e as características do público que os procura. Não se justifica, de nenhum modo, a desconfiança e o desdém sobranceiro que alguns mantêm em relação às fantásticas e até há pouco tempo inimaginadas possibilidades da tecnologia digital; mas tão-pouco pode admitir-se o solucionismo exclusivista daqueles que acreditam que as transformações tecnológicas mais recentes permitem encarar o suporte material e os procedimentos de contacto que ele requer como algo de obsoleto e definitivamente ultrapassado⁹. Dir-se-ia que, a este propósito, a biblioteca mais útil não é necessariamente aquela que prescinde dos procedimentos convencionais adotando estratégias massivas de conversão digital. Não é por acaso, de resto, que superada a fase de um entusiasmo menos ponderado, o conceito de *biblioteca híbrida* se foi impondo, evocando, na sua própria designação, a necessidade de colocar acima de tudo o objetivo de servir o maior número de utentes¹⁰.

3.3. Reporto-me agora, por fim, ao modo de colaboração que as bibliotecas universitárias de Portugal encontraram para se articularem melhor, entre si, na sequência do encontro de Coimbra.

Em princípio, nada pode opor-se ao projeto da constituição de um catálogo comum. Espera-se, aliás, que esse passo seja rápida e eficazmente concretizado¹¹. Mas é muito necessário que se vá mais

9 Uso aqui a expressão “solucionismo tecnológico” no mesmo sentido em que a utiliza o filósofo bielorrusso Evgeny Morozov, quando identifica na revolução digital em curso uma componente exagerada de triunfalismo utópico, que secundariza os problemas e as necessidades reais da espécie humana.

10 Sobre o conceito de *biblioteca híbrida*, veja-se ainda o estudo já citado de Luisa Orera Orera (em particular as pp. 31-38).

11 O encontro de maio teve depois continuidade. A 19 de outubro de 2017, no Teatro Thalia, em Lisboa, foi apresentada a primeira versão da Proposta que visa a criação da Rede das Bibliotecas do Ensino Superior. Mais recentemente, a 2 de março de 2018 o documento, foi enviado aos Reitores das Universidades e Presidentes dos Politécnicos. Agradeço estas informações pormenorizadas à Dr^a Ana Migueis,

longe nesse processo de cooperação. É possível e desejável, desde logo, articular os processos e os critérios de digitalização, definindo prioridades, evitando sobreposições e acertando métodos de preservação e catalogação. Ao mesmo tempo, porém, é imperativo definir uma estratégia destinada a empreender um movimento de restauro e consolidação de material analógico (manuscrito ou impresso) que reclama atenção urgente por todo o território nacional¹².

Penso ainda, por fim, na necessidade de as bibliotecas universitárias virem a adotar, no seu conjunto, uma atitude comum relativamente à forma como o utente de hoje deve relacionar-se com o livro, reforçando através da revisão de regulamentos, parâmetros tão simples como o respeito pelos prazos na devolução dos materiais requisitados¹³.

Os desafios ambiciosos, porém, não param por aqui. Não devemos ter receio de ir mais longe e, sobretudo, de ir mais fundo. Como cultivar nos estudantes e nos professores a ética da pesquisa perseverante e honesta, que se contrapõe à busca apressada e fragmentária de informação não validada? Como se pode transmitir a ideia de que as bibliotecas são lugares necessários à formação humana e intelectual dos membros das comunidades docente e estudantil?

coordenadora técnica do Serviço Integrado das Bibliotecas da Universidade de Coimbra e membro do referido Grupo de Trabalho desde o seu início.

- 12 De entre os muitos exemplos que poderia aduzir para ilustrar a urgência de preservação de documentos patrimonialmente importantes, destaco o acervo musical de Santa Cruz que se encontra à guarda da Biblioteca da Universidade de Coimbra. Embora nos últimos tempos se tenham desenvolvido esforços no sentido de acautelar o seu acondicionamento, não tem sido possível sensibilizar os poderes públicos para aquilo que é necessário fazer para que não se perca aquele que, no entendimento dos especialistas constitui um dos mais importantes patrimónios da música renascentista e barroca composta no espaço peninsular: consolidar e restaurar os materiais, numa primeira fase; proceder à sua digitalização numa segunda etapa.
- 13 A este propósito, não posso deixar de referir o facto de na maior parte das bibliotecas do ensino superior português as penalizações para este tipo de incumprimento serem ou inexistentes ou inaceitavelmente brandas, sinalizando indiretamente um despreço pelo livro e por aquilo que ele representa, tanto do ponto de vista instrumental como do ponto de vista simbólico.

Como combater o facto de, num número crescente de situações, os estudantes poderem concluir uma cadeira (ou mesmo um curso) ouvindo as aulas e lendo um (e só um) livro?

Nada disto se discutiu no encontro daquela tarde. Tratava-se, é certo, de um encontro de bibliotecários e é bem certo que estes desafios maiores ultrapassam, em muito, as suas atribuições e a sua margem de intervenção.

É compreensível que se tenha optado pela partilha de recursos, essencialmente orientados para a constituição de um catálogo comum de todas as bibliotecas do ensino superior. Afinal, quando se identificam as grandes mudanças que se vêm verificando nas bibliotecas ao longo das duas últimas décadas apontam-se sobretudo mudanças de carácter tecnológico.

Em Coimbra, temos perfeita noção da importância dessas mudanças. Todos os dias pensamos na melhor forma de recorrer à tecnologia para preservar e disponibilizar informação e todos os dias somos confrontados com propostas de reconversão, que analisamos em função da sua viabilidade, da sua base ética, da sua eficácia e dos seus custos.

Um pouco em reação àqueles que concentram todas as energias e preocupações nessas áreas concretas, tendo a preocupar-me também com um outro tipo de problemas que me atrevo a chamar como “problemas de fundo”¹⁴. Muitos professores o dizem e a realidade comprova-o a cada dia: existe hoje uma percentagem considerável e crescente de estudantes que se confessam incapazes de ler um livro inteiro qualquer que seja o seu formato. Entendem igualmente que não é necessário indexar a nenhum autor a informação que se recolhe. Basta referi-la, sem menção de origem.

14 A importância que concedo a esta preocupação resulta claramente da conjugação que temporariamente vivo entre a responsabilidade de dirigir uma biblioteca universitária e a minha condição de professor e investigador.

Num outro plano, não falta quem pense que a digitalização e a tecnologia resolvem todos os problemas de preservação e disponibilização de documentos. A ponto de se ter tornado muito mais fácil conseguir verbas (junto de organismos públicos e privados) para esses fins do que, por exemplo, para recuperar um documento em estado avançado de degradação material.

Ninguém pode negar que as bibliotecas enfrentam o desafio de se modernizarem a cada dia. Mas esse é um desafio interno, que não pode consumir todas as suas energias. Face ao atual contexto, é igualmente necessário proclamar e fazer valer, em novos termos, a sua missão na Universidade dos nossos dias. Essa missão é hoje como sempre foi, de natureza funcional; mas é também, e cada vez mais, de natureza ética.

Em face destas missões, que são também as missões da Universidade, os bibliotecários sentem-se ansiosos, inseguros e pouco apoiados. Não é fácil encontrar ânimo para cumprir missões tão exigentes e tão pouco reconhecidas. E, sobretudo, não é fácil encontrar força anímica para lidar com os sinais que abundam no ambiente académico, apontando no sentido da desqualificação do documento original, genuíno e imputável a um autor. Os bibliotecários deploram essa circunstância, têm muita dificuldade em aceitá-la e, sobretudo, sofrem por não poderem contrariá-la.

Nestas circunstâncias difíceis, essencialmente marcadas pela ilusão de que se vive um tempo novo que dispensa a pesquisa, a comparação, o sentido crítico, a dedução racional e a criatividade fundamentada, é sobretudo necessário que as bibliotecas não percam de vista a sua história e a sua identidade. Para além de todas as mudanças que viveram e vão continuar a viver, acredito que as bibliotecas continuam a ser chamadas a fazer o que sempre fizeram: preservar e divulgar o conhecimento humano.

Quando somos confrontados com adversidades ou desafios de grande dimensão, torna-se ainda mais útil *comparar*. Neste caso, é de

algum modo consolador, verificar que existem ainda exemplos que podem servir de modelo ou de inspiração. De facto, o panorama mais sombrio a que me tenho vindo a referir está longe de ser generalizado. Varia de universidade para universidade, no território nacional. E, sobretudo, não se encontra (pelo menos no mesmo plano de gravidade) nas melhores universidades do mundo. O que encontramos em Oxford, em Bamberg ou em Harvard¹⁵, por exemplo, é uma tomada de consciência destes mesmos “desafios profundos”, que levaram a uma prática programada de sensibilização para a necessidade de encontrar equilíbrios. É necessário conjugar as imensas possibilidades que a tecnologia proporciona com a indispensabilidade de ler, estudar e pensar de forma sistemática, como sempre fizeram os melhores mestres e estudantes. E para reincidir nessa práticas, ainda não se encontrou melhor espaço do que as bibliotecas.

Por todos esses motivos, peço que compreendam que, hoje e aqui, tenho um particular orgulho em dizer-vos o seguinte: quando em Coimbra e noutros lugares se aproveitam efemérides para celebrar as bibliotecas não é a evocação do passado que interessa em primeiro lugar. O que conta sobretudo é o presente que estamos a viver e o futuro que não desistimos de preparar.

Referências Bibliográficas

- AMARAL, António Eugénio Maia (coordenador). *Os livros em sua ordem: Para a história da Biblioteca Geral da Universidade (antes de 1513-2013)*. Coimbra : Imprensa da Universidade, 2014.
- BANDEIRA, Ramos José. Universidade de Coimbra (Paços das Escolas e Casa dos Mellos). *O Instituto : jornal científico e litterario*. Coimbra: Imprensa da Universidade. 92 (1937-1942) 457-700.

15 Cito três exemplos particularmente apreciados por todos quantos seguem a realidade das bibliotecas universitárias do espaço ocidental.

- BERNARDES, José Augusto Cardoso; MIGUEIS, Ana; FERREIRA, Carla (coordenadores). *A Biblioteca da Universidade : Permanência e metamorfoses*. Coimbra : Imprensa da Universidade, 2014.
- FEYO, Florêncio Mago Barreto. *A Biblioteca da Universidade*. Coimbra : Imprensa da Universidade, 1857.
- FONSECA, Fernando Taveira da. *A Universidade de Coimbra (1700-1771) : estudo social e económico*. Coimbra : Por Ordem da Universidade, 1995. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra em 1992.
- MOROZOV, Evgeny. *La locura del solucionismo tecnológico*. Buenos Aires : Katz Editores, 2012.
- ORERA ORERA, Luisa. *La biblioteca universitaria*. Madrid : Editorial Síntesis, 2009.
- PIMENTEL, António Filipe. A biblioteca da Universidade e os seus espaços. In AMARAL, A. E. (coordenador). *Tesouros da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*. Coimbra : Imprensa da Universidade, 2009. p. 10-21.

À conquista da sabedoria. A pintura de quadratura e o programa iconográfico da Biblioteca Joanina

Giuseppina Raggi¹

RESUMO

O artigo propõe a releitura do processo de construção e decoração da Biblioteca da Universidade de Coimbra, conhecida como Biblioteca Joanina (1716-1728). O texto reinterpreta o contexto artístico e cultural da primeira metade do reinado de D. João V (1707- acerca de 1728) e o impacto dos projetos do arquiteto italiano Filippo Juvarra para a nova cidade de Lisboa (1719). A construção da Biblioteca Joanina integrou o plano de renovação do conhecimento em todos os campos do saber promovido por D. João V, pela rainha D. Maria Ana de Áustria e pela corte portuguesa. Desta forma, o artigo oferece uma nova interpretação do programa iconográfico, baseado na metáfora militar. A Biblioteca torna-se fortaleza da Sabedoria que o estudante-soldado é chamado a conquistar. No interior, o espaço do conhecimento é dividido em três etapas progressivas: o espaço da aquisição dos novos saberes (*Imago Bibliothecae*); do conhecimento académico (*Universitas*) e do enciclopédico (*Enciclopedia*). Porém, o verdadeiro objetivo final é alcançar a sabedoria do Sabio Cristão, tal como a descreve padre Rafael

1 Investigadora do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra – giuseppinaraggi@ces.uc.pt

Bluteau nas suas *Prosas Academicas...* (1717-1728). Chegando ao fim do seu percurso, depostas as armas aos pés do soberano, o estudante-conquistador espelha-se no retrato de rei D. João V, imagem vivente do Sabio Cristão. O texto aprofunda, também, os seguintes tópicos: 1) as conexões artísticas com a arquitetura italiana e austríaca; 2) as estreitas relações entre a pintura de arquiteturas em perspetiva, realizada nos três tetos da Biblioteca Joanina por António Simões Ribeiro e Vicente Nunes, e a tradição da “quadratura” bolonhesa; 3) a carência de fornecimento de livros para a Biblioteca da Universidade de Coimbra, depois da conclusão do edifício e ao longo da segunda metade do reino de D. João V; 4) a reinterpretação da quadratura dos tetos da Biblioteca Joanina por António Augusto Gonçalves no século XIX; 5) as obras de restauro promovidas pela Direção dos Monumentos Nacionais entre 1931 e 1934 e o envolvimento do pintor Joaquim Lopes, Professor de artes no Porto.

PALAVRAS-CHAVE

Biblioteca Joanina / Universidade de Coimbra / Rei de Portugal D. João V / Filippo Juvarra / Rafael Bluteau / Sabio Cristão / quadratura / António Simões Ribeiro / restauro dos tetos da Biblioteca Joanina

ABSTRACT

This article aims to rethink the process of the building and decoration of the Coimbra University Library known as the Biblioteca Joanina (1716-1728). It focuses on the artistic and cultural context of the first half of the reign of King John V (1707 – around 1728) and on the impact of the projects of the Italian architect Filippo Juvarra for the new city of Lisbon (1719). The building of the Biblioteca Joanina integrated the renovation plan in all the fields of knowledge promoted by King John V, Queen Maria Ana of Austria and the Portuguese court. Thus, this paper offers a new interpretation of the iconographic program, based on a military metaphor. The Library is like a fortress of the Sapience to be conquered by the student-soldier. Inside, the space of knowledge is divided into three progressive stages: the library (*Imago Bibliothecae*), the academic stage (*Universitas*), and the encyclopedic knowledge (*Enciclopedia*); however the true and final goal of the conquest is

to achieve the wisdom of the Sapiient Christian (Sabio Christão) as described by Father Rafael Bluteau in his *Prosas Académicas...* (1717-1728). At the end of his journey, with his weapons put down at the feet of the monarch, the student-conqueror reflects himself in the portrait of King John V, the Wise Christian King. Moreover, the paper highlights the following topics: 1) the artistic connections with the Italian and Austrian architecture; 2) the close relationship between the ceiling paintings by António Simões Ribeiro and the Bolognese painting tradition of “quadratura”; 3) the lack of books supplies after the completion of the Coimbra University Library and during the second half of the reign of King John V; 4) the (re)interpretation of the ceiling paintings by António Augusto Gonçalves in the 19th century; 5) the restoration works promoted by the Portuguese State between 1931 and 1934, and the involvement of the painter Joaquim Lopes, Professor of Arts in Porto.

KEYWORDS

Joanina Library / Coimbra University / King of Portugal John V / Filippo Juvarra / Rafael Bluteau / “Wise Christian” / quadratura painting / António Simões Ribeiro / restoration of the Joanina Library’s ceiling paintings

A Biblioteca Joanina da Universidade de Coimbra é a única obra ainda existente do reinado de D. João V realizada integralmente em época joanina e num prazo de tempo relativamente breve (1716-1728).² Isto permite analisar a coerência do espaço ao nível arquitetónico, pictórico, iconográfico e simbólico. Através da sua leitura é possível vislumbrar, também, a magnificência dos grandiosos projetos pla-

2 Este artigo baseia-se na minha anterior pesquisa de pós-doutoramento (SFRH/BPD/38752/2007), no que diz respeito à quadratura, e no trabalho desenvolvido com o professor Vítor Murtinho do DARQ-UC entre 2010 e 2013 para a reconstrução da perspectiva e a sua relação com a geometria do espaço da Biblioteca Joanina. Propus repensar os projetos joaninos em Raggi, G. (2018). A cidade do rei e os teatros da rainha: (re)imaginando Lisboa ocidental e a Real Ópera do Tejo. *Cadernos do Arquivo Municipal*, 9, 97-124; Raggi, G. (no prelo). Repensando Mafra : o Real Edifício, Filippo Juvarra e a política arquitetónica de D. João V. In Pereira, P., Gorjão, S. (Ed), *Do tratado à obra: génese da arte a da arquitetura no palácio de Mafra*. Mafra : Câmara Municipal.

nificados por D. João V para Lisboa, como capital da monarquia e do império português. De facto, a construção da nova biblioteca da universidade coincidiu com o período de maior efervescência cultural e de realização de projetos de todo o reinado.³

Este processo de transformação foi marcado inicialmente pela chegada da rainha Maria Ana de Áustria, em finais de 1708. Nos anos seguintes, foi alimentado pela projetada viagem europeia de D. João V, que deveria ter durado dois anos (1715-1716), e foi definitivamente impulsionado pela elevação da capela-real em patriarcal em 1716.⁴ Em 1719, atingiu o ápice graças à chamada a Portugal do arquiteto Filippo Juvarra e do compositor Domenico Scarlatti, desdobrando-se, até acerca de 1725, em inúmeros projetos no campo urbanístico, arquitetónico, teatral, musical, artístico, que incluíam também a ampliação da biblioteca real do palácio da Ribeira e a formação das coleções reais.⁵ Em coincidência com a rotura das relações diplomáticas com a Santa Sé (1728-1732), a política artístico-cultural de D. João V focou-se na conclusão da basílica de Mafra e no efetivo arranque do estaleiro do convento e do palácio, mudando as dinâmicas culturais

3 Propus uma nova visão sobre as dinâmicas culturais do reinado joanino em RAGGI, G. (2017). L'effervescenza culturale del regno di Giovanni V di Portogallo (1707-1728): una visione controcorrente. In J. Martínez Millán, F. Labrador Arroyo, F. Valido-Viegas de Paula-Soares (Ed), *Decadencia o reconfiguración? Las Monarquías de España y Portugal en el cambio de siglo (1640-1724)*. Madrid : Ediciones Polifemo, 317-337.

4 Raggi, G. (2017). Una lunga passione per l'opera in Portogallo: la regina-consorte Maria Anna d'Asburgo, l'arte dei Galli Bibiena e nuovi disegni per il Real Teatro dell'Opera do Tejo. In Frommel, S.; Antonucci, M. (Eds.), *Da Bologna all'Europa: artisti bolognesi in Portogallo (secoli XVI-XIX)*. Bologna : Bononia University Press, 159-188; Raggi, G. (2018). O espaço teatral na corte de D. João V e o papel da rainha Maria Ana de Áustria na promoção de ópera em Portugal. In Yordanova, I; Maione, *Serenata and Festa teatrale in 18th century Europe*, Coleção Cadernos de Queluz 1. Viena : Hollitzer Verlag, 19-57.

5 Raggi, G. (2014). Filippo Juvarra a Lisbona: due progetti per un teatro regio e una complessa questione musicale. In E. Kieven, C. Ruggero (Ed). *Filippo Juvarra (1678-1736): architetto dei Savoia, architetto in Europa*. Roma: Campisano, 2014, vol. II, 209-228; Raggi, G. (2014). A idealização de dois projetos para o teatro régio e um novo desenho do arquiteto Filippo Juvarra para a corte portuguesa. *Revista de História da Arte – Estudos de Lisboa*, 11, 136-151.

que tinham caracterizado as primeiras duas décadas do seu reinado.⁶ Como mostrarei, o projeto e a construção da Biblioteca colocam-se em correspondência cronológica com o momento mais significativo do período a que propus chamar “efervescência joanina”.⁷

O projeto da Biblioteca e a efervescência joanina (1716-1717)

Como é sabido, o motivo inicial do projeto foi a possibilidade de comprar «huma grande Livraria que se vendia, parecendo [...] convinha muito à Universidade não perder tão boa ocasião de a redimir da injúria, que padecia entre os Estrangeiros e Nacionais».⁸ Em 31 de julho de 1716, o reitor Nuno da Silva Teles comunicou à Mesa da Consciência e Ordens que a tinha arrematado por «quatorze mil cruzados», sendo necessário «para melhor acomodação della fazer-se hua Casa, por ser pequena, e escura a que ao presente há do dito Ministério, e no Pateo da mesma Universidade haver sitio, em que

6 Raggi, G. (2017). L'effervescenza culturale del regno di Giovanni V... Abordo mais profundamente este tema no livro que estou a finalizar e cujo título provisório é: *O projeto de D. João V. Lisboa ocidental, o Real Edifício de Mafra e o urbanismo cenográfico de Filippo Juvarra*, cuja publicação concluirá as celebrações do 300º aniversário da fundação da basílica e do palácio-convento de Mafra.

7 Veja-se a bibliografia referenciada nas notas acima nn. 2-5.

8 AUC, *Provisões, Cartas, Alvarás*, Livro 4 (1616-1746), fl. 44. A primeira carta sobre o pedido de licença para comprar a livraria de Francisco Barreto por doze mil cruzados foi enviada à Mesa da Consciência e Ordens em 8 de Junho de 1716. O pedido foi analisado pelos deputados da Mesa em 18 de Agosto e apresentado ao rei D. João V em 31 de Agosto, sendo enviada a resposta ao reitor no dia 6 de Outubro de 1716. Sobre a Biblioteca Joanina veja-se, entre outros: Ferrão, P. M. (2015/2016). A Casa da Livraria da Universidade de Coimbra ao tempo de D. João V. *Boletim da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*, 46/47, 63-72 com bibliografia precedente; Pimentel, A. F. (1998). Uma empresa esclarecida: a Biblioteca Joanina. *Monumentos*, 8, 49-51; Pimentel, A. F. (1998). Domus Sapientiae. O paço das escolas. *Monumentos*, 8, 35-40; Ferrão, P (1993). A construção da Casa da Livraria da Universidade de Coimbra. In Dias, P. (Ed.), *Actas do colóquio. A Universidade e a Arte (1290-1990)*. Coimbra : Universidade de Coimbra, 85-127; Ramos Bandeira, J. (1943). *Universidade de Coimbra. Edifícios do Corpo Central e Casa dos Melos*, Coimbra : Universidade de Coimbra.

sem muita despesa se poderá fazer, com os requisitos necessários».⁹ Em 31 de outubro de 1716, D. João V aprovou «mandar fazer a dita Casa, no sitio sobredito, como o mais útil e de menos despesa»,¹⁰ concedendo também o «excesso dos dous mil cruzados, aos doze, de que tínheis faculdade minha para se dar por ella».¹¹ Apesar de, inicialmente, terem sido considerados os aspetos económicos e utilitários, o edifício, desde o seu acabamento, foi considerado uma obra magnífica. Em 1733, a *Historia breve de Coimbra* descreveu a Biblioteca como «uma grandiosa Livraria, com grandioso pórtico e magnifico edifício, que, enquanto ao material, por fora e por dentro está acabada; falta o ornato dos livros. Na direção, ordem e custo será uma das maravilhas da Europa, pois só no material da obra, pinturas e dourados [...] se tem gasto até ao ano de 1725 cento e cinquenta e oito mil e tantos cruzados. O custo dos livros de todas as Artes e Ciências chegará a soma extraordinária».¹² Na documentação original, entre os deputados da Mesa da Consciência e Ordens que assinaram a provisão inicial, consta o padre Pedro Sanches Farinha de Baena que, entre 1719-1722, sucedeu ao reitorado de Nuno da Silva Teles (1715-1718).¹³

O reitor Nuno da Silva Teles era filho do 2.º marquês de Alegrete, D. Fernando Teles da Silva e pertencia à primeira nobreza da corte joanina. Em 1708, o seu pai tinha sido nomeado, por D. João V, embaixador extraordinário em Viena para concluir o tratado matrimonial e acompanhar a rainha Maria Ana de Áustria durante a sua longa viagem até Lisboa. O seu avô, D. Manuel Teles da Silva, tinha sido nomeado

9 AUC, *Provisões, Cartas, Alvarás*, Livro 4 (1616-1746), fl. 43.

10 *Ibidem*.

11 *Ibidem*.

12 Rodrigues, M. A. (1990). *A Universidade de Coimbra e os seus reitores. Para uma história da Instituição*. Coimbra : Arquivo da Universidade de Coimbra, 133.

13 A mesma provisão encontra-se também in ANTT, Mesa da Consciência e Ordens, Provisões, Maço 254, 1696-1719, fls. 154 r/v com indicação escrita ao lado: «Universidade. Caza da Livraria»

por D. Pedro II embaixador extraordinário à corte do eleitor palatino do Reino para negociar os termos do seu segundo casamento com Maria Sofia de Neuburgo, mãe de D. João V.¹⁴ O seu tio homónimo, Nuno da Silva Teles,¹⁵ tinha sido reitor da Universidade de Coimbra entre 1694 e 1702, demonstrando grande interesse pela arquitetura e promovendo uma intensa campanha de obras destinadas a:

tratarem do concerto de alguns Geraes, e alargarem outros de forma conveniente, e fazerem de novo dous, que hajão de servir hum de Instituta e outro de Theologia, porque os que existem destas faculdades hum possa servir de Livraria da Universidade; e outro para se ler matemática, conductas e cursos de leitura, que se deixão de ler por faltar comodidade, e Geral para ellas. E além da necessidade, será esta obra sumamente útil para a formosura dos Gerais, por que ficarão todos em esquadrias, e para ella se acha a Universidade com a conveniência de ter meyas feitas as paredes nos muros que fechão em quadro a ária dos Gerais, e haver no cofre da Universidade todo o dinheiro que basta para esta despeza.¹⁶

Funcionalidade e formosura norteavam os intentos do primeiro reitor da Casa dos Alegretes que, em 1695, fixou a sede da biblioteca da Universidade nos Gerais.¹⁷ As obras envolveram o escultor Claude de Laprade para a realização das insígnias e do busto de D. Pedro II.¹⁸ Em 1715, logo após a nomeação como reitor, o seu sobrinho fo-

14 Miranda, S. Münch, Miranda, T. C. P. dos Reis (2014). *A rainha arquiduquesa: Maria Ana de Áustria*. Maia : Círculo de Leitores, 103. Ao regresso desta embaixada extraordinária, D. Pedro II concedeu a D. Manuel Teles da Silva, 2º conde de Vilar Maior o título de 1º marquês de Alegrete.

15 Era filho do 1.º marquês de Alegrete e irmão do 2º marquês de Alegrete, D. Ferdinando Teles da Silva

16 ANTT, Mesa da Consciência e Ordens, Universidade de Coimbra, maço 60, fls s.n., datada Julho-Agosto de 1695.

17 Rodrigues (1990), 127; Pimentel (1998). *Domus Sapientiae*...

18 Rodrigues (1990), 127.

cou também a atenção na promoção de uma ampla campanha de obras face às condições precárias em que se encontrava, outra vez, o conjunto arquitetónico. Resolveu, como acima referido, mudar a localização da biblioteca para o pátio, mantendo a continuidade com a escolha do seu antepassado. Porém, a magnificência do edifício, ainda hoje apreciável em todo o seu esplendor, parece contradizer a primeira intenção do reitor, explicitada à Mesa da Consciência e Ordens em 1716, de o mandar construir «sem muita despesa»¹⁹.

Nos meses em que correram estes primeiros diálogos entre o reitor e os deputados da Mesa, outros eventos estavam a acontecer. No início de julho, o marquês de Fontes fizera a sua magnífica entrada pública em Roma, alcançando para o monarca português a desejada elevação da capela-real em patriarcal. A notícia foi antecipada pelo núncio apostólico em agosto, mas somente em dezembro de 1716 a bula pontifícia chegou a Portugal.²⁰ D. João V estava impaciente de a receber, ordenando, desde a comunicação informal, ao conde de Redondo de mandar traçar o mapa de Lisboa, dividida entre a parte ocidental e a oriental, pelo jovem engenheiro Manuel da Maia.²¹ A partir deste momento, a vontade de renovação artístico-cultural demonstrada desde o início do seu reinado transformou-se na entusiástica intenção de construir a nova Lisboa ocidental. Esta circunstância determinou um contínuo fluxo de projetos entre Roma e Lisboa, visando tanto na nova basílica e palácio patriarcais, quanto na renovação do palácio real da Ribeira que devia estender-se até ao palácio Corte-Real [fig.1]. Neste processo, o arquiteto italiano

19 AUC, *Provisões, Cartas, Alvarás*, Livro 4 (1616-1746), fl. 43.

20 Roma, Archivio Segreto Vaticano [ASV], Segr. Stato, Portogallo 76. Neste documento, entre agosto e dezembro de 1716, encontram-se inúmeras referências sobre o assunto.

21 Rossa, W. (2017). Juvarra: cenografia e urbanística para uma capital do Iluminismo. *Estudos Italianos em Portugal*, 12, 271-294, com bibliografia precedente. Raggi, G. (2018). A cidade do rei...

Filippo Juvarra adquiriu um papel de relevância fundamental. Durante a sua estada em Portugal, de janeiro a julho de 1719, o primeiro



Fig. 1

Filippo Juvarra – Ideia para o primeiro projeto do palácio real, basílica e palácio patriarcais na Ribeira, 1717-1719. Torino : Biblioteca Nazionale Universitaria di Torino, Ris. 59.6, fl. 22v

projeto elaborado em Roma junto ao marquês de Fontes foi substituído por outro ainda mais grandioso e urbanisticamente cenográfico. Neste processo participou ativamente o 2.º marquês de Alegrete, pai do reitor Nuno da Silva Teles. Ele estava presente no encontro de fevereiro de 1719 no sítio da Cruz de Buenos Aires, quando nasceu a ideia de mudar a localização do principal palácio real. De facto, D. João V:

mandou chamar à sua Real presença em 7 de Fevereiro de 1719 alguns Fidalgos, Ministros e Medicos pelo que tocava à eleição de hum sitio saudável, e Architectos, que dirigissem a projecção da grande obra, que intentava [...] Os Medicos assentaraõ uniformemente [...] reconheciam em Buenos Aires todas as vantagens, que a Filosofia

natural, e a Medicina procuravam no caso proposto. Os mais votos se dividirão; porque os Marquezes de Abrantes, e Minas, o conde de Assumar, e Padre D. Manoel Caetano de Sousa, Mons. Berger se inclinavam a edificar no terreiro do Paço. O Marquez de Alegrete, os Condes de Aveiras, Unhão, Ericeira, Valladares e São Lourenco e Federico [Ludovice] foraõ de parecer que se preferisse Buenos Aires, D. Filippe Ibarra [*sic* Juarra] principal Arquitecto Siciliano, não declarou o seu voto.²²

Esta versão dos acontecimentos, publicada em 1763-1764 por João de Castro em *Mappa de Portugal*, pode ser integrada agora por uma fonte primária, e coeva dos factos, que complementa as conhecidas cartas do núncio apostólico.²³ Trata-se da correspondência diplomática do residente imperial Giuseppe Zignoni e restitui uma contextualização histórica mais atenta às artes profanas (ópera, dança, serões de corte) e à arquitetura palaciana. O encontro de fevereiro de 1719 incluía, também, a discussão sobre o melhor lugar para o palácio real de recreio, «a Régia Casa de Campo»:

Sabado S^a M^a foi outra vez com ele [Filippo Juarra] fora da cidade, num sitio muito alto chamado a Cruz de Buenos Ayres, próximo do rio para mandar medir e examinar aquele terreno para edificar, como se diz, uma Régia Casa de Campo, ou para o destinar para outra ideia. S^a M^a desejou que a M^a da Rainha fosse até lá ao mesmo tempo [...] e

22 Castro, J. B. (1763-1764). *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Lisboa : Francisco Luiz Ameno, tomo III, 193-194.

23 Raggi, G. (2017). Filippo Juarra in Portogallo: documenti inediti per i progetti di Lisbona e Mafra. *ArcHistoR*. 7, 33-71; Scotti, A. (1973). L'Accademia degli Arcadi in Roma e i suoi rapporti com la cultura portoghese nel primo ventennio del 1700. *Bracara Augusta*, XXVII, 63 (75), 115-130.

ela chegando no dito lugar [de Alcântara] prosseguiu em cadeirinha [...] enquanto o Rei andou a cavalo.²⁴

A escolha do sítio de Buenos Aires para o principal palácio da monarquia portuguesa foi baseada nos pareceres dos médicos e à luz dos novos conhecimentos da «filosofia natural».²⁵ Como veremos, estas matérias caracterizam a novidade do programa iconográfico da primeira sala da Biblioteca Joanina. Por isso, entre a intenção de julho de 1716 de construir o edifício «sem muita despesa» e a colocação da primeira pedra, em 17 de julho de 1717, a “efervescência joanina” acelerou o seu ritmo, influenciando o projeto da biblioteca da Universidade de Coimbra. A biblioteca real do palácio da Ribeira também começou a ser enriquecida, até multiplicar exponencialmente o seu acervo nos anos Vinte.²⁶ Como referido, Filippo Juvarra permaneceu em Lisboa de janeiro a julho de 1719. Em 1 de junho de 1719, Nuno da Silva Teles acabou o seu cargo trienal e o novo reitor da Universidade de Coimbra «foi nomeado diretamente pelo rei [...] sem prévia escolha do Conselho».²⁷ Tratava-se de Pedro Sanches Farinha de Baena, acumulando o cargo com o que já detinha na Mesa da Consciência e Ordens.²⁸ Tendo sido ele um dos deputados que assinaram a provisão de 31 de outubro

24 Vienna, Haus-, Hof- und Staatsarchiv [HHStA], Portugal 6, 6-2, c. 133r.-v. (14 de fevereiro de 1719): «Sabbato la M.S. ritornò con lui fuori di città a un sito molto alto, chiamato la croce di Buenos Ayres vicino al fiume per far misurare, ed esaminare quel terreno per fabbricarvi, come si dice, una Casa di Campo reggia, o per servirsiene per altra idea. S. M.à desiderò, che la M.tà della Regina si trasferisse colà all’istesso tempo, e la M.S. per compiacere al Re pranzò, e parti con tanta fretta, che la mag.or parte degli uffiziali di sua Casa non stavano pronti per accompagnarla all’uscire da Palazzo, e giunta al d° in loco, seguì in sedia volante con la S.ra Infante dona Francesca, il Re che girava a cavallo, e di là si portò alla solita divozione das Necessidades». Tradução da autora.

25 Castro (1763-1764), 193-194.

26 Almeida, L. Ferrand de (1991). D. João V e a Biblioteca Real. *Revista da Universidade de Coimbra*, 36, 413-430.

27 Rodrigues (1990), 135.

28 *Ibidem*.

de 1716 relativa à construção da Biblioteca, a sua nomeação por expressa vontade do rei confirma a inclusão do edifício no grandioso programa de planificação da nova capital imperial e patriarcal, cuja potência se fundamentava, também, sobre o novo conhecimento reunido na “fortaleza” da sabedoria na Universidade de Coimbra.²⁹

Arquitetura e quadratura como metáforas da conquista

As três salas da Biblioteca Joanina e, principalmente, as pinturas de quadratura que decoram seus tetos ilustram visualmente um percurso por etapas que começa no espaço exterior do próprio edifício [fig. 2].



Fig. 2
Fachada da Biblioteca Joanina, 1716-1728

²⁹ Falecido de repente em março de 1722, até finais do ano o vice-reitor assumiu o cargo. D. João V continuou a reservar para si a eleição, também, do sucessor de Baena. O rei escolheu para o triênio de 1723-1726, Francisco Carneiro de Figueiroa que foi reconduzido até a jubilação, em 1737. Rodrigues (1990), 137.

Por cima do portal de entrada, as palavras gravadas na pedra do entablamento identificam-no como «a sede que a Augusta Coimbra deu aos livros, para que a biblioteca a coroe» [fig. 3].³⁰



Fig. 3

Portal da Biblioteca Joanina, pormenor, 1716-1728. Foto da autora

O atributo de «Augusta» dado à cidade da principal universidade do reino e do império ultramarino português, onde não havia instituições de ensino universitário, identifica a biblioteca com a metáfora da «coroa», relacionada quer com a coroa régia, quer com a coroa de louros atribuída na antiga Roma aos vencedores durante os Triunfos, as entradas solenes dos conquistadores do antigo império romano.

30 Hanc Augusta dedit libris Collimbria sedem, ut caput exornet Bibliotheca suum. Tradução minha do latim.

A conexão com a metáfora da conquista encontra-se explicitada na tarja de latão: «Lusos, a Sapiência fundou para vós esta fortaleza; por capitães [tendes] os livros, por soldados e armas o trabalho»³¹ [fig. 4].



Fig. 4

Portal da Biblioteca Joanina, pormenor. 1716-1728. Foto da autora

A biblioteca torna-se fortaleza a expugnar, *cittadella* a conquistar pelos estudantes, conduzidos pelos «livros» como seus «capitães» e pelo estudo como força («os soldados») e instrumento («as armas»). A finalidade é penetrarem até conquistar integralmente o espaço, chegando ao ponto nevrálgico do poder que a fortaleza-biblioteca representa. De facto, «as armas» estão depositas aos pés do retrato do rei D. João V que, desde a entrada, se oferece como o principal foco visual [fig. 5].

31 Lusitanae, hanc vobis Sapientia condidit arcem: ductores libri; miles et arma labor.

Assim, dado o primeiro passo e ultrapassado o limiar do portal, a figura do rei representado em tamanho natural convida a avançar para a conquista da Sabedoria. O teor peculiar desta “ação militar” é explicitado pela tarja colocada no interior da porta de entrada, isto é, atrás de quem entra e visível somente depois de ter contemplado o caminho a fazer através das três salas.³² A conquista procede por etapas e a fortaleza transforma-se, no seu interior, num palácio onde a *enfilade* das três salas determina a progressiva aproximação ao rei. Como explicita o uso do plural na frase latina, cada sala da biblioteca é entendida como «palácio por livros adornado»³³ onde se deve ler, meditar e adquirir o conhecimento aí reunido, antes de passar à sala seguinte.



Fig. 5
Armas em talha, pormenor da moldura do retrato de D. João V.
Foto de Vítor Murtinho

O espaço arquitetónico de cada sala é ampliado virtualmente graças à pintura de quadratura dos seus tetos. Esta arte foi desenvolvida pelos mestres de pintura a fresco e de cenografia da cidade de Bolonha, em Itália, na primeira metade do século XVII.³⁴ A quadratura incide na arquitetura real, dilatando-a em espaços arquitetónicos verosímeis através da aplicação das regras da perspetiva, das ordens e dos modelos de arquitetura codificados pelos tratados do século XVI. Por isso, a escolha da quadratura justifica-se não somente pelo sucesso desta arte na corte e na sociedade portuguesa

32 Panditur cuntis exulta palatia libris: huc ades; autores consule, doctus eris. Haec tibi pro studiis et lex et norma teneta est: mens legat, obsevet sédula; penna notet.

33 *Idibem*

34 Raggi, G. (2013). *Ilusionismos. Os tetos pintados do Palácio Alvor*. Lisboa : DGPC.

depois da chegada a Lisboa do quadraturista-cenógrafo florentino Vincenzo Bacherelli³⁵ mas, sobretudo, pela peculiaridade intrínseca de ‘edificar’ visualmente os mundos simbólicos a representar. Graças à quadratura, cada sala da Biblioteca multiplica a carga imagética e metafórica do espaço arquitetónico.

Assim, o espaço global da Biblioteca, como fortaleza da Sabedoria, constrói-se através de progressivos graus de conhecimento, representados pelas três alegorias pintadas no topo dos tetos: *Imago Bibliothecae, Universitas, e Enciclopedia*.

Do ponto de vista das matérias, a primeira sala testemunha a renovação do conhecimento graças à introdução da filosofia natural como ciência do conhecimento da realidade do mundo. O espaço arquitetónico da sala é delimitado pelos brasões dos cursos de Matemática e de Medicina: o primeiro ensinado até então como curso livre e o segundo caracterizado pela profunda renovação do século anterior.³⁶ A importância atribuída aos pareceres dos médicos relativos às condições de salubridade do sítio de Buenos Aires em comparação à área da Ribeira,³⁷ durante o citado encontro de fevereiro de 1719, é confirmada pela iconografia da primeira sala. As alegorias dos *Quatro continentes* representados nas sancas do teto, sentadas sobre tímpanos pintados, ilustram a amplitude do conhecimento, que abrange todos os conteúdos fornecidos pelas diversas características das quatro partes do mundo [fig. 6]. Considerando o vasto repertório ainda existente, a representação dos *Quatro Continentes* aparece pela primeira vez, no âmbito da qua-

35 *Ibidem*. Raggi, G. (2018). *Architettura versus Pittura. Modi di intendere la quadratura e la pittura murale tra Spagna, Portogallo e Brasile coloniale*. In J. M. Almansa Moreno, N. Martínez Jiménez, F. Quiles García (Ed), *Pintura mural en la Edad Moderna entre Andalucía e Iberoamérica*, Sevilla : ERA, 288-311.

36 Tal como a Biblioteca foi aberta somente em 1778, o curso de Matemática foi instituído apenas no tempo da reforma pombalina. Sobre os livros de medicina em Portugal veja-se Cardoso, A.; Oliveira, A. Braz de; Marques, M. S. (2019). *Arte médica e imagem do corpo de Hipócrates ao final do século XVIII*. Lisboa : Biblioteca Nacional.

37 Castro (1763-1764), 193-194.

dratura luso-brasileira, nesta sala da Biblioteca Joanina, testemunhando a vocação universal e a motivação imperial da “conquista da Sabedoria”.



Fig. 6
António Simões Ribeiro e Vicente Nunes - *Imago Bibliothecae*,
teto da primeira sala, 1723-1724. Foto de Vítor Murinho

A renovação introduzida no âmbito da filosofia natural é declarada no topo do teto. Diferentemente das outras duas salas, a escolha iconográfica não utiliza imagens e palavras próprias da tradição clássica, mas inventa-as de raiz. O nome atribuído à figura feminina, *Imago Bibliothecae*, identifica a alegoria com a própria Biblioteca espelhada em si, no ato de se deleitar com os livros, tirando-os e pondo-os nas estantes. Neste jogo de auto-reflexão, celebra-se a novidade do saber reunido na primeira sala e a vontade de atualização do conhecimento subjacente ao desenvolvimento do projeto da Biblioteca Joanina. A filacteria reforça o mesmo conceito, afirmando a «felicidade»³⁸

38 Felices orment haec instrumenta libelos.

por estarem presentes, nas estantes da primeira sala, os livros do conhecimento atualizado nos campos da filosofia natural, da medicina e da matemática. A frase aponta para a novidade e a alegria emocional que derivam desta nova sabedoria sobre a realidade física do mundo.

O espaço da segunda sala é delimitado pelas insígnias das Faculdades de Cânones e de Leis. No *Vocabulário Portuguez*, Rafael Bluteau define a «Universitas» como «um ajuntamento de muitas aulas, classes, escolas, colégios, mestres e discípulos aos quaes universalmente se ensina todo o gênero de saber mais necessário para a vida natural, a Medicina; para a vida civil, a Jurisprudência; para a vida Cristã e Catholica, a Theologia»³⁹. Na segunda etapa da conquista da sabedoria, a universidade de Coimbra espelha-se em si própria. O padre teatino descreve os três campos de aplicação do saber: a vida natural, a civil e a vida cristã, cuja tripartição revela uma estreita afinidade com o percurso espacial e iconográfico da Biblioteca Joanina.

A alegoria feminina da *Universitas* eleva-se no topo do teto graças à convergência perspética das arquiteturas pintadas em *sottinsu* sobre o tabuado do plano central [fig 7].⁴⁰

39 Bluteau, R. (1712-). *Vocabulario portuguez e latino...* Coimbra : Colégio das Artes da Companhia de Jesus, *ad vocem*

40 A análise da construção da perspectiva será apresentada no livro a publicar em parceria com Vítor Murtinho.



Fig. 7

António Simões Ribeiro e Vicente Nunes - *Universitas*,
teto da segunda sala, 1723-1724. Foto de Vítor Murtinho

Nas sancas da base, as alegorias da *Honra*, *Virtude*, *Fama* e *Fortuna* ladeiam os bustos de *Virgílio*, *Ovídio*, *Séneca* e *Cícero* declarando a cultura clássica como os alicerces do ensino universitário. No significado simbólico global do programa iconográfico, a Universidade representa, também, o lugar da reflexão e do debate: a figura feminina dispensa com a mão esquerda o leite do conhecimento, segurando na mão direita a lâmina afiada do discernimento. A filacteria enuncia a finalidade destes dois instrumentos: a abundância do saber e o exercício crítico sobre ele. O texto cita literalmente o verso final da III^a égloga de Virgílio.⁴¹ Na exegese publicada por Lionel da Costa Lusitano, em 1624, o fecho desta composição poética é explicado pela vontade do autor de «mostrar primeiro as contendias e altercações dos dous pastores e logo o juiz [Palemon] e finalmente a sentença que compõe tudo», de forma que o verso final significa metaforicamente

41 Claudite iam rivos pueri, sat prata biberunt. Fechai, meninos, as regas, que os prados já beberam bastantes.

«deixai de cantar [...] já estamos bem satisfeitos».⁴² Ter alcançado os conhecimentos reunidos na primeira e na segunda sala e aplicado neles os métodos e os instrumentos para os compreenderem e criticarem intelectualmente, permite ao estudante-conquistador ultrapassar o limiar da terceira e última sala: a da *Enciclopédia* ou, mais especificamente, a da perfeição da ação sábia.

Delimitada pelos brasões das faculdades de Retórica e Teologia, a *Enciclopédia* representa o grau mais amplo da sabedoria, pois inclui todas as faculdades representadas alegoricamente nas sancas do teto: *Natura, Artes, Astrea, Sacra Pagina*, cujas filactérias multiplicam os saberes transmitidos (Teologia, Cânones, Justiça, Medicina, Matemática, Filosofia, Artes, Gramática, Retórica, Música).⁴³ Os efeitos benéficos do valor enciclopédico da sabedoria estão representados nos *cartouches* pintados em grisalha nos ângulos do teto: *Concordia, Razão, Fidelidade e Felicidade pública*.⁴⁴ [fig. 8]

42 Costa Lusitano, L. (1761). *As eclogas e georgicas de Vergílio...* Lisboa : oficina M. Manescal da Costa, (1ª edição 1624).

43 Ferrão (2015-2016), 70.

44 Sobral, L. de Moura (2011). Gravuras e hermenêutica. Os casos da chamada Sala dos Encantos da Música do Paço Ducal de Vila Viçosa e da Sala da Enciclopédia da Biblioteca Joanina de Coimbra. In I. Mendonça, A. Paula Rebelo Correia (Ed.), *III Colóquio de Artes Decorativas: Iconografia e fontes de inspiração. Imagem e memória da gravura europeia*. Lisboa : Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva, 193-202.



Fig. 8

António Simões Ribeiro e Vicente Nunes - Enciclopedia,
teto da terceira sala, 1723-1724. Foto de Paulo Mendes

A denominação escolhida para o terceiro, e mais alto, grau da sabedoria conquistada no interior da fortaleza da Biblioteca Joanina remete para as correntes contemporâneas do pensamento iluminista do Setecentos europeu.⁴⁵ Porém, um elemento iconográfico ignorado pelos estudos críticos fornece, a meu ver, uma chave de leitura mais original: os olhos da *Enciclopédia* estão vedados por um finíssimo véu e o seu braço indica um ramo carregado de livrinhos dourados como seus frutos [fig. 9].

45 Pimentel (1998); Sobral (2011).



Fig. 9

António Simões Ribeiro e Vicente Nunes - Enciclopedia, pormenor, teto da terceira sala, 1723-1724. Foto de Paulo Mendes

O Sábio Cristão e a Biblioteca do mundo

Mais uma vez, Virgílio é escolhido como guia, sendo citados, no lema, dois hendecassílabos do IV^o livro da Eneida: «Não é concedido penetrar nos segredos da Terra, sem antes ter colhido da árvore o rebento das folhas de ouro».⁴⁶ Os versos fazem parte do vaticínio pronunciado pela Sibila de Cuma em resposta ao pedido de Eneias de conhecer o modo de ultrapassar o limiar do reino dos mortos:

[...] *Latet arbore opaca / aureus et foliis et lento vimine ramus / lunonis infernae dictus sacer / hunc tegit omnis / lucus et obscuris claudunt convallibus umbrae. / **Sed non ante datur telluris operata subire, / auricomos quam quis decerpserit arbore fetus;** / hoc sibi pulchra suum ferri Proserpina munus / instituit; primo avolso non deficit alter / aureus et simili frondescit virga metallo. / Ergo alte vestigia oculis et rite repertum / carpe manu; namque ipse volens facilisque*

46 Sed non ante datur telluris operata subire, auricomos quam quis decerpserit arbore fetus. Veja-se nota seguinte.

*sequetur, / si te fata vocant; aliter non viribus ullis / vincere nec duro poteris convellere ferro.*⁴⁷

Para penetrar no Hades é necessário oferecer à Proserpina o ramo de ouro escondido nas sombras de uma impenetrável floresta próxima do antro da Sibila. A profetiza declara que o ramo se deixará remover sem dificuldade, puxando-o simplesmente com a mão, se o fado escolher o herói; se não, nem com a força, nem com a faca conseguirá pegá-lo. Eneias pede ajuda à mãe Vénus. A deusa envia-lhe duas pombas brancas, que lhe indicam o lugar. Eneias consegue achar e pegar sem muito esforço o ramo de ouro:

*pascentes illae tantum prodire volando, / quantum aciem possent oculi servare sequentum. / Inde ubi venere ad fauces grave olentis Averni, / tollunt se celeres liquidumque per aëra lapsae / sedibus optatis gemina super arbore sidunt, / discolor unde auri per ramos aura refulsit. / Quale solet silvis brumali frigore viscum / fronde virere nova, quod non sua seminat arbos, / et croceo fetu teretis circumdare truncos, / talis erat species auri frondentis opaca / illice, sic leni crepitabat brattea vento. / Corripit Aeneas extemplo avidusque refringit / cunctantem et vatis portat sub tecta Sibyllae.*⁴⁸

47 Aen.VI, 136-148. Tradução italiana por Enzo Cetrangolo (1988): Vergílio. *Eneide*. Firenze : Sansoni Editore, 243:

Nascosto in un albero folto è un ramo che ha foglie / d'oro e il gambo flessibile, sacro a Proserpina; / tutta la selva lo copre e fitte ombre lo cingono / di convalli. A nessuno è dato di entrare nei regni / segreti se prima non svelle quell'aureo germoglio. / La bella Prosèrpina vuole che a lei si riserbi / questo tributo; al primo staccato non manca il secondo / d'oro anch'esso, e il ramo di foglie d'oro si veste. / Dunque ben addentro osserva con gli occhi e trovato, / come il rito prescrive, staccalo con la tua mano; / quello da sé docilmente verrà alla tua mano / se il fato ti elegge, altrimenti non forza ti giova / a piegarlo, né duro ferro a strapparlo.

48 Aen.VI, 190-211. Tradução italiana por Enzo Cetrangolo (1988): Virgílio. *Eneide*. Firenze : Sansoni Editore, 243:

Quelle a volo beccando tanto andavano innanzi / quanto gli occhi potessero intenti guardarle. / E quando alla bocca del livido Averno pervennero / veloci si levano a volo e dal limpido aere calando / si posan su l'albero strano, di doppia natura, / donde rifulse tra i rami un vivido d'oro / scintillio. Quale d'inverno il vischio nei

Virgílio atribui dupla natureza à árvore onde está escondido o ramo de ouro, que se parece como o visco nos bosques. Na natureza, o visco cresce implantando-se sobre outras árvores, produz bagas de cor de pérola e, no inverno, torna-se cor do ouro. No teto da terceira sala da Biblioteca Joanina, três ramos circundam a *Enciclopédia*: um é verde, outro mostra bagas-pérolas, o terceiro, o qual aponta a figura feminina e que traz a filactera, carrega como frutos livrinhos de ouro. Mais uma vez, regressa no programa iconográfico global uma simbologia tripartida: os três ramos como três graus progressivos de amadurecimento, até dar o fruto mais precioso: o ramo de ouro.

Conseguindo alcançar o visco – ramo de ouro, Eneias demonstra ser o escolhido pelo destino. Entrando no reino dos mortos, encontra o pai Anquises e escuta a profecia da fundação de uma nova cidade (Roma) e de uma nova estirpe (os romanos e o império). A escolha dos dois hendecassílabos revela intrínseca coincidência com as motivações que estavam a ser elaboradas entre Lisboa e Roma, desde 1716-1717, em relação à nova cidade de Lisboa ocidental, como capital imperial e patriarcal e à afirmação do poder da monarquia portuguesa, encarnado pelo rei D. João V.

O facto de a *Enciclopédia* ser representada vendada indica um elemento-chave pela hermenêutica global da terceira sala, que ultrapassa a dimensão da erudição clássica. Na *Iconologia* de Cesare Ripa, a iconografia da *Anima ragionevole e beata* é representada com o rosto coberto por um «finíssimo e transparente véu». ⁴⁹ Desta forma,

boschi / di nuova fronda si veste che in altro albero ha il seme / e i lisci tronchi circonda di gialle sue bacche, / tale su l'ilice nera sembrava dell'oro la fronda, / così crepitava al vento lieve la lamina. / Enea in fretta la prende e la stacca bramoso / mentre quella esitava e la reca nell'antro all'indovina Sibilla.

49 Ripa, C. (1603). *Iconologia*. Roma: L. Facii: «Anima ragionevole e beata: Donzella gratiosissima, haverà il volto coperto con un finissimo, e trasparente velo [...] Benché l'anima, come si dice da Teologi, sia sustanza incorporea, immortale, si rappresenta nondimeno in quel miglior modo, che l'huomo legato à quei sensi corporei con l'imaginazione, la può comprendere. Si dipinge donzella gratiosissima, per esser fatta dal Creatore, che è fonte d'ogni bellezza, per dinotare che ella è, come dice S. Agostino nel libr. de definit. anim. sustanza invisibile a gl'occhi

a figura alegórica «apesar da alma [...] seja substância incorpórea, a representa da melhor maneira». ⁵⁰ O atributo do finíssimo véu posto sobre os olhos associa à profecia clássica da fundação do império romano a dimensão do império da fé católica, relacionando-se com a função simbólica e política da instituição patriarcal. O escolhido, isto é, o eleito que poderá fundar e governar este novo império, unirá em si o destino de Eneias e as qualidades do *Sábio Cristão*.

Mais uma vez, os escritos do padre Rafael Bluteau reverberam no programa iconográfico da Biblioteca Joanina. Simultaneamente ao projeto do edifício, o erudito padre teatino apresentava em Lisboa as *Prosas Academicas, logicas, fysicas, metafysicas, politicas, cosmograficas, jurisconsultas, e theologicas, demonstrativas das virtudes, e prerrogativas do Sabio Christão e manifestadas em sete lições na Academia do Conde de Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes*. ⁵¹ As «lições» foram proferidas entre 1717 e 1719 e publicadas, junto com outros textos da sua autoria, em 1727-1728: exatamente durante o arco cronológico da fundação, construção e decoração da biblioteca de Coimbra. ⁵²

Nas *Prosas Academicas*, Rafael Bluteau ilustrou as qualidades necessárias para a conquista progressiva da sabedoria até alcançar o estado angélico, próprio dos homens que se tornam intermediários entre a

humani, e forma sustantiale del corpo nel quale ella non è evidente, salvo che per certe attioni esteriori si comprende [...]».

50 *Ibidem*.

51 Bluteau, R. (1727-1728). *Prosas portuguezas recitadas em diferentes congressos académicos pelo padre D. Rafael Bluteau, clérigo regular, doutor na Sagrada Theologia, pregador da rainha de Grã Bretanha, Henriqueta Maria da França, qualificador do Santo Officio no Sagrado Tribunal da Inquisição de Lisboa, e Académico da Academia Real. Parte segunda*. Lisboa Occidental : Na Officina de Joseph Antonio da Sylva, II.

52 *Ibidem*. O texto é dividido nos seguintes temas: «Com a sua lógica, o Sábio Christão sabe tirar proveitosas consequências; Com a sua fysica, o Sábio Christão logra huma discreta independência; Com a sua metafysica, o Sábio Christão he hum admirável abstracto do commum dos homens; Com a sua política, o Sábio Christão se accredita no governo de si próprio; Com a sua cosmografia, o Sábio Christão he huma viva Universidade do Universo; Com a sua jurisprudencia, o Sábio Christão se faz feliz, e glorioso observador da Ley de Deos; Com a sua Theologia, o Sábio Christão dá vários documentos para a vida temporal, e eterna».

terra e o céu. O *Sábio Cristão* reúne em si «virtudes e prerrogativas» específicas que não excluem o conhecimento proporcionado pela filosofia natural, pois «o Sábio Christão olha para o Mundo como um livro aberto [...] e contempla a sciencia do nosso saber e o Mundo como vastissima e numerosissima livraria». A descrição coincide com a organização do espaço da Biblioteca Joanina e o programa iconográfico corresponde à exortação do teatino: «Corra o Sábio Cristão toda a esfera do saber, faça a sua curiosidade o gyro de todas as artes e faculdades, seja o seu entendimento encyclopedia viva de todas as disciplinas e sciencias, mas no meyo deste scientifico circulo haja sempre polo fixo, centro imóvel para a observação da Ley Divina».⁵³

Estabelece-se assim uma clara identidade entre as afirmações de Rafael Bluteau e a pintura da terceira sala que permite atribuir a elaboração do programa iconográfico da Biblioteca Joanina ao padre teatino e ao contexto cultural da corte joanina e da Academia liderada pelo conde de Ericeira, antecedente da Real Academia de História fundada em 1720.

Desde a entrada, e ao longo do percurso, o retrato do rei D. João V indica a direção da conquista. Cada sala constrói progressivamente a finalidade última da aquisição da sabedoria, até se chegar à terceira sala onde o brasão da faculdade de Teologia se sobrepõe ao da Casa Real que, por sua vez, coroa o retrato de corpo inteiro de D. João V [fig. 10].

53 Almeida, C. Marques de (1996). *O elogio do intelectual: a figura do "Sabio Cristão" nas prosas portuguesas de D. Rafael Bluteau*. Dissertação de mestrado. Lisboa: Universidade Nova, 233.



Fig. 10
Giorgio Domenico Duprà - Retrato de D. João V, Biblioteca Joanina, c. 1725

Finalmente o significado desvela-se integralmente: o rei é retrato vivente do destino e da ação do *Sabio Cristão*, fundador da nova Lisboa ocidental, como capital imperial e patriarcal segundo o modelo de Roma imperial e pontifícia. D. João V é o “eleito”, a cujos pés o estudante depõe as armas da sua conquista finalmente alcançada [fig. 5].

Chegado ao fim do seu percurso, em harmonia com o significado simbólico representado pela quadratura nos três tetos, o estudante alcança a coroa de louros da vitória, pois conquistou o conteúdo integral da própria Biblioteca. O *cartouche* pintado debaixo do retrato de D. João V, ao nível do seu olhar, confirma-o:

O retrato régio que contemplas está na tua frente como um espelho: nesse espelho vêς tudo o que este palácio contém. E tudo o que de majestoso ostenta realizou-o João Quinto. Viva eterna a obra juntamente com o príncipe.⁵⁴

Retornam os jogos de espelhos: finalmente o estudante pode-se rever na figura do monarca. Alcançando em si «as qualidades e prerrogativas» do Sábio Cristão, ele pode igualá-lo como imagem reflexa do rei e de todo o conhecimento contido na Biblioteca, em função da afirmação do poder imperial e da religião católica nos domínios lusitanos.

O mundo artístico em volta da Biblioteca: a arquitetura

No contexto das dinâmicas culturais e artísticas descritas, algumas considerações podem ser avançadas em relação aos arquitetos envolvidos e, sobretudo, à organização e condução do estaleiro da Biblioteca Joanina. Como foi antes referido, a primeira ideia de construir o edifício «sem muita despesa» transformou-se num projeto ambicioso. Os trabalhos começaram em abril de 1717 sem nunca parar até ao acabamento da obra.⁵⁵ Em coerência com o interesse régio, a idealização do edifício partiu, a meu ver, dos arquitetos e engenheiros militares da corte joanina. Vale a pena lembrar que, em 17 de novembro de 1717, lançou-se também a primeira pedra da basílica de Mafra, cujo projeto estava sob a responsabilidade de João Frederico Ludovice. A primeira pedra da Biblioteca da Universidade de Coimbra foi lançada em 17 de julho do mesmo ano. A conceção da planta tripartida, através de dois arcos, e as janelas abertas para oriente e ocidente encontra-se descrita no tratado do padre Claudio

54 Ferrão (2015-2016), 70.

55 Ferrão (1993).

Clemens *Musei sive Bibliothecae*, cujo livro III se abre com uma similitude entre «ars bellica, et libraria».⁵⁶ Porém, é preciso considerar também que o *Peregrino Instruído. Modo com que se deve informar todo o sugeito, que fizer giro, pela Europa, e mais partes do Mundo. Mandado fazer na occazião, que S. Mag.de o Sr. Rey D. João o quinto esteve para hir incognito, ver as Cortes Estrangeiras*,⁵⁷ escrito pelo padre Manuel Caetano de Sousa para a projetada viagem europeia do jovem monarca, incluía também adquirir todo o conhecimento possível sobre as bibliotecas. Entre as perguntas elencadas no parágrafo «o Estado Moral a que reduzimos tudo o que depende da indústria humana», em cada cidade o jovem monarca devia tomar conhecimento sobre: «[...] que Universidade ou Estudos públicos? Que Livrarias públicas? [...] Que Theatros? Que Passeos? Que Palácios? Que livrarias insignes de Particulares?».⁵⁸ O périplo europeu previa sair de Portugal diretamente para a Flandres. Depois, passar para Inglaterra, percorrer Alemanha, até chegar em Veneza para o Carnaval, em Nápoles durante a Quaresma, em Roma da Pascoa até o *Corpus Dominis*, ficar depois dois meses em Florença, chegar a Turim, ir a Paris e regressar através de Catalunha, Madrid e Andaluzia até entrar em Portugal. Em Itália, D. João V demoraria um ano; outro ano serviria para conhecer os outros países incluídos no “*grand tour*” de conhecimento, vocacionado também para contratar artistas e artífices.⁵⁹

O possível envolvimento de Ludovice na formulação da primeira planta não exclui uma autoria múltipla do projeto, pois nos anos em que se construiu o corpo do edifício, em Lisboa a atividade projetual

56 Clemens, C. (1634). *Musei sive Bibliothecae cura*. Lugduni: sumptibus Iacobi Prost, 448. O livro IV é dedicado à descrição da biblioteca do palácio-convento do Escorial.

57 Buescu, A. I. (2000). O “Peregrino Instruído”. Viagem e poder na Europa setecentista. In Ead., *Memória e Poder. Ensaios de História cultural (séculos XV-XVIII)*. Lisboa : Edições Cosmos, 111-170.

58 *Ivi*, 126-127.

59 Raggi (2014); Raggi (2017). *L’effervescenza culturale...*

estava a ser intensíssima tocando o cume com a chegada de Filippo Juarra de janeiro a julho de 1719.

O portal da Biblioteca Joanina e o sumptuoso brasão por cima da arquitrave representam os únicos elementos monumentais do singelo exterior do edifício. Em 1719, trabalhou-se nas colunas do portal. A primeira chegou em 20 de julho de 1719,⁶⁰ isto é, poucos dias depois do regresso para Itália do arquiteto italiano. O transporte das pedras foi atribulado, tal como o levantamento das colunas e pedrarias que comportou riscos e dificuldades.⁶¹ Nesta situação destacou-se, pela capacidade de dirigir as operações, o entalhador Gaspar Ferreira, que substituiu nesta função o pedreiro João Carvalho Ferreira que tinha assinado o ajuste da empreitada em 1717.⁶² Para ultrapassar as dificuldades surgidas no transporte e levantamento das colunas, a organização do estaleiro beneficiou das despesas feitas em 1720 para «cordas grossas, pranchas, paus dos mastros e sarilho».⁶³ Durante os meses da sua estada em Lisboa, Filippo Juarra ocupara-se da organização das equipas de trabalho (pedreiros, escultores) e da maquinaria necessária para o grandioso estaleiro do palácio real, basílica e palácio patriarcais no sítio de Buenos Aires. Documentos recém-publicados permitem comprovar, também, a sua intervenção no projeto e na organização do estaleiro de Mafra.⁶⁴ Por isso, a eferescência vivida em Lisboa pôde influenciar o projeto em andamento da Biblioteca da Universidade. O portal e, sobretudo, o sumptuoso brasão esculpido em pedra podem ter sido derivados de esquiços

60 Ferrão (1993), 97.

61 Ferrão (1993), 96-97.

62 Ferrão (1993), 95, 98-99 e nota n. 56.

63 Ferrão (1993), 98.

64 Sobre as longas «conversas de arquitetura» trocadas com D. João V; sobre o pedido de contratação de 500 mestres e oficiais da região italiana de Como, tradicionalmente especializados na construção de palácios e igrejas régias e na escultura das ordens arquitetónicas; sobre o envolvimento de Juarra no projeto do complexo de Mafra veja-se Raggi (2017). Filippo Juarra in Portogallo...

do arquiteto italiano ou, como mostrarei abaixo, de outros modelos europeus.⁶⁵ O desenho da cenográfica escadaria de Minerva revela, a meu ver, a influência da mudança de paradigma introduzida por Filippo Juvarra em planear a nova Lisboa.⁶⁶ Em 1723, ano do início da construção dos alicerces da escadaria, o monarca ainda mantinha a intenção de arrancar com o grande estaleiro de Buenos Aires, projetado em 1719, onde o novo palácio real se debruçava sobre o Tejo através de um cenográfico sistema de escadarias, rampas e *terrapieni* com fontes monumentais e eixos visuais sobre o rio, a barra, o oceano e, também, sobre a cidade e a Ribeira [fig. 11].⁶⁷

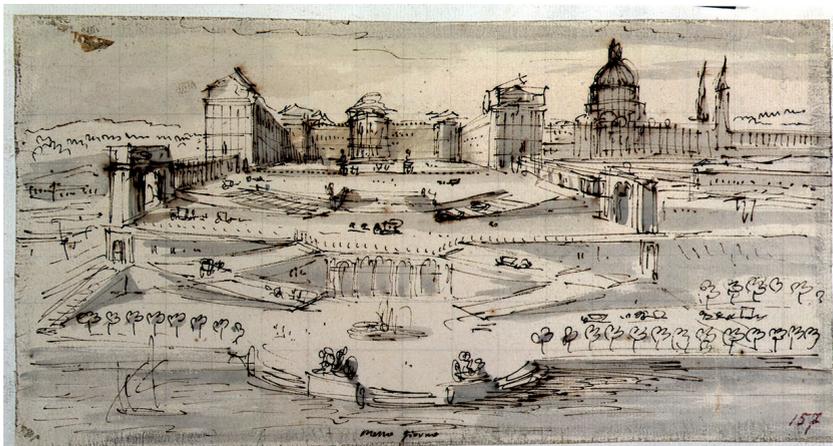


Fig. 11

Filippo Juvarra – Ideia para o segundo projeto do palácio real, basílica e palácio patriarcais no sítio de Buenos Aires, 1719.
Torino, Palazzo Madama, inv. 1859/DS

65 O mais recente ensaio relativo a Claude Laprade não lhe atribui esculturas em pedra depois dos primeiros anos de Setecentos, porém a sua possível participação merece ser aprofundada em estudos futuros. Veja-se Ferreira, S. (2015). Claude Laprade: um escultor provençal na Lisboa de Setecentos. *Cadernos do Arquivo Municipal*, 3, 149-178.

66 Rossa, W. (2017). Juvarra: cenografia e urbanística para uma capital do Iluminismo. *Estudos Italianos em Portugal*, 12, 271-294.

67 Raggi, G. (2017). Dalla scuola romana di Carlo Fontana ai circuiti europei dei Galli Bibiena: architetti italiani in Portogallo nel XVIII secolo. *Estudos Italianos em Portugal*, 12, 295-324. Raggi, G. (2018). A cidade do rei...

Existe um certo paralelismo entre a forma em “U” do pátio da Universidade de Coimbra, que domina a cidade do alto, abre-se ao horizonte e debruça-se sobre o rio Mondego com a visão cenográfica do palácio real, idealizado por Filippo Juvarra.

Os documentos recém-publicados testemunham, também, a inexistência de uma relação antagónica entre Filippo Juvarra e João Frederico Ludovice. A partir da estada do arquiteto italiano em 1719, os estaleiros dos projetos planificados por D. João V adotaram a organização vigente na escola romana de Carlo Fontana. O arquiteto principal projetava, concebendo no seu conjunto a obra, sendo coadjuvado pelo(s) arquiteto(s) que transformava(m) o projeto em plantas e alçados executivos, coordenando os mestres-de-obras que lideravam equipas de acerca de 25 oficiais, ativas simultaneamente em diferentes tarefas de execução das obras.⁶⁸ Este *modus operandi* explica porque, na maioria dos casos, plantas executivas e documentos apontam principalmente os nomes de quem dirigiu e realizou os trabalhos *in loco*.

Em Coimbra, o mestre Gaspar Ferreira destacou-se como arquiteto local na circunstância do complexo levantamento do portal monumental da Biblioteca. Esta função é comprovada, também, pelo seu papel por altura da construção da torre da Universidade, em 1728-1729.⁶⁹ A planta fornecida por Gaspar Ferreira foi analisada pelo Deputado da Mesa da Consciência e Ordem, D. Lázaro Leitão, cónego da igreja patriarcal e secretário do marquês de Fontes durante a embaixada extraordinária a Roma (1712-1718). A resolução do rei foi de a apresentar aos «Arquitetos desta Corte e porque a não aprovaram, se mandou fazer outra pelo Arquiteto Romano Antonio Canevari».⁷⁰ Sem dúvida, João Frederico Ludovice estava incluído entre os archi-

68 Raggi, G. (no prelo). Repensando Mafra.

69 Pimentel, A. (2007). Antonio Canevari e a torre da Universidade de Coimbra. In *VII Colóquio Luso-Brasileiro*.

70 ANTT, Mesa da Consciência e Ordens, Universidade de Coimbra, maço 60, fls. S.n.

tetos de corte, mas a resolução de D. João V comprova que, no que dizia respeito às arquiteturas régias de maior importância simbólica, a idealização era atribuída a arquitetos e artistas italianos, quando presentes em Lisboa. A encomenda ao *ebanista* italiano Francesco Realdino dos bufetes da Biblioteca Joanina⁷¹ confirma ulteriormente a estreita conexão com a atmosfera cultural vivida na corte joanina e o interesse régio de envolver artistas estrangeiros.

Neste contexto, e apesar da prioridade dada aos modelos romanos e italianos, a paixão pela arquitetura de D. João V estendia-se às obras dos principais arquitetos europeus. De facto, no exercício crítico de encontrar possíveis modelos para o portal monumental da Biblioteca Joanina, sobressai, a meu ver, a relação com as obras de Johann Bernhard Fischer von Erlach (Graz 1656 – Viena 1723) e do seu filho Joseph Emanuel (Viena 1693-1742). Tendo em conta os estudos recentes sobre o impacto na corte lusitana da cultura de Maria Ana de Áustria e considerando a participação ativa da rainha na definição das novas residências reais, as relações entre a efervescência joanina e os projetos imperiais de Viena tornam-se possíveis e fascinantes.⁷² Na arquitetura de Johann Bernhard Fischer von Erlach é recorrente o uso de duplas colunas para ladearem aberturas em arco (portais ou janelas monumentais) e sustentarem, ao centro do entablamento, ricos brasões.⁷³ Além disso, em Viena, o projeto da *Hofbibliothek* tinha sido encomendado ao arquiteto de corte Johann Philipp Quentzer desde 1681 pelo pai da rainha de Portugal, o imperador Leopoldo I. Por causa do assédio turco de 1683 e da guerra de sucessão espanhola (1702-1714), o projeto foi retomado pelo irmão da rainha, o imperador Carlos VI. Entre 1721 e 1730 a *Hofbibliothek* foi construída

71 Ferrão (1993),105.

72 Raggi, G. (2017). Una lunga passione per l'opera in Portogallo...; Raggi, G. (2018). O espaço teatral na corte de D. João V...

73 Gordon Dotson, E. (2012). *Johann Bernhard Foscher von Erlach. Architecture as Theater in the Baroque era*. New Haven: Yale University Press; Kreul, A. (2006). *Johan Bernhard Ficher von Erlach, Regie der relation*. Salzburg-Munchen : Verlag Anton Pustet.

e decorada. O projeto de Johann Bernhard, elaborado a partir de 1716, foi levado a cabo pelo filho de Joseph Emanuel Fischer von Erlach. Em 1728, a Biblioteca imperial estava concluída, podendo dar-se início à pintura dos frescos.⁷⁴

A coincidência cronológica entre os projetos da biblioteca imperial de Viena e da biblioteca de Coimbra pode ter proporcionado aos arquitetos portugueses modelos e ideias de Johann Bernhard Fischer von Erlach. A qualidade arquitetónico-compositiva do portal é patente, embora a execução deixe transparecer incongruências de proporções na parte superior. A possibilidade de se ter elaborado um desenho, no âmbito da corte joanina, a partir dos modelos de Fischer von Erlach é plausível à luz da reconstrução histórica proposta neste artigo. Outro elemento de contato entre Viena, Lisboa e Coimbra encontra-se, a meu ver, na tipologia das estantes, que merecem ser estudadas a partir de uma visão comparada com as da *Hofbibliothek*. De facto, a relação entre a biblioteca imperial de Carlos VI e as bibliotecas joaninas não se limita à de Coimbra. Torna-se ainda mais evidente em relação à planta da biblioteca do palácio-convento de Mafra. É interessante lembrar que o programa iconográfico dos frescos na biblioteca de Viena, pintados por Daniel Grans entre 1728 e 1730, foi elaborado pelo erudito Conrad Adolph von Albrecht. Por volta de 1730, ele foi escolhido por Carlos VI como residente imperial em Lisboa, onde chegou em 1734 e permaneceu até 1737. Especialista em arquitetura e cultura clássica, em 1735, visitou o estaleiro de Mafra com amplo mandado do rei D. João V para averiguar as plantas, o progresso das obras e a conformidade estilística com as regras da arquitetura.⁷⁵ Por isso, os projetos e a construção da *Hofbibliothek* de Viena e das duas bibliotecas projetadas de raiz em época joanina

74 Kreul (2006).

75 Sommer- Mathis, A; Raggi, G. (no prelo). Giuseppe Zignoni and Conrad Adolph von Albrecht, Imperial representatives at the Portuguese Court: between diplomacy, music and theatre. Wien : Hollitzer.

(Coimbra e Mafra) devem ser considerados, a meu ver, como processos simultâneos, em que trocas e osmose foram recíprocas e frutuosas.

O mundo artístico em volta da Biblioteca: a pintura de quadratura

A escolha da quadratura para decorar os tetos da Biblioteca conecta-se com o processo de renovação cultural impulsionado por D. João V desde os primeiros anos do seu reinado, tendo como momento catalisador as celebrações do seu casamento com a arquiduquesa D. Maria Ana de Áustria. Nesta ocasião, o pintor florentino Vincenzo Bacherelli encontrou o momento de maior promoção da sua arte na dupla vertente da quadratura e da cenografia. Como foi acima referido, a quadratura fundamenta-se no conhecimento das regras da perspetiva e das ordens arquitetónicas, envolvendo a pintura dos cenários também. Os quadraturistas bolonheses, cuja obra em Florença deu origem à escola de quadratura toscana, estavam ativos quer no campo da pintura a fresco, quer no do teatro e da cenografia. A família Bibiena representou a síntese desta tradição exportada para toda a Europa do século XVIII graças ao sucesso da ópera italiana.⁷⁶ Depois de Bolonha, centro de formação dos artistas na Academia Clementina, Viena constituía o principal centro europeu de produção de óperas italianas desde o século XVII e, em particular, durante a primeira metade do século XVIII.⁷⁷ Por isso, em 1708, D. João V quis mandar representar uma «ópera italiana»⁷⁸ durante as festas nupciais. Em estudos recentes, identifiquei esta

76 Bentini, J., Lenzi, D. (2000). *I Bibiena. Una famiglia europea*. Venezia : Marsilio.

77 Sommer-Mathis, A (2017). The imperial court theater in Vienna from Burnacini to Galli Bibiena. *Music in Art*, XLII, 1-2, 11-37.

78 HHStA, Familienakten, kart. 39, 39-1, f. 165: «non si pensa ad altro che a affrettare con ogni diligenza li preparativi per il ricevimento di S. M.tà, e fra varie feste, ed alegrie, che si sono ideate per la celebrazione delle Reali nozze, pretende di far qui rappresentare una opera italiana».

primeira ópera com o «drama em música» representado na grande máquina de fogos de artifícios criada por Carlos Gimac no Terreiro do Paço.⁷⁹ Na realidade, não se tratava de uma simples estrutura pirotécnica, mas de um monumental teatro de arquitetura efémera que incluía o palácio de Vénus, o vulcão Etna, um «teatro» montado adequadamente para as mudanças de cenas e um jardim, a partir do qual, chegando ao fim a representação em música, se atou o incêndio despoletando o jogo pirotécnico final.⁸⁰ Vincenzo Bacherelli ocupou-se da estrutura do teatro, tendo sido encarregado de pintar as salas do palácio real da Ribeira, renovado antes da chegada da rainha. Por isso, a arte da quadratura associa-se não só à arquitetura, mas também ao rico mundo artístico da ópera italiana. Durante os vinte anos vividos em Lisboa, Bacherelli difundiu o gosto pela pintura da quadratura e contribuiu também para o processo de introdução da ópera em Portugal e das artes relacionadas com a encenação de melodramas [fig. 12].



Fig. 12
Vincenzo Bacherelli – Quadratura, teto da portaria
de São Vicente de Fora, 1710. Foto da autora

79 Raggi (2018). O espaço teatral na corte de D. João V...

80 *Ibidem*.

O artista italiano trabalhou para D. João V e para as mais importantes elites da corte e do reino joanino. Encomendas para pintar espaços religiosos, palácios, quintas da principal nobreza, além da atividade de cenógrafo para as principais famílias e ordens religiosas, asseguraram o sucesso da sua arte e caracterizaram o gosto dos mesmos protagonistas envolvidos no projeto da Biblioteca da Universidade de Coimbra.

Quando os tetos do edifício estavam prontos para serem pintados, Vincenzo Bacherelli já tinha regressado a Florença. A escolha recaiu sobre pintores de Lisboa, formados no grupo de quadraturistas portugueses que aprenderam com o pintor italiano. António Simões Ribeiro e Vicente Nunes souberam interpretar o programa iconográfico previsto, dando um contributo fundamental para que a conquista da sabedoria adquirisse o sentido espacial credível e verosímil, necessário à transmissão do significado metafórico e simbólico acima descrito.

António Simões Ribeiro e Vicente Nunes realizaram as pinturas entre agosto de 1723 e março de 1724.⁸¹ Logo que a acabaram, os dois artistas pediram ao rei D. João V uma mercê de vinte moedas de ouro, justificando-a com o valor artístico da idealização da obra. No contexto português, a valorização económica do momento da invenção é rara e a carta escrita por António Simões Ribeiro testemunha as novas dinâmicas artístico-culturais que motivaram o rei e a corte durante os anos da 'efervescência joanina' e que se refletiam, também, na refinada cultura da Academia reunida no seu palácio pelo 4º conde de Ericeira,⁸² em cujo âmbito o programa iconográfico foi elaborado.

Desde o ajuste da obra estava previsto recompensar os quadraturistas pela sua atividade criativa, pois a quadratura devia ser

81 Raggi (2018). *Architettura versus Pittura...*, 304.

82 Kantor, I (2004). *Esquecidos e Renascidos. Historiografia académica luso-americana (1724-1759)*. São Paulo : Hucitec ; Salvador : Centro de Estudos Baianos, 30; Palma-Ferreira, J (1982). *Academias Literárias dos séculos XVII e XVIII*. Lisboa : Biblioteca Nacional.

«singular» e a melhor «que no reino se pode fazer». A memória do *modus operandi* de Vincenzo Bacherelli, que ganhara uma verdadeira fortuna graças à sua atividade de pintor e aos investimentos feitos no seio da comunidade italiana de banqueiros, ecoa nas entrelinhas do documento:

Estavam ajustados com esta Universidade para haver de lhe pintarem as três Casas da Livraria, a saber: de teto e cimalha cada Caza pelo preço de 600.000 reais, as quais se obrigavam a pintar da forma seguinte:

Pintar o teto de cada hua das Cazas de sua planta diferente na forma que apresentaram pelos riscos os quais se aprovam e deve ser a dita pintura de perspectiva e feita com o maior primor da arte que seja a contento da Universidade e no tempo que com os sobreditos se ajustou a obra de sorte que **há de ser a dita pintura de perspectiva singular e o melhor que no reino se pode fazer**. A cimalha há de ser pintada de pintura selleta farta de ouro e dourado tudo o que for talha e todos os remates em forma que fique com toda a perfeição e galhardia. Allem dos ditos 600.000 reia para cada Caza satisfará a Universidade esta jornada à Universidade e justo preço dos ditos três riscos. E os sobreditos serão obrigados a virem até quinze do mês de Julho deste presente ano principiar a obra e continuarão emthé se acabar.⁸³

Após a execução da obra, António Simões Ribeiro escreveu à Mesa da Consciência e Ordens em nome, também, de Vicente Nunes, sobre a penúria da compensação recebida:

Diz António Simões Pintor m.or nesta cid.e de Lx^a occ.al que elle supp.e e Vicente Nunes dourador rematarão a obra da pintura dos tectos e simalhas das casas da Livraria nova da Un.de de Coimbra em preço e q.tia de seis centos milreis cada hua das d.tas cazas, fazendo a d^a pintura de

⁸³ Garcia, P. (1923). *Artistas de Coimbra. Documentos para as suas biografias*. Coimbra, 295-299. O ajuste foi assinado em 22 de junho de 1723.

prospectiva com todo o primor da arte e com effeito tanto satisfez o supp.e a sua obrig.am; q ficarão as d.as Cazas com toda admiração e magnificência em forma q senão achará facil.m.te não só neste Reyno, mas em toda a Europa, Caza mais magestosa e magnifica; porem com tanto prejuízo do supp.e q gastando na d^a obra o tempo de Agosto de 723 até fim de M.ço deste prez.te anno de 724 com seis ou sete officiaes cada dia, lhe não chegou o dr^o p.^a acabar de pagar os dias de todos a os off.es perdindo de mais os seus jornais, q estando nesta Corte e dormindo em sua caza lucra por dia além do seu comer doze tostões, e vejo o supp.e a perder mais de trezentos milreis e representando todo este prejuízo à Meza da fazenda da d^a Un.de conseguiu som.te q o R.or e Deputados della conhecessem a perda q o supp.e tive, mas não lhe deferirão com o remédio de lhe darem algum donativo, com q pudesse recompensar a sua perda ou p.te della com o fundam.to de que não tinham jurisdição p^a fazer donativos e m.ces; e som.te lhe derão quarenta e oito milrs pelas três plantas q fez p^a a d^a obra conforme se estipulou e contractou na escriptura de rematação porem satisfizeraolhe m.to limitadam.te as d.as plantas em q o supp.e gastou m.tos dias, e noutes, e sem duvida merecia m.to bem lhe dessem vinte moedas de ouro pelas tais plantas; e porq o supp.e he homem pobre e se acha com m.tas obrigações e com a perda, q experimentou fica totalm.te destruído, se V^a. Mag.de não for servido por equid.e conceder-lhe provisão p.^a q a Meza da fazenda da d^a Un.de dé ao supp.e por graça e m.e hua tal porção q corresponda â grandeza da obra e ao damno q o supp.e padeceu, e lhe satisfaça com outra tanta q.tia o custo e justo valor das d.as plantas⁸⁴.

O requerimento dirigido ao rei D. João V tocava os pontos nevrálgicos da política artística promovida pelo monarca nos primeiros anos Vinte: os tetos da Biblioteca ficaram «com toda admiração e

84 AUC, IV-1^a.E-1-25, *Bibliotheca, Despesas de Limpeza séc. XVIII, Obras, Relatório 1831*, fls. s.n.

magnificência em forma que senão achará facilmente não só neste Reyno, mas em toda a Europa casa mais Magestosa e Magnifica». O resultado justificava a contestação à Universidade de ter pago somente «quarenta e oito milreis pelas três plantas que fez para a dita obra» sem lhe reconhecer o trabalho de invenção no qual «gastou muitos dias, e noites, e sem dúvida merecia muito bem lhe dessem vinte moedas de ouro pelas tais plantas».⁸⁵ O pintor recebeu a metade do valor pedido e a decisão do rei foi rubricada pelo poderoso cónego da patriarcal padre Lázaro Leitão, secretário do marquês de Fontes durante a sua embaixada extraordinária em Roma (1712-1718).

A insistência sobre o valor da arte e o exercício da invenção criativa destaca este episódio por entre o panorama corrente das relações entre artistas e encomendadores portugueses. Os dois artistas lusitanos avançaram o pedido de recompensa apelando aos princípios que caracterizavam as relações entre os artistas estrangeiros, nomeadamente italianos, e a corte portuguesa. Por exemplo, Vincenzo Bacherelli cobrava pagamentos muito altos, chegando a deixar a meio trabalhos mal retribuídos. Filippo Juvarra distinguiu-se entre todos os artistas italianos, pois foi convidado sob a licença do rei de Sardenha e recompensado lautamente com donativos, joias e a mercê da Ordem de Cristo, recebida em julho de 1719, antes de regressar para Itália, com dispensa direta de D. João V para não se proceder ao processo obrigatório sobre a limpeza de sangue.

A maneira de António Simões Ribeiro e Vicente Nunes justificarem o pedido de «vinte moedas de ouro» encontra a sua explicação face ao contexto em que foi elaborado e encomendado o programa simbólico-iconográfico da biblioteca de Coimbra. Este correspondeu ao auge da política artística joanina e da abertura da corte portuguesa aos modelos de vida cortesã europeia, onde a função política das artes constituía um dos principais instrumentos de afirmação do

85 *Ibidem.*

poder das monarquias. Importa também lembrar que a realização das quadraturas na Biblioteca Joanina se situa, cronologicamente, entre a fundação da Academia Real de História (1720), decorrente da já citada Academia do conde de Ericeira, e a instituição da Academia dos Esquecidos em Salvador da Bahia (entre 1724 e 1725) pelo vice-rei Vasco Fernandes César de Menezes.⁸⁶ O propósito de escrever a história política, eclesiástica, natural e militar do Brasil seguia as finalidades da Academia Real de História. A realidade americana tornava-se, metaforicamente, livro a colocar nas estantes da primeira sala da Biblioteca da Universidade de Coimbra, centro de irradiação da sabedoria do *Sábio Cristão*, por ser a sede onde se formavam, também, as elites destinadas à gestão do império.

O “silêncio” da Biblioteca Joanina

Como é conhecido, à construção do edifício da Biblioteca Joanina não correspondeu o preenchimento das estantes e a abertura pública da biblioteca como anunciado manifestamente pelo programa exposto no edifício. As circunstâncias do *impasse* aguardam por ser entendidas mais aprofundadamente, quer em relação ao projeto educativo visualizado pelo programa iconográfico, quer, sobretudo, em comparação com o investimento na biblioteca das Régias Escolas de Maфра decidido por D. João V durante a interrupção das relações diplomáticas com a Santa Sé (1728-1732).⁸⁷ Seja como for, em janeiro de 1730, o secretário de Estado Diogo de Mendonça Corte Real comunicava ao reitor Francisco Carneiro de Figueiroa:

Sendo presente a S. Mag.de que para ajustarse a compra dos livros que se tem mandado buscar a Holanda p^a a Livraria dessa Un.de

⁸⁶ Kantor, *Esquecidos e Renascidos...*, 89-165.

⁸⁷ Abordo parcialmente este assunto no livro *O projeto de D. João V...*

hé necessária m.ta mayor quanti de dinhº do q. a que já se remeteu [...] me ordena [...] mande pôr prontos por hora ao menos seis mil cruzados [...] e recomenda [...] que do dinhrº, que se for cobrando as rendas da Un.de procure separar o mais, que for possível pª a despeza de livros, a fim de que se possa comprar ao menos os mais preciosos pª huma livraria pubblica, e não fiquem inúteis as excessivas despezas, que se tem feito na matéria della.⁸⁸

Em maio de 1741, os deputados da Mesa da Fazenda da Universidade pediram licença régia para «se fizerem algumas moradas de cazas [...] para acomodação dos lentes ou estudantes». Recebida a consulta através da Mesa da Consciência e Ordens, D. João V respondeu:

Fui servido resolver não ser conveniente a construção das cazas pª que pedíeis a dª licença pella despeza que nella se faria [...] e que os sobejos que a Un.de tem se poderiaõ com faculdade minha **aplicar em couza que possa servir ao seu ornato e grandeza, em que se compreende a livraria, que está muito no seu principio, sendo o prº objecto da mesma Un.de** de que me pareceo avisarvos pª que assim o tinhais entendido.⁸⁹

À magnificência da biblioteca devia corresponder a riqueza dos seus livros, como escrevera Bernardo de Brito Coelho em 1725.⁹⁰ No intento de D. João V, o edifício constituía, simbólica e concretamente, o centro pulsante da Universidade. Em 1746-1748, a biblioteca continuava a carecer de livros. Possuía 6916 volumes, menos da metade dos 15.000 que se calculam constituíssem, por exemplo,

88 AUC, IV.1ª.E-1-1-17, *Livros, aquisição de bibliotecas...* (1710-1832), f. s.n.

89 AUC, IV-1ª. D-3-2-20, *Registo de Provisões*, vol. 4 (1691-1744), fls. 385v-386r

90 Rodrigues (1990), 133.

a biblioteca do colégio jesuíta de Salvador em 1759.⁹¹ O novo reitor D. Francisco da Anunciação escreveu à Mesa da Consciência e ordens evocando as mesmas motivações escritas pelo rei em 1741 e pedindo o dinheiro necessário para o efeito. As verbas destinadas à compra dos livros eram de tal maneira reduzidas que seriam precisos «muitos séculos» para formar uma «livraria completa e competente»:

*Em 22 de Agosto de 1746 representei a V. Mag.^{de} que a livraria publica q com Real permissão de V. Mag.^{de} edificou esta Universid.e: se achava já com livros, e se devia fazer patente p.a o uso dos lentes, doutores, estudantes e de todos os curiosos, p.a o q era necessário constituir officiaes, q tivessem cuidado da mesma livraria. Depois fiz pres.te a V. Mag.^{de} q o numero de livros, q tem a d^a livraria erão seis mil novecentos e deseseis, e a consignaço annual p.a o augmento dos livros cem mil reis. Agora novam.te ponho na prez.a de V. Mag.^{de} q na d^a livraria há m.ta falta de livros de todas as faculdades, e q a consignaço de cem mil reis p.a o augm.to da mesma livraria he tão diminuta, **q em m.tos séculos se não formará livraria completa, e competente a huma Universid.e, que iguala, ou excede as maiores da Europa, e se viria a fazer inútil o dispêndio, q a mesma Universid.e fez na sumptuosidade, e grandeza das cazas da livraria, se esta não houvesse de encher-se de livros,** cuja falta me tem requerido os lentes faça presente a V. Mag.^{de}; e lhe peça se sirva V. Mag.^{de} de deferir ao requerim.to de se por publica a livraria, e se crearem os officiaes, q aguardem, e cuidem da sua conservação, e que se digne V. Mag.^{de} de conceder lic.^a p.a se proverem de livros as três cazas da livraria, fazendo-se esta despeza dos sobejos das rendas da Universid.e, não se faltando por esta cauza as obrigações impostas nas mesmas rendas. V. Mag.^{de} mandará o q for servido. Coimbra 20 de Julho de 1748.⁹²*

91 Leite, S. (2004). *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Rio de Janeiro : Edições Petrobras, (1ª ed. 1938-1950), vol. V, 216.

92 ANTT, Mesa da Consciência e Ordens, Universidade de Coimbra, maço 60, fl. s. n.: documento em “Sobre a conta q deu o Reytor da Universidade de Coimbra p.^a

A relação enviada em 1746 dava conta da quantidade e distribuição dos livros, incluindo também os que não se encontravam *in situ*, isto é, no espaço físico da Biblioteca Joanina:

Na livraria da Univ.e se achão os volumes seguintes

Em Theologia e S. Padres 1229

Em Cânones 640

Em Leis 1855

Em Medicina 1305

Em Phylosophia 211

Em Mathematica 361

Historia Ecclesiastica 170

Historia Secular 668

Latinidades 105

[total] 6544

Achão-se mais duzentos e noventa e nove volumes quase todos de quarto que se andão distribuindo por todas as Faculd.es a que pertecem 299

Achão-se mais doze tomos de Marca Mayor em q se contem o Atlas o Danubio, Anathomias, Ervas Flores 12

Achão se mais secenta e hum tomos de = Acta Eruditorum = e também = Caluor de Pace Ecclesiastica 1 tom = e Rituale Ecclesiasticum 2 tom = Ludovic Ellies Dupin = Antiqua eclesia disceplina = Salmesius de Primatu Papae e por ultimo Molindo 4 tomos 61

[total] 6916

*Todos estes assim o =Acta Eruditorum = como os mais q a estes se se-
quem estão fechados em estante separada.⁹³*

se criar hum Bibliothecario com seu official p.^a a Livraria e se extinguirem outros officios – 16 de Janeiro de 1748”.

93 *Ibidem*.

Apesar das dificuldades da constituição do acervo livresco e da abertura ao público da Biblioteca Joanina, o valor artístico-arquitetónico do edifício continuou a ser reconhecido. Mesmo na época pombalina, quando a volumetria disponível foi considerada demasiado reduzida e foi elaborado o plano de duplicação da biblioteca pelo arquiteto militar Guilherme D’Elsden, o interior teria sido preservado intacto. De facto, o corpo especular a erguer à direita da nova capela adotava a mesma planta da Biblioteca Joanina. Diversamente, o portal monumental teria sido completamente destruído e substituído por uma fachada mais comprida e austera.⁹⁴ Por isso, a preservação da decoração interior não contemplava a reafirmação do significado simbólico do edifício como fortaleza da sabedoria a conquistar, anunciada desde o exterior do portal joanino. Os tempos haviam definitivamente mudado.

Projetos de remodelação e restauro da quadratura nos séculos XIX-XX

Em finais do século XIX, as pinturas de quadratura dos tetos da Biblioteca Joanina atraíram a atenção de António Augusto Gonçalves (1848-1932). No piso inferior da antiga livraria encontra-se um desenho em aguarela de sua autoria, agora retirado para digitalização e restauro da moldura, que, pela forma e pelas proporções, remete para os tetos da Biblioteca Joanina. Porém, a solução quadraturística é diferente e claramente inspirada no fresco de Andrea Pozzo da nave da igreja romana de Sant’Inácio, conhecida graças à gravura do tratado *Perspectiva pictorum, et architectorum...* [fig. 13].

94 Mora, M. (1993). Os projetos de remodelação do Paço das Escolas, ao tempo da reforma pombalina. In Dias, P. (Ed.), *Actas do colóquio. A Universidade e a Arte (1290-1990)*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 129-167; Trindade, L. (1998). A Reforma Pombalina. *Monumentos*, 8, 53-57.



Fig. 13

António Augusto Gonçalves – Quadratura para um dos tetos da Biblioteca Joanina, Universidade de Coimbra. Foto de Vítor Murtinho

Noutro ambiente da Universidade encontra-se outra aguarela de dimensões parecidas, sempre de autoria de António Augusto Gonçalves, na qual uma baixa balaustrada, pintada em *sottinsu*, deixa aberto o espaço do céu para a representação de uma glória desenhada nos moldes do estilo romano de época barroca [fig. 14].



Fig. 14

António Augusto Gonçalves – Quadratura para um dos tetos da Biblioteca Joanina, Universidade de Coimbra. Foto de Vítor Murtinho

É provável que, num futuro próximo, venha a encontrar-se um terceiro desenho, similar na técnica e dimensões aos outros dois, completando a série destinada aos tetos da Biblioteca Joanina.

Por enquanto, faltam informações sobre o motivo da realização destas aguarelas. Por um lado, podem ter sido exercícios de invenção perspética no âmbito do ensino do desenho lecionado por António Augusto Gonçalves: a construção exata da perspetiva, o uso correto da luz e da sombra para assinalar a relação com a posição de portas ou janelas reais demonstram o conhecimento académico da pintura de quadratura e de figuras em escorço dos séculos XVII e XVIII. Por outro lado, estas obras podem representar propostas para uma intervenção concreta. Caso, no futuro, se venha confirmar a intenção de restaurar os tetos da Biblioteca Joanina, as propostas apresentadas por António Augusto Gonçalves demonstrariam a perda da memória das dinâmicas artísticas luso-italianas da primeira metade do século XVIII.

A linguagem pictórica de António Simões Ribeiro fundava-se na tradição cenográfico-perspética bolonhesa, introduzida em Portugal através da lição de Vincenzo Bacherelli. Diversamente, os desenhos de António Augusto Gonçalves tornam patente a opção pela cultura romana de Seiscentos. Em conformidade com as categorias estilísticas que estavam a ser formuladas na segunda metade do século XIX, o estilo Barroco, antagónico ao Renascimento, reconhecia-se nas obras romanas do século XVII (Bernini, Borromini, Pietro da Cortona, Andrea Pozzo), enquanto a cultura artística barroca bolonhesa continuava numa fase de prolongado esquecimento.

Outros conceitos de restauro nortearam os trabalhos realizados entre 1931 e 1934. Em outubro de 1931, Henrique Gomes da Silva, diretor geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais da Repartição Central de Lisboa, solicitou a Baltazar da Silva Castro, diretor dos Monumentos Nacionais do Norte, que lhe enviasse «o orçamento das obras necessárias no tecto da Biblioteca da Universidade de

Coimbra».⁹⁵ Em correspondência sucessiva, Gomes da Silva sublinhava «a urgência» com que a Repartição Central «deseja essa obra executada».⁹⁶ O orçamento foi enviado em fevereiro de 1932, apontando um montante de 19.910\$00 escudos.⁹⁷ A descrição pormenorizada dos gastos considerava as medidas exatas dos tetos e centrava-se na «reparação cuidadosa das pinturas dos painéis simbólicos e motivos decorativos dos tectos»⁹⁸, que cobriam uma superfície total de «540\$00 m²», cujo custo por m² era calculado em 25 escudos, num gasto total de «13.500\$00».⁹⁹ O orçamento é acompanhado pela seguinte «Memoria»:

[...] Comprehende a obra necessária para restaurar as pinturas dos painéis e das decorações, já muito damnificadas. Urgente é que se lhes acuda. Tracta-se de um trabalho que demanda um cuidado extremo de execução; por este motivo o preço a prever não pode ser inferior ao que consta da série de preços respectiva, devendo também contar-se com a construção de um estrado desmontável, para facilidade de deslocação, porque os trabalhos a que fazemos referência, interessam trez salas. A importância total, orçada de harmonia com os preços dos jornais e dos materiais correntes naquela cidade, é de 19.910\$00.¹⁰⁰

O documento foi assinado pelo «arquiteto de 3ª classe, Baltazar Silva Castro» e datado «Porto, 16 de Fevereiro de 1932».¹⁰¹ O orçamento «dos andaimes a fazer nas salas da Biblioteca da Universidade de

95 Sacavém, Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana [IHRU], Arquivo da ex-Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, DREM Centro, caixa 2640, pasta 254, Universidade de Coimbra – Biblioteca, 1931-1934.

96 *Ibidem.*

97 *Ibidem.*

98 *Ivi*, caixa 2640, pasta 255.

99 *Ibidem.*

100 *Ibidem*

101 *Ibidem*

Coimbra para pintar os tetos» foi apresentado alguns dias depois pelo «construtor civil diplomado António Simões Miserela», tendo sido assinado pelo próprio em «Santo António dos Olivais, Coimbra».¹⁰² Em 30 de maio de 1932, Baltazar Silva Castro enviou a Gomes da Silva a seguinte comunicação:

*Cumpre-me comunicar a V. Ex.^a que já estão feitos os andaimes [...]. De-sejando levar comigo na próxima visita às obras um artista pintor do Porto para com ele determinar o mínimo de obra de reparação, venho rogar a V. Ex.^a a devida autorização. A obra de reparação e de consolidação das talhas, sanefas que se encontram em mau estado, já se encontram em andamento».*¹⁰³

O restauro visa conservar a originalidade da obra, limitando a intervenção de repintura.

*Em 26 de junho de 1932, Joaquim Lopes «professor de pintura da Escola de Belas Artes do Porto, declara que se obriga à restauração de pintura de parte do tecto da primeira sala da Biblioteca de Coimbra, pela quantidade total de 3.600\$00».*¹⁰⁴ *Em setembro do mesmo ano Joaquim Lopes assina outro ajuste, declarando «que toma a seu encargo de proceder à restauração da pintura decorativa d'uma das salas da Biblioteca da Universidade de Coimbra pelo preço aproximado de 8.000\$00 escudos, sujeito a rectificação e servir de base para as restantes duas salas».*¹⁰⁵

Em novembro de 1932, outra «Memoria» dava conta do estado da pintura:

Encontra-se muito deteriorada, correndo risco de total desaparecimento [...] Impõe-se por tal motivo uma intervenção imediata á parte que

102 *Ivi*, caixa 2640, pasta 254

103 *Ibidem*

104 *Ibidem*

105 *Ibidem*

resta indemne de estragos e os vestígios ainda aproveitáveis da que sofreu danos, permitem o restauro da que está em via de desaparecimento. [...] É principal causa dos estragos a que nos referimos, o mau estado de conservação dos telhados. Urge substituí-los, realizando depois uma obra que assegure a boa vedação. Quanto aos tectos, será refeita toda a pintura damnificada, por pessoa de reconhecida competência. De obra análoga necessitam as estantes. A sua pintura decorativa também tem sido muito prejudicada pelo uso e pela acção do tempo. Não podem estes trabalhos levar-se a efeito sem a construção de uma prancha desmontável.¹⁰⁶

O orçamento para a reforma dos telhados foi supervisionado pelo «agente técnico de engenharia contratado, Manuel Pinto»¹⁰⁷ e a Companhia Cerâmica das Devesas de Vila Nova de Gaia obrigou-se «ao fornecimento de telhas e capas romanas, para as obras de restauração dos tectos da Biblioteca da Universidade de Coimbra, postas sobre wagon [sic] na nossa Fabrica da Pampilhosa».¹⁰⁸ Em abril de 1933, começava-se o restauro da terceira sala, pois o «construtor civil António Simões Misarela, morador em Coimbra» assinou o orçamento para:

- I – Montagem completa de andaimes de 4 pisos na 3ª sala por 3.500\$00 esc.
- II – Asfaltamento de paredes salitradas, incluindo a picagem do rebo-co e gateamento a 30\$00 cada m²
- III – Construção de sanefa de castanho molduradas a 100\$00 cada m²
- IV – Consolidação e reforço das linhas de tesoura e de estuque em castanho co-substituição de ferros, barrotame e fasquio carcomidos a 40\$00 cada m².

106 *Ivi*, caixa 2640, pasta 256.

107 *Ibidem*

108 *Ibidem*

Declaro tomar toda a responsabilidade do seguro e assistência dos operários.¹⁰⁹

Baltazar Gomes da Silva enviou o orçamento de Miserela ao diretor geral Gomes da Silva, ressaltando: «Cumpre-me informar V. Ex^a que por se tratar de trabalhos delicados, os preços são aceitáveis julgando, portanto, a proposta merecedora da aprovação de V. Ex^a». ¹¹⁰ Em outubro de 1933, o diretor da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra comunicou a Baltazar da Silva Castro o ter enviado «ao Ex.^{mo} Senhor Comissário do Desemprego um ofício solicitando de S. Ex^a a cedência de dois turnos de cinco desempregados para procederem à limpeza das estantes desta Biblioteca – serviço este indispensável para se poder continuar a inteligente obra de restauração em que V. Ex^a tanto se tem empenhado»¹¹¹. Em outubro de 1933, outro ajuste assinado por Joaquim Lopes referiu o estado do restauro das pinturas, pois se obrigou ao:

I – Restauro completo da pintura dos tectos das duas ultimas salas da Biblioteca a 8.500\$00 ou seja por 17.000\$00.

*II – Restauro das pinturas das sancas e sanefas das referidas salas incluindo o douramento das três salas a 2.000\$00 ou seja por 6.000\$00.*¹¹²

Em 10 de maio de 1934:

António Simões Mizarela declara que se compromete a concluir todos os trabalhos de carpinteiro da reparação das estantes, dos tectos, de todas as portadas, escadas repregamento geral incluindo a substituição

109 *Ibidem*

110 *Ibidem*

111 *Ibidem*

112 *Ibidem*

*de toda a talha corroída em castanho das sanefas, molduras, cimalthas das salas da Biblioteca da Universidade de Coimbra pela quantia total de 16.645\$00 esc. Mais declaro que neste preço está incluído todo o material, mão d'obra ferramentas e utensílios, ficando a meu cargo a responsabilidade do seguro de todo o pessoal operário.*¹¹³

As obras incumbidas a Misarela estavam concluídas em junho de 1934. Em novembro, foi celebrado novo ajuste com outro construtor civil e «mestre de obras», o carpinteiro Manoel Ferreira Morango, morador no Porto:

*... que de harmonia com os detalhes, condições, instruções dadas pela Direcção dos Monumentos Nacionais do Norte se obriga a concluir por tarefa de mão d'obra todos os trabalhos que faltam nas três salas da Biblioteca da Universidade de Coimbra incluindo tectos, sanefas, asfaltamento, telhado, rebocos, caleiras, etc. pela quantia de 20.000\$00. Mais declara que se obriga a fornecer todos os andaimes, ferramentas e a tomar a responsabilidade do seguro operário.*¹¹⁴

Terminam com esta última anotação de despesa, os documentos relativos ao restauro que devolveu às pinturas de António Simões Ribeiro a feição atualmente visível. Na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra existem vários desenhos, traçados sobre *lucidi* ou com linhas picadas que, provavelmente, se referem ao restauro para serem copiados diretamente nas paredes e tetos [fig. 15].

113 *Ibidem*

114 *Ibidem*



Fig. 15
Joaquim Lopes e ajudantes - Desenho para o restauro dos tetos
da Biblioteca Joanina, Universidade de Coimbra

Podem ser também estudos académicos derivados dos trabalhos executados, que demonstram a fortuna artística das pinturas de António Simões Ribeiro e Vicente Nunes.¹¹⁵

Conclusões

Futuras investigações poderão assinalar pormenorizadamente os graus de conservação da pintura original, de integração das lacunas e de repintura integral. Seja como for, o restauro realizado entre 1931 e 1934 tinha por objetivo manter o programa iconográfico original, proporcionando a possibilidade atual de usufruir da única obra joanina concebida, realizada e concluída integralmente num arco de tempo relativamente breve se comparado com as outras empreitadas régias da época. Uma fotografia, datada de cerca de 1910 [fig. 6],¹¹⁶

115 Agradeço ao Diretor Adjunto da BGUC, Dr. Maia Amaral, que nos facultou as fotografias durante a minha pesquisa realizada em parceria com Vítor Murtinho.

116 Agradeço a Alexandre Ramires pela generosa partilha desta fotografia e pela datação baseada na análise técnica.

testemunha o estado do teto da terceira sala, confirmando o respeito da iconografia original por parte do pintor Joaquim Lopes.

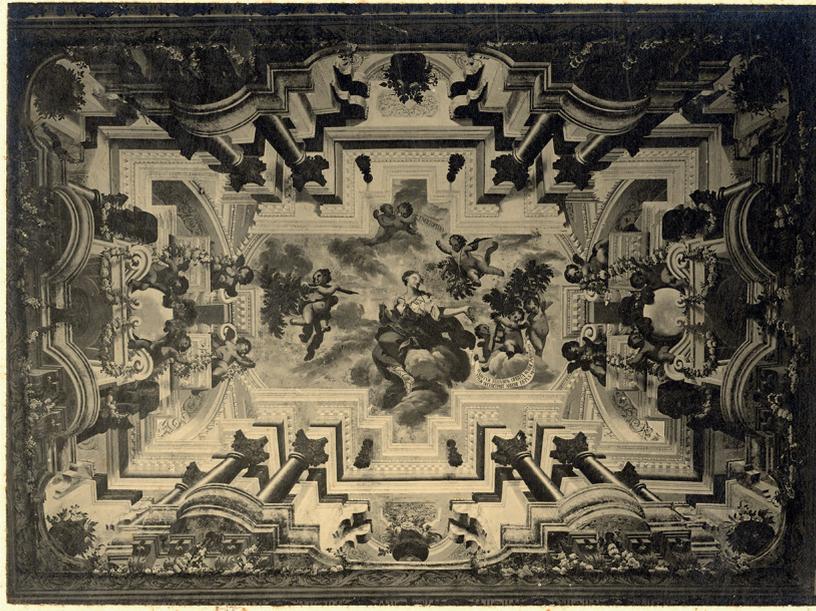


Fig. 16

José Maria dos Santos – Fotografia do teto da terceira sala, cerca de 1910.
Foto de Alexandre Ramires

A obra levada a cabo pela Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais integrou-se numa operação de valorização do património nacional que contrastava, nos seus fundamentos ideológicos, com o processo de abertura europeia e de renovação artístico-cultural e do conhecimento que motivara a construção e decoração da Biblioteca Joanina. A ligação entre Coimbra, capital do ensino universitário durante o antigo regime, e Lisboa, capital do reino e do império lusitano, expressava-se arquitetónica e simbolicamente no edifício erigido de 1717 até 1728, em plena harmonia com o contexto da “efervescência joanina” e a vontade régia de internacionalização das artes e dos artistas.

In or Out: A Biblioteca Casa da Saudade em New Bedford, Massachusetts, Estados Unidos da América do Norte¹

Maria José Paiva Fernandes Carvalho²

RESUMO

O objetivo do nosso trabalho foi refletir sobre o papel da Biblioteca *Casa da Saudade*, única biblioteca pública americana de língua portuguesa ao serviço dos/as imigrantes portugueses/as, em *New Bedford, Massachusetts*, nos EUA. Os objetivos específicos foram: **i)** Investigar se a *Casa* se constituiu como um meio facilitador da INclusão³ social⁴ dos/as imigrantes portugueses/as e seus/suas utilizadores/as, no espaço da imigração; **ii)** Analisar se a *Casa* se

-
- 1 A partir das temáticas abordadas na nossa tese de doutoramento “*IN or OUT: A Biblioteca Casa da Saudade, facilitadora da IN-clusão dos/as seus/suas utilizadores/as imigrantes portugueses/as na cidade de New Bedford, Estado de Massachusetts, Estados Unidos da América do Norte*”, apresentada à *Facultad de Traducción y Documentación da Universidad de Salamanca*, a 15 de setembro de 2017, apresentamos este artigo que analisa os aspetos mais relevantes do trabalho ali defendido.
 - 2 Bibliotecária, Coordenadora dos Serviços da Biblioteca NorteSul do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra Email: mjcarvalho@ces.uc.pt; **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0003-2781-0444>
 - 3 Grafismo nosso por analogia ao *IN*, do inglês, significando contido em, fazer parte de, incluído em e ao *OUT*, significando fora de, não fazendo parte de, excluído.
 - 4 Inclusão social: Integração de uma pessoa ou um grupo de indivíduos, esp. das classes menos privilegiadas na sociedade, possibilitando-lhes os benefícios de plena cidadania. In: Houaiss, António e Villar, Mauro de Salles (2015) Grande dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro : Círculo de Leitores.

constituiu num reduto de afirmação cultural da comunidade de imigrantes portugueses/as. Centrando-nos na busca da informação sobre a *Casa* enquanto facilitadora da *Inclusão*, constatámos que esta se distanciou do papel da biblioteca convencional de mera guardadora de livros e, ao serviço da *invisible majority*⁵, transformou-se num espaço para a *Inclusão* social promovendo o conhecimento intercultural. Observámos a *Casa* na sua dimensão contra-hegemónica, de afirmação da cultura e língua portuguesas, deixando o caminho aberto para uma investigação mais aprofundada, aplicada à temática da biblioteca intercultural contra-hegemónica, desconstrutora da visão da biblioteca convencional como “contentor de livros” onde as dinâmicas comunitárias perecem. Concluimos que, a *Casa* constitui um bom exemplo de como as bibliotecas, sejam elas públicas, escolares ou académicas, podem ir mais além transformando-se em espaços de participação ativa para a *Inclusão* social da diversidade linguística, social e cultural de utilizadores que acolhem.

PALAVRAS-CHAVE

Biblioteca multicultural / Biblioteca intercultural; emigração / imigração portuguesa; serviços bibliotecários às populações carenciadas; inclusão/exclusão.

ABSTRACT⁶

The purpose of our work was to reflect on the role of the Casa da Saudade Library, the only Portuguese-language American public library for Portuguese immigrants in New Bedford, Massachusetts, USA. The specific objectives were: i) to investigate whether *Casa* was a facilitator of the social *Inclusion* of the Portuguese immigrants, its users; ii) to analyze if *Casa* was a stronghold of cultural affirmation of the community of Portuguese immigrants from the various Portuguese regions. Focusing on the search for

5 Termo utilizado na região do estado de Massachusetts para identificar as comunidades portuguesas ali radicadas cuja percentagem era elevada mas contudo, considerada invisível.

6 This article is based on the Ph.D. thesis, presented on September 15th, 2017, at the *Facultad de Traducción y Documentación da Universidade de Salamanca*.

information about *Casa* as a possible facilitator of *IN*clusion, we found out that it set itself apart from the role of the conventional library as a mere bookkeeper and, at the service of the “invisible majority”, it became a space for social Inclusion, promoting intercultural knowledge. We observed *Casa* in its counter-hegemonic dimension, affirming Portuguese cultures and language, requiring a more in-depth investigation, applied to the research of the counter-hegemonic intercultural library, deconstructing the notion of the conventional library as a “book container” where community dynamics perish. We concluded that *Casa* is a good example of how libraries, be they public, scholastic or academic, can go further and become spaces of active participation for the social INCLUSION of the linguistic, social and cultural diversity of users who receive.

KEYWORDS

Multicultural library / Intercultural library; Portuguese emigration / immigration; Library services to the underserved; inclusion/exclusion.



Biblioteca Casa da Saudade, *In Portuguese Times*. New Bedford, abril de 1972

MOTTO

[...] *“There was a time when if one simply said: -
 “Lend me this book?” The owner shook his head.
 And smelling thieves in that preposterous call,
 Padlocked the book, and chained it to the wall;
 You, in the spirit of the time’s great gain;
 Have taken off the padlock and the chain;
 For this still look, in all the time be,
 For youth aspiring, and manhood free”* ⁷

Charles T. Congdon⁸ (1856), City of New Bedford, August 28, 1856.

INTRODUÇÃO

*“Siempre imaginé que el Paraíso sería algún tipo de biblioteca.”*⁹

(Borges, s.d.)

Atentando à citação de Jorge Luís Borges [s.d.], que equipara o *Paraíso* a uma biblioteca e refletindo sobre as palavras de Charles

7 Todas as traduções e retroversões são da nossa responsabilidade por sermos fluentes na língua inglesa e portuguesa e termos conhecimentos suficientes da língua espanhola.

8 *Charles T. Congdon* (1856), aquando do lançamento da primeira pedra do novo edifício da *New Bedford Free Public Library*, apresentou o poema do qual, pela sua relevância, recolhemos esta passagem.

[...] Houve um tempo em que se alguém simplesmente dissesse: -

“Empresta-me este livro?” O dono abanava a cabeça.

E cheirando ladrões no absurdo do pedido,

Agrilhou o livro ao cadeado, e acorrentou-o à parede;

Vós, no grande espírito altruísta da época;

Retirastes o cadeado e a corrente;

Pois só isso irá ao encontro, em qualquer momento,

Das aspirações da juventude, e à liberdade do ser humano.

9 *“Eu sempre imaginei que o paraíso seria algum tipo de biblioteca”* Jorge Luís Borges

T. Congdon (1856), onde o autor felicita a *NBFPL* por ter facilitado o desencarceramento dos livros, retirando-lhes“ [...] o cadeado e a corrente”¹⁰; tendo sobretudo em conta que só essa postura iria de encontro às aspirações da juventude, e à liberdade do ser humano (Congdon, 1856), poderemos conceber a *Casa* como um paraíso onde a comunidade imigrante de língua portuguesa de todos os géneros, *raças, credos*, convicções políticas ou orientações sexuais pôde (e ainda hoje - 2017 – pode, basta que para isso haja vontade) encontrar amplo e livre acesso à informação desencarcerada. Este desencarceramento é o princípio de liberdade que permitirá a concretização das aspirações da comunidade de garantia do acesso ao conhecimento, ora em português, ora em inglês.

O estudo da documentação sobre a *Biblioteca Casa da Saudade* mostrou-nos que esta surge pela força de vontade demonstrada pelos Diretor da *NBFPL*, *Mr. Solomon*, pelo vereador *Manuel Fernando Neto*, e pela comunidade imigrante portuguesa que, juntos enfrentaram os domínios e poderes municipais para que este espaço comunitário se tornasse uma realidade. Assim, considerámos de maior relevância estudar o seu papel enquanto *biblioteca intercultural* facilitadora da *INclusão* social dos seus utilizadores, ou quiçá, da *EXclusão* sustentada como forma de afirmação cultural, política e social, no contexto de um país marcado pelas tendências do *Melting-pot*, da *Assimilation*, da *Anglo-Conformity*, e da *Acculturation*, onde os imigrantes são forçados a perder a sua identidade, ou, para sua sobrevivência, passam a adotar atitudes e comportamentos característicos da sociedade que os domina. As tendências referidas foram impostas pelas hierarquias

10 “Nas Bibliotecas Monásticas, os livros eram acorrentados, o acervo era composto em sua maioria por textos religiosos; e todo grande mosteiro possuía oficinas de copistas ou *scriptorium*, local onde os monges confeccionavam os livros; geralmente funcionava junto à biblioteca. Mesmo assim, Morigi e Souto (2005, p.2) chamam atenção ao facto de que “as obras existentes em seu acervo eram controladas, pois algumas delas eram consideradas de natureza profana”, esse controle também se estendia ao trabalho dos escribas.” (Bezerra, 2011, p.14)

constituídas pelos norte-americanos e até por alguns portugueses já há muito ali radicados. Não sendo indígenas e considerando todos eles imigrantes, observámos que muitas vezes se arrogam em privilegiados, distanciam-se dos interesses e necessidades dos grupos imigrantes recém-chegados e afirmam-se como senhores do mundo.

A escolha do título do nosso trabalho: **IN or OUT** (*dentro de ou fora de*) advém de uma leitura de Angelika Bammer (1994, p. 93) que refere que Eric Hobsbawm, ao examinar a relação entre nacionalismo e etnicidade, considera que ambos estabelecem uma estrutura de *IN*clusão ou de *EX*clusão na qual se podem distinguir aqueles que pertencem ao grupo: os *IN*cluídos (os *IN*siders), separando-os daqueles que não pertencem: os *EX*cluídos (os *OUT*siders). O mesmo processo pode ser reconhecido no contexto da imigração onde o grupo de acolhimento estabelece uma relação de *IN*clusão entre si mesmos e de *EX*clusão relativamente aos outros; os imigrantes e os recém-chegados (*newcomers*), particularmente quando estes pertencem a grupos tradicionalmente discriminados. Como sabemos, o significado do termo “acolhimento” pressupõe uma atitude positiva: *receber com agrado*, definição claramente contraditória ao que acontece na maioria dos processos migratórios onde a discriminação, a xenofobia e a pressão para rejeitar a cultura de origem e abraçar a do país de imigração são o apanágio da aceitação.

Continuando a exploração desta temática, encontramos Berry (1990 *apud* Gois, 2011) a defender a existência de 4 tipos de respostas sociais: (i) *assimilação*; (ii) *segregação*; (iii) *marginalização*; e (iv) *integração*, com as quais identificámos os tempos e percursos de imigração. Para Berry, a *assimilação* representa a imersão total do imigrante na sociedade dominante (ou, *mainstream*). Neste caso, o imigrante adota a língua, a imagem, as formas quotidianas de interação, de pensar e de atuar na comunidade. Em 1997, Berry (1997, 2005) refere que, ao nível dos diversos grupos, há evidência para se apoiar o desenvolvimento de políticas nacionais que, não só não forcem a perda dos

traços culturais (através da assimilação), como também não levem à guetização, isto é, à segregação ou qualquer outra combinação das práticas mencionadas, já que estas conduzirão à marginalização do indivíduo e dos grupos.

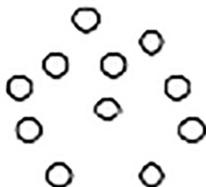
Assim, elegemos observar se os portugueses utilizadores da *Casa* – biblioteca de extensão ao serviço dos portugueses - experienciam uma situação de *IN*cluídos (os *IN*siders) ou de *EX*cluídos (os *OUT*siders), no contexto daquela América do Norte, especificamente na cidade de *New Bedford*, e qual o contributo da *Casa, biblioteca intercultural*, para que se sintam *In*cluídos.

Tendo em conta esta temática, foi imperativo esclarecer os conceitos de biblioteca multicultural e biblioteca intercultural, tal como definidos pela IFLA. Em 2006, o conceito de biblioteca multicultural, ratificado em 2015 através do *Multicultural Library Manifest*, confirma que, este está associado à coexistência e interação de diferentes culturas num mesmo espaço (Leong, 2016). Não podemos, contudo, deixar de questionar de que forma a mera coexistência de diferentes culturas resultará numa real partilha de culturas. Ainda, segundo Leong (2016), este *Manifesto* prevê a criação de serviços cultural e linguisticamente relevantes, adequados e acessíveis no espaço de sociedades culturalmente diversificadas. Tendo em conta estas afirmações, podemos assegurar que o objetivo das bibliotecas públicas, em geral, e da biblioteca multicultural, em particular, é assumirem-se como facilitadoras da *IN*clusão social, conferindo coerência e harmonia à vida dos cidadãos, num mundo cada vez mais complexo.

Por tradição, as bibliotecas públicas têm-se transformado em espaços de “santuário” (*sanctuary*) para todos os que procuram informação, serviços, acolhimento e cultura independentemente do seu género, *raça*, *credo*, convicções políticas, orientações sexuais, educação, condição financeira ou origem. Quanto à biblioteca intercultural, pudemos ver que a sua especificidade se estabelece ao

nível da ação. A biblioteca intercultural constitui-se como uma ponte entre as diversas culturas, estabelecendo ações de reciprocidade e partilha de culturas, oferecendo cursos para aprendizagem das línguas; mantendo acervos em diversas línguas; e oferecendo programação intercultural. Mais do que coexistir, trata-se de conhecer, (re)conhecer e partilhar os espaços da diversidade cultural. Assim, considerando que a *Casa* sustentou ligações de proximidade com a comunidade portuguesa, com as restantes comunidades lusófonas e com a diversidade de comunidades residentes na vizinhança; afirmou tanto o uso da língua portuguesa como da língua inglesa, do crioulo-português, e, quando necessário, da língua espanhola, pudemos partir da hipótese de que ela foi precursora das dinâmicas de acolhimento intercultural.

Multiculturalidade¹¹



Interculturalidade¹²



No nosso estudo, a dimensão espacial refere-se à *Casa* e ao contexto geográfico de Portugal, aos locais de origem dos/as seus/suas

11 Multiculturalismo. The United Church of Canada/L'Église Unie du Canada(2011). *Defining Multicultural, Cross-cultural, and Intercultural*.(multicultural-crosscultural-intercultural.pdf). https://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0ahUKEwjzYell5HaAhVJshQKHRPUBiEQFgggMAA&url=https%3A%2F%2Fwww.researchgate.net%2Fprofile%2FLjubomir_Jacic2%2Fpost%2FWhy_we_named_multiculturalism_in_Europe_interculturalism_in_Quebec_and_cultural_diversity_in_Brazil%2Fattachment%2F59d6466bc49f478072eae6a5%2FAS%3A273834429616132%401442298623252%2Fdownload%2Fmulticultural-crosscultural-intercultural.pdf&usg=AOvVaw1IDnZuUPO79_SP4kfGkhS5

12 Interculturalismo. Idem

utilizadores/as, geográfica e culturalmente diversificados, e, ainda, à área específica de inserção da imigração portuguesa: a cidade de *New Bedford*, em *Massachusetts*, nos EUA.

Já em 1982, Ryan refere a falta de bibliotecas ao serviço da comunidade portuguesa – a *invisible majority* – na cidade de *Fall River* e outras cidades da região é referida. A escolha da expressão *invisible majority* para definir a comunidade imigrante portuguesa daquela região não é desprovida de sentido, tendo em conta que, em 1973, M. Estellie Smith, autora de *Portuguese Enclaves: The Invisible Minority* identifica a comunidade portuguesa como (uma minoria) invisível. Ryan (1982) considera que os portugueses não serão uma *minority* (minoría) mas sim uma *majority* (maioría) da população local que permanece invisível. Perguntar-nos-emos: *Porquê uma maioria invisível e não minoria invisível?* A resposta encontra-se no facto constatado por Ryan (1982) e por uma vasta camada de autores – dos quais destacamos Almeida, Sá Pereira, e Feldman-Bianco – de que apesar de os portugueses, nos anos 1960 a 1980, constituírem uma *maioria* étnica nas cidades de *New Bedford* (65%), *Fall River* (65%), e, ainda *Taunton* (50%) e em outras cidades do Sudeste de *Massachusetts* (Ryan, 1982), eram uma população cujo impacto político, cultural e social em nada era proporcional à sua presença. Esta *maioria/minoria* tornou-se *invisível* por não ter conseguido alcançar a representação política e a participação democrática que desse a esta maioria local/minoria nacional a garantia plena de cidadania. Deste modo, até então, não tinha havido da parte dos governos locais, responsáveis pelas dinâmicas de apoio educacional, social, político e cultural, qualquer preocupação em direcionar-lhes serviços. No contexto das inferências de Ryan (1982), analisámos o percurso da *Casa* enquanto *biblioteca pública intercultural* - estrutura única - facilitadora do acesso à informação, criada com o fim específico de servir e apoiar os/as imigrantes portugueses/as na sua busca pela aprendizagem da língua inglesa, da cultura e da história americana

ou, pura e naturalmente, pela busca de um ponto de contacto com a língua e a cultura do(s) país(es) de origem.

Com base numa análise pluri-epistemológica, à luz dos pensamentos de Freire (1987), a *pedagogia do oprimido*¹³; Haraway (1995), *os saberes localizados*; Grosfoguel (2007), especificamente, *o racismo epistémico*; Jara Holliday (2006), *os conhecimentos experienciados*; e Santos (2011) a *ecologia dos saberes*, analisámos a *Casa* numa perspectiva de fuga ao papel tradicional, de mero local de empréstimo de livros e avaliamos até que ponto as suas intervenções, programas e serviços foram pensados para a facilitação da *INclusão* dos seus utilizadores. Estes aspetos levaram a que formulássemos a seguinte pergunta de investigação:

“Terá a *Casa* funcionado como elemento facilitador da *INclusão* dos imigrantes portugueses na conjuntura migratória no contexto espacial considerado?”

Os aspetos acima referidos e a pergunta de investigação levaram-nos aos **objetivos** seguintes:

1. Investigar e analisar se a *Casa – biblioteca intercultural* – se constituiu como meio facilitador da *INclusão* dos/as imigrantes portu-

13 À altura das grandes vagas de imigração a imagem dos portugueses como povo é de total marginalização e estigmatização. De esclarecer que partimos do pressuposto de que os portugueses embora sendo uma população europeia, que tendo tido no seu passado um império, se encontravam no Sul do Norte hegemónico onde as suas epistemologias não eram reconhecidas perante as sociedades dominantes de origem europeia também imigrantes nos EUA (Inglesa, Alemã e Francesa) para quem os portugueses apresentavam formas de estar inaceitáveis. Tal como visto em Grosfoguel “se considera «occidente» como la única tradición de pensamiento legítima capaz de producir conocimiento y como la única con acceso a la «universalidad», la «racionalidad» y la «verdad» (2008a, p. 343).

ses/as seus/suas utilizadores/as¹⁴, no espaço da imigração; a cidade de *New Bedford, Massachusetts*, Costa Leste dos EUA.

2. Analisar até que ponto a *Casa – biblioteca intercultural* – se constituiu num reduto de afirmação cultural da comunidade de imigrantes portugueses. [Isto é, poderá a *Casa* ter-se distanciado da missão que lhe foi atribuída pela *NBFPL*, tendo-se transformado num meio de afirmação e dinamização da língua e cultura portuguesas no espaço Newbedfordiano?]

Embora não sendo o foco do nosso estudo, nem tão-pouco um dos nossos objetivos, com base nos dados obtidos, tecemos considerações sucintas sobre se a *Casa* também poderá ter funcionado como um meio de guetização dos imigrantes portugueses, seus utilizadores, questão esta levantada por algumas das pessoas antagónicas ao projeto *Casa*. Tal opção prende-se com o facto desta questão se encontrar implicitamente imbricada nos objetivos deste estudo.

Para atender aos objetivos enunciados, optámos por uma metodologia maioritariamente de âmbito qualitativo que se ramificou em vários segmentos: primeiro, uma revisão sistemática¹⁵ de literatura e uma revisão narrativa¹⁶ de literatura para contextualizar e

14 Doravante usaremos os termos *comunidade portuguesa e/ou imigrantes portugueses*. Esclarecemos que esta alteração se deve apenas ao facto de pretendermos facilitar o processo de leitura e não reflete uma renúncia à linguagem inclusiva, nem um desrespeito pelas questões de identidade ou identificação de género.

15 A Revisão sistemática (RS) é um modelo de revisão que usa métodos rigorosos e explícitos para identificar, selecionar, coletar dados, analisar e descrever as contribuições relevantes à sua pesquisa. Quando a RS utiliza análise estatística, essas revisões são chamadas de Meta-análise. (CORDEIRO et al., 2007 *apud* Alves et al., Universidade Federal de Santa Catarina. Biblioteca Universitária Programa de capacitação (Maio de 2011). Acedido 10 de Maio de 2017 disponível em: <http://www.bu.ufsc.br/design/ModuloAvancadoPesquisaIntegrativa2011oficial.pdf>

16 Revisão narrativa - “Quando comparada à revisão sistemática, a revisão narrativa ou tradicional apresenta uma temática mais aberta; dificilmente parte de uma questão de pesquisa bem definida, não exigindo um protocolo rígido para sua confecção; a busca das fontes não é pré-determinada, sendo frequentemente menos abrangente. A seleção dos artigos é arbitrária, provendo o autor de informações sujeitas a viés de seleção, com grande interferência da percepção subjetiva.” (CORDEIRO,

problematizar o objeto de estudo; Em segundo lugar, para sustentar a parte de natureza empírica, optámos por um *estudo de caso*¹⁷, dada a complexidade da realidade estudada, marcada por fatores tão diferenciados como a diversidade de origem geográfica dos imigrantes portugueses, os diversos níveis de escolaridade, a desigualdade dos níveis socioeconómicos e a diversidade de motivações para as sucessivas vagas de emigração. Além de ser difícil determinar variáveis que os pudessem mensurar, o objetivo do estudo que aqui se apresentou, pretendia apenas evidenciar uma realidade, interpretá-la e compreendê-la de modo a que este entendimento se pudesse generalizar, o mais possível e, como tal, estendê-lo a outros casos análogos.

O desenho metodológico, no que respeita à revisão de literatura, realiza-se em dois segmentos: uma revisão sistemática da literatura - onde foram privilegiadas obras específicas, centradas nas questões relativas à situação das populações oprimidas, estigmatizadas e marginalizadas, e o tema da imigração portuguesa onde foram selecionados - obedecendo a um critério cronológico (à exceção de Cardozo, 1976, por a sua obra ser já uma cronologia da presença portuguesa nos EUA) - autores-chave estudiosos da imigração portuguesa, o que nos permitiu aprofundar o conhecimento sobre a forma como os portugueses foram percebidos, possibilitando, deste modo, uma reflexão sobre as representações da comunidade portuguesa; o que ficou na memória ao longo do seu percurso histórico naquela região¹⁸ e qual a sua postura perante um universo que lhes foi hostil, como pudemos ver ao longo do nosso estudo. Para este propósito,

2007, p. 429 *apud* Alves et al., Universidade Federal de Santa Catarina. Biblioteca Universitária Programa de capacitação. Acedido 10 de Maio de 2017 disponível em: <http://www.bu.ufsc.br/design/ModuloAvancadoPesquisaIntegrativa2011oficial.pdf>

17 Estudo de caso - é investigação empírica que pesquisa um fenómeno contemporâneo dentro do seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenómeno e o contexto não estão claramente definidos (Yin, 2009, p.32)

18 Estado de Massachusetts, Estados Unidos da América.

analisámos autores, tais como: Taft, Donald R. (1923); Tavares, Belmira E. (1973); Rogers, Francis M. (1974 e 1979); Wolforth, Sandra Knight (1976); Pap, Leo (1981); Ryan, K. E. (1982); Almeida, Onésimo T. (1987); Feldman-Bianco, Bela (1996); Capinha, Graça e Keating, Clara (1997), assim como alguns dos títulos mais pertinentes da *Série Portuguese in the Americas* (Frank Sousa, ed.), entre outros e outras.

Continuando o enquadramento teórico, procedemos a uma revisão narrativa de literatura, pelo facto de as questões relacionadas abordadas, tais como: a *EX*clusão e *IN*clusão social; as bibliotecas públicas e sua função perante a sociedade; serem temas transversais a qualquer sociedade. Como tal, houve a premência em consultar uma diversidade de autores de diferentes nacionalidades. Também foi necessário analisar a presença da *Biblioteca Casa da Saudade* em obras cuja abrangência incluía histórias de vida dos imigrantes portugueses; a comunidade imigrante portuguesa no seu todo; e as respetivas instituições.

Para o estado-da-arte foram consultados vários catálogos bibliográficos onde fizemos múltiplas pesquisas¹⁹ usando a língua inglesa, portuguesa e espanhola, utilizando as palavras-chave: *portuguese and libraries; imigrantes portugueses e bibliotecas; e inmigrantes portugueses y bibliotecas*. Deste modo, foram consultados os catálogos bibliográficos de Universidades (Salamanca, Coimbra), a *Biblioteca Nacional de Portugal*, o *Sistema Integrado de Bibliotecas SAILS*, as bases de dados da *Biblioteca do Conhecimento Online* (B-On), repositórios

19 Detalhes destas pesquisas surgem no capítulo 6 e resultam das buscas nos catálogos seguintes:

Library of Congress Online Catalog: <https://catalog.loc.gov/vwebv/searchBrowse>;

Boston Public Library Online Catalog. <http://www.bpl.org/>;

Catálogo da Universidad de Salamanca. http://brumario.usal.es/search~S1*spi;

Biblioteca Nacional de Portugal. www.bnp.pt;

Biblioteca do conhecimento Online (B-On). www.b-on.pt (EBSCO Host);

National Digital Library of Theses and Dissertations. <http://www.ndltd.org/resources>;

SAILS Library Network. <https://www.sailsinc.org/catalog/>

diversos tal como mostramos em rodapé, e, ainda, o *Youtube*²⁰ e o *Facebook*²¹. Consultámos também os Arquivos da *New Bedford Free Public Library* e os periódicos locais: *Portuguese Times*²² e *O Jornal de Fall River*.

De um modo geral, pode dizer-se que a bibliografia foi bastante diversificada, incluindo autores norte-americanos, latino-americanos, espanhóis, franceses, portugueses e luso-americanos. Podemos dizer que a mais usada foi em língua inglesa e que os formatos das fontes foram diversos, ou seja, livros, *sites*, publicações periódicas; revistas, vídeo, digital, redes sociais, vídeo-documentários, etc.

Investigámos o contexto da imigração portuguesa em *New Bedford* e nos EUA. Durante décadas, a comunidade portuguesa radicada no Sudeste de *Massachusetts* foi discriminada, oprimida e sujeita à situação de subalterna, sofrendo a imposição dos paradigmas hegemónicos norte-americanos como se poderá notar nos vários estudos sobre imigração que retratam a segregação social, o estigma, a discriminação étnica, linguística e cultural.

Para um enquadramento teórico do contexto opressor, situado, experienciado na imigração, usámos como aporte teórico o conhecimento abordado na “pedagogia do oprimido”, de Paulo Freire (1987); Ramón Grosfoguel (2007), especificamente, no que concerne ao “racismo epistémico”; Donna Haraway (1995) no que toca aos “conhecimentos situados”; Oscar Jara Holliday (2006), e a relevância dos “conhecimentos experienciados”; e Santos (2004, 2014) e a pertinência da “ecologia dos saberes”, teorias de conhecimento científico que se aplicam ao contexto da imigração portuguesa (e outras) à situação de uma sociedade opressora, incapaz de reconhecer os saberes da sociedade intercultural que a rodeia.

20 YouTube: www.youtube.com

21 Facebook: <https://www.facebook.com/newbedfordcasa/>

22 Portuguese Times: <http://www.portuguesetimes.com/>

Pela sua relevância relativamente ao objeto de estudo, estudámos as questões da emigração portuguesa para os EUA, especificamente para a cidade de *New Bedford* e cidades limítrofes tais como: *Fall River, Taunton, Fairhaven*, entre outras, no Estado de *Massachusetts*. Analisámos a contribuição dos imigrantes portugueses e as percepções dos “americanizadores” sobre os mesmos, ao longo de diversos períodos de emigração.

Ainda para enquadramento teórico, partilhamos uns breves apontamentos históricos sobre os povos indígenas nativos norte-americanos e a chegada dos *pilgrims*²³ à região de *Massachusetts*. Abordámos a chegada dos portugueses com a indústria baleeira e durante a era industrial, e, dentro dessa história; tratámos o posicionamento da língua portuguesa nos EUA, ao nível do ensino secundário e superior, e a posição dos imigrantes portugueses em termos de conhecimento da língua inglesa e, ainda, a sua situação social e educacional.

Continuando a sequência das temáticas abordadas, trabalhamos os temas da *EXclusão/INclusão*. Tecemos considerações sobre se os imigrantes portugueses se poderão considerar *INSiders ou OUTsiders (INcluídos ou EXcluídos)*²⁴. À luz dos conceitos de *INclusão* e *EXclusão*, explorámos a temática dos *OUTsiders*, ou *underserved*²⁵, no contexto das bibliotecas em comunidades de imigrantes, por oposição aos *INSiders*, isto é; os americanos. Exploramos ainda as teorias da etnicidade, identidade e identidade coletiva, exclusão e inclusão, relevantes para a compreensão da permanência do grupo nos EUA.

Delineámos uma breve história dos momentos impulsionadores das bibliotecas públicas e o seu rumo, e a leitura pública em Portugal,

23 Pilgrims – Colonos chegados aos EUA em 1620. Eram puritanos (calvinistas britânicos) que fugiam do clima de guerra e perseguição instaurado na Inglaterra no início do século XVII.

24 *INSiders ou OUTsiders (INcluídos ou EXcluídos)* – Grafismos nossos

25 Não contemplados com serviços públicos disponíveis para os grupos mainstream.

de forma a estabelecermos o padrão de conhecimento e utilização das mesmas por parte dos imigrantes portugueses. Fizemos um breve trajeto pela temática do multiculturalismo.

Para dar continuidade à última das nossas temáticas de enquadramento teórico, observamos o papel da biblioteca pública como multicultural. Antedizemos, contudo, que no nosso entender a biblioteca ao serviço da imigração deverá ser sempre intercultural²⁶. À luz do pensamento de Santos (2004), o conceito de multiculturalismo pode gerar alguns equívocos. Se tivermos em conta que o multiculturalismo se desenvolve em situação eurocêntrica, apolítica, descritiva, iludindo as questões das relações de poder, da exploração, das desigualdades e da exclusão, podemos inferir que as sociedades são, de facto, multiculturais e não interculturais e que o multiculturalismo tem assumido uma forma meramente descritiva (Santos, 2004). O multiculturalismo tem sido manipulado de forma a apresentar-se como uma mera reprodução do “eurocentrismo e ocidentocentrismo e, muitas vezes, assume a forma de racismo. Para além disso, designa também a existência de múltiplas culturas num contexto transnacional e global” (Santos, 2004), facto que segundo (Tavares, 2013, p. 2) é inegável.

Observamos que, embora a interculturalidade parta do pressuposto da multiculturalidade, os seus horizontes são mais amplos e mais dinâmicos, dado que apontam para “um diálogo frutífero e crítico entre as diferentes tradições culturais e paradigmas civilizatórios” (Tavares, 2013, p.77). Neste capítulo, seguimos o caminho da *New Bedford Free Public Library* e das suas bibliotecas de extensão; e a história do aparecimento da *Casa: os seus INs e OUTs* e, ainda, o uso das novas tecnologias e o seu impacto no contexto dos utilizadores portugueses da *Casa*.

26 *Observatorio de Diversidad Cultural e Interculturalidad*. Acedido em 20 de abril, 2017. Disponível em: http://www.iesalc.unesco.org.ve/index.php?option=com_content&view=article&id=2474&Itemid=642&lang=es

Na parte II do nosso trabalho apresentámos a estratégias metodológicas, e partimos da hipótese de que a *Casa*, como o espaço privilegiado de acolhimento dos imigrantes portugueses, poderá, ao longo do seu percurso, ter funcionado como facilitadora da *INclusão* dos imigrantes portugueses, mas também ponderámos a hipótese de a *Casa* poder ter-se desviado da missão de apenas e só facilitadora da integração dos seus utilizadores na comunidade Newbedfordiana/Norte-Americana, e ter-se afirmado culturalmente dentro do referido espaço. Apresentamos uma breve história de um percurso e de um projeto; o objetivo geral e os objetivos específicos do nosso projeto; a metodologia e as técnicas utilizadas: O inquérito; as entrevistas; os procedimentos (processos de recolha de dados, os contactos prévios); a caracterização sociológica dos entrevistados e o problema: A Casa funcionou como espaço de *INclusão*? Ou de afirmação da língua e cultura portuguesas na região? Ou ambos?

De que forma a Casa funcionou como a ponte entre as coisas: objetos, história/estórias e rituais; as diversas culturas da imigração de língua portuguesa e as outras culturas representadas na comunidade de acolhimento, particularmente marcada pela receção de imigrantes originários de múltiplos espaços geográficos e linguísticos?

Por fim, apresentámos os dados coletados através do *Inquérito*; de entrevistas não estruturadas, transformadas em “Momentos à conversa com...” algumas pessoas chave da comunidade e a análise de fontes documentais da instituição. Apresentamos também, de forma resumida, os resultados da consulta de algumas fontes documentais (relatórios anuais, notícias sobre a *Casa*, etc.); as coleções, as estatísticas de utilização, os projetos para crianças, jovens, adultos e adultos mais velhos, e uma breve contextualização da relação da *Casa* com os *media* locais, particularmente, na *Rádio WJFD-FM*, nos jornais *Portuguese Times* e *O Jornal*, e na *Televisão: Channel 20* e, ainda, a sua presença na *Internet* e nas redes sociais.

Um exemplo importante de como as bibliotecas desempenham um papel importante na vida das pessoas, a Casa da Saudade, inaugurada no dia 25 de abril de 1971, rapidamente se tornou o coração e a alma da comunidade imigrante e da vida cultural de língua portuguesa (Sylvia, s.d.). O dia 25 de abril, data da sua inauguração, tornou-se numa data premonitória, porque ficou para sempre associada à data da Revolução dos Cravos que pôs fim a 48 anos ditadura em Portugal. Assim como Portugal ganhou liberdade de expressão naquela data, os imigrantes de língua portuguesa, através da Casa da Saudade, conquistaram o direito a aprender inglês, aprender a história americana nos cursos de cidadania, completar o *Adult Basic Education*²⁷ (ABE) ou o *General Equivalency Diploma* (GED)²⁸; Aprender a ler e escrever em inglês ou, simplesmente; A ler no seu próprio idioma, num ambiente que lhes deu a segurança de um lar. Os antigos atores intervenientes nos muitos cenários da existência da Casa da Saudade, afirmam que a comunidade deve manter-se, constantemente, ciente da relevância de tal conquista. No início da década de 1970, centenas de pessoas conscientes de seus direitos sociais manifestaram-se em frente à Câmara Municipal de New Bedford para ganharem o direito a criar sua própria biblioteca; não um pequeno espaço numa biblioteca central, nem apenas uma meia dúzia de livros numa estante, num canto qualquer da biblioteca principal. Em vez disso, manifestando o desejo de poderem aceder ao conhecimento na sua própria língua, a comunidade exigiu o direito a uma biblioteca própria, que viria a

27 Os programas ABE, geralmente, são projetados para adultos que leem abaixo do nível do 9º ano. Além de capacidades básicas de leitura e escrita, estes programas geralmente ajudam os alunos a adquirir capacidades vocacionais; Alguns oferecem cursos que conduzem a um certificado semelhante a uma escola profissional. Em certos lugares, os alunos da ABE têm a opção de obter um diploma do ensino médio, completando um certo número de créditos que lhes permite ingressar no programa de GED.

28 O GED é uma série de testes padronizados que se concentram em diferentes áreas do currículo do ensino médio que poderá incluir leitura, escrita, estudos sociais, ciência e matemática. Os programas de GED, geralmente, preparam estudantes cujos níveis de leitura são o nono ou superior para passar os exames GED.

preencher múltiplos papéis na comunidade de língua portuguesa. Assim, ao longo dos seus 46 anos de existência, a *Casa* tornou-se:

Uma biblioteca pública, através de um acervo de carácter geral em língua portuguesa e língua inglesa; orientada para os utilizadores/as que pretendem ler, em português ou em inglês, sobre Portugal e os portugueses ou sobre a América (EUA) e os americanos.

Um centro informativo, através da promoção e apresentação de formações para a obtenção da cidadania americana; *workshops* sobre saúde, justiça, imigração ou oportunidades educacionais, match-makings, etc.

Um centro de atividades comunitárias, através de um vínculo com as escolas locais, com a Escola Oficial Portuguesa da Casa da Saudade oferecendo horas do conto, em português e em inglês, e atividades culturais voltadas para as diversas faixas etárias.

Um centro de apoio educacional, através de um pequeno centro de informática disponível para todos, gratuitamente, e uma coleção geral voltada para as necessidades de todos aqueles cujas necessidades de informação se relacionam com o seu trabalho e projetos escolares.

Um centro de apoio à investigação e pesquisa, através de uma coleção especial, em português e em inglês, disponível para todos os que podem procurar informações sobre os países portugueses ou de expressão portuguesa tais como: Cabo Verde, Brasil, Angola, Moçambique, Timor-Lorosae, S. Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau, etc. (Carvalho, 2017)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos foram os motivos que levaram os portugueses a “abandonar” o seu país²⁹ entre os quais podemos destacar: condições sociais e económicas precárias, guerra colonial e descontentamento político, entre outros. Se a continuidade em Portugal previa um futuro incerto, a permanência nos Estados Unidos (EUA) adivinhava a sujeição a preconceitos e a atitudes discriminatórias e marginalizantes. Estes fatores associados ao analfabetismo dos portugueses dificultaram a aprendizagem da língua inglesa reforçaram os impeditivos à *INclusão* na sociedade de acolhimento. Debatido política e socialmente, ao longo dos 42 anos (em 2013) de existência, o papel da Biblioteca *Casa da Saudade* na *INclusão* dos portugueses norteou os nossos objetivos. Assim, consideramos que estas atitudes levaram os norte-americanos a exercer sobre os imigrantes portugueses juízos de valor negativos, opressão e discriminação, tal como haviam exercido, anteriormente sobre as populações indígenas e sobre outros grupos de imigrantes tais como: irlandeses; italianos; franceses da província do Quebeque, Canadá; etc. Por outro lado, os imigrantes portugueses, para além de se sentirem discriminados e oprimidos, tomaram consciência de que o seu conhecimento era desvalorizado, dando origem a uma situação de racismo que, demonstrada por atitudes étnico-racistas discriminatórias, destruía a possibilidade de aceitação do contributo do conhecimento trazido por eles, dando origem a uma situação de vulnerabilidade perpetrada na forma de racismo epistémico (Grosfoguel, 2007).

A nossa pesquisa levou-nos à conclusão de que as bibliotecas públicas, ao serviço de populações diferenciadas, se propõem a exercer uma dinâmica intercultural, ajudando a estabelecer laços de pertença e a estimular posições de *INclusão* social através de

29 Portugal Continental, e a Região Autónoma da Madeira e a Região Autónoma dos Açores.

atitudes de afirmação da dignidade e do valor de todas as pessoas, independentemente da sua raça, etnia, credo, género, linguagem ou condição social ou física. Através de estratégias que incentivam a participação de diversos grupos, as bibliotecas públicas interculturais criam o espaço para manter e reforçar os princípios da igualdade de acesso, estabelecendo assim o caminho para a *IN*clusão.

Instituições como a *Casa* - uma instituição apoiada por financiamento público norte-americano e criada para atender a uma comunidade imigrante portuguesa, orientada para uma maior diversidade de serviços que vão além da cultura dos livros e da leitura pública - desempenham um papel fundamental nos processos de inclusão das comunidades. As estratégias de defesa dos direitos dos portugueses, reivindicadas e habilmente organizadas, levaram ao reforço da identidade portuguesa, o que não seria possível sem o apoio de outras instituições públicas, tais como: escolas, universidades, bibliotecas, serviços sociais e serviços públicos.

Assim, consideramos que à *Casa* foi confiado não só o papel de facilitadora do acesso às coleções, mas também o papel de centro de alfabetização, educação e desenvolvimento e extensão cultural, e parceira em múltiplos projetos comunitários cumprindo as missões relativas à sua função de biblioteca pública, como definidas pela IFLA.

Reiterando o que tínhamos anteriormente afirmado, concluímos que as funções da *Casa* derivam da escolha de um curso de ação que levou à eliminação de barreiras, ao desafio contra o comportamento xenófobo e à afirmação contra atitudes discriminatórias para que houvesse e haja espaço para *IN*clusão social dos portugueses. Os aspetos mais importantes das funções de uma biblioteca que serve as populações excluídas, que necessitam de serviço são: a compreensão e participação nas comunidades a que servem; a quebra das barreiras sociais e o desafio aos comportamentos discriminatórios e xenóforos; aplicação e avaliação de políticas públicas, de procedimentos

e programas inclusivos; e a facilitação do acesso equitativo a todos aqueles que a utilizam, ou que podem ser potenciais utilizadores.

Concluimos que neste processo a *Casa* estabeleceu relações e reforçou as relações existentes com os grupos de imigrantes recém-chegados de países onde a língua portuguesa está estabelecida; crianças; jovens; adultos e adultos mais velhos, sem atividade profissional ou indivíduos em espaços confinados; pessoas economicamente debilitadas, especialmente em cooperação com o Immigrants Assistance Center (IAC), também remetendo para a NBFPL – Central Library onde há programas específicos de cariz social e educacional; residentes na área da biblioteca, em geral; outros grupos étnicos residentes na vizinhança; e os usuários de outras regiões que ali se deslocam para desfrutar das coleções, dos serviços e dos seus programas educacionais e culturais.

Ao longo de nossa pesquisa mantivemos em mente a visão de conhecimento experienciado pelos portugueses no mundo da imigração e analisámos esse conhecimento de acordo com a proposta de Jara Holliday (2007) que afirma que - tal como os processos históricos e sociais - as experiências são alteradas e permanecem em constante movimento. As experiências são processos complexos envolvendo uma série de fatores objetivos e subjetivos que estão interligados (Jara Holliday 2007) e dependem de diferentes fatores:

1. “As condições de contexto ou de momento histórico em que se desenvolvem” (Jara Holliday, 2007); e tendo considerado os momentos históricos da chegada dos portugueses e o percurso da comunidade relativamente às questões de defesa da dignidade da língua e da cultura portuguesa, particularmente no apoio à *Casa*, concluimos que existiram *situações particulares que as tornaram possíveis* tais como; os movimentos sociais norte-americanos que permitiram a afirmação dos grupos vulneráveis, com base nos quais a comunidade portuguesa reforça as suas demandas;

2. *Acções (sic) intencionais que são realizadas com determinados objectivos (sic)* (Jara Holliday, 2007); e concluímos que as acções não intencionais, que deram respostas às situações, foram criadas pela negação do direito à sua própria biblioteca, ou seja, as acções foram de resposta à postura dos decisores políticos quando estes se preparavam para negar à comunidade portuguesa o direito à sua biblioteca;

3. *Reacções (sic) geradas a partir das acções (sic)* (Jara Holliday 2007); e concluímos que as acções organizadas e realizadas pelos imigrantes portugueses foram possíveis graças ao apoio dos *media* locais e o apoio de destacados elementos da comunidade portuguesa, tais como vereadores e o próprio Director da New Bedford Free Public Library;

4. *Resultados esperados ou não esperados que vão surgindo* (Jara Holliday, 2007); e concluímos que os resultados, isto é, a criação da Biblioteca Casa da Saudade e do Centro de Assistência ao Imigrante levou ao fortalecimento da posição da comunidade e reforçaram a presença da língua e da cultura portuguesa;

5. *Percepções (sic), interpretações, intuições e emoções dos homens e das mulheres intervenientes* (Jara Holliday, 2007); e concluímos que a postura dos nossos inquiridos, alguns deles intervenientes no processo de criação da *Casa*, denotou um forte sentido de esforço coletivo; Uma clara noção da mais-valia de uma biblioteca em língua portuguesa. Assim, as interpretações, intuições e emoções revelam-se através das palavras dos nossos inquiridos partilhadas durante os nossos encontros; e

6. *Relações que se estabelecem entre os sujeitos das experiências* (Jara Holliday, 2007). As experiências são processos vitais e únicos e expressam uma enorme riqueza. Assim, concluímos que, para muitos

dos inquiridos, a *Casa* tem um valor incomensurável, particularmente porque este espaço é o único, e lhes permitiu, durante muitos anos, o contacto com as raízes portuguesas, através do acesso ao acervo, à leitura, à cultura e ao convívio social.

Reverendo as percepções, interpretações, intuições e emoções dos homens e das mulheres intervenientes no nosso estudo, concluímos ser melhor partilhar as palavras usadas pelos mesmos, quando referem de que forma a *Casa* facilitou a sua *IN*clusão no espaço dos EUA. Assim, quando questionados sobre os seus sentimentos relativamente à *Casa*, muitos e muitas falam das memórias da sua juventude e de como a *Casa* funcionou como um porto seguro para encontros com amigos depois da escola; outros comentam como tinham uma sensação de proteção (referindo a figura mãe da Dineia Sylvia, funcionária desde a inauguração em 1971 até 2003, altura em que faleceu) e como se sentiam bem-vindos sempre que necessitavam de estudar, obter informações ou, simplesmente procurar refúgio da rua. Há ainda aqueles que falam do papel da *Casa*, importante para eles como um lugar de encontros diversos, incluindo amizades duradoras e, até, alguns *matchmakings*.

Outra relação a reter destes testemunhos vai no sentido de definir a *Casa* como um lugar de encontros entre várias gerações de imigrantes portugueses com a língua portuguesa e a língua inglesa, assim como o facto de inculcar e perpetuar um sentimento de ser português. Este vínculo, que no caso, nada tem a ver com a sua noção jurídica, prima pela originalidade, na medida em que se constrói a partir da partilha da língua e das culturas de língua portuguesa, ela própria caracterizada por uma história de interculturalidade, com a sociedade norte-americana, que funciona de elo de ligação entre as muitas faces do ser-se norte-americano. Nada melhor para manifestar este sentimento híbrido, porém genuíno, do que reconhecer o contributo das opiniões dos nossos inquiridos.

Com o propósito de melhor expressar o sentimento de reconhecimento que os imigrantes têm pela *Casa* e a forma como esta lhes facilitou a *INclusão* nos EUA, passo a transcrever alguns comentários, que não são mais do que um testemunho verídico e sentido daqueles que a frequentaram ou, que a frequentam, e para quem esta teve um papel importante e uma influência primordial.

Muitos explicaram que a *Casa* os ajudou na aprendizagem da língua inglesa, na obtenção da cidadania americana, dando-lhes acesso aos livros e á cultura, na compreensão do novo mundo da imigração e na manutenção do contacto com cultura portuguesa, enquanto tomavam conhecimento sobre a cultura americana. Outros afirmaram com maior especificidade que a *Casa* os ajudou no processo de *INclusão*:

“Porque deu-me o direito de me tornar uma cidadã americana, a ter mais facilidade de acesso a melhor educação e mais facilidade de inclusão como profissional já que o meu primeiro emprego foi como “Page” (auxiliar em part-time) na Casa da Saudade.”

“Através do conhecimento de pessoas que orientaram o meu futuro. Fui exposta a novo contactos que me ajudaram nos meus estudos e novos empregos. Fez-me sentir orgulho de ser portuguesa”.

“Deu-me informação sobre questões educacionais e culturais que permitiram uma inclusão mais fácil”.

“Na Casa da Saudade a programação, recursos e funcionários ofereceram o apoio que eu precisava, como jovem imigrante portuguesa à procura de orientação no trabalho, na escola e para a minha inclusão, em geral. A Casa da Saudade foi um espaço muito positivo para mim pessoalmente e profissionalmente ajudando-me com a minha autoestima e dando-me orgulho da minha cultura. Foi uma época muito positiva. Em

especial, os funcionários da minha juventude eram pessoas que se orgulhavam de serem portugueses/da língua portuguesa e compartilhavam isso com os utentes. Estes funcionários conheciam as necessidades dos utentes e respondiam às suas necessidades”.

Podemos afirmar que a *Casa* está, geográfica e culturalmente, num espaço que lhe permitiu reivindicação cultural, centrando-se no fortalecimento e na revitalização cultural portuguesa e das culturas de vizinhança, garantindo a ponte intercultural entre dos diversos grupos étnicos (Tinoco Carrillo, 2010, p. 8). Neste contexto, concluímos que a *Casa* soube reconhecer, representar e partilhar as tradições e estabelecer os diálogos interculturais, de forma a propiciar a *IN*clusão social e a valorização da diversidade cultural, tal como propõe (Tinoco Carrillo, 2010), produzindo a emancipação e a tomada de consciência dos imigrantes, marcados pela discriminação e a dependência do opressor, a fim de se resgatar como ser livre, autor e sujeito da sua própria história (Freire, 1987).

A verdade é que, enquanto escrevemos, em 2018, assistimos a um momento social e político de investida anti-imigrante, que só não é único porque, no passado os EUA tiveram já outras versões que poderão ser objeto de estudo noutros espaços académicos. Esta investida vai contra as pessoas, as instituições, os grupos étnicos, *os credos*, *as* convicções políticas, as orientações sexuais, a educação e, sobretudo, a religião e origem dos povos. Numa América construída com base nos princípios de igualdade mas sem prática dos mesmos, esta postura não representa nada de novo... A ferocidade com que atualmente se ataca as comunidades imigrantes (há séculos contribuintes para o desenvolvimento económico, cultural e social do país), reveste-se de contornos discriminatórios e xenófobos extremistas, surgindo, no seio da comunidade portuguesa, a dúvida sobre a vontade de ficar nos EUA ou, ainda, de escolher os EUA como destino de imigração. Ficamos em alerta,

observando e, quiçá, aguardando pela possibilidade de um estudo futuro sobre a sobrevivência e a permanência dos espaços interculturais – como a Biblioteca Casa da Saudade - no contexto desta “ ‘New’ América”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alvino-Borba, A., & Mata-Lima, H. (2011). Exclusão e inclusão social nas sociedades modernas : um olhar sobre a situação em Portugal e na União Europeia. In : *Serviço Social & Sociedade*, (106), 219-240. Acedido 21 de Maio, 2016, em : <https://dx.doi.org/10.1590/S0101-66282011000200003>
- Almeida, O.T. (2008). Comunidades portuguesas nos Estados Unidos : Identidade, Assimilação, Aculturação. In : Matos, A. T. de & Lages, M. F. (Coords) (2008). *Portugal : percursos de interculturalidade*. 4.º v. : Desafios à Identidade. Isabel Capelo Gil... [et al.]. Cap. VIII. Lisboa : Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI, I.P.). Acedido a 1 de novembro, 2016, em : http://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/182327/4_PI_indice.pdf/5e88eaba-1a4f-44c0-b31b-dbb5205e8f37
- (1987). *L(USA)lândia : a décima ilha*. Angra do Heroísmo, Açores : Secretaria Regional dos Assuntos Sociais. Acedido a 1 de novembro, 2016, em : <http://research.brown.edu/pdf/1143144017.pdf?nocache=110311562>
- (2013). Manoel da Silveira Cardozo (1911-1985) – Um historiador picoense nos Estados Unidos. *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, 22 : 123-136. Acedido a 20 de Novembro de 2016. Disponível em : <http://www.nch.pt/biblioteca-virtual/bol-nch22/bol-NCH22-125.pdf>
- Aneas, M. A., & Sandín, M. P. (2009). Intercultural and Cross-Cultural Communication Research : Some Reflections about Culture and Qualitative Methods [57 paragraphs]. *Forum Qualitative Sozialforschung / Forum : Qualitative Social Research*, 10(1), Art. 51. Acedido a 1 de novembro, 2016, em : <http://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/1251/2738>
- Baganha, M. I. (1990). *Portuguese emigration to the United States : 1820-1930*. New York : Garland Publishing, 1990. 421 p : il. Série : European Immigrants and American Society.
- Baganha, M.I. & Gois, P. (1999). Migrações internacionais de e para Portugal : o que sabemos e para donde vamos? In *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 52/53, Novembro de 1998 a Fevereiro de 1999. Coimbra : Centro de Estudos Sociais. Acedido a 1 de Outubro, 2016, em : <http://www.ces.uc.pt/rccs/index.php?id=676>

- Bammer, A. (1994). *Displacements : Cultural identities in question*. Bloomington : Indiana University Press. 286 p.
- Barrow, C. W. (2002). *Portuguese-Americans and Contemporary Civic Culture in Massachusetts*. Dartmouth, MA : University of Massachusetts Dartmouth, Centre for Portuguese Studies and Culture. (Portuguese in the Americas Series, 1).
- Berry, J. W. (1997). Immigration, Acculturation and Adaptation. In : *Applied Psychology : An International Review*, 1997.46 (1). Pp.5-68. Kingston, Ontario, Canada : Queen's University. Acedido a 1 de Outubro, 2016, em : <http://www.ucd.ie/mcri/resources/Dermot%20Ryan%20Reading.pdf>
- (2005). Acculturation : Living successfully in two cultures. In : *International Journal of Intercultural Relations*, 29 (2005) 697–712. Kingston, Ontario, Canada : Queen's University. Acedido em 4 Janeiro, 2016, em : <https://isites.harvard.edu/fs/docs/icb.topic551691.files/Berry.pdf>
- Capinha, G., Coord., e Keating, C. (1997). *Emigração e identidade (Relatório de Investigaçã)*. Coimbra : Centro de Estudos Sociais, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.
- Carvalho, M. J. P. F. (2017). Casa is much more than a branch. *Herald News/ O Jornal*, July 28, 2017. Acedido em : <http://www.heraldnews.com/news/20170728/casa-da-saudade-is-much-more-than-\branch-library>
- (1991). *Casa da Saudade Branch of the New Bedford Free Public Library Collection Development, Management and Policies : A case study*. Trabalho final submetido para a conclusão do mestrado em Ciência (MS) e Ciência Biblioteconómica e da Informação. *Graduate School of Library and Information Science*, no *Simmons College, Boston*, EUA.
- (1995). As Comunidades : História, Realidades e Perspetivas : A Biblioteca Casa da Saudade. In *4º Congresso de Comunidades Açorianas*, Horta, Açores, 1995. p. 83-89.
- (2013). O impacto da globalização da informação e do uso das novas tecnologias como fatores facilitadores do acesso à informação à distância geradores do conhecimento no espaço da imigração portuguesa. In *VI Encontro Ibérico EDICIC, Globalização, Ciência, Informação – Atas*. Faculdade de Letras do Porto, Novembro 4 a 6, 2013. Acedido a 4 de Janeiro, 2016, em : <https://ocs.letras.up.pt/index.php/EDICIC/edicic2013/index>
- Congdon; C. T., Esq. In : *Proceedings on the Occasion of Laying the Corner-stone of the Library Edifice, for the Free Public Library, of the City of New Bedford, August 28, 1856*. Pp.34-39. Acedido a 10 de dezembro, 2013, em : https://archive.org/stream/proceedingsonoc00massgoog/proceedingsonoc00massgoog_djvu.txt
- IFLA (2009). *Libraries for All : New Models for Intercultural Library Services*. Acedido 22 de junho, 2016, em : <http://librariesforall.eu/>
- (2009). Library Services to Multicultural Populations Section. 2009. *Multicultural Communities : Guidelines for Library Services*. Acedido a 21 junho de 2016, em :

- <http://www.ifla.org/files/assets/library-services-to-multicultural-populations/publications/multicultural-communities-en.pdf>
- (2015). Library Services to Multicultural Populations Section. 2015. *IFLA/UNESCO Multicultural Library Manifesto*. Acedido 22 de Junho 2016, em : <http://www.ifla.org/node/8976?og=73>
- IFLA/UNESCO (2015). *Multicultural Library Manifesto*. Acedido a 22 de Junho 2016, em : Platform for the IFLA/UNESCO Multicultural Library Manifesto <http://www.ifla.org/node/8976>
- Leong, J.H. (2016). Library services for immigrants and refugees : actions and principles from a global perspective. University of Toronto : IFLA, WLIC, Columbus, 2016. Acedido a 22 de Junho 2016, em : <http://library.ifla.org/1334/1/081-leong-en.pdf>
- Feldman-Bianco, Bela (1995). Reconstruindo a saudade portuguesa em vídeo : Histórias orais, artefactos visuais e a tradução de Códigos culturais na pesquisa etnológica. In : *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 73-86, jul./set. em : <https://www.ufrgs.br/ppgas/ha/pdf/n2/HA-v1n2a06.pdf>
- (1996). *Saudade [Registo vídeo]*. Coimbra : Produções Paralelo dois : CES FEUC [distr.]. 1 DVD vídeo (59 min.). Acedido a 1 de novembro, 2011, em : <http://www.youtube.com/watch?v=YFZQy7sfYe4>
- (2009). Reinventando a localidade : globalização heterogênea, escala da cidade e a incorporação desigual de migrantes transnacionais. *Horizontes Antropológicos*, 15(31), 19-50. Acedido a 1 de maio de 2017, em : <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832009000100002>
- (2009). Multiple layers of time and space : The construction of class, ethnicity and nationalism among Portuguese immigrants. In. Holton, Kimberly DaCosta (ed. lit.), Klimt, Andrea (ed. lit.) (2009). *Community, culture and the makings of identity : Portuguese-Americans along the eastern seaboard*. North Dartmouth, Mass. : University of Massachusetts Dartmouth, Center for Portuguese Studies and Culture. (Portuguese in the Americas Series ; 11). ISBN 1933227273
- Feldman-Bianco, B. (ed. lit.), Capinha, G. (ed. lit.) (2000). *Identidades : estudos de cultura e poder*. São Paulo : Editora Hucitec.
- Freire, P. (1987). *Pedagogia do Oprimido*. [online] 23ª Reimpressão. Rio de Janeiro : Paz e Terra. 129 p. Série Mundo de hoje, nº 21. Acedido a 10 de dezembro, 2013, em : <http://lelivros.space/book/download-pedagogia-do-oprimido-paulo-freire-em-epub-mobi-e-pdf/>
- Haraway, D. (1988). Situated Knowledges : The science question in feminism and the privilege of partial perspective. *Feminist Studies*. [online], 14(3), 575-599. doi : 10.2307/3178066 Acedido a 5 de Outubro, 2016, em : <http://www.jstor.org/stable/3178066>
- (1995). Saberes Localizados : a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial [online]. UNICAMP, *Cadernos PAGU*, nº 5, p.41. Acedido a 5 de

- Outubro, 2016, em : <http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773/1828>
- Grosfoguel, R. (2007). Dilemas dos estudos étnicos norte-americanos : multiculturalismo identitário, colonização disciplinar e epistemologias descoloniais In *Ciência & Cultura*. São Paulo, v. 59, n. 2, June 2007. Acedido a 15 Mar. 2017, em : <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v59n2/a15v59n2.pdf> .
- (2012). The Dilemmas of Ethnic Studies in the United States : Between Liberal Multiculturalism, Identity Politics, Disciplinary Colonization, and Decolonial Epistemologies. *Human Architecture : Journal of the Sociology of Self-Knowledge*. [online]. Vol. 10 : Iss.1, Article 9. Acedido a 18 de Novembro, 2016, em : <http://scholarworks.umb.edu/humanarchitecture/vol10/iss1/9>
- (2011). Racismo epistémico, islamofobia epistémica y ciencias sociales coloniale. In : *Tabula Rasa. Bogotá – Colombia, No.14 : 341-355, enero-junio 2011*
- Guild, E., & Groenendijk, C. A., Carrera, S. (Eds lit.) (cop. 2009). *Illiberal liberal states : immigration, citizenship, and integration in the EU*. Farnham : Ashgate. XXII, 414p.
- Jara Holliday, O. (2006). *Para sistematizar experiências*; tradução de : Maria Viviana V. Resende. 2. ed. revista. – Brasília : MMA.128 p.; 24 cm. (Série Monitoramento e Avaliação, 2). Acedido a 5 de julho, 2016, em : http://www.mma.gov.br/estruturas/168/_publicacao/168_publicacao30012009115508.pdf
- Library, Free Public. (2013). *Annual Report of the Trustees of the Free Public Library, 1877*. London : Forgotten Books. pp. 5-6 (Original work published 1877). Acedido a 10 de dezembro, 2013, em : http://www.forgottenbooks.org/readbook_text/Annual_Report_of_the_Trustees_of_the_Free_Public_Library_1877_1000718434/7
- Pap, L. (1949) - *Portuguese-American Speech : An outline of the Speech conditions among Portuguese immigrants in New England and elsewhere in the United States*. New York : King's Crown Press.
- Rádio Televisão Portuguesa (RTP) (2006-2013). “EI-LOS QUE PARTEM”: A História Da Emigração Portuguesa. Lisboa : RTP. 5 episódios, disponíveis em : EI-LOS QUE PARTEM”: A História Da Emigração Portuguesa. Episódio 1. https://www.youtube.com/watch?v=D_RG3d_y-RU. Episódio 2. <https://www.youtube.com/watch?v=RwrBCbtTSuc>. Episódio 3. <https://www.youtube.com/watch?v=6hGefDKfqK0>. Episódio 4. <https://www.youtube.com/watch?v=p7xwW19BltQ>. Episódio 5. <https://www.youtube.com/watch?v=6qrlIS1vVhw>
- Rogers, F. M. (1974). *Americans of Portuguese Descent : A lesson in Differentiation*. Sage Research Paper in the Social Sciences.
- (1979). *Atlantic Islanders of the Azores and Madeiras*. North Quincy, MA : Christopher Publishing House, ISBN 0815803737
- Ryan, K. E. (1982). *Serving the invisible majority : The Fall River Public Library and the Portuguese*. Trabalho apresentado para a cadeira de “Collection Development (LSC

- 503) da Graduate Library School, University of Rhode Island. Texto policopiado, datado de 15 de Dezembro de 1982.
- Santos, B. S. (2011). Epistemologias del Sur; Epistemologies of the South. *Utopía y Praxis Latinoamericana : Revista Internacional de Filosofía Iberoamericana y Teoría Social / Año 16. Nº 54 (Julio-Septiembre, 2011) Pp.17 -39* Maracaibo, Venezuela : CESA – FCES – Universidad del Zulia. Acedido a 19 de Abril, 2017, em : http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/EpistemologiasDelSur_Utopia%20y%20Praxis%20Latinoamericana_2011.pdf
- (2007). Para além do pensamento abissal : Das linhas globais a uma ecologia dos saberes. *IN : Revista Critica de Ciências Sociais, 78*, Outubro de 2007, p.3-46. Coimbra : Centro de Estudos Sociais. Acedido a 19 de Abril, 2017, em : <http://www.ces.uc.pt/>
- (2007a). Para além do pensamento abissal : das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Novos Estudos – CEBRAP, (79)*, 71-94. <https://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002007000300004>
- (2009). “Direitos humanos : o desafio da interculturalidade”, *Revista Direitos Humanos, 2*, pp.10-18. Acedido a 25 de Abril, 2017, em : http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/Direitos%20Humanos_Revista%20Direitos%20Humanos2009.pdf
- ed. lit. [et al.] (2004) - *Reconhecer para libertar : os caminhos do cosmopolitismo multicultural*. Porto : Edições Afrontamento. (Reinventar a Emancipação Social. Para Novos Manifestos ; 3).
- Santos, B. de S.; Nunes, J. A. (2003). Introdução : para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade. In : Santos, B. S. (Org.). *Reconhecer para libertar : os caminhos do cosmopolitismo multicultural*. Série Reinventar a Emancipação Social : para novos manifestos. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, v. 3, pp. 26-.
- Shera, J. H. (1949). *Foundations of the Public Library The Origins of the Public Library Movement In New England 1629-1855*. The University of Chicago Press, Chicago 37. Chicago : 1949.
- Sousa, F. (ed.) – *Portuguese in the Americas Series*. Dartmouth : Tagus Press/University of Massachusetts Dartmouth.
- Taft, D. R. (1923). *Two Portuguese Communities in New England*. New York : Columbia University. Arno Press and the New York Times, 1969 reprint from a copy in the Columbia University Library.
- Tavares, B. E. (1973). *Portuguese pioneers in the United States*. R. E. Smith Print. Co, Fall River, Mass.
- Wolforth, S. (1978). *The Portuguese in America*. San Francisco : R & E Research Associates.

O papel das Bibliotecas Universitárias de Saúde e dos seus profissionais na promoção de competências em Literacia da Informação: O caso da Biblioteca das Ciências da Saúde da Universidade de Coimbra

Teresa Martins¹

Rita Guerreiro²

Sandra Lima³

RESUMO

É através dos recursos que a Biblioteca disponibiliza à Comunidade Académica que a qualidade do Ensino e da Investigação de qualquer Faculdade e/ou Universidade se evidencia. Embora não esteja prevista a participação da Biblioteca das Ciências da Saúde nas atividades letivas e de investigação das Unidades Curriculares das Faculdades de Farmácia e Medicina, a biblioteca desenvolve e disponibiliza uma série de serviços e recursos de apoio à comunidade académica de ambas as Faculdades da Universidade de Coimbra.

-
- 1 Teresa Maria Alcobia da Silva Martins – Biblioteca das Ciências da Saúde da Universidade de Coimbra – tmartins@bcs.uc.pt
 - 2 Rita Catarina Mendes Guerreiro - Biblioteca das Ciências da Saúde da Universidade de Coimbra – ritacmg@bcs.uc.pt
 - 3 Sandra Carla Borges Lima - Biblioteca das Ciências da Saúde da Universidade de Coimbra – slima@bcs.uc.pt

Dentro desses serviços, destacamos os Serviços de Informação e Referência e os Serviços de Apoio à Investigação: O Serviço de Informação e Referência (SIR) pretende proporcionar aos utilizadores a assistência necessária à boa utilização dos serviços e recursos da Biblioteca, através de uma série de opções: a) Resposta a necessidades pontuais, presencialmente ou por e-mail; b) Serviço de pesquisa assistida, por marcação prévia; c) Ações de formação e informação dirigidas a todos os utilizadores. O Serviço de Apoio à Investigação dá a conhecer os recursos e as ferramentas úteis na medição da produção e impacto científicos. Apesar de, nos últimos anos, ter aumentado bastante a procura destes serviços, e dos esforços por parte da biblioteca para os divulgar e informar a comunidade académica, há ainda uma fraca adesão e essa adesão é feita principalmente por estudantes, na maioria das vezes porque tomaram conhecimento através de outros colegas, não por aconselhamento dos docentes. Por esse motivo, procuramos atrair os utilizadores, desde o 1.º ano do 1.º Ciclo, preferencialmente através da distribuição de flyers, através da página Web da BCSUC, das redes sociais, etc., mas consideramos que a colaboração com os docentes é inevitável. É também de extrema importância a integração de uma disciplina de Literacia da Informação no currículo académico.

PALAVRAS-CHAVE

Literacia da Saúde; Formação; Educação baseada em competências; Bibliotecas de Ciências da Saúde; Ensino; Investigação

ABSTRACT

It is through the resources that the Library makes available to the Academic Community that the quality of teaching and research of any Faculty and / or University is evident. Although the Library of Health Sciences is not expected to participate in the teaching and research activities of the Faculties of Pharmacy and Medicine, the library develops and makes available a series of services and resources to support the academic community of both Faculties of the University of Coimbra. Within these services, we highlight the Information and Reference Services and the Research Support Services: The Information and Referral Service (SIR) aims to provide users with the necessary assistance in the proper use of Library services and resources through a series of options: a) Responding to specific needs, in person or by email; b) Assisted research service, by prior appointment; c) Training and information actions for all users. The Research Support Service introduces the resources and tools that are useful in measuring scientific output and impact.

Although there has been a considerable increase in the demand for these services in recent years, and efforts by the library to disseminate and inform the academic community, there is still poor adherence and this is mostly done by students, most of the time because learned through other colleagues, not through the advice of teachers. For this reason, we have tried to attract users, from the 1st year of the 1st Cycle, preferably through the distribution of flyers, through the BCSUC website, social networks, etc., but we consider that collaboration with teachers is inevitable. It is also extremely important to integrate an Information Literacy discipline into the academic curriculum.

KEYWORDS

Health Literacy; Formation; Competency-based education; Health Sciences Libraries; Teaching; Investigation

Introdução

As Bibliotecas Académicas sempre desempenharam um papel fundamental para as Universidades, constituindo um elemento chave no apoio ao ensino e à investigação científica, para a produção de conhecimento, especialmente em áreas que, como as ciências da saúde, exigem uma constante atualização (Henriques, 2011).

A função central de uma biblioteca do ensino superior exerce-se ao nível do acesso à informação, continuando a permitir o acesso à informação *já não exclusivamente pela gestão das coleções, mas pela gestão de conteúdos* (Pacheco, 2007). Enquanto mediadora, é a biblioteca que cabe criar condições para que, através da pesquisa, se tenha acesso e se recupere a informação, *“mas o carácter híbrido dos recursos/conteúdos, que poderão ser físicos ou estar em linha, locais ou remotos, partilhados ou exclusivos, comerciais ou de Acesso Livre, faz com que a sua pesquisa e recuperação sejam complexos”* (Pacheco, 2007).

No contexto do processo de Bolonha, o novo modelo de ensino/aprendizagem europeu, coloca o estudante no centro do sistema educativo *“obrigando-o a desenvolver uma série de competências e*

habilidades de recuperação e gestão da informação” (Amante, 2010), ou seja, a desenvolver competências de literacia da informação.

Tendo como principal preocupação a temática da Literacia da Informação, vários autores debateram o assunto e, em 2016, foi publicado o Livro “Literacia da Informação em Contexto Universitário”, uma edição ISPA, da autoria de Carlos Lopes, Tatiana Sanches, Isabel Andrade, Maria da Luz Antunes e Júlio Alonso-Arévalo (Lopes, C. et al., 2016), onde são debatidas as tendências atuais no panorama nacional de literacia da informação e quais os desafios para as bibliotecas de ensino superior e para os seus profissionais.

Neste livro, Lopes e Sanches consideram que *“o estudante, impelido que é a lidar com novas ecologias de aprendizagem, terá de lidar com a informação, saber seleccioná-la, avaliá-la, interpretá-la e comunicá-la. Possuir estas competências, usando-as de uma forma ética e legal é também compreender que a possibilidade de autoria se faz a partir de informação que se reconstrói e que é necessário valorizar a informação, compreendendo que o seu domínio, isto é, a sua literacia, é um investimento imprescindível no contexto do ensino superior”* (Lopes & Sanches, 2016).

Lopes e Pinto também afirmam que *“apesar do argumento de que os avanços tecnológicos facilitaram o acesso à informação, existe uma preocupação constante, porque os estudantes universitários não possuem competências suficientes para gerir e usar essa informação, ou seja, gerem quantidades enormes de informação através da Internet, mas não sabem o que fazer com ela, como avaliá-la, de que modo a devem usar ou aproveitar de forma estratégica e ética”* (Lopes & Pinto, 2016).

Já antes, Emília Pacheco considerava que *“o aumento do número de recursos informativos não se salda numa melhoria da informação obtida se quem acede à informação não for capaz de seleccionar os recursos adequados, compreender a estrutura das diferentes fontes de informação e avaliar criticamente a informação que se recupera”* (Pa-

checo, 2007). E que, neste contexto de explosão informativa, em que surge o conceito de literacia da informação, “é mais pertinente o esforço dos bibliotecários para ensinar os estudantes *a procurar, encontrar, avaliar e usar a informação apropriada, quer seja no contexto de aprendizagem formal, quer para a tomada de decisões ao longo da vida laboral, ou simplesmente como cidadãos que sabem como adquirir e usar o conhecimento*” (Pacheco, 2007).

E que, por outro lado, as alterações tecnológicas que vulgarizaram o uso do portátil e o acesso à Internet, criaram nos alunos a ideia de que a informação obtida na Web é suficiente para fazer uma revisão da literatura (Pacheco, 2007). Ou seja, que “*os alunos não estão a fazer uma utilização plena dos recursos eletrónicos de que dispõem, designadamente das bases de dados de referência, da B-on e da página Web da Biblioteca; que as estratégias de pesquisa devem ser aperfeiçoadas, sendo desejável incidir sobre a pesquisa na Internet e formas de a tornar mais segura, profícua e credível; é também desejável um melhor conhecimento do catálogo (OPAC da Biblioteca e de outros catálogos) por parte dos estudantes*” (Pacheco, 2007).

Também “*os processos de acreditação científica, amplamente desenvolvidos em quase todos os países europeus, se têm expandido e têm destacado, mais do que nunca, a necessidade de estabelecer uma forma equitativa de medir a qualidade e o impacto da investigação científica*”. Este processo aumenta a necessidade de os investigadores “*conhecerem, usarem e administrarem os mecanismos de avaliação, acreditação e potenciação da visibilidade científica das suas publicações, o que se reflete no desenvolvimento das carreiras pessoais dos investigadores, mas também e coletivamente na qualidade das próprias universidades, cuja medição é baseada principalmente em ranking elaborados a partir dos dados de investigação dos seus investigadores*” (Alonso-Arévalo, Lopes, & Antunes, 2016).

Destaca-se assim a importância “*da necessidade daqueles que investigam de conhecer os mecanismos de edição, comunicação, medição e*

promoção e neste contexto, a biblioteca e os bibliotecários desempenham um papel decisivo na formação dos investigadores em competências orientadas para o conhecimento, utilização e valorização dos mecanismos de comunicação científica” (Alonso-Arévalo et al., 2016).

Estas são áreas em que as bibliotecas e os seus profissionais acumulam largos anos de experiência, podendo promover a aquisição de competências em literacia da informação aos seus utilizadores através de programas de formação baseados em metodologias adequadas (Henriques, 2011).

Portanto, as bibliotecas académicas e os seus profissionais *“assumem cada vez mais um papel fundamental na promoção destas competências, com o desenvolvimento de programas de formação de utilizadores, baseados não só nos modelos de ensino tradicional de sessões de formação presenciais, mas também em metodologias específicas promotoras da literacia digital recorrendo ao ensino à distância”* (e-learning/blended-learning) (Henriques, 2011).

As Bibliotecas de ensino superior em países como o Reino Unido, a Alemanha ou Países Nórdicos, que *“já desenvolviam programas de formação aos seus utilizadores, desenvolveram recentemente programas de literacia da informação, em resultado do aumento da informação, principalmente digital e na prossecução do conceito de aprendizagem ao longo da vida”* (Pacheco, 2007). Também as bibliotecas universitárias espanholas têm estrategicamente procurado melhorar os seus recursos, tanto em termos de produtos, serviços e tecnologias como em espaços físicos, possibilitando um novo modelo de organização e funcionamento adaptado ao novo cenário do ensino superior europeu (Carneiro & Saro, 2009). A Rede de Bibliotecas Universitárias Espanholas (REBIUN) promoveu a implementação de um Centro de Recursos para a Aprendizagem e Investigação (CRAI), baseado no modelo britânico Learning Resource Center (LRC) (Revez, Revez, & Manuel, 2017). Neste contexto *“o modelo europeu dos CRAI assume-se como uma nova mudança filosófica, com novos paradigmas em que as*

bibliotecas universitárias terão de se converter para se transformarem numa plataforma de aprendizagem credível e bem-sucedida” (Carneiro & Saro, 2009).

Porém, *“nem todas as instituições académicas europeias compreenderam a literacia da informação como uma das capacidades básicas que o mercado de trabalho espera encontrar nos alunos por elas formados” (Pacheco, 2007) e, “quando se analisa a realidade nacional o cenário é ainda incipiente” (Revez et al., 2017).*

Como referem Carlos Lopes e Tatiana Sanches *“O conhecimento científico que circula em Portugal sobre literacia de informação é, ainda que meritório, bastante inicial e insuficiente para fomentar ações transversais, intervenções globais e, porque não referi-lo, criar políticas públicas que coloquem o tema na agenda educativa, particularmente na do Ensino Superior”. (...) “Ainda assim, é notório o crescente interesse social que, conjugado com fatores ligados ao desenvolvimento económico e interesses de outros quadrantes contíguos, tem conseguido levar a bom porto a inscrição na agenda política de alguns tópicos que tocam a literacia da informação, como a aprendizagem ao longo da vida, as tecnologias na educação, literacias digital e, para os media, divulgação científica, entre outros” (Lopes, C., Sanches, T., 2016).*

No caso português, as bibliotecas académicas em geral e em particular as bibliotecas académicas de saúde, têm já um papel relevante no desenvolvimento de projetos nesta área, mas, na maioria dos casos, *“ainda não existe uma filosofia/política de colaboração/integração efetiva entre a biblioteca e o currículo académico, partindo da gestão de topo, embora já exista um trabalho colaborativo, se bem que pontual, entre bibliotecários e docentes” (Henriques, 2011).*

Ora é sabido que, *“no ensino superior em Portugal, o Regime Jurídico das Instituições de Ensino Superior consagra a autonomia universitária que, nos termos da lei, é vertida em autonomia científica, pedagógica, administrativa e financeira. Isto significa que a aplicação da literacia da informação em programas transversais é uma iniciativa completamente*

ao critério de cada uma das escolas e das suas direções. Ou seja, são conhecidos alguns casos pontuais de aplicação de literacia de informação, sem que exista propriamente uma estratégia nacional” (Sanchez,T. 2016). *Estas experiências não correspondem a uma concertação interinstitucional e o que se pode referir como um panorama emergente está relacionado com esforços particulares de bibliotecários que se tornam visíveis sobretudo nos encontros dos profissionais* (Sanchez,T. 2016).

Profissionais de Informação

O desenvolvimento do Espaço Europeu de Ensino Superior (EEES) exige novas formas de trabalhar aos estudantes, aos professores e aos bibliotecários, donde se conclui que os estudantes *“devem mudar a forma de estudar e aprender, reforçando a sua autonomia na aprendizagem”*. *“Quanto ao papel dos professores, será acompanhar e orientar os estudantes neste processo”*. E quanto aos Bibliotecários, *“eles são um componente fundamental neste novo modelo de ensino-aprendizagem pois possuem as competências e o conhecimento necessário para adaptar as bibliotecas universitárias ao novo ambiente de aprendizagem promovido pelo EEES”* (Amante, 2010).

“Os conteúdos disponíveis na web e os meios eletrónicos mudaram a dinâmica de como operar e administrar a sua missão nas bibliotecas, o que gera, por sua vez, uma mudança quanto às responsabilidades e competências dos profissionais de informação, valorizando a capacidade formativa como um recurso primordial justamente quando são questionados a missão da biblioteca e o papel do bibliotecário” (Alonso-Arévalo et al., 2016).

Assim, deverá considerar-se o bibliotecário *“não como administrador de livros, vídeos e/ou arquivos digitais, mas como um elemento-chave da sua comunidade e do seu meio, uma vez que a profissão encerra valores fundamentais centrados nas chamadas competências*

transversais, como o conhecimento de metodologias, fluxos e canais de informação, aspetos que são de um valor essencial no novo ambiente da investigação” (Alonso-Arévalo et al., 2016).

Porém, não são apenas as mudanças nas tecnologias que desafiam os bibliotecários. *“As mudanças sociais que dizem respeito às formas de relação entre produtor e consumidor, entre autor e espectador ou entre escritor e leitor, para referir alguns exemplos, fizeram abalar algumas convicções relativamente à forma como a produção, troca e receção de informação se realiza atualmente e que percorre agora caminhos multidirecionais”. Como Sanches refere, “há que aprofundar a reflexão acerca das competências do bibliotecário e, mais concretamente, do repto lançado pela necessidade emergente de formar os utilizadores em competências de informação” (Sanches, T. 2014).*

Assim, as bibliotecas académicas e os seus bibliotecários *“devem adotar uma atitude pró-ativa face às mudanças e exigências no panorama atual, tendo presente a posição privilegiada que ocupam no seio da universidade enquanto parceiros do ensino, da aprendizagem e da investigação e enquanto promotores da mudança, abraçando os desafios emergentes e apostando na inovação, na qualidade e na excelência dos serviços” (Henriques, 2011).*

A biblioteca e os seus profissionais são, agora mais do que nunca, *“chamados a participar no processo da formação dos estudantes” (Amante, 2010), no entanto, “é imprescindível estabelecer uma política de comunicação entre os docentes e os bibliotecários que reforce o trabalho de ambos perante uma melhoria dos processos de docência-aprendizagem dos alunos”. Só que, em Portugal e de acordo com estudos realizados nesse sentido, “não se encontram ainda evidências deste tipo de parcerias”. De facto, segundo a investigação da autora, “estas parcerias são raras pois a participação dos bibliotecários em projetos de investigação é “materializada” na folha de agradecimentos pelo apoio prestado na pesquisa bibliográfica, não sendo incluídos na equipa de investigadores” (Amante, 2007).*

Ainda, em resultado de estudos desenvolvidos por um grupo focal no ISCTE-IUL (Amante, 2010), concluiu-se que *“aquelas parcerias, se existissem, fariam permanecer uma visão tradicional e conservadora acerca do que os bibliotecários sabem ou podem fazer”* (Revez et al., 2017).

Tanto assim que, salvo algumas exceções que possam existir, *“a maioria das formações desenvolvidas nas bibliotecas académicas portuguesas ocorre principalmente por solicitação/marcação do utilizador”*. É este que reconhece as suas necessidades e *“recorre aos módulos/programas disponíveis, selecionando aqueles que melhor se adequam aos seus interesses”* (Henriques, 2011). No entanto, nalgumas instituições, está a ser feito o reconhecimento deste tipo de formação, integrando-o já como unidade autónoma nos curricula académicos (Henriques, 2011).

As Bibliotecas de Ensino Superior em Portugal

O modelo pedagógico em que o processo de Bolonha assenta levou à criação e desenvolvimento em 2010 do Espaço Europeu de Ensino Superior (EEES) *“que implica novas formas de trabalhar por parte tanto dos estudantes, como dos professores e dos bibliotecários, na medida em que o enfoque se desloca dos resultados do processo de ensino para a aprendizagem em si mesma”* (Amante, 2010).

As bibliotecas universitárias, tendo em conta o contexto em que se enquadram, isto é a própria Universidade, devem ser consideradas *“como unidades que contribuem para a reputação da Universidade, devendo em consequência estar alinhadas com a sua missão, participar no desenvolvimento do currículo em matérias relacionadas com as competências em literacia da informação e integrar espaços e funções destinados à aprendizagem dos estudantes”* (Amante, 2010).

Tatiana Sanches (Sanches, T. 2016) menciona uma reflexão inspirada no modelo espanhol CRAI feita por Carneiro e Saro (Carneiro & Saro,

2009) onde os autores desenvolvem um argumento em torno da necessidade de estabelecer linhas orientadoras para os espaços de aprendizagem e apoio à investigação que se devem constituir a partir das bibliotecas universitárias. *“Há que sublinhar a ligação destas orientações ao que é preconizado pelo processo de Bolonha, nomeadamente a necessidade de adequação dos recursos disponibilizados pelas instituições de ensino superior ao modelo didático subjacente, com espaços de trabalho autónomo, recursos bibliográficos e documentais, redes virtuais de pesquisa documental em suportes variados, tutorização, prestação de serviços e formação de utilizadores”* (T. Sanches, 2016). Referem estes autores que o CRAI *“pode ser parte ativa no cumprimento dos objetivos estratégicos do ensino superior, “adequando as suas infraestruturas às novas metodologias docentes, ao ensino virtual em complemento da docência presencial”* (Carneiro & Saro, 2009).

Acerca desta temática a Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas (BAD), através do seu Grupo de Trabalho Bibliotecas de Ensino Superior (GT-BES), tem vindo a organizar encontros, workshops e debates sobre as tendências no ensino superior e os desafios para as suas Bibliotecas.

O GT-BES é composto por bibliotecários de várias instituições públicas e privadas do ensino superior em Portugal e tem como objetivos: potenciar formas de cooperação entre profissionais e bibliotecas, gerar transferência de saberes para um conhecimento profissional mais aprofundado, promover projetos de desenvolvimento na comunidade, acompanhar de forma atenta e crítica os projetos relevantes no campo da ciência e do ensino, melhorar o contributo das bibliotecas e a sua relevância social e procurar novas oportunidades e projetos inovadores de intervenção pública (GT – BES da BAD – Associação portuguesa de bibliotecários, 2016).

Durante o II Encontro de Bibliotecas do Ensino Superior, realizado em Aveiro em 2013, sob o lema *Partilha, Criatividade e Engenho*, houve espaço para a criação de grupos de trabalho *“que pretenderam*

agregar pessoas com interesses comuns e funcionaram como espaços de discussão e reflexão temática, tendo como objetivo possibilitar dinâmicas de participação ativa e dar resposta aos desafios que se colocam às bibliotecas de ensino superior em Portugal” (Lopes & Sanches, 2016).

O grupo de trabalho que discutiu o tema *Literacia da Informação no contexto académico: conteúdos e metodologias relevantes para a formação*, teve como questões de partida:

- *“Como integrar a literacia da informação no contexto de Bolonha? Que programas/conteúdos para uma integração curricular nos planos de estudos? Qual o papel do bibliotecário integrado nas atividades académicas?*
- *Que modelos devem orientar as ações? Que modelos pedagógicos? Que métodos de ensino-aprendizagem? Avaliar ou não avaliar os resultados da aprendizagem em literacia da informação?*
- *Que competências de literacia da informação devem ser valorizadas e desenvolvidas pelos profissionais da informação? Caberá, na literacia da informação, a introdução à publicação científica? Pesquisar, selecionar, avaliar informação, e depois? A escrita académica pode ter o apoio das bibliotecas? Ensinar ou não o Google?*
- *Devemos diferenciar dois mundos que se complementam: a formação de utilizadores e a literacia da informação?*
- *O trabalho colaborativo com professores e investigadores poderá constituir uma estratégia de ensino-aprendizagem na integração da literacia da informação, mais do que no currículo, na escola. Faz sentido?” (Lopes & Sanches, 2016).*

Da discussão no decorrer desta sessão emergiram algumas propostas ao nível da formação de utilizadores e das atividades ligadas à literacia da informação, tendo-se identificado como necessidades/ pontos de ação:

- *“O planeamento e avaliação das atividades; melhoria das estratégias de comunicação; partilha de documentação e tutoriais entre instituições – referindo o projeto Colabora como útil e relevante nesta dimensão.*
 - *Reforço da importância das competências de literacia da informação junto da comunidade académica: as literacias devem ser vistas como competências transversais; importância de promover e aplicar todas as competências de informação nos programas de formação.*
 - *Necessidade imperativa de haver uma integração da literacia no currículo académico: a este propósito foi sublinhada a necessidade de desenvolvimento de competências pedagógicas por parte dos bibliotecários e uma aposta na parceria com os docentes” (Sanches,T. 2016).*

Em 2014, no Porto, a BAD promoveu o seminário *Literacia da informação em contexto universitário*, que teve como objetivos apresentar as boas práticas de literacia da informação em contexto académico, partilhar experiências pedagógicas e de instrumentos de avaliação de competências, e conhecer o papel do bibliotecário como agente de mudança nos processos de ensino-aprendizagem da literacia da informação em estudantes universitários.

Ainda em 2014, O Instituto Politécnico de Viseu, promoveu um ciclo de conferências subordinadas ao tema “Literacia e Acesso Livre à Informação no Século XXI”.

Em resultado destes encontros, debates e partilha de experiências, em 2015, o GT-BES da BAD apresentou, para discussão pública, no 12.º Congresso da BAD realizado na Universidade de Évora, 10 Recomendações para as BES em Portugal. Estas recomendações focam-se essencialmente em quatro vertentes de ação das bibliotecas:

- *o apoio ao ensino e aprendizagem, especificamente na promoção das competências de literacia da informação;*
- *o suporte às atividades de investigação e de publicação científica;*
- *a gestão organizacional de parcerias e de projetos de cooperação entre bibliotecas;*
- *a conceção e disponibilização de serviços, sistemas e espaços que facilitem e potenciem a aprendizagem e a descoberta e gestão da informação* (GT – BES da BAD – Associação portuguesa de bibliotecários, 2016).

Estas 10 recomendações destinadas a todos os profissionais de informação das bibliotecas de ensino superior nacionais, bem como às estruturas de tutela das instituições de ensino superior, resultam da intenção de explorar as áreas de intervenção que exigem atualmente às bibliotecas a definição de uma estratégia de ação efetiva e imediata, potenciar a cooperação entre profissionais de bibliotecas de ensino superior, e promover a atualização de competências e de métodos de trabalho dos profissionais de informação:

1. Reafirmar a relevância das competências de literacia da informação na comunidade académica.
2. Desenvolver competências dos profissionais das bibliotecas para apoio às atividades de ensino e aprendizagem.
3. Apoiar projetos editoriais de publicação académica e científica.
4. Assegurar repositórios institucionais alinhados com os padrões de interoperabilidade e preservação.
5. Criar serviços de apoio à gestão de dados científicos.
6. Potenciar o papel da biblioteca no apoio à investigação.
7. Fomentar parcerias com estruturas de apoio à comunidade académica.
8. Promover e facilitar o acesso às fontes de informação.

9. Reinventar e potenciar os espaços das bibliotecas.
10. Aprofundar redes de colaboração entre profissionais e instituições.

Dando continuidade aos objetivos destes encontros, em 2016, a BAD, através do seu GT-BES, promoveu o III Encontro das BES, sob o lema *Conhecer, Colaborar, Evoluir*, onde se procuraram explorar as áreas de intervenção que exigem atualmente às bibliotecas a definição de uma estratégia de ação efetiva e imediata, mas também potenciar a cooperação entre profissionais das BES e promover a atualização de competências e de métodos de trabalho dos profissionais da informação (C. Lopes & Sanches, 2016). Das preocupações explanadas no grupo de discussão sobre Literacia da Informação surgido durante este III Encontro consubstanciaram-se três grandes conclusões:

1. Necessidade da integração da disciplina de Literacia da Informação no currículo académico;
2. O reconhecimento da capacidade educativa dos bibliotecários no processo ensino-aprendizagem;
3. A realização periódica de seminários/workshops sobre a temática.

O GT-BES está entretanto a elaborar um conjunto de indicadores estatísticos para recolher informação quantitativa das BES em Portugal sobre as atividades serviços e produtos das Bibliotecas, criando ferramentas de benchmarking para cada biblioteca, de modo a fomentar a melhoria de processos e funções.

A Biblioteca das Ciências da Saúde da Universidade de Coimbra (BCSUC)

Do que atrás foi exposto, e tendo como base as propostas apresentadas e promovidas pelo GT-BES, a Biblioteca das Ciências da Saúde da Universidade de Coimbra (BCSUC) tomou a iniciativa de desenvolver serviços de formação aos utilizadores, com o intuito de reforçar as atividades ligadas à literacia da informação junto da comunidade académica que serve.

A BCSUC é uma unidade de extensão cultural e de suporte à formação científica e pedagógica da Universidade de Coimbra. Resultou da fusão das anteriores Bibliotecas das Faculdades de Medicina e de Farmácia, na concretização da estratégia de racionalização da gestão dos espaços e espólio bibliográfico da Universidade de Coimbra.

Tem por missão disponibilizar o acesso dos seus fundos documentais a toda a comunidade universitária de Coimbra e, em particular, a professores, investigadores e estudantes das Faculdades de Medicina e Farmácia, bem como à restante comunidade científica nacional e internacional. Desenvolve e disponibiliza também uma série de serviços e recursos de apoio ao ensino e à investigação, de que destacamos os Serviços de Informação e Referência e de Apoio à Investigação.

O Serviço de Informação e Referência (SIR) pretende proporcionar aos utilizadores a assistência necessária à boa utilização dos serviços e recursos da Biblioteca, através de uma série de opções:

1) Serviço de pesquisa assistida: por marcação prévia (email e/ou formulário)

Este serviço tem como objetivo levar o estudante a identificar as principais fontes de informação em Ciências da Saúde, disponíveis no

portal da biblioteca e a adquirir algumas competências práticas de pesquisa nas principais bases de dados.

Dão-se a conhecer as bases de dados e as fontes de informação, os termos e vocabulários apropriados a utilizar nas pesquisas, a desenvolver estratégias de pesquisa por assunto, a limitação de resultados, os vários motores de pesquisa, a recuperação imediata dos documentos relevantes, a criação de alertas, os repositórios científicos, as ferramentas de bibliometria e promove-se a aquisição de competências na gestão das referências bibliográficas (apoio na elaboração da bibliografia), dando-se a conhecer os vários gestores automáticos de referências e estilos de citação e referenciação.

No final da formação, o utilizador detém conhecimentos que lhe permite uma maior autonomia e eficácia na recuperação e gestão da informação em trabalhos futuros.

2) Resposta a necessidades imediatas: presencialmente ou por email:

Este serviço pretende dar resposta a necessidades pontuais dos utilizadores, tanto sobre estratégias de pesquisa, como na identificação dos termos adequados a usar nas equações de pesquisa, gestão das referências bibliográficas, ou recuperação da informação.

3) Ações de formação:

O Serviço de Informação e Referência promove também, ao longo do ano letivo, a realização de ações de formação e informação sobre a BCSUC, dirigidas a todos os utilizadores. Para frequentar as ações é preciso efetuar inscrição. As ações realizam-se com um mínimo de oito participantes, num máximo de vinte, correspondente à lotação da sala. São apresentados três módulos diferentes de formação:

1. Mendeley: gestor automático de referências bibliográficas;
2. A pesquisa em bases de dados e recursos de informação;
3. Recursos e ferramentas de apoio à investigação e docência.

Anualmente, em Março, por ocasião do dia da BCSUC, decorre um *workshop* de apresentação dos serviços e recursos disponíveis da Biblioteca. Estes *workshops* podem ainda realizar-se sempre que necessário, a pedido das Faculdades de Medicina e Farmácia, Docentes, Núcleos de Estudantes, grupo de alunos, etc.

O Serviço de Apoio à Investigação (SAI) dá a conhecer os recursos e as ferramentas úteis na medição da produção e impacto científicos: Ferramentas de Análise Bibliométricas e Produção Científica e Intelectual, Identificação de Autoria, a Gestão de Dados Científicos e outros Recursos de Apoio (por exemplo Ferramentas de Detecção de Plágio).

A página Web da Biblioteca, atualizada regularmente, faz a divulgação dos serviços e recursos da BCSUC, contendo informações relevantes, contactos, formulários e/ou flyers, e guias e tutoriais de apoio. Também através das *mailing lists* e sempre que necessário divulgam-se eventos e/ou novos recursos.

Anualmente são feitos questionários de satisfação e de perfil de utilizador, na tentativa de melhorar os serviços e o apoio ao ensino e investigação, porque é através dos recursos que a Biblioteca disponibiliza à Comunidade Académica que a qualidade do Ensino e da Investigação de qualquer Faculdade e/ou Universidade pode ser mensurável, tanto mais que, sendo duas Faculdades na área da saúde, é preciso aceder de forma rápida e eficiente a informação relevante existente ou emergente.

Contudo, apesar da procura destes serviços ter aumentado exponencialmente nestes últimos anos, e das estratégias desenvolvidas pela Biblioteca para divulgar e informar a comunidade académica,

ainda é pouca a adesão e são maioritariamente os estudantes que estão a iniciar os trabalhos para a elaboração das monografias finais que nos procuram, muitos por terem tido conhecimento através de outros colegas e não pela divulgação do serviço ou por aconselhamento dos docentes.

Por isso consideramos que, quanto mais cedo houver uma familiarização com os serviços e recursos da Biblioteca maior será a rentabilização desses recursos e maior o impacto na produção científica dos seus utilizadores. Por este motivo, procuramos atrair os utilizadores, desde o 1º ano preferencialmente, através da distribuição de flyers, através da página Web da BCSUC, das Redes Sociais, etc. É também desejável estabelecer parcerias com os docentes e investigadores de ambas as Faculdades e a integração de uma disciplina de Literacia da Informação no currículo académico.

Conclusões

Embora não esteja prevista a participação da Biblioteca nas Unidades Curriculares dos Cursos ministrados nas duas Faculdades houve sempre uma grande preocupação, por parte da BCSUC e da sua Direção, com a literacia da informação e com a formação de utilizadores. Sabendo que o modelo e a prática pedagógica em que assenta o Processo de Bolonha se traduz *“no enfoque na aprendizagem, mais que no ensino, nos estudantes mais que nos professores, nas competências e não apenas nos conhecimentos, no trabalho do estudante mais do que em aulas magistrais e na aprendizagem ao longo da vida mais do que no enciclopedismo, as bibliotecas universitárias podem constituir-se como centros ativos de aprendizagem e contribuir de forma positiva para os processos de ensino, aprendizagem e investigação”* (Amante, 2010).

A ajuda na recuperação da informação científica nos domínios da medicina/saúde é outra das áreas a ter em conta, já que o uso

de motores de pesquisa especializados evitam perdas de tempo e reduzem a probabilidade de se ficar inundado de material de fraca reputação e enganador, misturado na lista dos resultados da pesquisa.

No entanto, sabemos que apesar de todo o trabalho desenvolvido ao longo de décadas, o posicionamento das bibliotecas na Universidade é frequentemente tido como unidade administrativa ou de apoio e não de como unidade produtora ou facilitadora da produção de conhecimento. Destaca-se a falta de conhecimento, por parte dos docentes, sobre as potencialidades da utilização da biblioteca universitária no apoio à docência e à aprendizagem, o que tem como consequência uma utilização muito limitada dos recursos da mesma pelos docentes. Por isso, o estabelecimento de parcerias estratégicas constitui o elemento chave na resposta aos desafios colocados às instituições de ensino superior e às bibliotecas em Portugal. A colaboração entre bibliotecários e professores é inevitável neste novo modelo de ensino-aprendizagem devendo ambos articular a sua atuação em vários domínios, devendo os serviços e produtos desenvolvidos e assegurados pela biblioteca servir para apoiar o processo de ensino-aprendizagem. Para tal, *“a dimensão da comunicação adquire uma relevância tão grande que não pode ser menosprezada. Trata-se de estabelecer uma rede de contactos úteis ao funcionamento da própria biblioteca e que promovam o seu posicionamento estratégico na instituição”* (Amante, Maria João; Extremeño Placer, Ana Isabel; Costa, 2009).

Bibliografia

- Alonso-Arévalo, J., Lopes, C., & Antunes, M. L. (2016). Literacia da informação : Da identidade digital à visibilidade científica. Em *Literacia da informação em contexto universitário* (pp. 109-152). Lisboa : Edições ISPA. Obtido de <http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/5067/3/Literacia.pdf>

- Amante, Maria João; Extremerño Placer, Ana Isabel; Costa, A. F. (2009). As bibliotecas universitárias na sociedade do conhecimento : o imperativo da colaboração. Em *A ciência da informação criadora do conhecimento. Vol. I* (pp. 357-370). Coimbra : Imprensa da Universidade de Coimbra. https://doi.org/10.14195/978-989-26-0319-3_29
- Amante, M. J. (2007). Bibliotecas universitárias : semear hoje para colher amanhã. *Actas do Congresso Nacional de Bibliotecários Arquivistas e Documentalistas*, (9), 1-13. <https://doi.org/http://hdl.handle.net/10071/346>
- Amante, M. J. (2010). Bibliotecas universitárias : Conhecer para valorizar. *Actas do Congresso Nacional de Bibliotecários Arquivistas e Documentalistas*, (10), 1-11. <https://doi.org/http://hdl.handle.net/10071/1907>
- Carneiro, L. F. V., & Saro, J. A. V. (2009). Biblioteca como Centro de Recursos para a Aprendizagem e Investigação (CRAI) para apoio às tarefas de ensino e aprendizagem. Em *A ciência da informação criadora do conhecimento. Vol. I* (pp. 419-430). Coimbra : Imprensa da Universidade de Coimbra. https://doi.org/http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0319-3_33
- GT - BES da BAD - Associação portuguesa de bibliotecários, arquivistas e documentalistas. (2016). Recomendações para as bibliotecas de ensino superior de Portugal – 2016. Obtido de <https://www.bad.pt/noticia/2015/12/31/recomendacoes-para-as-bibliotecas-de-ensino-superior-em-portugal-2016/>
- Henriques, S. M. J. O. (2011). *Projecto para Formação de Utilizadores na Biblioteca – CDI da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa*. Obtido de http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/6158/1/ulfl109793_tm.pdf
- Lopes, C., Sanches, T., Andrade, I., Antunes, M., & Alonso-Arévalo, J. (Eds.). (2016). *Literacia da Informação em contexto universitário*. Lisboa : Edições ISPA. Obtido de <http://hdl.handle.net/10451/25210>
- Lopes, C. [et al.]. (2016). *Literacia da informação em contexto Universitário* (ISPA). Lisboa. Obtido de <https://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/5067/3/Literacia.pdf>
- Lopes, C. A., & Pinto, M. (2016). Autoavaliação das competências de informação em estudantes universitários – IL-HUMASS : estudo quantitativo (Parte II). Em *Literacia da informação em contexto universitário* (pp. 27-56). Lisboa : Edições ISPA. Obtido de <http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/5067/3/Literacia.pdf>
- Lopes, C., & Sanches, T. (2016). Introdução. Em *Literacia da informação em contexto universitário* (pp. xxv-xxxvi). Lisboa : Edições ISPA. Obtido de <http://hdl.handle.net/10451/25210>
- Pacheco, E. L. (2007). A literacia da informação e o contributo da biblioteca. *Actas do Congresso Nacional de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas*, (9), 1-8. Obtido de <http://www.bad.pt/publicacoes/index.php/congressosbad/article/view/559>

- Revez, J., Revez, J., & Manuel, M. (2017). O apoio das bibliotecas à investigação científica em Portugal : uma revisão da literatura. *Páginas a&b*. S.3, nº especial (2017) 158-179. <https://doi.org/10.21747/21836671/pag2017a11>
- Sanches, T. (2014). Desafios para os bibliotecários portugueses na esfera da educação superior : explorando territórios formativos. *Revista da Sociedade Portuguesa de Ciências de Educação*, 1(2), 109-122. Obtido de <http://pages.ie.uminho.pt/inved/index.php/ie/index>
- Sanches, T. (2016). Políticas públicas para a literacia de informação em Portugal : reflexão sobre o panorama atual e perspetivas de futuro. Em *Competência em Informação : Políticas Públicas – Teoria e Prática* (pp. 73-110). Salvador – Baía : Edufba. Obtido de <http://hdl.handle.net/10451/25944>

O Serviço Integrado das Bibliotecas da Universidade de Coimbra: um percurso

Ana Eva Miguéis¹

RESUMO

O Serviço Integrado das Bibliotecas da Universidade de Coimbra (SIBUC), estrutura de apoio técnico e de coordenação das bibliotecas da Universidade de Coimbra, tem a missão de criar sinergias entre as bibliotecas, promover a colaboração entre si e dinamizar esforços comuns para a otimização dos recursos existentes e a melhoria da qualidade dos serviços prestados. Com o presente texto pretende-se explicar o que é o Serviço Integrado das Bibliotecas da Universidade de Coimbra (SIBUC), o contexto em que surgiu e em que atualmente intervém, as funções que desempenha, as atividades que promove e que desenha para o futuro.

PALAVRAS-CHAVE

Bibliotecas; Universidade de Coimbra; Serviço Integrado das Bibliotecas; Gestão de sistemas de informação bibliográficos

¹ Bibliotecária e coordenadora do Serviço Integrado das Bibliotecas da Universidade de Coimbra – evamigueis@sib.uc.pt. [Orcid.org/0000-0003-2869-7754](https://orcid.org/0000-0003-2869-7754)

ABSTRACT

The Integrated Library Service of the University of Coimbra (SIBUC) is a technical structure that coordinates and supports all the libraries of the University of Coimbra, with the aim of creating synergies between libraries and promoting collaboration between them, fostering common efforts for optimization of existing resources and improving the quality of the services provided. This paper intends to explain what is the SIBUC role, the context in which it emerged and activities in which it currently operates, the functions it performs and the activities it promotes and plans for the future.

KEYWORDS

Libraries; Coimbra University Integrated Library Service; Bibliographic information systems management.

Introdução

Ao longo da sua história, a Universidade de Coimbra (UC) criou várias bibliotecas com o objetivo de dar suporte ao ensino e à investigação e tornou-se detentora de um vasto acervo documental. A maior destas bibliotecas é a Biblioteca Geral (BGUC) que possui, só por si, perto de um milhão de volumes, no qual se inclui o riquíssimo património da Biblioteca Joanina, parte importante do fundo de Livro Antigo da Universidade.

As bibliotecas da UC são bibliotecas universitárias – classificadas como bibliotecas especializadas – que se encontram ao serviço da comunidade académica, cabendo-lhes a missão de apoiar o ensino, a investigação e a difusão de cultura, vertentes que caracterizam as instituições de ensino superior. Compete-lhes reunir, organizar, tratar, tornar acessível, divulgar a informação e promover o conhecimento, reconhecendo-se-lhes *“primordial importância para o bom funcionamento da Universidade, tanto para docentes e investigadores como para alunos e até para funcionários. Constitui ainda um importante meio para*

prestação de serviço à comunidade, como é missão das universidades modernas (Marques, et al, 2006, p. 6).

Durante as últimas décadas as bibliotecas sofreram numerosas transformações, nomeadamente nos anos de 1980 e 1990 em que se assistiu, do ponto de vista técnico e organizacional, a mudanças que resultaram do desenvolvimento e difusão das novas tecnologias da informação e comunicação. Em primeiro lugar, destaca-se o uso sistemático e generalizado do computador, que permitiu a melhoria dos sistemas usados nas bibliotecas, através da automatização de novas operações. Pela mesma altura, apareceram os primeiros sistemas integrados de gestão de bibliotecas (ILS) com módulos integrados que possibilitaram a partilha de informação, a eliminação de redundâncias, evitando a duplicação de dados e reduzindo o esforço consagrado às tarefas técnicas (Ferreira, 2014, 16). Mais tarde, o aparecimento da Internet conduziu ao catálogo público em linha (OPAC)² *“que revolucionou a forma de pesquisa nos catálogos das bibliotecas. A rede mundial que se estabeleceu com a Internet potenciou a catalogação em linha, a partilha de dados e o aparecimento das primeiras bases de dados bibliográficos”* (Ferreira, 2014, 16). Os bibliotecários souberam sempre, ainda que com esforço, ajustar-se a estas mudanças e desenvolver novas competências para responder de forma assertiva às necessidades da comunidade académica, cada vez mais familiarizada com as novas tecnologias.

Análise da situação das Bibliotecas da UC

Apesar destas mudanças, que permitiram melhorias consideráveis no plano do trabalho, as bibliotecas da UC sentiam a necessidade de proceder a uma reformulação dos seus serviços, para que conseguissem dar resposta ao que delas se esperava, transformando-se

2 O acrónimo OPAC refere-se à expressão em inglês “Online Public Access Catalog”.

num *"grande espaço multimédia"* (Marques et al., 2006, 6) que lhes permitiria disponibilizar serviços não apenas durante o seu período de funcionamento, mas também à distância, correspondendo melhor a metodologias de ensino, aprendizagem e investigação. Do mesmo modo, o número de bibliotecas universitárias polvorizara-se de tal modo que a sua articulação era pouco eficaz e era indispensável avançar com uma reorganização dos serviços, unindo alguns deles e alterando outros. A esta preocupação juntavam-se ainda dois constrangimentos: o facto de as instalações das bibliotecas serem pouco flexíveis e não se ajustarem às alterações pretendidas e a circunstância de os espaços destinados aos depósitos se encontrarem saturados.

Por outro lado, a coordenação entre as bibliotecas não era a mais desejável, resultando numa arbitrariedade de horários para a leitura presencial e na utilização de diferentes sistemas informáticos de suporte ao catálogo. Esta situação criava diferentes formas de pesquisa e de requisição de obras, sem que existisse qualquer ligação aos catálogos das restantes bibliotecas, dentro da mesma instituição.

A reflexão sobre a missão das bibliotecas universitárias e a sua adequação às novas exigências há muito que se fazia sentir, mas era essencial adotar um plano concreto de reestruturação, pressupondo uma nova gestão de recursos e, paralelamente, a integração e coordenação de serviços (Marques et al, 2006, 6). Esta gestão de recursos passava pela otimização de espaços e equipamentos e implicava uma nova abordagem da gestão que pretendia garantir o reaproveitamento dos recursos bibliográficos e humanos e a adequação dos espaços e equipamentos de modo a servir eficazmente os utilizadores das bibliotecas: salas para leitura, salas para estudo, depósitos para publicações. Tal significava criar ou melhorar salas de leitura nas bibliotecas, com o objetivo de as dotar de espaços de consulta e acesso aos documentos, permitindo o empréstimo e a devolução de obras, independentemente da biblioteca onde se localizassem. A gestão dos recursos bibliográficos implicava um

reforço dos sistemas que facilitassem o seu acesso, como era o caso da conversão de catálogos para suporte informático, a adoção de uma política comum para a aquisição de publicações, a simplificação da circulação de documentos e de utilizadores pelo universo das bibliotecas através de um regulamento comum de empréstimo domiciliário e de empréstimo interbibliotecas.

Assumindo um papel de liderança, a Biblioteca Geral conduziu um processo de informatização que passou por diversas fases e abordou diferentes sistemas de gestão de bibliotecas, ao longo das últimas décadas. Foi um processo longo, mas que contemplou, desde o seu início, a totalidade das bibliotecas da Universidade de Coimbra³. Nos finais da década de 1990, inaugurou-se o primeiro catálogo coletivo informatizado da Universidade de Coimbra, com o sistema *Libertas*. Este agregava, para além do catálogo da BGUC, os registos bibliográficos oriundos dos sistemas locais das bibliotecas das Faculdades de Letras, Ciências e Tecnologias (Arquitetura, Matemática e Engenharias), Economia, Psicologia, Ciências do Desporto e dos Hospitais da UC. Pela primeira vez, as bibliotecas da UC passaram a dispor de um só catálogo público em linha (OPAC) (Ferreira, 2014, p. 45). Foi este sistema partilhado de catalogação e de gestão do empréstimo que deu origem à base de dados bibliográficos comum da Universidade, que se designa por Sistema Integrado de Informação Bibliográfica da Universidade de Coimbra (SIIB/UC). No entanto, foi apenas no início do novo milénio, com a aquisição do sistema *Millennium*, que se alcançou o catálogo integrado das bibliotecas da UC que hoje se conhece.

Como resposta à situação que as bibliotecas da UC viviam nos finais da década de 1990 e inícios da seguinte, propôs-se, então, um plano geral de reorganização e reestruturação das bibliotecas,

3 Poderá ler mais sobre o processo de informatização das bibliotecas da Universidade de Coimbra, no trabalho de Carla Ferreira, "A Automatização da(s) Biblioteca(s) da Universidade de Coimbra".

que envolvia o reagrupamento de bibliotecas, o reforço do papel da Biblioteca do Conhecimento Online (b-on), a criação de um serviço integrado das bibliotecas e por uma nova gestão de recursos, integração e coordenação de serviços. Este plano foi apresentado num relatório sobre a reorganização e reestruturação das bibliotecas da Universidade de Coimbra (Marques *et al.*, 2006), com a supervisão da Reitoria da UC e elaborado por uma comissão que envolvia o diretor da Biblioteca Geral, docentes universitários e bibliotecários da Universidade de Coimbra e de outras universidades, como a do Porto e Salamanca.

Gestão de recursos das Bibliotecas da UC

A experiência e o contacto com outras bibliotecas universitárias, em Portugal e no estrangeiro, e os trabalhos produzidos sobre bibliotecas universitárias contribuíram para a percepção de que a existência de uma estrutura de apoio técnico e de coordenação para as bibliotecas correspondia ao interesse da própria Universidade. Reconhecia-se que a melhoria da qualidade das bibliotecas passaria por estabelecer uma orientação geral, implicando a centralização e a administração de produtos e de serviços comuns. Esta convicção era reforçada pela rápida evolução de novas soluções técnicas, a necessidade de formar de modo apropriado os profissionais, adequando as respostas às questões colocadas quer por eles, quer pelos seus utilizadores.

As propostas apresentadas no plano de reorganização e reestruturação das bibliotecas da UC constituíram-se em redor de quatro áreas de intervenção: reagrupamento de bibliotecas, reforço do papel da Biblioteca do Conhecimento Online (b-on), criação de um serviço integrado das bibliotecas e gestão de recursos, integração e coordenação de serviços.

Do que já atrás se referiu, a gestão de recursos pressupunha a otimização de espaços e equipamentos e obrigava a uma reorganização das próprias bibliotecas, procurando adequá-las às necessidades dos utilizadores. Tal significava criar ou melhorar salas de leitura nas bibliotecas, com o objetivo de as dotar de espaços de consulta e acesso aos documentos, permitindo o empréstimo e a devolução de obras, independentemente da biblioteca onde se localizassem. Esta reforma também incluía uma redução progressiva do número de bibliotecas, ajustando os horários de funcionamento de modo articulado, o que permitiria o funcionamento em rede e rentabilizar os recursos bibliográficos e humanos existentes. Para além das salas de leitura era necessário disponibilizar salas de estudo nos vários polos da Universidade, com horários mais alargados e com condições de apoio ao estudo, permitindo a utilização de computadores e a ligação *Wireless*. Outra preocupação com os espaços envolvia os depósitos, defendendo a disponibilização de um espaço comum ou a construção de um silo que permitisse libertar as áreas das bibliotecas das publicações menos consultadas, de duplicados, ou daquelas que já é possível consultar em outros suportes, como o digital.

A gestão e o reforço dos recursos humanos foram também questões centrais deste relatório. Impunha-se a definição de um plano de formação adequado que permitisse a atualização de conhecimentos e a melhoria de competências no domínio das novas tecnologias e no âmbito de novas funções que poderiam vir a ser desempenhadas pelas bibliotecas. Do mesmo modo referia-se a reconversão de pessoal e a sua especialização na área das bibliotecas, advogando-se a partilha de recursos e a cooperação como forma de racionalizar recursos. Previa-se até a contratação de serviços externos para tarefas temporárias de grande volume, como a reconversão dos registos bibliográficos em formato eletrónico.

No que dizia respeito à gestão da informação, o plano de reestruturação preconizava a implementação completa do sistema integrado de gestão bibliográfica com o *Millenium*, que asseguraria o funcionamento do SIIB/UC e realizaria de forma consistente e coordenada a gestão de toda a informação em formato digital. A existência de regulamentos comuns para o empréstimo domiciliário ou para o empréstimo interbibliotecas tornava-se possível com a adoção deste sistema em todas as bibliotecas da UC e a existência de um cartão de identificação único para a utilização dos serviços prestados pelas bibliotecas, reconhecido por todas elas, permitiria agilizar a circulação no seio da comunidade académica.

No mesmo documento, defendia-se, também, a integração de todos os recursos digitais da UC e o fomento de edições em formato eletrónico, elegendo este formato como preferencial para o acesso à informação e com vantagens para uma política de aquisições de publicações em formato digital. Este formato serviria, ainda, para a apresentação da produção científica e pedagógica dos autores ligados à UC e para a criação de suportes digitais que preservassem a documentação original em papel.

Um portal de informação relativa às bibliotecas e aos seus serviços, com ligações aos recursos digitais existentes, como o catálogo ou a b-on, completaria esta vertente de gestão.

Em suma, o plano de reestruturação e reorganização gizado pretendia determinar as áreas em que era urgente intervir e que, uma vez reformadas, levariam a ganhos significativos de eficiência dos serviços e da sua articulação. O novo sistema organizativo das bibliotecas da UC deveria assentar numa estrutura em rede, *“em que as diferentes bibliotecas se organizarão como nós da mesma, mantendo um funcionamento aberto e expansivo”* (Marques et al., 2006, 28). O problema da organização das bibliotecas, reconhecido pela Reitoria e confirmado pelos trabalhos da Comissão, recomendava, pois, a criação de um serviço apropriado que, articulado com as

funções da BGUC, possibilitaria a otimização de meios e recursos existentes ou a produzir.

Criação do Serviço Integrado das Bibliotecas da Universidade de Coimbra

Deste modo, após a conclusão da análise sobre a situação das bibliotecas da UC e com a apresentação das propostas fundamentadas da Comissão que elaborou o Relatório, o Senado, sob proposta do Reitor, promulgou a Deliberação n.º 75/2006, que aprovou este documento e autorizou a criação de uma estrutura de apoio e coordenação das suas bibliotecas: o Serviço Integrado das Bibliotecas da Universidade de Coimbra (SIBUC). Em dezembro de 2009 foi publicado o Regulamento n.º 488/20091 em Diário da República, com o objetivo de prover o SIBUC com um conjunto de normas de organização e funcionamento que lhe permitisse articular-se de forma coerente com a nova realidade orgânico funcional.

O Serviço Integrado das Bibliotecas da Universidade de Coimbra (SIBUC) apresentava-se, então, como resposta às questões colocadas no relatório das bibliotecas universitárias, com um modelo alternativo à organização existente até aí nas bibliotecas da UC, ou seja, procurava afirmar uma gestão centralizada de recursos, serviços e de algumas funções relacionadas com estes serviços, que coubessem nas suas competências. O modo circunstanciado como surge a descrição das funções atribuídas, a dependência hierárquica, a localização e estrutura apresentadas no Relatório dão conta da centralidade que era reconhecida a este Serviço no conjunto de bibliotecas.

O SIBUC surge, assim, como uma estrutura de apoio técnico e de coordenação das bibliotecas da Universidade de Coimbra, com a missão de criar sinergias entre as bibliotecas, promover a colaboração entre todas elas e dinamizar esforços comuns para a otimização dos recursos existentes na área técnica e na melhoria da qualidade

dos serviços prestados. Compete-lhe, ainda, apoiar as bibliotecas na melhoria da qualidade dos serviços, apresentando-se como um órgão indispensável à coordenação dos serviços das bibliotecas em toda a Universidade. Deverá, também, proporcionar estudos que facilitem a integração física ou virtual de diferentes bibliotecas e desenvolver a sua atividade com os recursos humanos e financeiros que a Universidade colocar à sua disposição.

As funções definidas para o SIBUC cobrem um conjunto de tarefas que envolvem 14 áreas de intervenção⁴:

- Coordenar o Sistema Integrado de Informação Bibliográfica da UC (SIIB/UC);
- Apoiar a Biblioteca do Conhecimento Online (b-on);
- Coordenar a gestão e disponibilização das bases de dados comuns da UC, assim como as assinaturas de publicações periódicas (em papel ou eletrónicas), com base nas existências da b-on;
- Gerir o Estudo Geral, o repositório digital da produção científica da UC;
- Apoiar na UC a manutenção da Biblioteca Aberta do Ensino Superior (BAES), destinada a estudantes do ensino superior com necessidades educativas especiais;
- Gerir a Biblioteca Digital da UC;
- Propor, em colaboração com os serviços de natureza central da Universidade no domínio das tecnologias da informação e comunicação, as alterações e investimentos necessários à atualização de equipamentos e sistemas informáticos e infraestruturas de suporte aos recursos de informação geridos pelo SIBUC, e que por ele são mantidos;

4 Funções indicadas no Regulamento do Serviço Integrado das Bibliotecas da Universidade de Coimbra (SIBUC). Publicado em Dário da República. 2009. 2ª Série: Nº 238, p. 49902-03.

- Apoiar a preservação do património bibliográfico da UC, com os adequados procedimentos técnicos e a promoção do desenvolvimento de serviços de restauro comuns;
- Estudar e propor procedimentos harmonizados entre as bibliotecas da UC para dar cumprimento a exigências legais;
- Elaborar candidaturas e gerir projetos, em articulação com os serviços de natureza central da Universidade em matéria administrativo-financeira, para financiamento, interno e externo, da modernização em equipamento e tecnologia das Bibliotecas da UC;
- Elaborar estudos para racionalizar, redistribuir e, em alguns casos, propor a eliminação, designadamente de duplicados, dos recursos documentais das Bibliotecas da UC;
- Prestar serviço de consultadoria e apoio às Bibliotecas da UC, quando para isso solicitado;
- Prestar assessoria técnica à Reitoria, na área das Bibliotecas, nomeadamente dando pareceres relativos à aquisição, manutenção e alteração das infraestruturas das bibliotecas (edifícios, mobiliário, iluminação, etc.), assim como à sua dotação financeira e fornecimento dos dados estatísticos necessários para fundamentar decisões no âmbito das Bibliotecas da UC, em particular no respeitante ao seu progressivo agrupamento;
- Assegurar a manutenção do Portal das Bibliotecas da UC, meio online que reúne informação bibliográfica e documental de interesse comum.

Algumas das áreas de intervenção referidas, como são os casos da coordenação do SIIB/UC, o apoio da b-on, a gestão de Estudo Geral ou a gestão da biblioteca digital, desdobram-se em várias ações complementares, compreendendo todas elas a promoção de ações de divulgação e formação para utilizadores.

Infere-se então, do que se expõe, que o SIBUC tem sob a sua responsabilidade um leque de atribuições que exigem um elevado

grau de competências técnicas e uma adequada preparação dos seus profissionais, de modo a conseguir responder às questões que lhe possam vir a ser colocadas. Naturalmente que o facto de esta estrutura ser acolhida na BGUC significa que por "*razões históricas, regulamentares e funcionais*⁵" os recursos adicionais de que venha a necessitar serão partilhados entre as duas organizações e que existirá uma articulação privilegiada e necessária entre ambas. Daqui se pode deduzir que este novo serviço deve ser dotado de uma estrutura leve e capaz de criar sinergias com os outros serviços da Universidade, com uma equipa dedicada e com um perfil nas áreas de biblioteca e informática.

Implementação e funcionamento do SIBUC

O SIBUC foi apresentado publicamente a 19 de julho de 2007 e iniciou o seu funcionamento no mesmo ano, antes ainda de ver publicado o seu Regulamento, que veio a lume em dezembro de 2009. O início do processo de recrutamento de pessoal para integrar este Serviço foi autorizado com a publicação do Despacho Reitoral nº 46/2007. Dentro das suas competências e da sua dimensão, a equipa tem procurado ao longo destes últimos 10 anos verter para a prática o que o Regulamento define e articular de forma centralizada a administração das atividades a seu cargo, dando conta da sua execução através de relatórios de atividades e em reuniões de bibliotecas, que organiza anualmente.

Das atividades que desenvolve com regularidade e que procuram responder às suas atribuições, faz-se agora uma breve referência a algumas delas, reforçando as que se revelam como mais estruturantes para o universo das bibliotecas e para a própria Universidade.

5 Conforme se pode ler no Preâmbulo do Regulamento do SIBUC.

a) Sistema Integrado de Informação Bibliográfica da Universidade de Coimbra (SIIB/UC)

A coordenação do SIIB/UC começou por ser a principal atribuição do SIBUC, mas hoje o sistema adquiriu uma dinâmica própria a todos os níveis, encontrando-se a funcionar de modo regular. O sistema Millennium, sistema adotado pelas Bibliotecas da UC, veio *“responder às necessidades de gestão bibliográfica sentidas e manifestadas pelas bibliotecas da UC, melhorando assim o seu atendimento ao público, satisfazendo cada vez mais e melhor as suas necessidades de informação* (Ferreira, 2014, 28). Este sistema permitiu a uniformização de procedimentos nas várias bibliotecas do SIIB/UC – como é o caso dos regulamentos aplicados ao empréstimo domiciliário ou ao empréstimo interbibliotecas – contribuiu para a racionalização das tarefas técnicas e para o controlo das aquisições, permitindo a redução de custos e o aumento da consistência e uniformidade do catálogo. Além disso, garantiu a utilização do cartão de identificação institucional (de estudante e de funcionário), tornando desnecessária a manutenção de um cartão próprio, usado para as bibliotecas.

O SIBUC assegurou a parametrização do sistema Millennium e tem vindo a implementar novas versões e funcionalidades, como é o caso dos módulos de autoempréstimo, adotados pela Biblioteca da Faculdade de Psicologia (em 2012) e pela Faculdade de Letras (em 2016). A gestão da base de dados bibliográfica é feita em colaboração com a BGUC, assim como a coordenação e normalização dos procedimentos técnicos. A formação técnica dos profissionais de bibliotecas, necessária ao bom funcionamento do sistema tem sido realizada sempre que necessário, contando com o apoio da BGUC e de elementos dos Grupos de Trabalho. Estes Grupos de Trabalho, compostos por bibliotecários das bibliotecas participantes e da BGUC, foram constituídos para estudar, apoiar a implementação e preparar a formação em cada um dos módulos do Millennium (catalogação,

empréstimo domiciliário, publicações periódicas, OPAC, empréstimo interbibliotecas), para todas as bibliotecas que integram o SIIB/UC - incluindo as instituições externas à UC, como o Centro Hospitalar Universitário de Coimbra ou a Escola Superior de Enfermagem de Coimbra. Indica-se, a este propósito, a atividade mais recente (em 2015) desenvolvida pelo Grupo de Trabalho da Catalogação, que conduziu à implementação da descrição bibliográfica baseada na ISBD Consolidada.

O número de bibliotecas na UC que tem vindo a ser reagrupado ao longo dos últimos anos – o que corresponde a uma das reformas enunciados no Relatório sobre a reorganização das bibliotecas – resulta na redução das bibliotecas departamentais, traduzindo-se tecnicamente, numa reconfiguração e extensão no Millennium. Convém mencionar que o processo de reagrupamento das Bibliotecas se iniciou logo após as recomendações do Relatório. Primeiro, com a construção da nova Biblioteca das Ciências da Saúde, no Polo III, que ficou a dar suporte às Faculdades de Medicina e de Farmácia (2009); mais tarde, com a constituição da Biblioteca do Polo II (2013) destinada a apoiar os departamentos de Engenharias (Engenharias Química, Informática, Eletrotécnica, Mecânica e Civil e, mais tarde, as Ciências da Terra), que reorganizou os recursos existentes em todos os departamentos e centralizou os seus serviços na precedente Biblioteca de Engenharia Civil; no ano seguinte (2014), a constituição da Biblioteca das Ciências da Vida (agregando as antigas bibliotecas de Botânica, Antropologia, Zoologia e Bioquímica) e a Biblioteca de Física e Química que resultou da integração dos núcleos documentais do Departamento de Física e do Departamento de Química. Em todos estes momentos de transição o trabalho dos bibliotecários e dos técnicos das Bibliotecas neles envolvidos, realizou-se com notável zelo e dedicação, sem o qual não teria sido possível qualquer mudança.

Como indicadores de referência do movimento do catálogo integrado, o número médio anual de novos registos acrescentados ao

catálogo cifra-se perto dos 49.000 e o movimento médio de circulação anual ultrapassa os 110.500 empréstimos domiciliários⁶, conforme as Figuras 1 e 2 indicam:

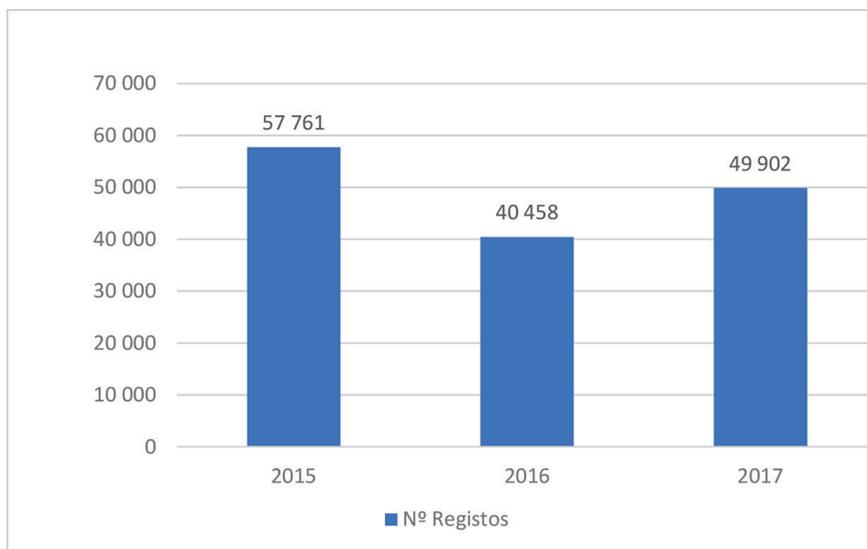


Figura 1 - Novos registos no catálogo (2015 a 2017)

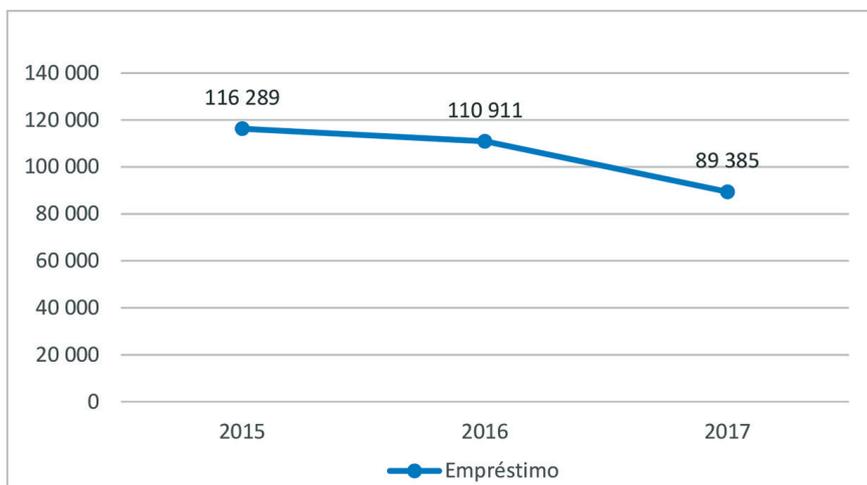


Figura 2 – Empréstimo domiciliário (2015 a 2017)

⁶ Ambas as médias foram obtida com base nos números registados para os anos de 2015, 2016 e 2017.

b) Repositório digital Estudo Geral

O Estudo Geral foi apresentado publicamente em 2008, com a missão de divulgar a produção científica dos autores ligados a esta instituição, promover a sua visibilidade, guardar e preservar a memória intelectual num único sítio, de forma estruturada e facilmente recuperável. Em outubro de 2010 foi aprovada a “Política de Acesso Livre (Open Access) da Universidade de Coimbra”⁷ que estabelece que o depósito de toda a produção científica da UC seja feito no Estudo Geral. Cada um dos membros intervenientes neste processo - o Serviço de Gestão Académica, as Bibliotecas e o SIBUC - desempenham um papel essencial para a concretização de tal política. Embora todas as bibliotecas sejam importantes para a prossecução deste processo, é ao SIBUC que cabe coordenar, dinamizar e gerir todo um conjunto de atividades que criam as condições para que os docentes e investigadores da UC façam do autodepósito uma atividade regular.

O número de documentos depositados no Estudo Geral tem vindo a aumentar de forma sustentada ao longo dos anos, situando-se atualmente num valor acima dos 30.000⁸ documentos, distribuídos de acordo com o que vem indicado na Figura 3. Este crescimento tem vindo a ser mais significativo no que respeita a dissertações (34%), aos artigos em publicações periódicas nacionais e internacionais (31%) e às teses de doutoramento (19%) e o conjunto de documentos disponibilizado em acesso aberto representa hoje perto de 80% do total de documentos depositados. No mesmo sentido, os dados disponibilizados no Estudo Geral, que identificam o número de pesquisas,

7 Esta Política está disponível para consulta em https://www.uc.pt/regulamentos/transversais/vigentes/politica_acesso_livre_open_access_da_uc.pdf

8 Todos os dados indicados foram retirados das estatísticas do Estudo Geral. [consult. 23 abr. 2018]

consultas e *downloads*, têm registado um aumento na utilização do repositório, com *downloads* que se situam perto dos 350.000 por mês.

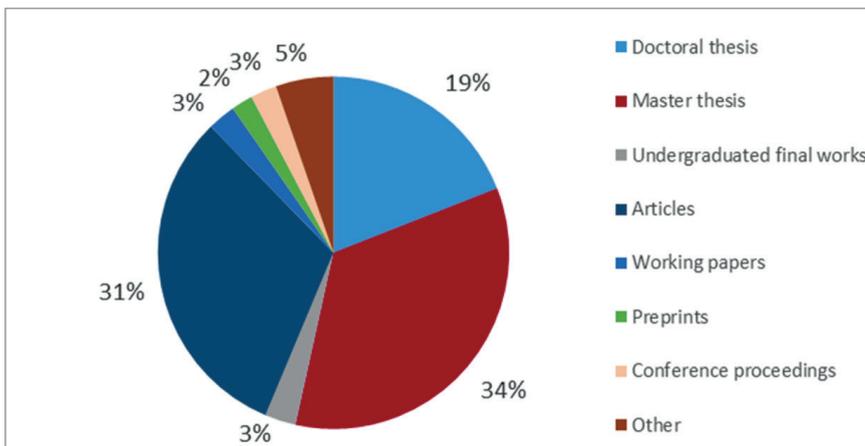


Figura 3 - Distribuição de depósitos por tipologia documental (2017)

A gestão do Estudo Geral implica todos os aspetos de administração do sistema informático e a implementação de novas versões e funcionalidades, o que já aconteceu por duas vezes e que garante a interoperabilidade do Estudo Geral com o Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal (RCAAP).

O SIBUC é o interlocutor da UC com o RCAAP e, nessa função, participa nas reuniões de coordenação deste órgão que decorrem duas vezes por ano; em iniciativas promovidas anualmente pela Semana Internacional do Acesso Aberto que se assinala durante o mês de outubro; nas Jornadas anuais da FCT/FCCN; na Conferência Luso-brasileira sobre Acesso Aberto que decorre todos os anos, das quais se destaca a que decorreu em Coimbra, em 2014; em grupos de trabalho do RCAAP, em que tem assumido a coordenação nacional de alguns grupos de trabalho, como é o caso do Grupo de Divulgação do RCAAP (desde 2016).

Na Política de Livre Acesso da UC indicam-se as competências que cabem a cada um dos serviços da UC para a concretização dos objetivos enunciados neste documento, reforçando-se o papel do SIBUC e sua ligação com os Serviços de Gestão Académica (SGA) e secretarias de Assuntos Académicos das várias unidades orgânicas, conduzindo à uniformização de procedimentos. Desde 2013 que a gestão das coleções das provas de doutoramento e das provas de agregação se faz a partir da plataforma informática do Estudo Geral (*DSpace*), com a vantagem de facilitar o acesso e promover a desmaterialização dos documentos. Mais recentemente, com a aplicação da Portaria 285/2015⁹, a colaboração com os SGA intensificou-se e permitiu a ligação e interoperabilidade do Estudo Geral com o sistema NONIO, utilizado na gestão académica da UC, possibilitando aos alunos do 2º ciclo a introdução dos metadados e dos trabalhos de mestrado no InforEstudante, a plataforma de apoio aos estudantes, garantindo que através desta via fiquem depositados no Estudo Geral.

c) Biblioteca digital Alma Mater

A Alma Mater¹⁰, biblioteca digital de Fundo Antigo da Universidade de Coimbra, congrega várias bibliotecas digitais das unidades orgânicas da UC, como a “Biblioteca Digital da Faculdade de Direito”, a “Biblioteca Digital da Faculdade de Letras”, a “Biblioteca Digital de Botânica da Faculdade de Ciências e Tecnologia”, a “Biblioteca Geral Digital”, ou temáticas como a “República Digital”, “História da Ciência”

9 A Portaria 285/2015 veio regulamentar o artigo 50º do Decreto-Lei n.º 115/2013 que define como obrigatório o depósito legal de uma cópia digital das teses de doutoramento ou de outros trabalhos apresentados para obtenção do grau de doutor e das dissertações de mestrado num repositório integrante da rede RCAAP.

10 A biblioteca digital Alma Mater está disponível em <https://almamater.sib.uc.pt/>.

ou “500 Anos da Biblioteca da Universidade de Coimbra”¹¹ e resultou de diversos projetos financiados por entidades nacionais e fundos próprios da Universidade. A Alma Mater compreende uma coleção de cerca de 5.600 obras e perto de 2.000.000 imagens digitalizadas e encontra-se apetrechada de um conjunto de funcionalidades que permitem ao utilizador, para além da navegação, realizar uma pesquisa fácil a todos os seus recursos.

Procurando seguir uma estratégia de desenvolvimento e modernização, esta biblioteca digital foi integrada na plataforma UC Digitalis¹², plataforma desenvolvida pela equipa do SIBUC para dar resposta a um pedido expresso pela Imprensa da Universidade de Coimbra (IUC), em 2011, que pretendia acomodar os suportes digitais das suas publicações. Neste desígnio, através da agregação e difusão de conteúdos digitais em língua portuguesa procurou-se promover a ligação da Universidade com o país e o mundo. O projeto UC Digitalis resultou, então, de uma parceria com a IUC e possibilitou a agregação de três bibliotecas digitais: Alma Mater – biblioteca digital de fundo antigo das bibliotecas da UC, Pombalina – biblioteca digital que disponibiliza toda a produção editada pela Imprensa da Universidade de Coimbra – e Impactum – biblioteca digital de publicações periódicas da UC, mas aberta à colaboração de outras revistas lusófonas. Durante vários anos, o SIBUC consagrou grande parte dos esforços no desenvolvimento e manutenção da UC Digitalis, projeto considerado de grande relevância para a promoção e divulgação de ciência em língua portuguesa, com especial relevo para as Ciências Sociais e Humanas. Pela projeção alcançada, foi estabelecido um protocolo entre a UC e a Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) em 2014 que permitiu a integração da UC Digitalis na b-on e a sua divulgação junto das instituições membro b-on. Para que

11 Pode ver estas bibliotecas digitais associadas em https://almamater.sib.uc.pt/pt-pt/bibliotecas_digitais.

12 A UC Digitalis está disponível em <https://digitalis.uc.pt/>

fosse consumada essa integração, o SIBUC adequou um conjunto de requisitos técnicos obrigatórios e os serviços ficaram instalados em dois servidores virtuais alojados na infraestrutura da FCCN, pelo que a satisfação de alguns dos requisitos decorre dessa circunstância.

O SIBUC tem ainda a seu cargo a intervenção na manutenção e gestão de outras bibliotecas digitais, como é o caso da BAES - Biblioteca Aberta do Ensino Superior e da Classica Digitalia, que em 2016 passou a estar disponível na UC Digitalis¹³.

d) Participação em projetos

Ao longo destes 10 anos, o SIBUC apoiou candidaturas e submeteu alguns projetos em colaboração com outras estruturas, em particular com a Biblioteca Geral. Alguns desses projetos foram aprovados, como aconteceu com o projeto “Catálogo da Biblioteca Científica do Doutor Luís de Albuquerque”, aprovado pela Fundação Calouste Gulbenkian (2009) ou os projetos “Tratamento e digitalização do Fundo do Instituto de Coimbra” (2008) e “História da Ciência da Universidade de Coimbra e História da Ciência Botânica”, no âmbito do Programa em História da Ciência (2009), ambos financiados pela FCT.

Mais recentemente, o SIBUC tem vindo a participar no projeto “IES em Rede” (2016), que integra um consórcio de instituições de Ensino Superior, numa das vertentes do projeto que se relaciona com a definição de um sistema de gestão de ciência para a UC (CRIS), a desenvolver em parceria com os das outras instituições envolvidas. Neste projeto, o repositório digital da UC ganha novos contornos e funcionalidades e fornece suporte para a infraestrutura de rede que permitirá criar um CRIS.

13 O endereço de acesso à Biblioteca “Classica Digitalia” é <https://classicadigitalia.uc.pt>

e) Ligação com a b-on

O SIBUC é o interlocutor da b-on na Universidade de Coimbra e mantém contactos regulares com a FCT em todos os assuntos relacionados com a B-on na UC. Divulga pelas bibliotecas toda a informação que lhe é remetida, como seja a comunicação de períodos de acesso gratuito a novas bases de dados ou a publicações eletrónicas disponibilizadas pelos editores aos membros b-on, a comunicação de estatísticas associadas à utilização destes recursos, apoia contactos para assinaturas de novos conteúdos ou para ações de formação direcionados a toda a comunidade académica, promovendo a utilização da b-on na UC.

f) Atividades de formação

Outras iniciativas têm sido organizadas, individualmente ou em colaboração, como sessões de formação e Workshops, com o objetivo de satisfazer necessidades de formação dos profissionais das bibliotecas da UC e necessárias ao bom funcionamento dos serviços e sistemas adotados. Para a divulgação de novos produtos ou para a utilização informada dos mais recentes, promove sessões em colaboração com editores ou livreiros, quer para as bibliotecas, quer para a comunidade universitária. Neste ponto interessa salientar a relevância de novas funções que devem ser desempenhadas pelas bibliotecas, como é o caso das competências que hoje se exigem no domínio da Ciência Aberta, dos Direitos de Autor ou no apoio à publicação científica.

De igual modo, organiza reuniões de trabalho anuais com todas as bibliotecas da Universidade de Coimbra, onde se apresenta e discute o relatório de atividades e o plano de atividades, nas quais participam o Diretor da BGUC e SIBUC e o Vice-Reitor para a área das bibliotecas.

Numa perspetiva de formação e ensino em contexto de trabalho, o SIBUC promove a colaboração internacional, acolhendo colegas estrangeiros, muitos deles no âmbito do Programa Erasmus e em articulação com a Divisão de Relações Internacionais, organizando visitas às bibliotecas da UC e reuniões de partilha de experiências. Tem recebido colegas de diferentes países, de modo particular da Polónia e Espanha, mas também da Grécia, Itália, Republica Checa, Alemanha e Brasil.

g) Outras atividades

Numa outra vertente, o SIBUC para monitorizar as várias solicitações que lhe são feitas, implementou (em 2011) um sistema de gestão de pedidos e ocorrências para atendimento dos seus utilizadores preferenciais, que são as Bibliotecas. Este sistema encontra-se organizado em diferentes áreas de intervenção e recebe, por ano, uma média de 650 pedidos que incidem de modo particular nas áreas “Millennium” (45%) e “Estudo Geral” (41%).

Importa, ainda, referir que o SIBUC contribui para o Plano Estratégico e de Ação da Universidade de Coimbra, planeando ações e estabelecendo metas a atingir, que são controladas ao longo do período em avaliação. Para o período de 2011-2015 foram definidas 16 ações, totalizando 38 indicadores e com uma taxa de execução considerada satisfatória (75%). Uma das ações recentemente desenvolvida prende-se com a preparação e envio a toda a comunidade universitária de um inquérito de satisfação aos utilizadores das bibliotecas da UC, tarefa em colaboração com a Divisão de Melhoria Contínua da UC, que será de grande importância para a análise atual dos serviços prestados e para a obtenção de informação sobre a utilização das bibliotecas.

Uma reflexão atenta sobre o estabelecimento das metas, que devem ser metas razoáveis e ter como referência os recursos dispo-

níveis no Serviço, conduziram a uma atuação diferente no ciclo que se seguiu. Como pontos fortes do Plano desenhado, regista-se o empenho e motivação do Serviço e a experiência adquirida com este processo. Nos pontos fracos, a falta de definição de prioridades com a consequente falta de cumprimento em algumas das ações propostas. Nas oportunidades distinguem-se a boa capacidade de resposta do Serviço e a sua ação que se pauta por integrar novos contributos e por traduzir uma melhoria contínua com base em metodologias de planeamento, gestão e avaliação. Como ameaça, assinala-se a precaridade de alguns dos recursos humanos envolvidos e a reduzida dimensão da equipa.

Perspetivas para o futuro

A atividade do SIBUC tem sido orientada para a promoção da melhoria da qualidade dos serviços que as bibliotecas da Universidade de Coimbra prestam à comunidade académica, assim como para a divulgação do seu vasto acervo documental. Foi nesse sentido que se promoveu a gestão centralizada do sistema integrado de gestão de informação bibliográfica, se desenvolveu uma biblioteca digital de fundo antigo e se constituiu o repositório institucional da UC.

No entanto, a rápida evolução tecnológica e a interligação que se tem vindo a estabelecer com as áreas de investigação científica, nomeadamente o acesso aberto a publicação e dados, a preservação digital e curadoria obrigaram a uma redefinição de prioridades e imprimiram alterações significativas na intervenção da equipa do SIBUC.

A adoção de boas práticas e de plataformas comuns, procurando reduzir custos e garantir uma maior proximidade com a população universitária, público-alvo da atividade das bibliotecas da Universidade de Coimbra, foi também uma preocupação presente. Novos desafios têm sido colocados às bibliotecas da UC, que passam pela integração e compatibilidade com plataformas nacionais e interna-

cionais – entre as quais o RCAAP, a Europeia, o Projeto DRIVER, o Projeto OpenAIRE – e pelo cumprimento das políticas nacionais e internacionais, nomeadamente no domínio da Ciência Aberta. Torna-se necessário apostar no fornecimento de serviços tecnologicamente mais adequados às novas realidades e que tendam a minimizar os efeitos nocivos da redução de meios humanos e materiais atribuídos às bibliotecas e com a capacidade de responder à maior exigência da sua comunidade académica.

Os atuais sistemas geridos pelo SIBUC necessitam de melhoramentos substanciais, a começar pelo Millennium que desde 2007 sustenta o sistema integrado de gestão de informação bibliográfica e carece de uma atualização tecnológica urgente que permita a disponibilização de novos serviços e a sua interoperabilidade com outros sistemas da UC, nomeadamente o sistema de gestão académica. O Estudo Geral, implementado sobre o software aberto DSpace, tem vindo a assumir um importante papel na renovação de serviços prestados pelas bibliotecas, reforçado pelo cumprimento da legislação em vigor. Também a Resolução do Conselho de Ministros¹⁴ que define os princípios orientadores para a implementação de uma Política Nacional de Ciência Abertas coloca novos desafios e exige respostas técnicas na organização e implementação de sistemas integrados e interoperáveis de acesso e gestão de informação, para além de tarefas de preservação e curadoria de objetos digitais (publicações e dados). A UC deverá acompanhar as melhores práticas de disponibilização e curadoria de dados científicos, fazendo evoluir o repositório existente neste sentido. A UC Digitalis que agrega os conteúdos digitais da Alma Mater, biblioteca digital de fundo antigo da UC, não permite, de forma eficiente, a incorporação de novas coleções digitais com o nível de autonomia gráfica, de pesquisa e navegação que

14 Resolução do Conselho de Ministros n.º 21/2016. Disponível em WWW:< <https://dre.pt/home/-/dre/74094659/details/maximized?serie=I&day=2016-04-11&date=2016-04-01>>. [Cons. 20 abr. 2018].

são recomendáveis nestes contextos. Foram, entretanto, feitas várias solicitações de incorporação na UC Digitalis de coleções musicais, cinematográficas, fotográficas ou com temáticas específicas, a que o SIBUC não pode dar uma resposta eficiente e atempada, pelo fato desta infraestrutura carecer duma profunda reformulação técnica.

Da análise da situação atual parece desejável iniciar uma nova fase de modernização de serviços do SIBUC que compreenda propostas de intervenção que passem pela substituição ou melhoria dos sistemas ou adotar outros serviços, como sejam:

- Implementar um CRIS (Current Research Information System) para a UC, com o objetivo de servir as unidades de investigação, garantindo um único local para depósito de documentos, permitir a sincronização com os sistemas ORCID e de gestão de Curricula Vitae e garantir relatórios estatísticos para os órgãos de gestão. Pretende-se, ainda, fazer a integração com o PT-CRIS e o OpenAIRE. Associado a este sistema de gestão de ciência planeia-se desenvolver o registo de APCs (Article Processing Charges), previsto no projeto “IES em Rede”, que permitirá reforçar a caracterização dos custos associados à publicação dos resultados de investigação.
- Estudar e preparar uma interface avançada e facilitadora para a construção de coleções digitais, depósito de conteúdos digitais e acesso ao espólio documental da UC, reunindo num único ponto os diversos tipos de conteúdos digitais geridos pelas bibliotecas da UC.
- Criar procedimentos de preservação digital do património bibliográfico e documental da UC (curadoria de objetos digitais para o Estudo Geral e a Alma Mater).
- Criar procedimentos para gestão e curadoria de dados científicos.
- Prestar assessoria técnica à comunidade académica em estudos bibliométricos, análise de citações e impacto da produção científica da UC e dos seus autores.

- Dinamizar e divulgar o sistema de agregação de conteúdos, o EDS atualmente instalado na UC e cuja utilização deverá ser incentivada junto da comunidade universitária, pelo facto de potenciar o acesso e localização dos recursos existentes nas bibliotecas da UC de forma integrada (catálogo, repositório, bases de dados locais ou de acesso geral).
- Analisar as condições do atual ILS Millennium e estudar soluções alternativas para um futuro ILS da UC que assegure as funcionalidades existentes, garanta a interligação e interoperabilidade com outros sistemas (por exemplo, através de APIs) e permita reduzir significativamente os custos anuais de exploração e licenciamento.
- Acompanhar e participar no projeto de criação de um catálogo integrado das Instituições de Ensino Superior, enquadrado nos projetos da Rede de Bibliotecas do Ensino Superior.
- Participar na nova fase de desenvolvimento da BAES, cujo modelo será reformulado e implicará alterações técnicas profundas, permitindo assegurar de forma mais consistente o acesso aos recursos documentais das universidades e instituto politécnicos que integram o projeto por parte dos estudantes com Necessidades Educativas Especiais.

Conclusão

Depois da criação do SIBUC como estrutura de gestão e coordenação dos recursos bibliográficos e biblioteconómicos da Universidade de Coimbra, a sua consolidação torna-se fundamental para que prosiga com a sua missão. É certo que o SIBUC tem procurado cumprir com as funções que lhe estão atribuídas e, tendo em conta os seus recursos e dimensão, tem-no realizado com sucesso. No entanto, a falta de uma equipa dedicada e com vínculo estável condiciona a sua atuação e intervenção. O contexto tecnológico, e não só, que motivou o aparecimento do SIBUC, tal como preconizado no Relatório

das Bibliotecas em 2006, alterou-se no sentido da complexidade, mantendo-se as questões que sustentaram a necessidade de uma estrutura de suporte e coordenação dos serviços de bibliotecas da Universidade, indicadores fundamentais de qualidade e excelência. As exigências e os desafios colocados às bibliotecas e ao SIBUC obrigam a um compromisso sério da própria Universidade. Afirmar uma estratégia de continuidade do trabalho de integração já iniciado e partilhar o conhecimento e experiência adquiridos são condições necessárias para enfrentar o futuro com confiança.

Referências Bibliográficas

- FERREIRA, Carla – A Automatização da(s) Biblioteca(s) da Universidade de Coimbra. *Boletim da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra* [Em linha]. Vol. 45 (2015), p. 11-88. ISSN 1647-8436. [Cons. 20 mar. 2018]. Disponível em : <http://impactum-journals.uc.pt/bbuc/article/view/2184>.
- MARQUES, João Carlos, coord. – Reorganização e reestruturação das bibliotecas da Universidade de Coimbra : relatório. Coimbra : Universidade de Coimbra, 2006. 83 p.
- PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS. Resolução do Conselho de Ministros N.º 21/2016. Diário da República I Série. 70 (2016-04-11) p. 1191-3. [Cons. 20 abr. 2018]. Disponível em <http://data.dre.pt/eli/resolconsmin/21/2016/04/11/p/dre/pt/html>
- REGULAMENTO N.º 488/2009. Regulamento do Serviço Integrado das Bibliotecas da Universidade de Coimbra (SIBUC). Diário da Republica II Série. 238 (2009-12-10) p. 49902-49903.

O Serviço de Apoio Administrativo da Biblioteca Geral: funções correntes e desafios novos

Odete Cláudia Azevedo¹

RESUMO

O Serviço de Apoio Administrativo da Biblioteca Geral cumpre várias tarefas fundamentais ao funcionamento desta unidade orgânica da Universidade de Coimbra. Uma das suas funções é realizar os atendimentos dos utentes internos (órgãos, serviços e trabalhadores da Biblioteca Geral, orgânicas da Universidade de Coimbra e dos Serviços de Ação Social da Universidade de Coimbra) e externos (leitores, investigadores e entidades coletivas). Neste trabalho mostram-se algumas tendências que vêm prevalecendo neste campo, perspetivam-se alguns desafios e propõem-se medidas de melhoria.

PALAVRAS-CHAVE

Serviço público; serviço de apoio administrativo; atendimento; desafios.

ABSTRACT

The Administrative Support Services of the General Library fulfill several fundamental tasks for the functioning of this organic unit of the University

1 Técnica Superior no Serviço de Apoio Administrativo da Biblioteca Geral – oazevedo@uc.pt

of Coimbra. One of its main responsibilities is to support to the internal users (services and personnel of the General Library, organic units of the University and the Social Action Services of the University of Coimbra), as well as to the external users (readers, researchers and collective entities). This work intends to bring awareness to some tendencies that have prevailed in this field, points to future challenges and proposes improvement measures.

KEYWORDS

Public services; administrative support; attendance; challenges.

As instituições são normalmente avaliadas pelo grau da eficácia que alcançam. A uma Biblioteca pede-se sobretudo que cumpra as suas funções na guarda e na disponibilização de documentos. A uma Biblioteca universitária, porém, pede-se que dirija a sua ação para a comunidade académica (professores e estudantes), satisfazendo os seus interesses e expectativas. Mas a comunidade académica de hoje não é a mesma de outros tempos. Não basta, como antes, manter uma atividade zelosa, competente e esforçada. É necessário desenvolver iniciativas destinadas a captar o interesse e a curiosidade dos seus utentes diretos, desde logo. E é também imperativo corresponder a antigas e a novas solicitações dos investigadores externos que procuram a Biblioteca, atraídos pelo seu invulgar acervo. Tanto mais que esses investigadores trazem consigo, em regra, a imagem de uma Biblioteca que funciona bem.

Neste contexto, os serviços administrativos não podem limitar-se a manter as suas atividades rotineiras. Implicados na estratégia da Biblioteca e da própria Universidade, os serviços são hoje confrontados com novos desafios, incluindo alguns que se situam fora do seu âmbito convencional.

É sobre esses desafios e sobre a dificuldade em os conjugar com os desafios antigos (que não desapareceram nem foram substituídos) que versa a presente reflexão.

A Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

A Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra é uma Unidade de Extensão Cultural e de Apoio à Formação (UECAF) da Universidade de Coimbra que integra o conjunto de estruturas universitárias responsáveis pela coordenação dos meios e dos recursos e que asseguram a gestão racional do espólio bibliográfico e documental, arquivístico, de museologia científica e da atividade editorial (n.º 4 do artigo 26.º do Despacho normativo n.º 43/2008 que homologa os *Estatutos da Universidade de Coimbra*).

O acervo da Biblioteca Geral encontra-se em dois edifícios (Biblioteca Geral e Biblioteca Joanina) e integra várias áreas de conhecimento, de vários períodos históricos e está aberta a vários públicos, em várias modalidades.

Se em 1503 se contavam pouco mais de 70 livros², hoje estima-se que detenha no seu acervo quase dois milhões de monografias.

A Biblioteca Geral é uma Biblioteca com fundos vivos e em permanente expansão, envolvendo não só publicações e documentos recentes por vida do depósito legal, ofertas e aquisições. A componente mais preciosa do seu acervo resulta dos seus fundos mais antigos resultantes de incorporações de bibliotecas particulares, algumas das quais provenientes da extinção dos colégios universitários, ocorrida em 1834.

Para acolher os leitores/investigadores que a ela recorrem, os serviços da Biblioteca encontram-se organizados em estruturas com funções concretas, mas flexíveis, definidas através do seu Regulamento, publicado a 10 de dezembro, na 2.ª série do Diário da República, n.º 238 com o n.º 487/2009. Esta publicação veio substituir o n.º 237/97 de 13 de outubro e adaptar a Biblioteca às novas circunstâncias da Universidade de Coimbra que, no ano anterior, havia realizado a revisão dos seus estatutos.

2 *Para uma visão mais desenvolvida do que tem sido a história da biblioteca da Universidade, veja-se o estudo de A. E. Maia Amaral (2014).

Enquanto Unidade de Extensão Cultural e de Apoio à Formação, a Biblioteca Geral, organiza-se em duas áreas que dependem diretamente do Diretor da Biblioteca Geral – a área de Tratamento Técnico Biblioteconómico e a área de Leitura, Referência e Apoio ao Utilizador.

O Diretor é coadjuvado pela Comissão Executiva, a que preside. Este órgão é constituído pelo Diretor Adjunto e pelos técnicos superiores responsáveis pelas diferentes áreas suprarreferidas e tem a competência de organizar e desenvolver as diferentes atividades que nela decorrem.

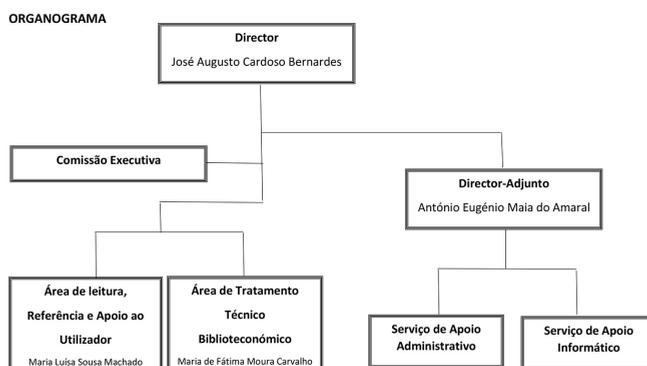


Figura 1 – Organograma da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

O Serviço de Apoio Administrativo no contexto da Biblioteca Geral

Sob a coordenação do Diretor Adjunto, encontram-se os serviços de apoio informático, documental e administrativo. É sobre este último que nos deteremos.

Nos termos do Regulamento n.º 487/2009, ao Serviço de Apoio Administrativo, compete:

a) Garantir a interação com os serviços de natureza central da Universidade em matéria administrativo-financeira, à luz das normas e práticas estabelecidas na matéria.

b) A gestão da manutenção, segurança, higiene e saúde no trabalho, em articulação com os serviços de natureza central da UC para esses domínios e em subordinação aos normativos gerais da UC.

As atribuições do Serviço de Apoio Administrativo obrigam não só ao conhecimento da missão e valores da Biblioteca (e da Universidade) mas também ao conhecimento dos seus diversos regulamentos e da sua aplicação prática.

O domínio desses conhecimentos técnicos torna-se assim imprescindível para que os trabalhadores sejam os melhores defensores dos interesses dos utentes e da organização (Silva, E. e Barcelos, P., 2002).

Mas é igualmente indispensável que, para além dos normativos legais, os funcionários incorporem os objetivos estratégicos da instituição que servem. Esses outros princípios e metas são estabelecidos nos órgãos de governação da Universidade, sendo depois incorporados nos diferentes patamares de decisão.

Se um dos caminhos escolhidos pela Universidade é o da internacionalização, é necessário adotar uma reconversão de procedimentos que envolvem medidas práticas e atitudes de relacionamento específico na interação quotidiana, por exemplo.

Tipos de atendimento do Serviço de Apoio Administrativo

No Serviço de Apoio Administrativo realizam-se três tipos de atendimento: presencial, telefónico e respostas a mensagens enviadas por correio eletrónico.

Em qualquer uma das modalidades, o atendedor é o elo que liga o utente à Administração Pública. É fundamental realizar um atendimento eficaz e de qualidade, mas também criar empatia com o utente (Fragueiro, 1993).

Neste sentido é manifesto que a satisfação dos utentes depende dos benefícios (resolução das necessidades ou problemas) e da capacidade de relacionamento demonstrada pelo técnico, atento e cordial e empático.

A eficácia e a correção do atendimento só podem ser alcançados, porém, quando também existe coordenação com os outros setores e entre estes.

A. Atendimento presencial

Uma parte significativa dos atendimentos realizados pelos trabalhadores no Serviço de Apoio Administrativo é realizado presencialmente.

Neste campo há aspetos essenciais que Moreira, I. (2014) considera que devem ser tidos em conta pelos atendedores – a apresentação pessoal, a expressão facial, o timbre e volume da voz, a expressão corporal e a utilização de um vocabulário simples e objetivo.

A mesma autora refere que não devem ser descuradas as regras de etiqueta, nomeadamente na precedência, na pontualidade, na forma de saudação e na atitude integradora.

B. Atendimento telefónico

O atendimento telefónico no Serviço de Apoio Administrativo tem muito menor prevalência do que os atendimentos presenciais, embora sendo muito importante na imagem que transmite da organização.

O contacto telefónico é uma forma de contacto rápida e pragmática. Ainda assim, revela-se muito pessoal. É útil para apresentar situações complexas, desde logo, que requerem desenvolvimentos posteriores. Mas serve também para pedir informalmente uma orientação ou informação pontuais.

Ao realizar o atendimento telefónico torna-se fundamental identificar o utente (nome e entidade) e assunto do telefonema e, se possível, também o objetivo que anima o utente. Caso o assunto se justifique, pode ser necessário deter os contactos do nosso interlocutor ou disponibilizar os nossos contactos adicionais.

Realizar o atendimento telefónico de forma profissional implica utilizar as regras do atendimento presencial e munir-se de cuidados adicionais, nomeadamente no que respeita ao tempo de espera até a chamada ser atendida, ter um suporte para realizar pequenos apontamentos, ter uma lista telefónica, caso seja necessário encaminhar alguma chamada ou pedir um esclarecimento a outro serviço,

C. Atendimento por correio eletrónico

Este tipo de atendimento envolve várias motivações: pode tratar-se de um pedido inicial, respeitar ao acompanhamento de assuntos, pedidos de informações, mas também visar a apresentação de candidaturas, a postos de trabalho um registar reclamações de diferente tipo e gravidade.

Uma questão importante neste tipo de atendimento é que o utente tem a expectativa de um tempo de resposta mais breve em comparação com as comunicações escritas. Esse aspeto cria uma maior proximidade e confiança junto do utente, podendo suscitar até a alguma informalidade nas comunicações.

Moreira, I. (2014) na obra “A Excelência do atendimento” refere a importância da utilização de mensagens automáticas de resposta a e-mails para ausências prolongadas de trabalhadores. Além de informar da ausência do atendedor habitual, serve também para informar sobre quais os contactos alternativos mais apropriados.

No caso da Biblioteca Geral, atendendo à flutuação do número de trabalhadores no Serviço de Apoio Administrativo, nem sempre tem sido possível manter um nível estável de eficácia e baixo tempo de resposta. Embora não exista informação quantitativa que nos permita aferir os níveis de eficácia, poder-se-á dizer que a impressão geral que os utentes internos nos transmitem é de satisfação com o serviço prestado.

O público do Serviço de Apoio Administrativo

Com competências tão abrangentes, é natural que o Serviço seja procurado por interlocutores de muito tipo: os internos - da Biblioteca Geral, das outras unidades orgânicas da Universidade de Coimbra e dos Serviços de Ação Social da Universidade de Coimbra e os externos que compreendem leitores/investigadores e outras entidades públicas e privadas.

- A – Ao nível interno, o Serviço de Apoio Administrativo responde aos órgãos de gestão – o Diretor e a Comissão Executiva, trabalhando sob a coordenação e direção do Diretor Adjunto e em colaboração próxima com os coordenadores das diferentes áreas de atividade: a Área de Tratamento Técnico Biblioteconómico e Área de Leitura, Referência e Apoio ao Utilizador.
- B – Os trabalhadores da Biblioteca Geral apresentam uma variedade de situações administrativas – desde pedidos de esclarecimentos, questões de gestão de tempos, férias, faltas e licenças, acidentes de trabalho, deslocações em serviço, acumulação de funções, requisição de materiais, etc. São um público contínuo e diário, que realiza os contactos presencialmente, telefonicamente e por correio eletrónico. Para este público o Serviço de Apoio administrativo serve como intermediário com os serviços da Administração, mas também como respondente final.
- C – Os leitores e investigadores que se dirigem presencialmente à Biblioteca têm, muitas vezes, necessidade de serviços adicionais à consulta de obras, nomeadamente fotocópias, digitalizações, empréstimos de obras do acervo de outras Bibliotecas (empréstimos interbibliotecas). Outros estão interessados em adquirir obras do nosso acervo de publicações. Estes serviços têm encargos associados, pelo que o atendimento destinado às cobranças, às formalidades inerentes, é realizado pelo Serviço de Apoio Administrativo.

O pagamento de serviços também se pode verificar através de atendimentos não presenciais, com recurso a comunicações através de correio eletrónico e/ou telefónicas.

D – O Serviço de Apoio Administrativo tem também muitas vezes o papel de interlocutor entre as várias unidades da Universidade de Coimbra e os órgãos de gestão, os coordenadores de área e os trabalhadores.

E – Para instruir os processos de aquisição de bens e serviços, o Serviço de Apoio Administrativo necessita de contactar com fornecedores para obter informações, orçamentos e na receção e verificação dos materiais. Este é um público de várias áreas com quem contactamos diariamente através dos mais variados meios: pessoalmente, telefonicamente, por correio eletrónico e carta.

F – Existem várias entidades nacionais e internacionais que procuram a Biblioteca Geral para solicitar empréstimos de obras, documentos e materiais, seja através de empréstimo de obras (empréstimo interbibliotecas), seja para solicitar ou propor colaborações em exposições, apresentações, estudos, entre outros. Também é recorrente a utilização dos espaços da Biblioteca Geral para palestras, conferências e demais eventos científicos e artísticos.

O Serviço de Apoio Administrativo interage com todos estes públicos no tratamento das questões administrativas de remessa, pagamento, organização e receção.

O atendimento deste público, não sendo diário, é bastante frequente, dadas as várias atividades em que a Biblioteca Geral está envolvida e colabora.

Alguns números dos atendimentos realizados pelo Serviço de Apoio Administrativo

Atualmente não existe informação intencionalmente recolhida e registada para contabilizar os atendimentos realizados, caracterizar o público do Serviço de Apoio Administrativo e ir mais além avaliando o grau de satisfação do mesmo.

No entanto, nas atividades diárias deste serviço são registadas interações a partir das quais poderemos inferir alguns números relativos aos atendimentos que realiza e sua evolução.

A nível administrativo, o registo das comunicações escritas, recebidas via correio, realiza-se através de documentos designados de ofícios identificados com um número sequencial e a data em que são realizados. Em conformidade com a Fig. 2, o número de ofícios emitidos pelo Serviço de Apoio Administrativo tem vindo a diminuir, tendo-se acentuado essa diminuição a partir do ano civil de 2015. Estes dados podem ser reflexo da disseminação da utilização do correio eletrónico nas comunicações, bem como do recurso a outras plataformas que a Universidade de Coimbra tem colocado à disposição para o tratamento de variados assuntos, nomeadamente a plataforma LUGUS e, mais recentemente, a aplicação para a Gestão dos cartões de identificação. A plataforma LUGUS é utilizada para pedidos de Bolsas de Estágio Curricular e Bolsas Diversas, Bolsas de Gestão de Ciência e Tecnologia e de Investigação, pedidos de trabalho suplementar, deslocações em serviço, abonos de bolsa diversa, serviços de transporte. Na área financeira instruem-se os pedidos de aquisição de bens e serviços, pedidos de emissão de faturas, correções de faturas/recibo, constituição e comunicação de despesas de Fundo de maneiio, de assuntos de tesouraria, etc. Esta plataforma incluiu ainda o campo para a instrução de todo o processo de avaliação dos trabalhadores.

Existe também a área pessoal de perfil no acesso privado do trabalhador que lhe permite realizar diversas alterações e consultas aos seus elementos.

Com todos estes procedimentos informatizados, não surpreende a diminuição do número de ofícios expedidos (comunicações formais escritas). Seria aliás expectável uma queda bem mais acentuada do que aquela que se vem verificando.

Talvez essa queda tenha existido em momento anterior a 2012, data da criação do Centro de Serviços Comuns implicando a constituição das plataformas e a desmaterialização dos processos.

Há que destacar que, no ano de 2016, a correspondência expedida para entidades externas à Universidade de Coimbra e Serviços de Ação Social superou, ainda que ligeiramente, o volume de correspondência trocada com as estruturas da Universidade de Coimbra e com os colaboradores da Biblioteca Geral. Talvez se possa inferir, desta circunstância que comunicações internas se operam pelas vias já referidas. De todo o modo, parece claro que a situação resulta do esforço de divulgação e exposição da Biblioteca Geral para a comunidade académica de Coimbra.

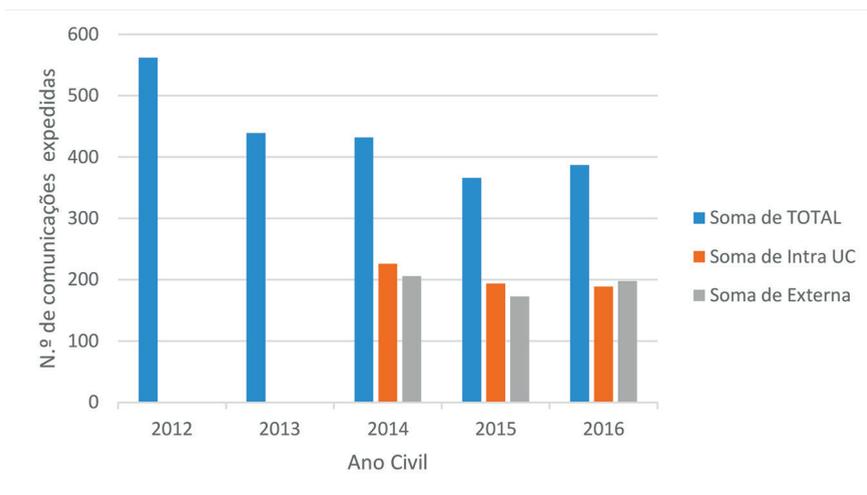


Figura 2 – Correspondência expedida com atribuição de número de registo nos períodos de 2012 a 2016

O volume de correspondência recebida e registada tem aumentado significativamente, conforme ilustra a Fig. 3.

Esta situação pode estar relacionada com o estabelecimento de novos critérios para registo de correspondência recebida estabelecidos a partir de 2014, mas também com a assunção de novas competências e funções pelo Serviço de Apoio Administrativo.

O atendimento de utentes que realizam pagamentos de serviços e bens fornecidos pela Biblioteca Geral reflete igualmente a quantidade de atendimentos. Neste campo, no período de 2013 a 2016 foram efetuados quase mil e trezentos registos de pagamentos de serviços e bens.

Nos primeiros seis meses de 2017 aproximámo-nos significativamente dos 200 atendimentos a Utentes que nos contactam pessoalmente ou por correio eletrónico.

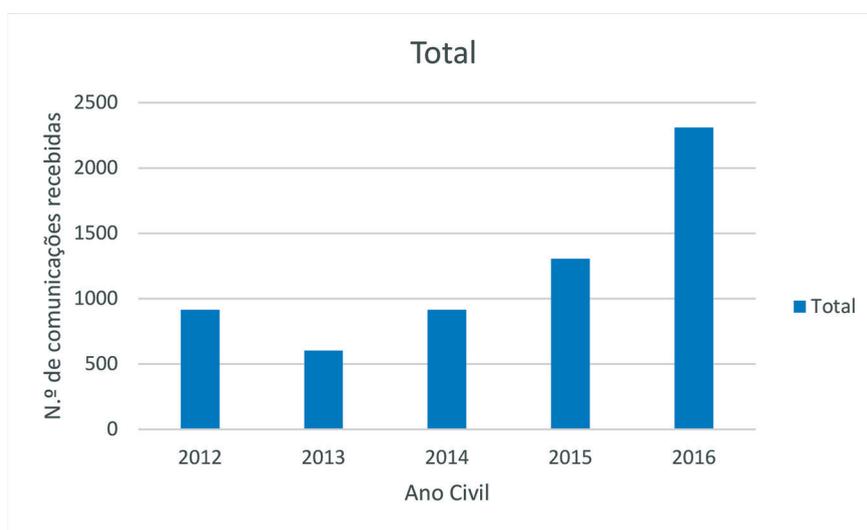


Figura 3 – Comunicações recebidas e registadas na entrada de correio no período de 2012 a 2016

Neste cômputo não foram incluídos os utentes que são entidades coletivas

Organização dos meios e do espaço de atendimento

O Serviço de Apoio Administrativo funciona no 3.º piso do edifício da Biblioteca Geral e tem acesso direto interno e externo através do elevador central.

O horário de funcionamento e de atendimento e a dimensão do espaço tem-se revelado adequada para a afluência e necessidades do público. São disponibilizados locais para preenchimento de impressos de forma mais breve (em pé) ou, mais demorada (secretária livre e cadeira).

Tendo em vista a racionalização e organização do espaço físico de atendimento, ao longo dos últimos três anos foram sendo testadas algumas disposições de mobiliário, acessibilidade ao atendedor e funcionalidade do espaço para acolhimento e para realização das tarefas necessárias ao atendimento. Pretendeu-se criar um ambiente moderno e acolhedor, mas também funcional, para ambas as partes.

Foi melhorada a sinalização do gabinete onde funciona o Serviço de Apoio Administrativo (indicação visível na porta) e na página institucional da Biblioteca Geral consta a morada e os contactos diretos deste serviço.

O painel com informações que se encontra à entrada do Serviço de Apoio Administrativo foi renovado e é atualizado sempre que tal se justifique.

Até ao final do ano perspectiva-se a realização de uma intervenção de reparação e pintura do espaço e a aquisição de algum mobiliário, que em muito beneficiarão o aspeto geral do gabinete.

Considerações finais e sugestões de áreas de investimento

Esta pequena comunicação sobre o(s) atendimento(s) realizado(s) pelo Serviço de Apoio Administrativo possibilitou uma reflexão sobre o volume das interações realizadas e verificar um ratio elevado de atendimentos.

Embora não tenha sido esse o foco deste trabalho, foi também possível identificar uma parte da grande diversidade de assuntos que são encaminhados para o Serviço de Apoio Administrativo.

O volume de atendimentos e a diversidade de assuntos envolvidos colocam um desafio ao atendedor que requer formação e estabilização do pessoal que lhe está afeto.

Estabilizar os trabalhadores permite, desde logo, que estes consolidem os conhecimentos dos assuntos e processos e permite rentabilizar o investimento na formação.

Tal como sucede em outras áreas específicas, também na área do atendimento a formação se revela de fundamental importância. Não é apenas necessário conhecer e dominar tecnicamente os assuntos; também é necessário saber ouvir os utentes e saber transmitir corretamente a informação. É fundamental a qualificação dos trabalhadores através da frequência de formações especializadas em técnicas de atendimento e em gestão da imagem institucional. Mas, acima de tudo, torna-se indispensável desenvolver atributos humanos como a hospitalidade e a simpatia.

Outra área de investimento é a internacionalização. Em cumprimento do preconizado no Plano de Ação da Universidade de Coimbra temos realizados algumas ações, nomeadamente a tradução da assinatura do correio eletrónico para o idioma inglês. O volume de comunicações com parceiros e utentes estrangeiros no idioma inglês vem aumentando exponencialmente, requerendo aprimoramento constante.

A respeito dos utentes internos, parece-nos útil a realização de ações de esclarecimento de questões e o recurso, de forma mais sistemática, à divulgação de avisos e orientações através de listas de distribuição (por correio eletrónico).

Por último, consideramos que devemos acelerar o ritmo de desmaterialização dos processos. Deve ressaltar-se que já existe bastante trabalho feito nesta área, mas ainda existem muitos passos para cumprir. Fundamentalmente temos que nos manter sensíveis às dificuldades associadas a um público interno que, por força das

atividades que desenvolve no seu dia-a-dia, não utiliza com regularidade os equipamentos informáticos e revela dificuldades nessa atividade.

Mantendo o cumprimento dos regulamentos, diretrizes e procedimentos da Universidade de Coimbra, o cumprimento dos preceitos legalmente definidos e consciente do disposto nos Planos estratégicos e de ação e nas particularidades e necessidades do seu público, o Serviço de Apoio Administrativo tem-se empenhado em modernizar e organizar o seu espaço e agilizar os procedimentos pela via da desburocratização e desmaterialização. Esperamos assim estar a contribuir para uma maior satisfação dos utentes e interlocutores deste serviço, e esperamos, sobretudo, estar a participar no desígnio nobre que sempre animou a Biblioteca da Universidade: o de ser uma casa de todos, aberta a todos.

Bibliografia

A- Regulamentos e normativos institucionais

Despacho normativo n.º 43/2008 de 1 de setembro. Diário da República n.º 168 – II Série. Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior.

Regulamento n.º 487/2009 de 10 de dezembro. Diário da República n.º 238 – II Série. Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA. Plano Estratégico da Universidade de Coimbra 2015-2016 (2016). Coimbra : UC- DPGD.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA. *Plano de Ação da Universidade de Coimbra – Unidades de extensão cultural e de apoio à formação 2015-2019* (2016). Coimbra : UC-PIMC.

B – Estudos

Amaral, A. E. M. (Ed.). (2014). *Os livros em sua ordem : para a história da Biblioteca Geral da Universidade (antes de 1513-2013)*. Coimbra : Imprensa da Universidade de Coimbra.

Baptista, S. Galvão (2004). A importância do estudo sobre a imagem organizacional para as unidades de informação e para seus gestores. *Biblos*, 5 (19), 48-59.

- Bernardes, J. A. C. (2016). A Biblioteca Geral como parte (essencial) da Universidade. *Boletim da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*. Coimbra : Imprensa da Universidade de Coimbra, 46/47, 11-15.
- Fiolhais, C., & Marques, J. C. (2009). A BGUC e as bibliotecas da Universidade de Coimbra. In A. E. Maia do (Coord.), *Tesouros da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra* (pp. 133-139). Coimbra : Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Fragueiro, A. (1993). *Manual de Atendimento do Público*. Lisboa : Direção Regional de Organização e Administração Pública.
- Irvall, B., & Nielsen, G. S. (2005). Access to Libraries for Persons with Disabilities : Checklist. *IFLA Professional Reports*. The Hague : International Federation of Library Associations and Institutions, 89, 7-9.
- Moreira, I. (2014). *A excelência no atendimento*. Lisboa : Lidel.
- Silva, E., & Barcelos, P. (2002). *Qualidade no Atendimento*. Lisboa : Instituto de Formação Tributária.

Fundo Doutor Luís de Albuquerque da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

Maria de Fátima Moura de Carvalho¹

RESUMO

Luís de Albuquerque nascido em 1917 e falecido em 1992, foi um brilhante professor da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra, embora também colaborasse com a Faculdade de Letras. Foi também Diretor da Biblioteca Geral entre 1978 e 1987, a quem fez a doação da sua Biblioteca Pessoal, composta por monografias, recursos contínuos e manuscritos. O Fundo inclui publicações de áreas muito variadas, mas predominantemente de Ciências Exatas e História.

PALAVRAS-CHAVE

Universidade de Coimbra. Biblioteca Geral. Fundos; Luís de Albuquerque (1917-1992). Diretor da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra; Fundo Luís de Albuquerque.

ABSTRACT

Luís de Albuquerque was born in 1917 and died in 1992. He was a brilliant Professor at the Science Faculty of Coimbra University, although he also collaborated with Arts and Humanities Faculty. He was Director of the General Library between 1978 and 1987, to whom he donated his Personal Libra-

¹ Bibliotecária da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra – fmoura@bg.uc.pt

ry composed of monographs, continuous resources and manuscripts. The Fund includes publications from a wide range of areas, but predominantly from Exact Sciences and History.

KEYWORDS

University of Coimbra. General Library; Luís de Albuquerque (1917-1992). Director of the General Library of the University of Coimbra; Luís de Albuquerque Fund.



Introdução

O Doutor Luís de Albuquerque foi Diretor da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra e doou a sua biblioteca a esta casa.

Depois do Fundo estar totalmente disponível ao público torna-se importante fazer um breve historial deste ilustre diretor, analisando a sua vida e a composição da sua biblioteca pessoal. Podemos inferir muito acerca dos seus interesses ao observarmos os livros que possuía.

Biografia

Luís Guilherme Mendonça de Albuquerque nasceu a 6 de Março de 1917 em Lisboa. O seu pai era oficial de Cavalaria, pelo que a família tinha que o acompanhar nas suas deslocações pelo país. Fez a Instrução Primária (Ensino Básico 1.º ciclo) em Aveiro e Coimbra. O ensino liceal também em Coimbra no Liceu José Falcão. Frequentou o Colégio Militar entre 1929 e 1934 onde conclui o Curso Geral dos Liceus, na área de Ciências. Matriculou-se na Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra em 1934 e completou em 1938 as disciplinas para acesso ao curso de Engenharia da Academia Militar. Participou nas atividades académicas e em 1938 integrou o cortejo da Queima das Fitas, num carro de quartanistas com Joaquim Rodrigues de Carvalho e Alfredo Santos Fernandes Martins. Não segue a carreira militar pelo que frequentou a Universidade de Lisboa onde se licencia em Matemática, em Novembro de 1939. No ano seguinte conclui as cadeiras necessárias à Licenciatura em Engenharia Geográfica.

Foi contratado no ano letivo de 1940-41 para Assistente da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra, sendo o seu contrato sucessivamente renovado até 1948. Neste ano presta provas para Professor das Cadeiras de Desenho da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra, lugar que toma posse em Dezembro de 1948.

Casa em 1943 com Maria Benedita Paes de Moraes Albuquerque.

É eleito Presidente da Associação Académica de Coimbra, mas não toma posse por já não ser aluno.

Em 1951 participa no XIV Congresso Luso- Espanhol para o Progresso das Ciências em Málaga. Em 1954 viaja para a Dinamarca e Suécia. Em 1956 acompanha o TEUC – Teatro de Estudantes da Universidade de Coimbra a Moçambique e outros países africanos.

Em 1957 começa a reger as aulas teóricas do Curso de Astronomia.

Doutorou-se em Matemática pela Universidade de Coimbra, em 1959 com a tese: “Sobre a Teoria de Aproximação Funcional”.

Lecionou na Universidade do Recife, em Junho de 1959 um conjunto de 10 lições, sobre a sua tese de doutoramento.

Em Outubro de 1959 consegue uma bolsa de estudo na Universidade de Gottinger, Alemanha, para estudar “Métodos Estocásticos e Teoria da Informação”, mas dedica-se também ao estudo de História dos Descobrimentos.

Em 1960 participou no Congresso Internacional sobre a história dos descobrimentos, integrados nas Comemorações Henriquinas. Colaborou com Armando Cortesão na direção da impressão final dos “Portugaliae Monumenta Cartographica Antiga”.

É admitido em Dezembro de 1960 na Ordem dos Engenheiros Região Centro, sendo escolhido em Novembro de 1961 para Presidente do Conselho Regional, cargo que ocupou até 12 de Outubro de 1964. Nesta data toma posse como membro do Conselho Geral da Ordem dos Engenheiros.

Em Dezembro de 1963, após concurso é provido no lugar de Professor Extraordinário da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra.

Em 1966 é nomeado Professor Catedrático da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra, após concurso de provas públicas. Exerce esta função até à jubilação.

A última aula teve lugar no Anfiteatro das Matemáticas, sala “17 de Abril”. Na sua última lição refere Elisa Almeida (E. Almeida, 2007): “E o matemático brilhante, o historiador e cientista de renome mundial, o engenheiro geógrafo que agora recordamos, era, antes disso, perante nós e a seus próprios olhos, um homem simples, humilde e acessível. E era também um professor estimulante, talvez mesmo um pedagogo inato, que sabia potenciar e valorizar as capacidades intelectuais de um aluno, colocando-o ao seu nível, de igual para igual, fortalecendo-lhe o gosto pela matéria a aprender, inspirando-lhe uma confiança que se guarda para a vida como algo valioso.” Só interrompe em 1967 a carreira de professor em Coimbra, para

numa Comissão de Serviço, ser Professor Catedrático dos Estudos Gerais Universitários de Moçambique. Função que exerce entre 1968 e Agosto de 1970.

Colabora com a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra lecionando a cadeira de História da Ciência. Na Universidade Autónoma Luís de Camões ensina História dos Descobrimentos e Expansão. Também colabora com a Universidade de Lisboa e Universidade Nova de Lisboa, na área da Náutica e Cartografia.

Entre 1974 e 1976 exerce o cargo de Governador Civil de Coimbra.

Entre 1976 e 1978 é Presidente do Conselho Diretivo da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

Entre 1978 e 1982 é Vice-Reitor da Universidade de Coimbra e Diretor do Instituto de Coimbra.

De 1978 a 1987 é Diretor da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Conforme citação de Carlos Fiolhais (Fiolhais, 2007): “Na sua direção modernizou os serviços e instalações, tendo adquirido entre outros um núcleo bibliográfico do Dr. José Vicente Gomes de Moura, e conseguido a oferta à Universidade de diversos manuscritos, nomeadamente a Carta-portulano de Diogo Homem (ca. 1566) ”.

Em relatório de 1980 (Albuquerque, 1981) o Doutor Luís Albuquerque refere as dificuldades que sentiu na gestão desta Biblioteca.

Graças aos subsídios concedidos pela Fundação Calouste Gulbenkian consegue imprimir três volumes na coleção “Acta Universitatis Conimbrigensis”. Conseguiu ainda a publicação de outras três obras editadas pela Biblioteca, assim como um volume do “Boletim da Biblioteca da Universidade” e vários números dos “Sumários das Publicações Periódicas Portuguesas”. Com verba concedida pelo Instituto Português do Património Cultural a Biblioteca pode adquirir um aparelho para microfilmagem iniciando a reprodução em microfichas de jornais e revistas. Refere a colaboração com a Biblioteca Nacional com o fornecimento de fichas catalográficas das obras do Depósito

Legal. De referir também a colaboração com o Centro de Cálculo Automático com um programa para a listagem de teses francesas.

De 1980 a 1984 colabora na formação de professores, em Cabo Verde.

Em 1982 é Diretor da Secção de Lisboa do Centro de Estudos de Cartografia Antiga.

Em 1983 é membro da Comissão Consultiva da XVII Exposição de Arte, Ciência e Cultura dedicada aos Descobrimentos Portugueses e Europa do Renascimento.

De 1988 a 1991 é Diretor do Conselho Científico da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.

Exerceu ainda muitos outros cargos, sendo reconhecido pelos seus estudos sobre Cartografia Antiga, História dos Descobrimentos, História da Ciência e do Ensino em Portugal.

Publica centenas de artigos e comunicações em Congressos. Tem uma bibliografia extensíssima. Refere A. A. Marques Almeida (A. A. M. de Almeida, 2007): “Os textos de Luís de Albuquerque são sempre uma fusão harmoniosa do Matemático com o Historiador, do Cientista com o Humanista, a confessar com humildade as dificuldades que se erguem no caminho da pesquisa científica, mas a compreender, como ninguém, quanto a renovação do ofício das ciências humanas se faz no deve e haver da interdisciplinaridade.”

É membro de várias sociedades científicas e profissionais em Portugal, Brasil, França e Espanha.

Recebeu muitas distinções e condecorações, das quais destacamos Grande Oficial da Ordem do Infante Dom Henrique da República Portuguesa em 1987. A título póstumo recebeu o Grau de Grã-Cruz da Ordem Militar de Santiago da Espada, em 1993.

Faleceu em Lisboa a 22 de Janeiro de 1992.

Proveniência do Fundo

Este Fundo terá entrado na Biblioteca Geral em 1995, pois num relatório da Seção de Colocação deste ano refere-se que foi feita a arrumação do Fundo Luís de Albuquerque. Também numa cerimónia de inauguração da Sala Oliveira Martins em 1995 o Senhor Doutor Aníbal Pinto de Castro, diretor da Biblioteca, na altura, refere que o Fundo do Doutor Luís Albuquerque dará entrada durante esse ano.

O arquivo e biblioteca foram legados à Biblioteca Geral por testamento de Luís de Albuquerque. No entanto na correspondência recebida e enviada de 1995 não encontramos nada no arquivo interno da Biblioteca acerca desta doação.

O arquivo e biblioteca foram tratados entre 2009 e 2010 no âmbito de uma bolsa de um ano financiada pela Fundação Calouste Gulbenkian. A biblioteca foi instalada na Sala de Formação da Biblioteca Geral e catalogada, encontrando-se disponível para consulta no Catálogo Integrado. A tarefa ficou incompleta no período desta bolsa e o trabalho foi continuado pelos serviços da Biblioteca Geral. Este procedimento foi concluído em 2015. O tratamento do arquivo consistiu na organização dos documentos por atividades profissionais de Luís de Albuquerque, com base nos cargos e funções desempenhadas, produção de inventário e acondicionamento. O relatório deste trabalho menciona a existência de inventário preliminar e incompleto e a dispersão do arquivo pelo depósito da Biblioteca Geral, isto conforme um relatório de Cláudia Filipe (Filipe, 2015)

Em 2011, ocorre um novo ingresso, com a doação de uma coleção de correspondência trocada entre Luís de Albuquerque e Virgílio Ferreira, pela filha Helena Albuquerque. Esta foi descrita, ao nível do documento, no Catálogo Integrado da Biblioteca Geral, conteúdo recuperável pela Cota Ms. LA, com 123 documentos. O arquivo e biblioteca são designados por Fundo Luís de Albuquerque.

O arquivo de Luís de Albuquerque é constituído por documentos de natureza científica, correspondência e biblioteca que doou à Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.

A documentação relativa à atividade científica consiste em artigos, comunicações e monografias da sua autoria, corrigidos e anotados, sobre cartografia, história da expansão portuguesa e ciência náutica; provas tipográficas revistas, de textos da sua autoria e de diversos autores; notas e rascunhos de artigos científicos; correspondência sobre a publicação de artigos e monografias; convites, programas, relatórios, listas de inscrições e divulgação de conferências e exposições. Da atividade docente existem exames e trabalhos de alunos, sumários, pautas, cadernos de exercícios e relatórios de estágios orientados por Luís de Albuquerque, isto ainda segundo o já citado relatório de Cláudia Filipe (Filipe, 2015).

O arquivo contém documentos no âmbito dos cargos de diretor da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra e de governador civil de Coimbra, que consistem em informações e cópias de correspondência enviada.

Da colaboração e direção da revista *Vértice*, o arquivo pessoal de Luís de Albuquerque contém a correspondência trocada com Virgílio Ferreira, entre 1949 e 1977, sobre a publicação dos contos e romances deste autor na revista *Vértice*, nomeadamente *Aparição*, *Face Sangrenta*, *25 tostões de coragem* e *O sonho da Índia*. Consiste maioritariamente em cartas, enviadas por Virgílio Ferreira a Luís de Albuquerque, que referem a necessidade de alterações aos textos originais visados pela censura; a revisão de provas tipográficas; a leitura e apreciação crítica das suas obras, por Luís de Albuquerque, Rui Feijó, Mário Sacramento, Eduardo Lourenço e Fernando Namora; a dificuldade na publicação das obras por falta de editor, particularmente a *Manhã submersa*. Enquanto elementos da Redação da revista *Vértice*, a correspondência refere-se ao envio de textos de diversos autores, erros e atrasos no envio de provas, procedimentos

relativos ao preenchimento de impressos da Comissão de Censura pelas editoras, divergências intelectuais entre autores como José Cardoso Pires, António Sérgio, António José Saraiva, Mário Braga, Mário Dionísio ou João José Cochofel. Para além dos diversos assuntos da edição da revista *Vértice*, esta correspondência contém informação de carácter particular que denota uma relação de amizade entre os dois. Virgílio Ferreira envia votos de boas festas e saúde aos familiares, marca encontros, comenta a prestação da Académica convidando Luís de Albuquerque para assistir aos jogos da equipa em Évora, anuncia novos projetos na sua carreira, comenta o seu isolamento, manifesta a desmotivação para colaborar na revista e a dificuldade em publicar, quer pela intervenção da censura quer pela falta de interesse das editoras (Filipe, 2015).

Contém carta de data posterior à morte do autor, datada de 1993. A doação de Luís de Albuquerque corresponde maioritariamente à biblioteca particular, que atinge cerca de 128 metros lineares. A biblioteca ilustra a sua atividade profissional, contendo obras das áreas científicas a que se dedicava, como matemática, geografia, ciência náutica, cartografia, astronomia, história de Portugal e internacional, os seus interesses pessoais, como literatura, estudos literários e cultura e ainda a sua orientação política, através de propaganda comunista.

(Filipe, 2015)

Caracterização do Fundo

Este Fundo é composto por cerca de 8 806 monografias, 375 títulos de recursos contínuos e 123 manuscritos.

Em relação às monografias, destes 287 tem dedicatórias manuscritas ao Doutor Luís de Albuquerque.

Quanto aos assuntos mais representadas, foi feita um quadro com as classes da Classificação Decimal Universal.

Generalidades	6,9 %
Filosofia	2,4 %
Religião	1,9 %
Ciências Sociais	15,2 %
Ciências Exatas	20,2 %
Medicina e Engenharia	2,9 %
Artes	2,1 %
Literatura	24,1 %
História e Geografia	24 %

Tabela 1

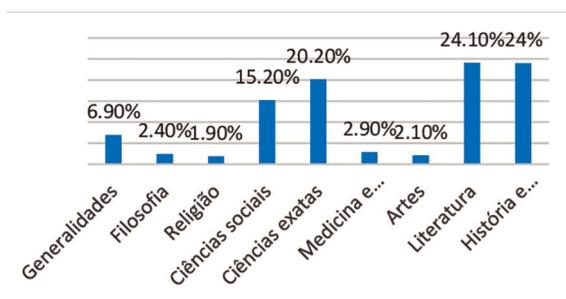


Gráfico 1

Este gráfico é bem representativo das principais áreas de interesse do Professor.

Quanto às línguas mais representadas apresentamos de seguida um quadro e o gráfico respetivo.

Português	65%
Francês	11.90%
Inglês	9.70%
Espanhol	4%
Alemão	3%
Italiano	1%
Russo	0.30%
Outras línguas	3.90%

Tabela 2

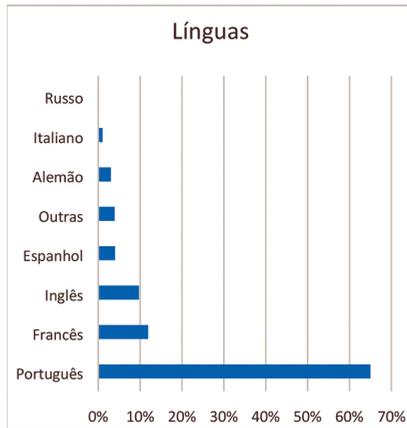


Gráfico 2

Em relação às datas das obras que pertencem a este Fundo, temos sobretudo obras do século XX. Mas podemos encontrar 13 documentos do século XVI, que são transcrições de documentos da Torre do Tombo. Duas obras do século XVII, treze do século XVIII e duzentas e quarenta e uma do século XIX.

Conclusão

Tentámos fazer um breve artigo acerca do Fundo Luís de Albuquerque cujo tratamento já se encontra concluído. Podemos verificar que Luís de Albuquerque apesar de ser Professor da Faculdade de Ciências teve interesses muito diversificados. A História, especialmente a História dos Descobrimientos Portugueses, foi um deles. Gostava de estudar o passado, mas com uma visão de futuro, pois colabora com o Centro de Cálculo da Universidade nos primórdios da Informática. A Cartografia é outro dos seus interesses predominantes.

Tem um historial de colaboração com as universidades dos países africanos.

A Revista *Vértice* torna-se um baluarte de resistência ao Estado Novo e Luís de Albuquerque foi seu diretor. Apesar de sempre ter sido Professor das Universidades públicas portuguesas.

Os fundos da sua biblioteca refletem os seus interesses e o arquivo reflete também as suas amizades.

Bibliografia

- ALBUQUERQUE, L. de. (1981). Relatório de actividades. *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, 325–341.
- ALMEIDA, E. (2007). A última aula. In O. dos E. da R. Centro (Ed.), *Testemunhos Luís de Albuquerque* (pp. 57–58). [Coimbra].
- ALMEIDA, A. A. M. de. (2007). Em lembrança de Luís de Albuquerque. In O. dos E. da R. Centro (Ed.), *Testemunhos Luís de Albuquerque* (pp. 41–43). [Coimbra].
- FILIFE, C. (2015). *Relatório produzido sobre Fundos da Biblioteca Geral*.
- FIOLHAIS, C. (2007). Testemunhos. In O. dos E. da R. Centro (Ed.), *Testemunhos : Luís de Albuquerque* (pp. 52–53). [Coimbra].

Adenda mas não *Corrigenda* ao catálogo “Sócios portugueses da RSL”

A. E. Maia do Amaral¹

RESUMO

O nome de Gaspar de Meres (de Sousa), na qualidade de sócio da *Royal Society* de Londres, não foi lembrado no catálogo de uma exposição realizada pela Biblioteca Geral, em 2010. Este apontamento visa colmatar essa falta e passar em revista os critérios usados naquela ocasião.

PALAVRAS-CHAVE

Sousa, Gaspar de Meres de, ca. 1640- ?

Royal Society of London, sócios portugueses

Universidade de Coimbra. Biblioteca Geral, catálogos

ABSTRACT

When the General Library joined (2010) the commemorations of the 350 years of the Royal Society of London with an exhibition and catalogue, the name of Gaspar de Meres de Sousa was not included as one of the Portuguese Fellows. This article intends to correct that omission and to reevaluate the criteria then used.

1 Bibliotecário e Diretor-Adjunto da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra – aemaia@bg.uc.pt

KEYWORDS

Sousa, Gaspar de Meres de, ca. 1640- ?

Royal Society of London, Portuguese Fellows

University of Coimbra. General Library, catalogues

A Biblioteca Geral associou-se, em 2010, às comemorações dos 350 Anos de uma das mais antigas academias científicas com a realização de uma exposição sobre os “Sócios portugueses da Royal Society de Londres”. O catálogo dessa exposição, coordenado por Carlos Fiolhais e profusamente ilustrado, foi publicado em português e em inglês.

Como algumas vezes acontece, vieram a levantar-se problemas insuspeitados, nomeadamente com notícias de outros possíveis sócios portugueses daquela Academia. Fomos escrutinando todas essas informações e, de todas, parece-nos, que apenas terá realmente faltado o doutor Gaspar de Meres de Sousa. Ainda pensámos em fazer uma “Adenda” em encarte ao catálogo, que, entretanto, se acha esgotado. Não se justificando, assim, imprimi-la, julgámos que não ficaria mal dizer algo mais sobre a questão no nosso *Boletim*. Ampliando o que se disse no Catálogo, porém não corrigindo, que ainda não se detetaram erros (propriamente) no trabalho de 2010. Pudéssemos dizer o mesmo de todos os que fizemos ou em que colaborámos, como foi este o caso.

A recolha inicial foi feita pela bibliotecária Luliana Gonçalves e baseou-se no registo de *Fellows* disponibilizado pela própria RSL: coincide com a lista que já tinha sido elaborada por Rómulo de Carvalho, em 1955². Seja pelo apelido insólito, de origem estrangeira, seja porque o nome nada lhe dizia na história da ciência

2 Como ele, lamentamos que a lista de sócios não incluía as nacionalidades, pelo que poderão ainda ser portugueses um José Inácio de Torres, médico, eleito em 7 dez. 1758, um Pedro de Ávila, eleito em 6 jun. 1775 e um José Barreto, eleito em 28 mai. 1818. Cf. Rómulo de Carvalho - Portugal nas ‘Philosophical Transactions’ nos séculos XVII e XVIII. “Revista Filosófica”. Coimbra, vol. [15] (mai. 1955), nota 17, p. 235.

portuguesa, o efêmero doutor de Coimbra também escapou àquele sério investigador.

Na lista para a exposição e catálogo originais, o critério da nacionalidade não foi assumido de forma restritiva. Incluímos, por exemplo, o jesuíta napolitano João Baptista Carbone porque foi em Portugal que desenvolveu o grosso da sua atividade científica. E de acordo com este critério, teríamos incluído de igual forma o paduano Domingos Vandelli³ se, por via das relações que manteve com Sir Joseph Banks, que o ajudou em momentos críticos da vida⁴, tivesse ele chegado a ser membro da Sociedade a que este presidiu, de 1778 a 1820. Parece que não foi, apesar de já se ter escrito o contrário⁵.

Assumindo que, para fator de inclusão, mais do que a nacionalidade estrita, releva a vida pública realizada em Portugal ou ao serviço de Portugal, fora dele (como é o caso de Jacob de Castro Sarmiento e de outros “estrangeirados”), continuamos a entender que da lista dos sócios portugueses devem ficar excluídos vários luso-descendentes, na sua maioria judeus de origem portuguesa, cuja atividade (que lhes terá merecido a honra da eleição para a RSL) nada tem a ver com o nosso país. Encontram-se neste caso Anthony da Costa *aka*

3 “Vandelli, em certos textos, mostra orgulho em ser português. A ciência, a economia, a agricultura, eram para ele uma questão de patriotismo. Naturalizou-se, o mais tardar, quando o nomearam deputado da Junta do Comércio, na qual não se admitiam estrangeiros” (Maria Estela Guedes - Domingos Vandelli & Agostinho de Macedo: a propaganda anti-maçónica. http://www.triplov.com/hist_fil_ciencia/vandelli/meg.html. Public. orig. na revista “Sol XXI”. Lisboa, 12 (1995) p. 3-10, com o título “Domingos Vandelli & Agostinho de Macedo”).

4 Elementos da RSL terão ajudado a sair dos Açores, entre 1810 e 1811, os presos que (como Vandelli) possuíam alguma ligação com a Maçonaria. A relação entre Sir Joseph Banks e Vandelli pode ter começado em Lisboa, quando o jovem naturalista inglês ali passou 6 meses, em 1766 (cf. Ana Delicado (ed.) - *Associations and Other Groups in Science: An Historical and Contemporary Perspective*. Cambridge : Scholars Publishing, 2013. <http://www.cambridgescholars.com/download/sample/57909>) e manteve-se de forma epistolar ao longo das suas vidas.

5 “Graças à interferência da Sociedade Real de Londres, da qual era membro...” (Jorge Guimarães - *Vandelli, Domenico, 1735-1816* [em linha]. In: Biblioteca Digital de Botânica. Disponível em <http://bibdigital.bot.uc.pt/index.php?menu=9&language=eng&tabela=geral>. Consult. 7 jul. 2014).

Moisés Mendes da Costa (1667/9-1747), Joseph Salvador *aka* Joseph Jeshurun Rodrigues (fl. 1753-1771), Benjamim Oliveira, Sir Benjamin Fonseca Outram (1774-1866), Jonathan Pereira (1804-1853) e Edward Neville de Costa Andrade (1887-1971).

O sefardita Anthony da Costa pode até ter-se sentido intimamente bem português: nascido em Inglaterra, poucos anos depois do pai ter saído de Portugal, casou em primeiras núpcias com sua prima Catherine, filha do Dr. Fernão (ou António) Mendes, médico de Carlos II, e nascida no *entourage* da rainha D. Catarina de Bragança, em Somerset-House. No entanto, quanto à atividade que desenvolveu, toda a sua vida de próspero comerciante se fez em terras de Sua Majestade britânica, onde foi o primeiro judeu a chegar ao *Board* do Banco de Inglaterra. Entendemos, por isso, não o incluir, bem como ao seu sobrinho, a fascinante personagem do naturalista Emmanuel Mendes da Costa, *Fellow*, Secretário e bibliotecário da instituição, caído em desgraça. Londrino como o tio, só o avô do seu lado materno nasceu em Portugal, de onde emigrou, algures entre 1660 e 1665. Falava a língua “de tradição familiar” (mas não o suficiente para a correspondência científica), interessou-se pela sua genealogia lusa⁶ e sepultou-se no cemitério judeu português de Mile End. São conhecidas as suas relações com portugueses, como Sachetti Barbosa, Jacob de Castro Sarmiento e João Jacinto de Magalhães, e forneceu ao Museu da Real Sociedade (e estudou) espécimes minerais da colónia brasileira, que só através de outros portugueses podia ter obtido. O caso deste académico encontra-se, podemos assim dizer, em território de fronteira. Talvez pudéssemos, igualmente, tê-lo incluído entre os portugueses.

Outro caso que mereceria especial atenção é o do negociante inglês, residente em Portugal, Daniel Sharpe (1806-1856). Foi eleito sócio

6 Apontamentos seus foram transcritos em: [The families of Mendes and Da Costa]. “The Gentleman’s Magazine and Historical Chronicle”. London, vol. 82 (1) jan. 1812, p. 21-24.

da RSL em 6 de junho de 1850, já membro da Sociedade Geológica de Londres, onde chegou a Presidente⁷. As notícias que apresentou àquela Sociedade, entre 1832 e 1853 sobre a geologia dos arredores do Porto, de Lisboa e do Buçaco e sobre os fósseis de Portugal⁸ sem dificuldade levariam a que pudesse ser considerado o fundador da paleontologia portuguesa. Também herborizou e ajudou muitos ingleses a coletar herbários em Portugal.

Há, pelo menos, dois cientistas portugueses que não figuram nas listas da *Royal Society*, mas que são regularmente referidos na bibliografia portuguesa como seus Sócios: o Padre João de Loureiro, autor da importante *Flora Cochinchinensis*, e o matemático Leoniz de Pina de Mendonça.

*

De João de Loureiro (1710?-1791), missionário, astrónomo amador, médico mas, sobretudo, botânico, diz-se que terá sido eleito durante a sua estadia na Ásia. Referem-no como *Fellow A. A.* Teixeira de Vasconcelos na revista *Ilustração* (1846), Bernardino António Gomes (filho) no *Elogio histórico*⁹ proferido na Academia das Ciências de Lisboa (1865), Herculano de Amorim Ferreira, nas suas *Relações científicas entre Portugal e a Grã-Bretanha* (1943) ou, mais recentemente, o nosso estimado amigo Joaquim Fernandes, n’*O grande livro dos portugueses esquecidos* (2008). Também a página da Wikipedia em português, no momento em que escrevemos (junho de 2018), lá tem o *FRSL*.

7 Cf. R. Serpa Pinto – Daniel Sharpe e a geologia portuguesa. “Anais da Fac. Ciências”. Porto, 17, 1932.

8 Cf. H. de Amorim Ferreira - *Relações científicas entre Portugal e a Grã-Bretanha*. Lisboa : Academia das Ciências, 1943, p. 42-43.

9 O autor do *Elogio* conhecia a correspondência de Sir Joseph Banks, Presidente da RSL (1778-1820), para o jesuíta português, patenteando-lhe respeito científico e insistindo em convidá-lo para Londres. Daí a supor que tivesse sido membro da Sociedade, ia um passo... que deu.

A suposição pareceria legítima perante o verdadeiro “assédio” epistolar que lhe fez Sir Joseph Banks, Presidente da Sociedade, mas foi o próprio Loureiro que se encarregou de a desmentir, já no final da sua estadia oriental: é sabido que enviou de Cantão para Londres um manuscrito, intitulado *Nova genera plantarum*¹⁰, com o desejo de que aí se revisse e imprimisse, e se ornasse com uma dedicatória à RSL¹¹. Ora, pela própria carta da remessa, acompanhada de plantas secas para serem desenhadas e devidamente gravadas as estampas, parece evidente que Loureiro não era sócio, embora o desejasse: “...me ofereço para servir e obedecer a dita respeitável Sociedade (...) quando tenha a honra e fortuna de ser admitido por seu associado”. Depois de regressar a Lisboa, João de Loureiro foi declinando sempre os convites de Sir Joseph para se deslocar a Londres, por se sentir no “último quartel da vida e querer morrer na Pátria”¹², perdendo, porventura, com esta atitude a oportunidade de se tornar mais um *Fellow* português da RSL.

A precipitada presunção de que tivesse sido eleito sócio “à revelia” (porém, sem obra publicada ainda), arrastou outra, plasmada logo na *Ilustração* de 1846 e sucessivamente copiada sem crítica: “A Sociedade Real de Londres (...) também se aproveitou dos trabalhos deste ilustre botânico, publicando nas suas Memórias alguns deles”. Ora, de tais trabalhos, nem traço...¹³

10 Sabe-se que, via Thomas Riddel, esse original chegou às mãos de Banks, em 1872, mas não se publicou.

11 Ver a *Carta ao Sr. Perry*, transcr. no *Elogio histórico*, doc. III, p. 29.

12 Testemunho de Correa da Serra transcr. no *Elogio histórico*, doc. I, p. 24-25.

13 Se por *Memórias* o autor se quer referir às *Philosophical Transactions*, nada conseguimos localizar, como já Rómulo de Carvalho não tinha conseguido. Apenas aparece a inclusão da *Flora Cochinchinensis* (edição de Lisboa, 1790) na oferta de livros científicos portugueses feita pela Academia Real das Ciências de Lisboa à RSL, em novembro de 1807 (cf. notícia em “*Philosophical transactions of the Royal Society of London*”. Vol. 98 (1808) p. 372). Também de balde procurámos nos *Abstracts of the papers printed in the Philosophical Transactions...* e nos *Proceedings*, que aliás só se começam a publicar, quando as observações de Loureiro já não eram novidade na comunidade científica.

Concluimos sobre o padre João de Loureiro com esta apreciação do Professor Joaquim Fernandes, com a qual concordamos totalmente: “... a sua curiosidade alastrou a outras atividades científicas como a matemática, a astronomia e a medicina. Trata-se de uma das figuras de topo da história da ciência feita em português, que exige um estudo biobibliográfico minimamente exaustivo que esclareça o destino do seu espólio literário e botânico, integrado por espécies, estampas e manuscritos científicos inéditos”¹⁴.

*

Sobre Leonis de Pina de Mendonça (? -1678)¹⁵, ainda menos se consegue dizer, tanto o próprio se apagou, destruindo boa parte da sua obra, como sugere Barbosa Machado. Aliás Barbosa é dos poucos que diz alguma coisa sobre este matemático e é nele que os vindouros foram beber a sua alegada afiliação na RSL. Não sabemos onde Barbosa recolheu a informação. Certo é que o matemático não figura nas listas de sócios, como já bem tinha notado Rómulo de Carvalho¹⁶.

A única obra impressa que se lhe conhece¹⁷ distingue-o com os títulos de Cavaleiro da Ordem de Cristo e de Familiar do Santo Ofício. O que se confirma pelos processos conservados na Torre do Tombo. D. João IV também lhe tinha concedido o hábito de S. Bento de Avis, com 20 mil reis de pensão. Pouco mais se consegue apurar da sua biografia: foi Procurador da cidade da Guarda (onde nasceu) nas

14 Com efeito, na Academia das Ciências devem conservar-se muitos manuscritos originais seus em papel chinês, incluindo um dicionário anamita-português, inéditos, existindo outros originais em Londres e parte dos exemplares do seu herbário no Museu Nacional de História Natural, em Paris, levados da Ajuda (Lisboa) por Saint Hilaire, em 1808.

15 E não: “e Mendonça”, como escrevem Barbosa, Inocêncio, Stockler, H. Amorim Ferreira e Rómulo de Carvalho.

16 Rómulo de Carvalho – Leonis de Pina e Mendonça, matemático português do século XVII?. “Ocidente”, Lisboa, vol. 61 (1964), p. 171.

17 *Amuleto d’ alma, composto dos antidotos e epithemas, que os Sanctos Doctores e outros pios e doutos varoens recitaram ao contagio dos vicios...* Em Lisboa : na Officina de Joam da Costa, 1670.

Cortes de 1643, de 1645 e de 1669, esteve envolvido na fortificação da cidade durante as guerras da Restauração e morreu na sua Quinta do Pombo, junto à cidade. Perdidas as obras que Barbosa refere que escreveu sobre música, aritmética e geometria, além da poesia em português e castelhano, não nos cabe duvidar do seu merecimento, o que, todavia, faz Rómulo de Carvalho, não o considerando um matemático. Do seu pendor religioso resta o impresso *Amuleto d'alma*, de que existe um exemplar (único?) na Biblioteca Nacional de Portugal.

*

Finalmente, apresentamos a ficha do “verdadeiro” 26º sócio português:

Gaspar de Meres de Sousa (ca. 1640- ?)

Matemático, cosmógrafo e geógrafo.

Eleito membro da Royal Society em 18 de novembro de 1669.

Foi um dos primeiros *Fellows* portugueses e o primeiro cientista. Natural de Lisboa, tinha o mesmo nome do pai¹⁸ e do avô, um flamengo natural de Antuérpia (antes de 1570-1639¹⁹), que imigrou para o Brasil e foi senhor do engenho de Marapatagibe, perto do Cabo de Santo Agostinho. Negociante de açúcar durante mais de vinte anos em Pernambuco e suspeito de enganar o fisco, procurou redimir-se perante o Governador Geral D. Luís de Sousa traduzindo informação náutica holandesa e desenhando uma carta do Estreito

18 É certo pela inquirição de 12 de julho de 1662 que o pai e o avô tinham o mesmo nome. Maria de Lurdes Rodrigues supõe que o professor de Coimbra seria filho do senhor do engenho brasileiro, o que não é razoável, porque suporia que aquele tivesse sido pai lá pelos seus 70 anos ou mais. Parece-nos mais normal que depois do “abandono” do engenho de Marapatagibe (constatado o abandono pelo governo do Conde de Nassau, foi a propriedade confiscada e vendida pela WIC a Miguel van Merenberg e Martins de Coutre, em 24 de novembro de 1637) o pai (? –antes de 1663) tivesse vindo para Lisboa. Provavelmente muito novo, porque na mesma inquirição diz-se que é daí natural. Foi casado com D. Serafina de Sousa.

19 Cf. Maria de Lourdes Neves Baptista Rodrigues - *Engenho Matapagipe / Cabo de Santo Agostinho* [em linha]. 21/01/2014. <http://engenhosdepernambuco.blogspot.com.br/2014/01/engenho-matapagipecabo-de-santo.html>. Acedido em 4 jul. 2014.

de Magalhães²⁰, em 1617. Será coincidência o neto ter-se vindo a o interessar por geografia e cosmografia?

Na documentação universitária, é sempre mencionado como Gaspar de Meri ou de Mere e assim citado por Leitão Ferreira. Só aparece matriculado em Cânones em 1661 e 1662, mas uma certidão de setembro de 1662 diz que lhe foram levados em conta os “oito anos que tinha cursado”, pelo que já teria concluído a sua formatura. De 25 de janeiro ao fim de julho de 1662, foi condutário de Matemática na Universidade. Apesar de lhe terem sido dados privilégios de Lente, pode nunca ter lecionado substituições, pois o Lente era Fr. João Torriano, que parece não faltaria aos seus deveres.

Talvez porque se aborrecesse com esta situação em Coimbra, enveredou por uma carreira judiciária: foi nomeado, em 7 de setembro de 1663, Juiz de Fora de Santarém, depois Provedor de Portalegre e seguidamente de Lamego. Foi nomeado, em 10 de junho de 1681, Corregedor do Cível de Lisboa.

Além da matemática e do direito, certamente cultivava muitos outros interesses, porque integrou a *Academia dos Generosos*, pelo menos desde o ano de 1656²¹. No de 1660/61, proferiu lições de Geografia²² na *Academia*, mudada para a *nova Aula* em casa de D. António Álvares da Cunha (outro *Fellow* da RSL), e ainda lá ajuizava em 1663, assinando Gaspar de Meri²³, o *Académico Esquecido*. No final da década de sessenta, deve ter passado a assinar-se “de Meres” ou

20 Max Justo Guedes – *Um roteiro apócrifo do Estreito de Magalhães: tentativa de identificação de autoria*. Coimbra: [UC], 1970. Sep. de: “Rev. da Univ. de Coimbra”, 24.

21 [Participação de Luís Serrão Pimentel numa junta de matemáticos para analisar a proposta de Thomé da Fonseca sobre a navegação Leste-Oeste]. [1656, mar. 18. Lisboa – Arquivo Histórico Ultramarino, Índia, Papeis avulsos, 1656, capilha de 3 de Abril de 1656]. Transcr. integral em Rita Cortês de Matos – *António de Mariz Carneiro, Cosmógrafo-mor de Portugal*. Lisboa: Faculdade de Letras da UL, 2002. Dissertação de Mestrado.

22 Else Maria Henny Vonk Matias – *As Academias literárias portuguesas dos séculos XVII e XVIII*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1988. Tese de Doutoramento, p.33.

23 [Documento de registo da atribuição de prémios na Academia]. BNP Ms. 3181., f. 340 e 341.

“de Merez” (mais próximo do flamengo Demers?), já que é com este nome que se apresenta na RSL, e só tal nome lhe poderiam deturpar para “de Meireles”, como acontece na carta de nomeação para Provedor de Lamego, em 9 de outubro de 1672. Também terá adotado definitivamente o apelido “de Sousa” da mãe, Serafina de Sousa.

Na *Academia dos Generosos*, D. Francisco Manuel de Melo descreveu-o a certa altura como “diligentíssimo, modestíssimo e observantíssimo catedrático”²⁴, enaltecendo-lhe, em discurso barroco, os dotes de geógrafo, na esteira de Ptolomeu e de Estrabão.

Bibliografia sobre Gaspar de Meres (de Sousa)

Ferreira, Francisco Leitão - *Alphabeto dos lentes da insigne Universidade de Coimbra desde 1537 em diante*. Coimbra : Por Ordem da Universidade, 1937.

Guedes, Max Justo – *Um roteiro apócrifo do Estreito de Magalhães : tentativa de identificação de autoria*. Coimbra : [UC], 1970. Sep. de : “Rev. da Univ. de Coimbra”, 24.

Matias, Else Maria Henny Vonk – *As Academias literárias portuguesas dos séculos XVII e XVIII*. Lisboa : UL, 1988. Tese de Doutoram.

Rodrigues, Maria de Lourdes Neves Baptista - *Engenho Matapagipe/Cabo de Santo Agostinho* [em linha]. 21/01/2014. <http://engenhosdepernambuco.blogspot.pt/2014/01/engenho-matapagipe cabo-de-santo.html> (Consult. 4 jul. 2014)

Santos, Clarinda Maria Rocha dos – *O Académico Ambicioso : D. António Álvares da Cunha e o aparecimento das academias em Portugal*. Porto : FLUC, 2012. Tese de Doutoram. em Literaturas e Culturas Românicas. P. 42, 57, 58 e 72. Disponível em : <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/67277/2/000198699.pdf> (Consult. 7 jul. 2014)

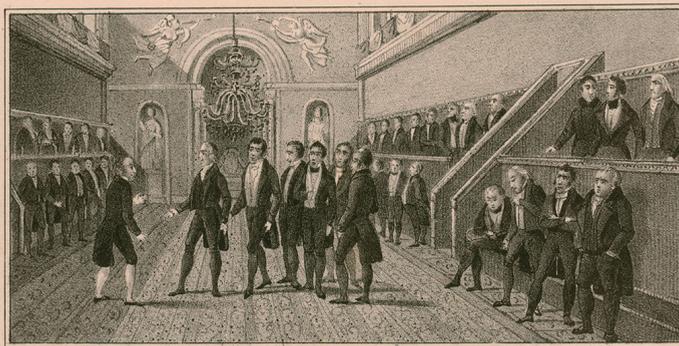
Viterbo, Sousa – *O doutor Gaspar de Mere*. Lisboa : Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1910. Sep. de : “Bol. de Segunda Classe”, v. 3, n.º 4 (1909-1910).

*

E eis quanto se nos afigura dizer para completar o que ficou no Catálogo de 2010, aproveitando para deixar agora muito mais claros os critérios das escolhas que tivemos de fazer. A nível da documentação existente na Biblioteca, também houve que fazer escolhas e

²⁴ *Ostentação Encomiástica*, incluída nas *Obras metricas de Don Francisco Manuel...* En Leon de Francia : Por Horacio Boessat e George Remeus, 1665, p. 261. E, noutro local, chama “tocha” a Meri (*id.*, p. 156).

não pode considerar-se que os curtos textos e as ilustrações escolhidas para aquele catálogo esgotem a matéria disponível: muito mais haveria a apresentar, por exemplo, em relação a Jacob de Castro Sarmento, um benemérito da Universidade e da Biblioteca, ao médico Sachetti Barbosa como colaborador na Reforma pombalina dos manuais de Medicina, Matemática e Física, a Diogo de Mendonça Corte Real (pai), de cuja biblioteca privada (pela desgraça do filho?) temos hoje na Livraria de S. Pedro vários livros adornados com belíssimos *super-libros* heráldicos ou a muitos outros *Fellows* razoavelmente representados na nossa coleção de manuscritos²⁵. Não resistimos a terminar este artigo com uma imagem que nos custou não ter incluído no catálogo: o Abade José Francisco Correia da Serra representado – segundo Ernesto Soares – na sua receção, exatamente, na *Royal Society* de Londres.



Pelos seus e pela pátria maltratado,
Vai ser entre os estranhos celebrado!

Est. litograf. em: *Retratos e biografias das personagens illustres de Portugal* (1843) com a legenda “Pelos seus e pela Pátria maltratado, / Vai ser entre os estranhos celebrado!”²⁶

25 Por exemplo, António Alvares da Cunha (Ms. 114, Ms. 415, Ms. 705), António Freire de Andrade Encerrabodes (Ms. 1504), Marco António de Azevedo Coutinho (Ms. 509 e duas cartas no final da Misc. n.º 11.753, vol 698) e João Mendes Sacchetti Barbosa (Ms. 3127).

26 Legrand, Charles, fl. ca 1838?-1850 - *J. F. Correa da Serra* [Visual gráfico]. [Lisboa : s.n., 1841] (Lith. de M.el Luiz). 1 gravura : litografia, p&b. Dim.: 7,8x15,7 cm. Soares, E. - Dic. icon., n.º 829 A). Disponível em: <http://purl.pt/4677>.

Mutatis mutandis: os dramas da forma. Nos dois mil anos da morte de Ovídio, criador das *Metamorfoses*

Margarida Miranda¹

RESUMO

Ao contrário da sorte de muitas outras obras dos autores greco-romanos, as *Metamorfoses* de Ovídio estiveram sempre presentes na tradição literária europeia. O poema inspirou e continua a inspirar intelectuais e artistas de todos os tempos, incluindo poetas, pintores, escultores, músicos e coreógrafos. Nos últimos anos assistimos ao crescimento do interesse por Ovídio, não apenas enquanto poeta espirituoso dos salões e do amor requintado, mas também enquanto poeta da erudição mitológica aliada à complexidade da natureza humana, sujeita à dor e à morte. Mas a verdade é que a inspiração em Ovídio não atraiu apenas os homens de letras. O tesouro artístico da Europa tem nas *Metamorfoses* uma das maiores fontes de inspiração. Nenhuma outra obra exerceu tão grande influência sobre a cultura europeia, a literatura e as artes. A influência das *Metamorfoses* nas artes e na cultura ocidental foi incomensurável, fazendo dela a maior fonte primária dos artistas europeus. Por isso o Festival das Artes teve por bem revisitá-la, criando a ocasião para a Exposição que se descreve nestas páginas.

¹ Professora Associada da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e membro do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos - mmiranda@fl.uc.pt

PALAVRAS-CHAVE

Ovídio, *Metamorfoses*, Poesia, Artes

ABSTRACT

Unlike many other works of Greco-Roman authors, the poem *Metamorphoses* of Ovid has always been present in the European literary tradition. Intellectuals and artists of all times, including poets, painters, sculptors, musicians and choreographers, have been inspired, and continue to draw inspiration from the poem by Ovid. In recent years we have witnessed the growth of interest in Ovid, not only as the witty poet of exquisite love who used to be very much in demand in ancient cultural halls, but also as the poet who was able to use his sophisticated knowledge of myth to express the complexity of human nature as subject to pain and death. But inspiration from Ovid's poem drew many other artists beyond men of letters. *Metamorphoses* became one the greatest sources of inspiration in Europe's artistic heritage. No other work has exerted such great influence on European culture, literature and the arts. Given such massive influence of *Metamorphoses* in Western arts and culture, the Arts Festival has decided to revisit it and offer the occasion for the Exhibition held in Coimbra and described in these pages.

KEY-WORDS

Ovid, *Metamorphoses*, Poetry, Arts

"Metamorfoses" foi o tema do 9º Festival das Artes de 2017. Numa parceria entre a Universidade de Coimbra e a Fundação Inês de Castro, a Biblioteca Geral exibiu a Exposição documental sobre as *Metamorfoses* de Ovídio nas coleções da Universidade: "*Mutatis Mutandis: Os Dramas da Forma - Nos 2000 anos da morte de Ovídio, criador das Metamorfoses*". A Exposição esteve patente ao público na Sala de São Pedro entre 16 e 23 de Julho, tendo continuado depois na sala do Catálogo².

2 A minha palavra de gratidão para o Sr. Diretor da Biblioteca Geral, José Augusto Bernardes, pela oportunidade de penetrar a fundo no acervo bibliográfico de

Não foi por acaso que, de acordo com o desejo do Festival das Artes e da Fundação Inês de Castro, os dois milénios da efeméride não deram ocasião a uma Exposição sobre Ovídio e a sua obra poética, mas antes sobre um poema de Ovídio em particular: *Metamorfoses*. Porquê as *Metamorfoses*?

Nos nossos dias, seriam talvez mais conhecidos e apreciados dois outros livros de Ovídio, como os *Amores*, ou a *Arte de amar*, mas não foi sempre assim. Entre as diversas composições poéticas de Ovídio, foi o poema *Metamorfoses* que o tornou conhecido como *Ovidius maior*, por conter uma espécie de cosmogonia e cosmologia em verso épico, ao contrário dos poemas de amor considerados frívolos. Mas não foi essa a razão da singularidade desta Exposição. Nem julguemos que o poema *Metamorfoses* está isento de histórias de amor. O hexâmetro das *Metamorfoses* narra muitas histórias de amor, com descrições de viva sensualidade cujos versos os professores dos colégios sentiram necessidade de censurar aos seus jovens alunos.

Embora escrita em verso épico, como a imortal *Eneida* de Vergílio, *Metamorfoses* é uma obra única, bem distinta da *Eneida*. Nenhuma outra exerceu tão grande influência sobre a cultura europeia, a literatura e as artes. A singularidade desta Exposição resulta pois do interesse que um autor desaparecido há 2000 anos desperta ainda, quer na área da literatura (poesia, teatro), quer na área da música, da arquitetura, da escultura, da pintura... A influência das *Metamorfoses* nas artes e na cultura ocidental foi incomensurável, fazendo dela a maior fonte primária dos artistas europeus. Por isso o Festival das Artes teve por bem revisitá-la.

Ovídio e de trabalhar com as edições mais raras, a fim de lhes dar um pouco da visibilidade que merecem. A montagem e apoio biblioteconómico, devo-os a uma generosa equipa que trabalhou incondicionalmente comigo: o Dr. José Mateus, a Dr.^a Maria Luísa Machado, a Dr.^a Maria José Silva Pereira e a Dr.^a Fátima Bogalho. À Dr.^a Fátima Bogalho agradeço de modo particular a paciência com que me acompanhou no levantamento exaustivo dos materiais, nas vindas assíduas à Biblioteca e no envio e reenvio dos e-mails para a execução mais próxima dos trabalhos.

Ovídio nasceu em 43 a.C., pouco depois da morte de César. É o poeta latino do tempo de Augusto que, alheio ao ideário do Príncipe e contra a vontade do pai, renunciou à prestigiada carreira pública de advocacia em favor da vida áulica nos salões da aristocracia. Gozou de grande prestígio social no meio aristocrático romano, até ser compulsivamente afastado de Roma por ordem de Augusto, por razões nunca conhecidas. Os últimos nove ou dez anos da sua existência passou-os desgostoso numa cidade que a tradição diz ser Tomis, na atual Roménia, onde terá falecido, segundo a maioria dos autores, no ano 17.

No poema *Metamorfoses*, Ovídio narra 250 histórias da mitologia greco-latina, situando-as num tempo e num mundo real, a saber, desde a origem do cosmos até ao seu tempo, à morte de César. E durante séculos esta foi a única fonte da mitologia clássica para pequenas histórias que configuraram a memória simbólica europeia, como o rapto de Europa, o amor de Apolo e Dafne, Teseu e o Minotauro no labirinto, Dédalo e Ícaro, o rapto de Perséfone, Orfeu e Eurídice, Eco e Narciso...

As personagens destas histórias sofrem as mais incríveis *transformações*. Movidos pelo poder da paixão, os seus corpos transformam-se em fontes, em pedras, em árvores, flores, ilhas, animais... ou seja, sofrem *os dramas da forma*. É como se o destino dessas personagens exprimisse o poder transformador que a paixão exerce sobre deuses e sobre homens.

Ao contrário da sorte de muitas outras obras dos autores greco-romanos, as *Metamorfoses* estiveram sempre presentes na tradição literária europeia. O livro de Ovídio inspirou e continua a inspirar intelectuais e artistas de todos os tempos, incluindo poetas, pintores, escultores, músicos e coreógrafos.

Nos últimos anos temos assistido ao crescimento do interesse por Ovídio, não apenas enquanto poeta espirituoso dos salões e do amor requintado, mas também enquanto poeta da erudição mitológica e

ainda da complexidade da natureza humana, sujeita à dor e à morte. Mas a verdade é que a inspiração em Ovídio não atraiu apenas os homens de letras. O tesouro artístico da Europa tem nas *Metamorfoses* uma das maiores fontes de inspiração. O poema de Ovídio foi também um modelo primordial para as artes, a música, a pintura, a escultura e até a arquitetura e paisagismo de jardins.

O primeiro passo para a criação da ópera, por exemplo, foi dado em 1594 com a representação de *Dafne* de Jacopo Peri (1561-1633), sobre libreto de Rinuccini (1562-1621). Embora a sua partitura não se tenha conservado, *Dafne* é considerada a primeira ópera. Seis anos depois seguiu-se *Euridice*, dos mesmos autores, em duas versões, uma com música de J. Peri, outra de Giulio Caccini (1548-1618). Subiu à cena para celebrar as núpcias de Henrique IV de França com Maria de Médicis, em 6 de Outubro de 1600. Se seguíssemos as pegadas das *Metamorfoses* na música, poderíamos continuar com Haendel (1685-1759), Monteverdi (1567-1643), Richard Strauss (1864-1949), Benjamin Britten (1913-1976).

O amor de Apolo por Dafne (que ilustrou o cartaz da Exposição) foi também o que inspirou uma das mais célebres esculturas de Bernini (1598-1680). Mas além de Bernini podíamos evocar Miguel Ângelo (1475-1564) e Rafael (1483-1520) ... No domínio da pintura, Ticiano (c. 1490-1576), Caravaggio (1571-1610), Rubens (1577-1640), Velázquez (1599-1660), Rembrandt (1606-1669), Delacroix (1798-1863) são apenas alguns exemplos que conferem às *Metamorfoses* de Ovídio o esplendor máximo da fecundidade da literatura antiga na expressão artística moderna.

As *Metamorfoses* atraíram a atenção de renascentistas, românticos e modernistas e chegaram a Salvador Dali (1904-1989) e a Picasso (1881 -1973) - que nos anos 30 ilustrou uma edição das *Metamorfoses* -, mas também a T.S. Eliot (1888-1965), Reiner Maria Rilke (1875-1926), Hermann Hesse (1877-1962), Virgínia Woolf (1882-1941) e Franz Kafka (1883-1924).

A leitura das *Metamorfoses* ao longo dos tempos e a leitura que hoje fazemos deste poema não é certamente a mesma. As diferenças poderiam ilustrar a sentença de um dos versos mais célebres do poema: *omnia mutantur, nihil interit...* (*Metam.* 15, 165): “Tudo muda, nada morre...”. O que não muda é a natureza humana sobre a qual Ovídio escreveu, nem a sua condição, ainda hoje sujeita à dor, à paixão e à morte. E é por isso que ainda hoje lemos Ovídio.

O conjunto

A Exposição recolheu uma pequena amostra da transmissão do texto de Ovídio em Portugal a partir do séc. XV – não só do texto latino, como também das diversas traduções que se multiplicaram a partir do séc. XVI e XVI e difundiram o poema ao longo dos séculos.

Surpreendente é o número de edições ilustradas de que a obra foi objeto, pelas mesmas razões pelas quais, a partir do Renascimento, os quadros mitológicos das *Metamorfoses* atraíram o interesse de tantos artistas plásticos para os *dramas da forma*. Quase poderíamos fazer dois percursos: um para as *Metamorfoses* em palavras, outro para a *Metamorfoses* em imagens. Um e outro sugerem a extensão do legado de Ovídio ao Ocidente.

No século XVI, algumas edições destinadas a artistas só continham as imagens, prescindindo do texto de poético. Nesse caso, as imagens acabavam por exercer maior impacto na transmissão do conteúdo literário, uma vez que este era transmitido não já pelos versos do poeta mas pela recriação figurativa do pintor. Assim, estampas e ilustrações feitas pelos melhores artistas acabam por dar origem a obras-primas do Renascimento italiano. Essa realidade justificou que, na Exposição, fossem reproduzidos alguns dos quadros mais frequentes do imaginário de poetas e artistas europeus, como Europa, a jovem fenícia raptada por Zeus metamorfoseado em toiro (*Metam.* II, 844-875); ou Galateia, a estátua de marfim de quem Pigmalião se

enamorado e a quem Vénus deu vida (*Metam.* X, 243-297); ou ainda Eco e Narciso, o jovem que se enamorou da própria imagem refletida sobre as águas. Sofrendo o desgosto de procurar permanentemente o ser amado sem jamais o possuir, Narciso foi transformado na flor que recebeu o seu nome, enquanto Eco, repudiada por Narciso, se ocultou nos bosques, dela restando apenas a voz (*Metam.* III, 339-510).

Séculos XV e XVI e os comentários de Rafael Régio

Durante os séculos XII a XIV foi tão grande a difusão de Ovídio, o “profeta”, que aquele período ficou conhecido como *aetas ovidiana*, na expressão cunhada pelo filólogo de Munique, Ludwig Traube (1911)³.

São vários os testemunhos indiretos de que o texto das *Metamorfoses* era conhecido no espaço ibérico⁴. Porém, a edição mais antiga da BGUC é o incunábulo de 1497, com comentários de Rafael Régio (1440-1520), o humanista veneziano famoso pela sua erudição e pelas contínuas querelas com humanistas rivais: *P. Ouidii Metamorphosis cum integris ac emendatissimi Raphaelis Regii enarrationibus & repraehensione illaru[m] ineptiarum quibus ultimus Quaternio primae editionis fuit inquinatus*. Venetiis : Simon Ticinesis Bibilaqua, 1497 (UCBG R-46-6).

Nos alvares do Humanismo, o texto de Rafael Régio foi largamente preponderante, mas o poema foi sendo objeto de inúmeros comentários que fizeram dele a obra de mitologia de maior influência na cultura ocidental. Num tempo em que os comentários eram por vezes mais valorizados do que as palavras do poeta, os comentários de Rafael Régio, sucessivamente editados, foram

3 Ludwig Traube (*Vorlesungen und Abhandlungen*, ed. Paul Lehmann, 3 vols. Munich, 1909-1920, vol. 2, 1911) periodiza a Idade Média, distinguindo *aetas horatiana*, *aetas virgiliana* e *aetas ovidiana*.

4 Afonso X, o Sábio, incluiu na sua *General Estoria* uma longa paráfrase das *Metamorfoses*. A livraria do Mosteiro de S. Vicente de Fora possuía a obra de Ovídio; e na livraria do Condestável Dom Pedro já figuravam umas *Metamorfoses* “en vulgar castellá”.

determinantes para a leitura do texto nos séculos seguintes, interpretando os mitos como exemplos de vícios e de virtudes. Régio tornou-se o comentador mais importante na transmissão do texto à modernidade. Muitas das suas emendas textuais foram aceites e discutidas pela crítica textual ao longo dos últimos séculos, sem impedir que a cada edição do seu texto fossem acrescentados comentários de outros humanistas.

É muito singular a edição de Lyon, 1527 (UCBG J.F.-66-5-14) que reúne comentários de duas tradições hermenêuticas opostas: os comentários de R. Régio e os comentários de Pedro Lavínio, filósofo e pregador dominicano (1510-1534), que Régio desprezava. Ao contrário do primeiro, Lavínio sustentava a sua compreensão histórica e alegórica de Ovídio especulando sobre o conhecimento que, através de Platão e Pitágoras, o poeta teria tido das profecias das Sibilas, dos livros de Moisés e da Bíblia dos *Setenta*. A verdade é que o possuidor deste livro, na linha de Régio, rasurou todos os comentários de Pedro Lavínio, mostrando assim a sua opção hermenêutica.

A edição de Veneza de 1565 (UCBGJ 1-3-7-454) não é menos singular: ela reúne os comentários de Rafael Régio e de Jacob Micyllus (1503-1558). O texto de Ovídio, porém, é disposto ao centro da página, sendo cada narrativa apresentada por um breve argumento atribuído a Lactâncio, autor que os humanistas do Renascimento liam com muito interesse. Na verdade, trata-se da obra anónima *Narrationes fabularum quae in Ov. Metam. Occurrunt*.

Séculos XVII, XVIII e XIX

Entre o século XVI e o século XIX a presença de Ovídio é muito evidente nas letras portuguesas, não havendo provavelmente poeta algum que o tenha ignorado. Uma das qualidades por todos reconhecida a Ovídio é ser um excelente ‘contador de histórias’. Há nas suas narrativas uma clara intenção de entreter e deslumbrar o leitor,

com uma imaginação prodigiosa que faz suceder os episódios sem quebrar o interesse.

Essa razão, acompanhada da crescente escolarização da Europa fez com que, a partir do século XVII, se multiplicassem as edições latinas de Ovídio. Além do texto latino incluído nos numerosos *Opera Omnia*, ou lado a lado com ele, surgem por toda a Europa versões para castelhano, francês, inglês, italiano, ora em prosa ora em verso; mas nem por isso o texto deixou de circular em latim, sempre acompanhado de comentários de natureza moralizante e alegórica, bem como de glossários e notas. Merece destaque a edição de Nicolaus Hensius (1620-1681), poeta latino, filólogo, tradutor dos clássicos e possuidor de uma das maiores bibliotecas particulares da Europa, que percorreu ao longo de décadas quase todos os países da Europa para consultar o maior número possível de manuscritos e, em 1652, publicou a obra completa de Ovídio (UCFL CF B-3-16). Mas também a de Daniel Crispino (1689), sobre o texto de Hensius, produzida por ordem de Luís XIV para educação do príncipe (1-3-5-335/338 [Vol. 2: 1-3-5-336]); ou a do filólogo e jurista flamengo Petrus Burmannus (1727) bem conhecido pelo número de textos clássicos que editou (1-3-5-330/333 [Vol. 2: 1-3-5-331]).

Uma referência particular é devida às antologias ou *fabulae selectae*, nomeadamente a do jesuíta Jacobus Pontanus (ou Jakob Spanmüller, 1542-1626), pela projeção que teve no universo escolar da Europa (UCBGJ 4-3-4-100). O texto das *Metamorfoses* estava incluído no *Index librorum prohibitorum*, mas isso não impediu o poema de circular, como se vê pelas reedições e traduções sucessivas do texto. A proibição era exercida de forma mais preventiva do que persecutória. Pontanus foi um dos mais conhecidos editores de Ovídio. Era professor de humanidades e retórica em Dillingen quando editou uma antologia das *Metamorfoses* adaptada ao ensino nos Colégios, i.e. "expurgada de todas as obscenidades" (*libri XV ab omni obscenitate purgati*). A primeira edição apareceu em Antuérpia, em 1618,

e foi largamente difundida na Europa, apresentando as narrativas das *Metamorfoses* como *exempla*.

Edições científicas e traduções para o leitor moderno

Na ausência de manuscrito autógrafo das *Metamorfoses* e perante o longo processo de transmissão manuscrita, seria ilusório ignorar as dificuldades de fixação do seu texto. O próprio poeta afirmou (*Tristia* 1,7) nunca ter dado a última versão do poema. No entanto, além dos testemunhos indiretos, possuímos um conjunto muito significativo de testemunhos com alguma antiguidade que nos permitem chegar a um texto aproximado daquele que Ovídio escreveu: fragmentos do século XI, passos mais extensos do século X e manuscritos completos do século XI. Toda essa transmissão, com cerca de dois mil anos, é recolhida e reequacionada na edição de Richard J. Tarrant, Oxford, 2004 (UCLCL Mest. 6.) a mais recente edição científica das *Metamorfoses*. É nela que se deve basear qualquer tradução moderna do texto.

São inúmeras as traduções modernas, e de excelente nível, em diversos idiomas. Entre as muitas traduções em línguas estrangeiras, merece referência a edição da Fundação Lorenzo Valla (Mondadori, 2007), baseada na fixação do texto latino de R. J. Tarrant e acompanhada de uma introdução e comentário da autoria de grandes especialistas da atualidade (UCFL F-7-54 EL).

Chegados à língua portuguesa, não deixa de surpreender que um dos textos mais importantes da cultura ocidental tenha conhecido tão poucas traduções em português. Antes da tradução de António Feliciano de Castilho, que traduziu um primeiro Tomo em 1841 (UCBG 7-28-15-18), há notícia de uma tradução de Cândido Lusitano, nunca publicada (1770-1771) e da tradução parcial de Bocage (*Poesias*, Lisboa, 1853), que pode por si só ser considerada um clássico da literatura portuguesa.

No entanto, isso não significa que o poema não tenha sido lido. Na verdade, o texto circulava na sua versão latina e até em versões castelhanas. O Padre António Vieira (1608-1697), quando professor de Retórica em Olinda, aos 18 anos, foi também autor de um comentário às *Metamorfoses* de Ovídio, que infelizmente se perdeu, informam os seus biógrafos.

Já o renovado interesse das últimas décadas pelo poeta das *Metamorfoses* teve como resultado duas traduções modernas no início do séc. XXI, a de Domingos Lucas Dias (UCBG 9-(1)-9-13) e a de Paulo Farhmouse Alberto (UCBG 7-75 B-2-1) sucessivamente reeditada.

A iconografia

As *Metamorfoses* de Ovídio conheceram um número surpreendente de ilustrações: só o séc. XVI contou com mais de uma centena, embora as primeiras xilogravuras sejam de 1484. Além de contador de histórias, Ovídio é também um excelente ‘pintor de cenários’. O seu poder de descrição mostra uma sensibilidade plástica de uma vivacidade deslumbrante. Muitos quadros mitológicos parecem reproduções dinâmicas e coloridas de obras de arte existentes no tempo de Ovídio. Mas o inverso também aconteceu: o movimento e a cor incarnados nas narrativas de Ovídio inspiraram as artes plásticas do Renascimento em diante, em números sem precedentes.

As *Metamorfoses* de Ovídio tornam-se modelo primordial da pintura e da escultura. Michelangelo, Rafael, Ticiano, Corregio, Veronese, Caravaggio, Rubens, Bernini, Velázquez, Poussin, Rembrandt, Delacroix são apenas alguns exemplos que demonstram o grau de esplendor e fecundidade da Literatura Antiga e das *Metamorfoses* de Ovídio em particular.

Bernard Picart (1673-1733), Noël Le Mire (1724-1800) e Pierre-François Basan (1723-1797) são alguns dos nomes mais célebres

ligados à produção de estampas para as *Metamorfoses* de Ovídio. A sua obra está representada na BGUC.

As gravuras de Bernard Pickart (UCBGJ 1-3-8-498), o célebre miniaturista, desenhador e gravador de origem francesa que se estabeleceu na Holanda, acompanharam a tradução francesa de L'Abbé Banier (1673-1741), um clérigo francês aluno dos jesuítas, cuja tradução teve muita aceitação, graças ao seu entendimento mais racional dos mitos, distinto das tradicionais interpretações alegóricas. O texto conheceu quase de imediato tradução para inglês e alemão (1732) e no século XIX ainda circulava. Na produção das suas gravuras trabalhou Bernard Picart (1673-1733), com a colaboração de doze artistas que trabalhavam sob a sua direção. As gravuras de Bernard Picart tiveram tal impacto que acabaram por ter um destino independente do texto, e inspiraram, por exemplo, os pintores de porcelana de Meissen (Alemanha), em estilo rococó.

Les Métamorphoses d'Ovide gravées sur les desseins des meilleurs peintres français. Par les soins des S.rs le Mire et Basan graveurs. A Paris : chez Basan, Le Mire, [1767-1770] (UCBG RB-12-23) constitui outro exemplo de como as *Metamorfoses* em imagens ganharam vida própria muito além do texto. Esta edição, sem texto, dedicada ao Duque de Chartres, contém apenas estampas (139, sem contar com o frontispício), além de florões e vinhetas de ornamentação. Com Noël Le Mire (1724-1800) e Pierre-François Basan (1723-1797) trabalharam oito desenhadores e vinte gravadores/talhadores, dos melhores do seu tempo, todos eles identificados. É considerada uma das obras-primas de Le Mire, o célebre desenhador e talhador/gravador francês.

Pelo seu poder expressivo, as estampas de Picart e Le Mire constituem um suporte de transmissão não verbal das *Metamorfoses* que alimentou por outra via o imaginário dos poetas e artistas europeus.

Bibliografia passiva

Ovídio foi nas últimas décadas do século XX um dos maiores beneficiários do crescimento dos chamados ‘estudos de receção’ na Europa. A bibliografia acerca de Ovídio, produzida individualmente e sobretudo por equipas internacionais (*Présence d’Ovide*. Paris : Les Belles Lettres, 1982; *Brill’s Companion to Ovid*, 2012; *Ovídio: Exílio e Poesia*. Lisboa, 2007) traçam a história da hermenêutica de Ovídio, analisam o seu legado duradouro na literatura cristã, na Idade Média, no Renascimento, na Idade Moderna e nos autores do século XX, e comparam entre si as leituras dos principais comentadores, em França, em Espanha e na tradição literária europeia⁵.

A bibliografia acerca das *Metamorfoses* de Ovídio nos seus mais variados aspetos é imensa. Desde a transmissão do texto até à sua receção e reelaboração sincrónica e diacrónica, são inúmeros os estudos que todos os anos se publicam nas mais diversas línguas, e que contemplam as duas faces de Ovídio: Ovídio em texto e Ovídio em imagem⁶. A sua interdisciplinaridade exprime-se singularmente num curioso estudo de 2004 em que a metamorfose é apresentada como princípio dinâmico de elevado poder metafórico na evocação do ser humano. No livro de Marina Warner, *Fantastic Metamorphoses, Other worlds: Ways of telling the self*. Oxford : Oxford University Press, 2004, o poema de Ovídio é tratado como texto fundador de uma tradição metamórfica, que abrange tanto a mitologia clássica como

5 Alguns dos exemplares citados foram cortesia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

6 Rodrigues, Ana Duarte – Renaissance and baroque gardens recreate Ovid’s *Metamorphoses*. In Ferreira, Ana Rita e Nolasco, Ana (Ed.) – *Creative Process in Art : Proceedings of the International Colloquium*, Lisbon, 12-13 September 2013. Lisbon, CIEBA – Centro de Investigação e Estudos em Belas Artes, Faculdade de Belas-Artes, Universidade de Lisboa, 2014. p. 139-164.

a arte fantástica de Jerónimo Bosch, os contos de fadas e a ficção do séc. XIX e XX (de que é exemplo *Alice no País das Maravilhas*).⁷

7 Uma sinopse dos estudos sobre Ovídio nos nossos dias ficaria incompleta sem a referência a um notável instrumento de trabalho, produzido pela Universidade de Virgínia, que, pela sua natureza não podia estar presente nesta exposição. A influência das *Metamorfoses* na arte europeia encontra uma ferramenta indispensável neste sítio *web*, que inclui um elevado número de edições e interpretações das *Metamorfoses* em vários idiomas, bem como imagens digitalizadas das principais edições ilustradas que serviram de modelos para as pinturas do seu tempo: *Ovid Illustrated: The Renaissance Reception of Ovid in Image and Text*, da autoria de Daniel Kinney e Elizabeth Styron. A consulta permite um movimento muito fácil entre o texto e as imagens: <http://ovid.lib.virginia.edu/search.html#search>

Atividades Culturais 2017

Maria Luísa Sousa Machado¹

José Alberto Mateus²

Introdução

A Biblioteca Geral promove e acolhe anualmente atividades culturais. No ano de 2017 realizaram-se diversas exposições bibliográficas, conferências, colóquios, palestras, lançamento de obras e concertos.

Estas atividades realizaram-se em diferentes espaços: Sala do Catálogo, Sala de São Pedro e Piso Intermédio da Biblioteca Joanina. O Piso Nobre da Biblioteca Joanina recebeu vários recitais e concertos.

Deste conjunto de realizações destacam-se seguidamente aquelas que se revestiram de maior importância e impacto.

Os Catálogos das exposições bibliográficas encontram-se na parte final do *Boletim*.

1 Bibliotecária da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra – lmachado@bg.uc.pt

2 Bibliotecário da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra – jomat@bg.uc.pt

Exposições bibliográficas

Sala do Catálogo

– Exposição comemorativa do centenário do nascimento de *Vergílio Ferreira (1916-1996)*, patente de 28 Dezembro de 2016 a 31 de Janeiro de 2017.

O escritor Vergílio António Ferreira nasceu em Melo, localidade do concelho de Gouveia, em 28 de janeiro de 1916. Frequentou o Seminário do Fundão, que viria a abandonar ao fim de seis anos, completando o curso liceal na Guarda. Em 1935, matricula-se no curso de Filologia Clássica da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, que conclui em 1940.

Embora tenha sido convidado para Assistente, prefere tornar-se Professor do Ensino secundário. Realiza o estágio de Português, Latim e Grego no Liceu D. João III, em Coimbra, cumprindo depois uma carreira que o leva a ensinar em Évora e Bragança. Os últimos anos da sua longa carreira de professor são cumpridos em Lisboa, no Liceu Camões.

A par de um percurso especialmente fecundo de romancista, que o leva do Neorrealismo ao Existencialismo, Vergílio Ferreira distingue-se ainda como ensaísta e diarista. A par da influência de alguns escritores portugueses (com destaque para Eça de Queirós), a sua obra é assinalada pelo cruzamento de um vasto número de referências estéticas e filosóficas, que vão de Santo Agostinho a Heidegger, de Pascal a Sartre e a Camus. A sua escrita envolve ainda um diálogo assíduo e intenso com a Teologia, as Artes Plásticas e o Cinema. Intervém como ator no filme “Manhã Submersa”, realizado em 1980 por Lauro António a partir de um romance com o mesmo título, que publicara em 1954.

Para além de Gouveia, sua terra natal, onde existe uma Biblioteca com o seu nome, a sua memória encontra-se hoje associada a

diferentes localidades por onde passou. A Universidade de Évora (cidade onde viveu ao longo de 13 anos) instituiu inclusivamente um Prémio Anual com o seu nome. A Universidade de Coimbra, onde começou por se distinguir como aluno brilhante, atribuiu-lhe o grau de *doutor honoris causa*, em cerimónia que decorreu na Sala dos Capelos em 24 de outubro de 1993. Através desse ato raro (tratando-se de um escritor), a Universidade reconheceu nele um dos mais importantes nomes da cultura portuguesa do século XX.

Nesta exposição foi destacado um importante conjunto de cartas e bilhetes-postais de Vergílio Ferreira para o Professor Luís de Albuquerque, que faz parte do espólio da biblioteca deste antigo professor, doada à Biblioteca Geral.

– Exposição *Luís de Albuquerque: 1917–1992*, comemorativa do nascimento deste professor da Universidade e antigo Diretor da Biblioteca Geral, realizada de 9 de Junho a 31 de Julho de 2017.

Luís de Albuquerque nasceu em Lisboa, no dia 6 de Março de 1917. Fez os estudos secundários nos Liceus de José Falcão e de Júlio Henriques, em Coimbra e depois, em 1929, entrou para o Colégio Militar, em Lisboa, onde em 1934, viria a concluir o Curso Geral dos Liceus.

A partir de 1934, frequentou a Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra e a Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Nesta última Faculdade obteve a Licenciatura em Matemática, em 1939 e, no ano seguinte, a Licenciatura em Engenharia Geográfica. No ano letivo de 1940-41, tomou posse, como Segundo Assistente, na Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra, tendo depois prestado provas para o lugar de Professor no ano de 1948.

Em 1959 doutora-se com uma tese intitulada *Sobre a Teoria da Aproximação Funcional*. Depois de ter beneficiado de uma bolsa do Instituto de Alta Cultura na Universidade de Göttingen, sob a direção do Prof. Konrad Jacobs, regressa a Coimbra, para dar continuidade à carreira docente no Departamento de Matemática. Para além de

ter sido um notável professor e investigador de saber profundo e abrangente, Luís de Albuquerque distinguiu-se ainda através de uma intensa atividade cívica e política.

Participou nos movimentos estudantis e intelectuais de Coimbra, envolvendo-se nas famosas tertúlias da “Brasileira” e frequentando regularmente a famosa casa de J. J. Cochofel (hoje Casa da Escrita), na companhia de outros vultos importantes da cultura portuguesa da época. Desenvolveu ainda uma assídua atividade literária, com especial relevo para a sua ligação à revista “Vértice”, na qual, além de colaborador regular, desempenhou as funções de secretário. Nos finais da década de cinquenta, dedica à História muito do seu labor. Neste âmbito, viria concretamente a distinguir-se como um dos mais conceituados e fecundos historiadores dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa.

Luís de Albuquerque foi Diretor da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra de 1978 até à sua jubilação, ocorrida em 1987. Sob a sua direção operou-se uma ampla modernização dos serviços e também das instalações. Procurou igualmente o enriquecimento dos fundos documentais da Biblioteca. Sob o seu mandato e por sua iniciativa pessoal, adquiriu-se o núcleo bibliográfico do Dr. José Vicente Gomes de Moura. Deram ainda entrada na Biblioteca diversos manuscritos de importância histórica, com destaque para a Carta-portulano de Diogo Homem (ca. 1566).

Numa atitude de grande dedicação à Biblioteca que serviu, doou-lhe os seus próprios livros, manuscritos e documentos, que se encontram já devidamente catalogados e colocados na sala que tem o seu nome.

– A exposição *Histórias do Jazz em Portugal*, esteve patente de 13 a 28 de Outubro, no âmbito da colaboração solicitada pela organização da XV edição do “Festival Jazz ao Centro – Encontros Internacionais de Coimbra”. Esta exposição bibliográfica, realizada exclusivamente

com espólio da Biblioteca Geral, pretendeu ser mais um contributo para a divulgação e a celebração do Jazz enquanto forma muito particular de expressão artística.

Sala de São Pedro

– No âmbito do V Congresso Internacional do Romanceiro, a Biblioteca Geral e o Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra comissariaram uma exposição documental dedicada ao *Romanceiro* do escritor português Almeida Garrett (1799-1854), sendo a curadoria da exposição da responsabilidade da Doutora Sandra Boto.

Pioneiro no interesse e na divulgação da poesia narrativa de tradição oral, Garrett concedeu um lugar de destaque a este género poético na construção do seu ideário romântico. Através desta exposição, deram-se a conhecer alguns materiais que contam a história desta obra e estiveram expostos, pela primeira vez, os autógrafos garrettianos da Coleção Futscher Pereira. A exposição *Almeida Garrett e o Romanceiro*, esteve patente entre 22 de junho e 12 de julho de 2017.

– A exposição documental *Mutatis Mutandis: Os Dramas da Forma* – Nos 2000 anos da morte de Ovídio, sobre as “Metamorfoses” de Ovídio nas coleções da Universidade de Coimbra, foi comissariada pela Doutora Maria Margarida Miranda, da Faculdade de Letras, e resultou de uma parceria entre a Universidade de Coimbra e a Fundação Inês de Castro, integrada no 9.º Festival das Artes. Esteve patente de 16 a 22 de Julho de 2017.

“Metamorfoses” é o título de um longo poema de Ovídio (43 a.C. – 17 d.C.) que escapa a qualquer classificação esquemática. Porém, nenhuma obra da Antiguidade exerceu tão grande influência sobre a cultura europeia, nomeadamente sobre a literatura e as artes. Nela se

reúnem 250 histórias, cujas personagens se caracterizam por serem objeto das mais incríveis transformações. Os corpos que se transformam em fontes, em pedras, em flores ou em animais representam os dramas da forma.



“Mirra e o nascimento de Adónis” (Metam. X ou Fábula). In Ovídio – *Les métamorphoses d’Ovide en latin*. Grav. por Bernard Picard. Amsterdam: chez R. & J. Wetstein & G. Smith, 1732

Muito além das circunstâncias do tempo em que viveu, Ovídio glorifica o indivíduo, a fantasia e o amor, chamando a atenção para a metamorfose permanente do mundo, captada, ao mesmo tempo, como essência e como ilusão. Continuamente presente na tradição literária europeia, este livro inspirou e continua a inspirar intelectuais e artistas de todos os tempos.

A exposição dividiu-se pelos seguintes núcleos: Séculos XV e XVI, e os comentários de Rafael Regius; Séculos XVII, XVIII e XIX; Em busca do texto ovidiano; Ovídio em Portugal (edição e tradução); Ovídio ilustrado, Bibliografia passiva e Iconografia.

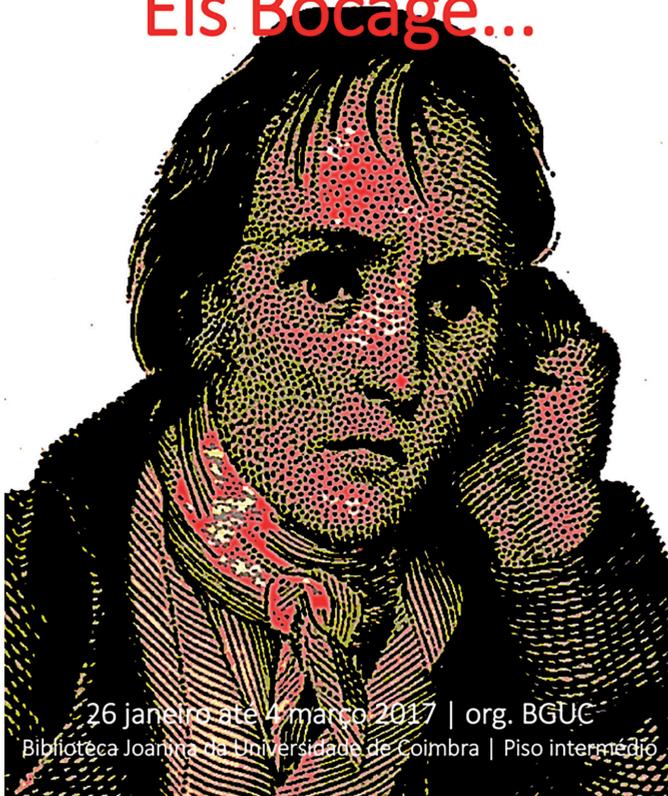
Biblioteca Joanina

– A exposição *O Visconde de Vila Maior: o arquivo (s)em reserva*, foi organizada pela Sociedade Broteriana e o Departamento de Ciências da Vida da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra e esteve patente entre 15 de novembro de 2016 e 15 de janeiro de 2017. Esta exposição pretendeu abordar a atividade pessoal, académica e pessoal do Visconde de Vila Maior. Da exposição constavam 70 documentos e alguns objetos, com realce para: retratos do Visconde, espécime de herbário e alguns modelos botânicos.

– A exposição *Eis Bocage...* esteve patente no piso intermédio de 26 de Janeiro a 4 de Março de 2017. Foi comissariada por Daniel Pires, um dos fundadores do *Centro de Estudos Bocageanos* e autor de vários estudos sobre o poeta nascido em Setúbal, em 1765.

Esta mostra era constituída por dois núcleos particularmente relevantes para o melhor conhecimento do poeta: as traduções, que lhe proporcionaram alguns meios de sobrevivência e onde Bocage ostentou sólidos conhecimentos de Francês, Latim e até Italiano, e os manuscritos. Não se tratava de manuscritos originais da mão do poeta, mas das cópias manuscritas que demonstravam o interesse que a sua obra suscitava entre os seus contemporâneos. Na impossibilidade de obter os livros impressos, muitos copiavam à mão as suas poesias, repentismos e aforismos, porque os queriam conservar. A Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra possui parte considerável destes manuscritos, quase todos datáveis de inícios do século XIX.

Eis Bocage...



26 janeiro até 4 março 2017 | org. BGUC
Biblioteca Joanina da Universidade de Coimbra | Piso Intermezzo

Versão portuguesa do catálogo disponível em:
<http://www.uc.pt/bguc/Documentos2017/bocage>

Também se levantou uma ponta do véu sobre as muitas atribulações da edição da obra de Bocage, desde as impressões clandestinas das poesias eróticas e satíricas, até ao facto de chegarem a existir quatro impressões do mesmo editor e ano. Quantas destas não serão contrafações forjadas para satisfazer um público ávido, eximindo o editor de pagar os direitos devidos ao poeta?

Esta exposição transitou posteriormente para a Sala do Catálogo, onde permaneceu de 30 de Março a 28 de Abril de 2017;

– A exposição documental *Bibliothecae Imago: Bilhete de Identidade de uma biblioteca geral*, incide sobre a história das bibliotecas na UC e sobre o conceito de uma Biblioteca Geral e a sua necessidade em contexto universitário. Esta exposição que estava integrada na programação da 19.ª Semana Cultural da Universidade de Coimbra – “Quem somos?”, esteve patente de 14 de março a 9 de junho 2017.

– *Em torno de Francisco Suárez*, foi o título da exposição que esteve patente no piso intermédio de 27 de junho a 2 de outubro 2017.

Esta exposição teve como objetivos: receber em Coimbra os participantes no 1.º Encontro Internacional *Pensar o Barroco em Portugal* (Porto – Coimbra, 26-28 junho 2017), homenagear e dar a conhecer um dos professores mais notáveis da Universidade de Coimbra e comemorar o quarto Centenário da sua morte.

Francisco Suárez (1548-1617) foi um dos primeiros a pensar a condição antropológica e legal da escravatura em ‘*De legibus*’ (Coimbra, 1612). No seu ‘*Defensio fidei Catholicae...*’ (Coimbra, 1613) rebateu, por conta do Papa, a formulação do direito divino dos reis que tinha sido avançada por Jaime I de Inglaterra.



Francisco Suárez, portada de *Partis secundae Summae theologiae...*
Lugduni : Iacobus Cardon-Petrus Cauellat, 1621

O livro foi queimado em Londres (e em Paris!). É considerado um mestre do direito internacional, na esteira de Francisco de Vitória e antes de Grotius.

Tendo em consideração o grande número de trabalhos publicados por Francisco Suárez, pretendeu-se realçar os pontos altos do pensamento teológico, jurídico e político da Segunda Escolástica, em Coimbra e em Portugal, na qual Suárez se inclui.

– A Exposição *Um precursor do Modernismo: Camilo Pessanha (1867-1926)*, foi inaugurada no dia 23 de Outubro de 2017, no Piso intermédio da Biblioteca Joanina. Esta exposição organizada pela BGUC, em colaboração com o Centro de Literatura Portuguesa da FLUC, foi comissariada pelo Doutor António Apolinário Lourenço, no âmbito

das comemorações nacionais dos “150 Anos do nascimento de Camilo Pessanha”, promovidas pela Sociedade de Geografia de Lisboa.

– Com o objetivo de assinalar diferentes efemérides, a Biblioteca Geral acolheu, em 2016, um Ciclo de *Conferências Ilustradas* promovido pelo Coro Dom Pedro de Cristo, dedicado ao compositor do mesmo nome (m. 1618) e a D. Pedro da Esperança (m. 1660). No mesmo âmbito, foi concebida uma exposição na Biblioteca Geral onde se mostraram, pela primeira vez junto de públicos não especializados, algumas espécies que integram a sua valiosa coleção de manuscritos musicais quinhentistas e seiscentistas.

Lançamento de obras

Biblioteca Joanina

– Apresentação da obra *A Sua Majestade a Rainha D. Amélia de Portugal: Um raro acervo musical*, da autoria de Rui de Luna, no dia 13 de Março de 2017;

– Apresentação da emissão filatélica promovida pelos CTT, Comemorativa dos 300 Anos da Biblioteca Joanina, no dia 28 de setembro;

2017

THREE HUNDRED YEARS OF THE JOANINE LIBRARY

On 17 July 1717, at six o'clock in the evening, in the presence of Rector Nuno da Silva Telles the second rector to have that name, the first stone was laid of the Casa da Livraria, which would later come to be known as the Biblioteca Joanina, or Joanaire Library.

It all came about as a result of a request made by the rector to the king, a year earlier, that the University of Coimbra be given a library that was fitting and worthy. Once it had begun, work continued without interruption or any great setback, so that by the start of 1728 the building was complete. The university now possessed a magnificent library that, to obvious advantage, would replace the various houses in Lisbon and in Coimbra that had served to accommodate, albeit precariously, the books used by masters and scholars.

Over three hundred years, the building has undergone small external and internal transformations that have not affected its architecture or function. In 1952, when the new building for the university's General Library opened to the public, the Joanaire Library ceased to be frequented by regular readers. Only on special occasions were the doors opened to receive illustrious visitors, such as heads of state or well-known figures from the world of science, art or culture.

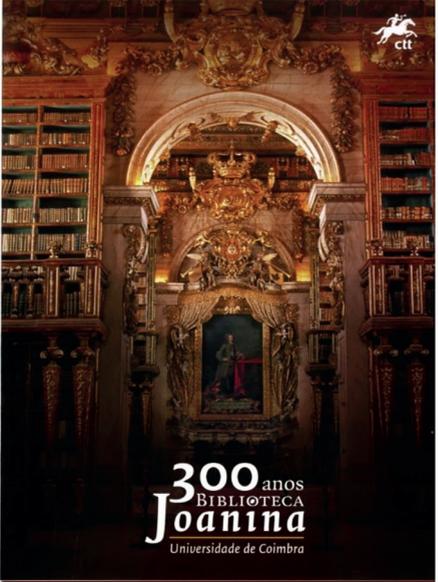
Today, a great number of people seek out the library, which is now part of the university's board estate. Many confess that they were not expecting to find such an exuberant celebration of the book and of knowledge in Portugal. They are particularly surprised when told that the volumes kept there amount to 60 thousand, published up until the year 1800 and are still regularly consulted.

This year marks the three-hundredth anniversary of the construction of what is one of the most extraordinary buildings ever to have been constructed on Portuguese soil. It is hardly necessary to insist on the beauty and heritage value of what has often been described by national and international organizations as "the most beautiful library in the world". The importance of the old Casa da Livraria, however, lies not just in its decoration. Above all, the message of the Joanaire Library demonstrates the irreplaceable importance of the book, as a vehicle of knowledge and a central tool of human emancipation.

João Augusto Cardoso Bernardes
Director of the General Library

Edição e impressão em Portugal
Livraria da Universidade de Coimbra
Rua da Universidade, 100
3000-093 Coimbra

Dados Técnicos / Technical Data
 Ano/Year: 2017 / 2017
 Série / Series: 001-0000
 Edição / Edition: 001-0000
 ISBN: 978-972-70-1000-0
 Colecção / Collection: 001-0000
 Nº de páginas / Number of pages: 128
 Formato / Size: 210 x 297 mm
 Papel / Paper: 150 g/m²
 Impressão / Printing: Offset
 Impressora / Printer: Litografia
 Faltas / Absences: Corrigido
 Impedimentos / Obstacles: Nenhum
 Observações de 1.ª edição / 1st edition observations: Nenhum



300 anos
BIBLIOTECA
Joanina
Universidade de Coimbra

Os trezentos anos da Biblioteca Joanina

A 17 de julho de 1717, pelas seis horas da tarde, na presença do Rector Nuno da Silva Telles (o segundo deste nome), foi colocada a primeira pedra da Casa da Livraria, a mesma que viria depois a ser conhecida por Biblioteca Joanina.

Tudo acontecia na sequência de um pedido do mesmo reitor dirigido ao Rei, um ano antes, para que a Universidade fosse dotada de uma biblioteca adequada e digna.

Depois de iniciada, a obra decorreu sem interrupções nem percalços de maior. De tal forma que, no início de 1728, o edifício era dado por concluído. A universidade passava assim a dispor de uma biblioteca esplendorosa, que viria substituir, com evidente vantagem, as diferentes casas que, em Lisboa e em Coimbra, tinham servido, sempre precariamente, para acomodar os livros usados por mestres e escolares.

Ao longo de trezentos anos, o edifício em causa viria a ser objeto de pequenas transformações exteriores e interiores que não lhe afetaram a traça nem a função. Em 1952, quando um edifício novo para a Biblioteca Geral da Universidade abriu ao público, a Biblioteca Joanina deixou de ser frequentada por leitores regulares. Só em ocasiões especiais se abriam as portas para receber visitantes ilustres como chefes de estado ou personalidades do mundo da Ciência, das Artes ou da Cultura.

Hoje, não em grande número as pessoas que procuram aquele espaço, integrado no circuito turístico da Universidade. Muitos confessam que não esperavam encontrar em Portugal uma celebração tão exaltante do livro e do conhecimento. Ficam particularmente surpreendidos quando lhes dizem que os volumes que se guardam naquele espaço (cerca de 60 mil, editados até 1800) ainda hoje são objeto de procura regular. Este ano, vão assinalar-se os trezentos anos da construção daquele que é um dos mais extraordinários edifícios jamais construídos em solo português. Quase não é necessário insistir na beleza e no valor patrimonial daquela que já por várias vezes tem sido apontada por organismos nacionais e internacionais como a «biblioteca mais bela do mundo». A importância da velha Casa da Livraria, porém, não reside apenas no seu aspeto. Acima de tudo, as mensagens da Joanina apontam para a importância insubstituível do livro, enquanto veículo de conhecimento e instrumento central da emancipação humana.

João Augusto Cardoso Bernardes
Diretor da Biblioteca Geral



300 ANOS
BIBLIOTECA
Joanina
Universidade de Coimbra
2017.09.28

Desdobrável da emissão filatélica

Sala de São Pedro



Apresentação da obra *História da Igreja em Timor-Leste: 450 anos de Evangelização (1562-2012)*, 2º. vol. (editada pela Fundação Engenheiro António de Almeida) de Dom Ximenes Belo pelo Professor Doutor João Marinho dos Santos, da Faculdade de Letras, no dia 11 de Janeiro de 2017;

– Apresentação da obra *D. Pedro e D. Inês: Diálogos entre o Amor e a Morte “Sermão nas exéquias de D. Inês de Castro”*, de D. João de Cardaillac. Edição crítica, tradução e comentário filológico de Maria Helena da Cruz Coelho e António Manuel Ribeiro Rebelo. A apresentação esteve a cargo da Professora Doutora Nair de Nazaré Castro Soares e do Professor Doutor Bernardo Vasconcelos e Sousa, no dia 24 Fevereiro de 2017;

– Apresentação pelo Professor Doutor José Pedro Paiva do *Livro de Atas do Congresso sobre a Reforma Teresiana em Portugal*, realizado em 2015, que reúne as cerca de 30 intervenções no referido congresso, no dia 28 de Março de 2017;

– Lançamento da obra: *Europa, Atlântico e o Mundo – Mobilidades, Crises e Dinâmicas Culturais, Pensar com Maria Manuela Tavares Ribeiro*. A apresentação esteve a cargo do Professor Doutor Hipólito de la Torre Gomez e da Professora Doutora Cristina Robalo Cordeiro, no dia 18 de Abril;

– Apresentação da obra *Do Capitalismo e do Socialismo*, de António Avelãs Nunes, por José Barata-Moura, no dia 3 de Julho;

– Lançamento de *Obras Pioneiras da Cultura Portuguesa*, com a direção de José Eduardo Franco e Carlos Fiolhais, resultante de uma parceria entre O Círculo de Leitores e as Reitorias da Universidade de Coimbra e da Universidade Aberta. A apresentação da obra esteve a cargo de José Pedro Paiva e de Nicolau Santos, no dia 28 de setembro de 2017;

– Sessão de lançamento de edição facsimilada da “*Pharmacopea Ulyssiponense, Galenica, e Chymica*”, com Paulo Barradas Rebelo (Presidente da Bluepharma), José Augusto Bernardes (Diretor da Biblioteca Geral UC), Delfim Leão (Imprensa da UC) e João Rui Pita (Faculdade de Farmácia da UC), no dia 18 de Dezembro de 2017.



Delfim Leão, Paulo Barradas Rebelo, José Augusto Bernardes e João Rui Pita

Tratou-se do lançamento da quarta farmacopeia fac-similada, na sequência da colaboração estabelecida entre a Biblioteca Geral da Universidade e a Bluepharma– Indústria Farmacêutica, S. A., de um conjunto de dez farmacopeias portuguesas.

Colóquios e conferências

Sala de São Pedro

– Colóquio Internacional *Territórios Marítimos, Insulares e Regiões Ultraperiféricas da União Europeia* promovido pelo CEIS/20, no dia 17 de Fevereiro de 2017;

– II Colóquio Internacional da Revista “Debater a Europa”, promovido pelo Grupo de Investigação Europeísmo, Atlantidade e Mundialização do CEIS 20, nos dias 15 e 16 de Março de 2017;



Mesa constituída pelos Professores Rui Moura Ramos,
Manuel Lopes Porto e Vital Moreira

– V Encontro *A Europa e o Mundo*, organizado pelo Grupo de Investigação Europeísmo Atlanticidade e Mundialização do CEIS 20, no dia 5 de Abril de 2017;



Cartaz do V Encontro anual

– Colóquio Internacional *60 Anos do Tratado de Roma* organizado pelo Grupo de Investigação Europeísmo, Atlanticidade e Mundialização do CEIS/20 nos dias 20 e 21 de Abril de 2017;

– Conferência *The Challenges of Peacebuilding and Statebuilding in Conflict-Affected States* promovida pelo Instituto Jurídico da Faculdade de Direito da UC, no dia 29 de Maio de 2017;

– *V Encontro de Jovens Investigadores em História Moderna*, de 31 de Maio a 2 de Junho 2017;

– Sessão de abertura do *V Congresso Internacional do Romanceiro*, dia 22 de Junho de 2017;

– Colóquio *A Crise do Estado de Direito e a instabilidade Jurídico-Política nos sistemas presidencialistas na América Latina*, promovido pelo CES, dia 29 de Junho de 2017;

– Por ocasião dos 50 anos da publicação da *Teoria da Literatura*, de Vítor Aguiar e Silva, a Universidade de Coimbra e a Universidade do Minho promoveram as “Conferências do Cinquentenário”, no dia 16 de Novembro. A abertura do evento esteve a cargo de Osvaldo Silvestre, seguindo-se a intervenção do homenageado;



Sessão de homenagem a Vítor Aguiar e Silva. O homenageado surge ladeado à sua direita pelo Diretor da Biblioteca Geral, José Augusto Bernardes, e à sua esquerda pelo Diretor do Arquivo, José Pedro Paiva, e Osvaldo Silvestre da Faculdade de Letras

– Conferência “Crentes e céticos: os jesuítas portugueses e o Japão”, pelo Professor Thomas Earle da Universidade de Oxford, no dia 7 de dezembro.



Conferência do Professor Thomas Earle

Recitais e concertos

Biblioteca Joanina

Das diversas atividades culturais realizadas na Biblioteca Joanina, destacam-se:

- Recital pelo pianista brasileiro Aleyson Scopel integrado no *Programa Virtuosi Música*, no dia 27 Janeiro de 2017;
- Recital de piano e canto “L’Invitation au voyage - Uma viagem musical da França para o Brasil” por Alberto Pacheco e Silas Barbosa no âmbito do *Programa Virtuosi Música*, no dia 10 de Fevereiro de 2017;
- No âmbito do *Programa Música no Museu* Recital de piano por Miriam Grosman, no dia 17 de Fevereiro de 2017;

– Concerto de piano por Alda Leonor integrado no *Programa Música no Museu*, no dia 22 de Março 2017;



– Recital de piano por Giosué de Vincenti, no dia 7 de Abril de 2017;
– Recital de piano por José Eduardo Martins, no dia 19 de Abril de 2017;

– Recital de piano e de violoncelo por Alessio Cinà e Chiara Torselli, no dia 21 de Abril de 2017;

– Concerto de piano por Maria Helena de Andrade integrado no *Programa Música no Museu*, no dia 11 de Maio 2017;

– Concerto de piano por Diego Caetano, no dia 2 de Junho de 2017;

– Recital de piano por Luís Rabello, no dia 20 de junho de 2017;

– Performance artística de Frederico Dinis - *[un]specified* - no dia 27 de Junho de 2017, uma performance sonora e visual inspirada nas memórias, na história e na identidade da Biblioteca Joanina, cuja imponência cénica e atmosfera nos transporta para novas

especificidades e representações do contexto deste local, com recurso à exploração dos aspetos sonoros e visuais. Os ambientes sonoros e visuais da Biblioteca Joanina eram abordados no seu contexto, enfatizando-se, pelas suas características espaciais, formais e acústicas, alguns estados presentes simultaneamente no som, na imagem e na própria Biblioteca Joanina.

– Concerto no âmbito do Festival das Artes, sob o tema *Meta-morfoses*, no dia 16 de Julho de 2017, “Viagem na Nau do Tempo”, pelo grupo de música antiga Il Dolcimelo, sob a batuta da maestrina Isabel Monteiro.

Catálogos de exposições bibliográficas

Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

Vergílio Ferreira (1916-1996)

**Sala do Catálogo, 28 de dezembro de 2016 a
31 de janeiro de 2017**

Bibliografia ativa

FERREIRA, Vergílio, 1916-1996

Teria Camões lido Platão? : notas sôbre alguns elementos platônicos da lírica camoniana. Coimbra : Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1942. Sep. de : *Biblos*. Coimbra. 18 :1 (1942).

UCBG 5-29-7

Sôbre o humorismo de Eça de Queirós. Coimbra : Faculdade de Letras, 1943 (Coimbra : Oficinas gráficas da Coimbra Editora).

UCBG 6-6-23-7

Onde tudo foi morrendo : romance. [Capa de Regina Kasprzykowski]. Coimbra : Coimbra Editora, 1944.

UCBG 5-34-8

Mudança : romance. [Desenho da capa de Lima de Freitas]. Lisboa : Portugalia, [1949].

UCBG 5-43-33

A face sangrenta. [Desenhos de Lima de Freitas]. [S.l.] : Contraponto, imp. 1953. (Lisboa : Tipografia Ideal).

UCBG 5-49-17

Manhã submersa : romance. Lisboa : Sociedade de Expansão Cultural, 1954.
UCBG 869.0-31 Ferreira FER

Do mundo original : (ensaios). Coimbra : Vértice, 1957.
UCBG 5-52-30-52

Mãe Genoveva : contos. Lisboa : Fomento de Publicações, [1957?].
UCBG 5-52-22-82

Cântico final. Lisboa : Editora Ulisseia, cop. 1959.
UCBG 5-44-47-43

Carta ao futuro. Coimbra : [s.n., D.L. 1959] (Coimbra : Tip. da Atlântida).
Sep. de : *Vértice*. Coimbra. 180-181 (1958).
UCBG 5-46-43-16

Aparição : romance. 3ª ed. Lisboa : Portugália Editora, imp. 1960.
UCBG 5-62-4

Estrela polar : romance. [Lisboa] : Portugália Editora, [1962].
UCBG 6-40-38-21

André Malraux : interrogação ao destino. Lisboa : Editorial Presença, 1963.
UCBG 5-4-37-66

Apelo da noite : romance. Lisboa : Portugália Editora, imp. 1963.
UCBG 5-4-58-45

Alegria breve : romance. Lisboa : Portugália Editora, imp. 1965.
UCBG 5-36-26

Espaço do invisível : ensaios. Lisboa : Portugália Editora, imp. 1965.
UCBG 5-12-26-23

Pena de morte, um arcaísmo. Coimbra : [s.n.], 1967.
UCBG 5-33-37-172

Invocação ao meu corpo : ensaio, com um post-scriptum sobre a revolução estudantil. Lisboa : Portugália, imp. 1969.

UCBG 9-(11)-16-1-30

Nítido nulo : romance. Lisboa : Portugália, imp. 1971.

UCBG 9-(11)-16-1-34

Apenas homens e outros contos. [Porto] : Editorial Inova, imp. 1972.

UCBG 5-52-10-43

Vagão "J" : romance. [Lisboa] : Arcádia, imp. 1974.

UCBG 6-36-21-24

Rápida a sombra : romance. [Lisboa] : Arcádia, [1975].

UCBG 6-36-22-1

Signo sinal : romance. Amadora : Livraria Bertrand, imp. 1979.

UCBG 6-44-5-7

Conta-corrente : (1969-1976). Amadora : Bertrand, 1980.

UCBG 6-34-8

Um escritor apresenta-se. Apresentação, pref. e notas de Maria da Glória Padrão. Lisboa : Imprensa Nacional-Casa da Moeda, imp 1981.

UCBG 6-50-4 B-6

Uma esplanada sobre o mar. Lisboa : Difel, [1986?].

UCBG 5-68-5-61

Até ao fim : romance. Venda Nova : Bertrand, cop. 1987.

UCBG 6-44-11-14

A estrela. II. Júlio Resende. [S.l.] : Quetzal, [D.L. 1988] (Viseu : Tip. Guerra).

UCBG 5-11-42-31

Em nome da terra. [Lisboa] : Círculo de Leitores, imp. 1991.

UCBG 6-14-66-14

Pensar. Venda Nova : Bertrand, imp. 1992.

UCBG 6-44-6-19

Na tua face : romance. 2 ed. Venda Nova : Bertrand, imp. 1993.

UCBG 6-44-14-14

Cartas a Sandra. [Lisboa] : Círculo de Leitores, imp. 1997.

UCBG 6-47-25-19

Interrogação ao destino : Malraux. Posf., notas e anexo de Augusto Joaquim.

Venda Nova : Bertrand, 1998.

UCBG 6-47-31-20

Para sempre. II. Júlio Resende. 3ª ed. Lisboa : Asa, 1998.

UCBG RC-62-3

Escrever. Ed. Helder Godinho. Lisboa : Bertrand, 2001.

UCBG 5-57-38-28

A palavra mágica : um conto. Lisboa : Bertrand, 2003.

UCBG 6-80-13-60

Diário inédito, 1944-1949. Ed. Fernanda Irene Fonseca. Lisboa : Bertrand, 2008.

UCBG 9-(1)-8-52-24

A curva de uma vida : novela. Ed. genética e crítica de Ana Isabel Turíbio e Cátia Barroso. Lisboa : Quetzal, 2010.

UCBG 10-(1)-5-11-12

Promessa : romance inédito (1947). Ed. de Fernanda Irene Fonseca e Hélder Godinho. Lisboa : Quetzal, 2010.

UCBG 10-(1)-5-11-14

Correspondência para o Professor Luís de Albuquerque

Bilhete postal, 1952 Abr. 10, Évora [a] Luis Albuquerque, Coimbra [manuscrito]. Évora, 1952 Abr. 10.

UCBG Ms. LA P1

Bilhete postal, 1952 Maio 26, Évora [a] Luis Albuquerque, Coimbra [manuscrito]. Évora, 1952 Maio 26.

UCBG Ms. LA P3

[Carta, s.d, s.l. a] L. Albuquerque, [s.l.] [manuscrito]. [S.l., 1952?].

UCBG Ms. LA C5

[Carta, s.d, s.l. a] L. Albuquerque, [s.l.] [manuscrito]. [S.l., 1952].

UCBG Ms. LA C6

[Carta], 1952 Jan. 26, Évora [a] Luís Albuquerque, [s.l.] [manuscrito]. Évora, 1952 Jan. 26.

UCBG Ms. LA C7

[Carta, s.d., s.l. a] L. Albuquerque, [s.l.] [manuscrito]. [S.l., 1952?].

UCBG Ms. LA C8

[Carta], 1952 Jul. 23, Évora [a] Luís Albuquerque, [s.l.] [manuscrito]. Évora, 1952 Jul. 23.

UCBG Ms. LA C10

[Carta, s.d., s.l. a] Luís de Albuquerque, [s.l.] [manuscrito]. [S.l., 1952 Dez.].

UCBG Ms. LA C21

[Carta], 1953 Jul. 17, Évora [a] L. Albuquerque, [s.l.] [manuscrito]. Évora, 1953 Jul. 17.

UCBG Ms. LA C22

[Carta], 1952 Mar. 15, Évora [a] Luís Albuquerque, [s.l.] [manuscrito].

Évora, 1952 Mar. 15.

UCBG Ms. LA C30

[Carta], 1953 Nov. 8, Évora [a] Albuquerque, [s.l.] [manuscrito]. Évora, 1953 Nov. 8.

UCBG Ms. LA C37

[Carta], 1954 Abr. 30, Évora [a Luís de] Albuquerque, [s.l.] [manuscrito]. Évora, 1954 Abr. 30.

UCBG Ms. LA C62

Documentos do Arquivo da Universidade de Coimbra

Certidão de batismo de Vergílio António Ferreira. Melo (Gouveia), 28 de Janeiro de 1916.

AUC-IV-1ª.D-5-4-15

Petição de matrícula, no 1º ano de Filologia Clássica, redigida por Vergílio Correia, (25.09.1935); acompanhada da certidão de aprovação no exame de admissão à Universidade, (Coimbra, 25.09.1935) e atestado de vacinação (Melo, 23.09.1935).

AUC-IV-1ª.D-13-5-19

Prova tipográfica do diploma de licenciatura em Filologia Clássica (concluída em 31.07.1940) junto com a petição do diploma, certificado de registo criminal e certidão de conclusão da licenciatura.

AUC-IV-2ª.D-13-5-22

Inscrição de Vergílio Ferreira no Curso de Ciências Pedagógicas (2.10.1940).

AUC-IV-1.E-9-3-40

Bibliografia Passiva

ALVES, Manuel dos Santos

Uma abelha na chuva : da mudança ou a intersecção dos paradigmas.

[Coimbra : s.n.], 1988. Sep. de : *Biblos*. Coimbra. 64 (1988), 287-312.

UCBG 6-16-17-134

AZINHEIRA, Maria Teresa; COELHO, Conceição
Uma leitura de Aparição de Vergílio Ferreira. 3ª ed. Venda Nova : Bertrand
: Nomen, 1996.

UCBG 5-64-9-64

BESSE, Maria Graciete
Manhã submersa [de] Vergílio Ferreira. Mem Martins : Europa América, cop. 1992.

UCBG 6-64-10-16

CANTISTA, Maria José Pinto
Filosofia, hoje : ecos no pensamento português. Porto : Fundação Engº.
António de Almeida, 1993.

UCBG 6-23-48-69

CARDOSO, Luís Miguel Oliveira de Barros
Literatura e cinema : o olhar de Jano : Vergílio Ferreira e o espaço do indi-
zível. Coimbra : [s.n.], 2006.

UCBG 7-102-4-19

CARMO, Carina Infante
Adolescer em clausura : olhares de Aquilino, Régio e Vergílio Ferreira sobre
o romance de internato. Faro : Universidade do Algarve; Viseu : Centro
de Estudos Aquilino Ribeiro, 1998.

UCBG 6-35-25-80

CARVALHO, Bruno Béu da Cunha
Interrogatividade e apofatismo no pensamento de Vergílio Ferreira. Lisboa
: [s.n.], 2011.

UCBG 10-(1)-6-30-10

COLÓQUIO INTERDISCIPLINAR, Porto, 1993.
Vergílio Ferreira : cinquenta anos de vida literária : actas do Colóquio Inter-
disciplinar. Org. Faculdade de Letras do Porto; org. e coord. Fernanda
Irene Fonseca; colab. Francisco Topa. Porto : Fundação Engº. António
de Almeida, 1995.

UCBG 5-18-30-63

COLÓQUIO INTERNACIONAL VERGÍLIO FERREIRA NO CINQUENTENÁRIO DE MANHÃ SUBMERSA, Lisboa, 2004.

Vergílio Ferreira no cinquentenário de Manhã Submersa (1954-2004) : filosofia e literatura : [Colóquio Internacional...]. Org. Manuel Cândido Pimentel, José Antunes de Sousa. Lisboa : Universidade Católica Editora, 2007.

UCBG 9-(1)-11-32-40

CUNHA, Carlos M. F. da

Os mundos (im)possíveis de Vergílio Ferreira. Algés : Difel, 2000.

UCBG 6-49-21-43

CUNHA, Maria do Céu de Jesus e

Existência e sentido em Vergílio Ferreira : a mediação do literário. Coimbra : Faculdade de Letras, 2003.

UCBG 7-53-4-14

DOUTORAMENTO Honoris Causa de Gladstone Chaves de Melo e Vergílio Ferreira : Universidade de Coimbra 24 de Outubro de 1993. Porto : Fundação Eng.º António de Almeida, 1996.

UCBG 6-16-4-39

ENCONTRO DE ESTUDOS PORTUGUESES, 2, Aveiro, 1995.

Diagonais das letras portuguesas contemporâneas : actas do 2º Encontro de Estudos Portugueses, Aveiro, 9 e 10 de Novembro de 1995. [Org.] Associação de Estudos Portugueses; coord. de Luís Machado de Abreu. Aveiro : Fundação João Jacinto de Magalhães, 1996.

UCBG 5-14-8-38

ESTUDOS sobre Vergílio Ferreira. Org. e pref. de Helder Godinho. Lisboa : Imprensa Nacional-Casa da Moeda, imp. 1982.

UCBG 6-46-35-3

FERNANDES, António Teixeira

A relação vida-morte e a eutanásia. Porto : [s.n.], 1993. Sep. de : *Revista da Faculdade de Letras. Sociologia*. Porto. 3 (1993).

UCBG 5-32-11-93

FERREIRA, João Palma

Vergílio Ferreira : análise crítica e selecção de textos. Lisboa : Arcádia, imp. 1972.

UCBG 5-25-44

FONSECA, Maria Edite Gordalina da

Lugar de massacre e Aparição : metáforas da condição humana : (um estudo sobre personagem e espaço). Lisboa : Vega, 2003.

UCBG 6-50-69-19

GAVILANES LASO, José Luis

Vergílio Ferreira : espaço simbólico e metafísico. Trad. António José Masano. Lisboa : Dom Quixote, 1989.

UCBG 6-10-7-39

GODINHO, Helder

O "limite" em Apelo da Noite. Paris : Fundação Calouste Gulbenkian, 1974.

UCBG 9-(11)-22-3-29

O "possível" em Vagão J. Paris : Fundação Calouste Gulbenkian, 1974. Sep. de : *Arquivos do Centro Cultural Português*. Paris. 8 (1974).

UCBG 5-33-46-58

GORDO, António da Silva

A arte do texto romanesco em Vergílio Ferreira. Pref. de José Carlos Seabra Pereira. Coimbra : Luz da Vida, 2004.

UCBG 9-(1)-3-51-9

GORDO, António da Silva

O dito e o feito : a arte do texto romanesco em Vergílio Ferreira. Coimbra : [s.n.], 2003.

UCBG 6-86-15-8

GORDO, António da Silva

A escrita e o espaço no romance de Vergílio Ferreira [texto policopiado]. Coimbra : [s.n.], 1992.

UCBG 7-71-2-25

GOULART, Rosa Maria B.

Romance lírico : o percurso de Vergílio Ferreira. Pref. de Vítor Manuel de Aguiar e Silva. Venda Nova : Bertrand, imp. 1990.

UCBG 6-44-12-1

GOULART, Rosa Maria

Teorias da narrativa e análise do texto. Viseu : Universidade Católica Portuguesa, Centro Regional de Viseu, 1993. Sep. de : *Mathesis*. Viseu. 2 (1993) 155-171.

UCBG 6-23-42-33

HOMENAGEM a Vergílio Ferreira. [Org.] Universidade de Évora. Évora : Universidade de Évora, 1996.

UCBG 5-28-12-112

JACINTO, Conceição; LANÇA, Gabriela

Aparição [de] Vergílio Ferreira. [1ª ed., 2ª reimp.]. Porto : Porto Editora, 2001.

UCBG 6-72-7-48

JÚLIO, Maria Joaquina Nobre

In memoriam de Vergílio Ferreira. Lisboa : Bertrand, 2003.

UCBG 8-(2)-17-16-24

LOPES, Jorge Costa

As polémicas de Vergílio Ferreira : e uma antipolémica ou polémica do silêncio. Lisboa : Difel, 2010.

UCBG 10-(1)-4-5-22

Sobre o riso e o cómico em Vergílio Ferreira. Pref. de Isabel Pires de Lima.

Lisboa : Âncora, 2014.

UCBG 10-(1)-16-14-27

LUGARES da escrita : Rota dos escritores do Séc. XX. [Org. Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro. Coimbra : CCDRC, 2003.

UCBG 8-(2)-20-42-10

MARTINS, Carla Freitas

Desassossegadamente, à sombra de Pessoa : questões existenciais pessoais em Vergílio Ferreira. Porto : Edições Afrontamento, 2011.

UCBG 10-(1)-8-45-2

MELO, Alípio de

Vergílio Ferreira : de Melo a cidadão do mundo. Gouveia : Câmara Municipal, 2003.

UCBG 8-(2)-18-22-25

MOURÃO, Luís

Conta corrente 6 : ensaio sobre o diário de Vergílio Ferreira. Sintra : Câmara Municipal, 1990.

UCBG 5-6-52-16

Vergílio Ferreira : excesso, escassez, resto. Braga : Angelus Novus, 2001.

UCBG 5-11 A-10-28

NAVA, Luís Miguel

O pão a culpa a escrita e outros textos. Lisboa : Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1982.

UCBG 6-27-16-27

PAIVA, José Rodrigues de

O lugar de Vergílio Ferreira na literatura portuguesa do século XX. Recife : Associação de Estudos Portugueses Jordão Emerenciano, 2006.

UCBG 9-(1)-3-29-17

As palavras e os dias, Vergílio Ferreira : diário de uma experiência académica (2001-2006). Recife : Associação de Estudos Portugueses Jordão Emerenciano, 2006.

UCBG 9-(1)-3-18-30

Vergílio Ferreira : *Para Sempre*, romance-síntese e última fronteira de um território ficcional. Recife : Editora Universitária UFPE, 2007.

UCBG 9-(1)-8-28-32

PEREIRA, José Carlos Seabra

Para conhecer... Vergílio Ferreira. [Coimbra] : Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro, 2005.

UCBG 9-(1)-5-39-26

PINA, Julieta Moreno

Para uma leitura de "Aparição" de Vergílio Ferreira. 4ª ed. Lisboa : Presença, 2007.

UCBG 9-(1)-4-5-61

RODRIGUES, Isabel Cristina

A poética do romance em Vergílio Ferreira. Lisboa : Colibri, 1999.

UCBG 6-49-38-65

RODRIGUES, Isabel Cristina Saraiva de Assunção

A palavra submersa : silêncio e produção de sentido em Vergílio Ferreira. Aveiro : [s.n.], 2006.

UCBG 7-104-15-42

RODRIGUES, Isabel Cristina

A vocação do lume : ensaios sobre Vergílio Ferreira. Coimbra : Angelus Novus, 2009.

UCBG 8-(2)-29-47-16

ROSA, Luís Valente

Sempre. Linda-a-Velha : Edições DG, 2007.

UCBG 9-(1)-7-3-33

SERPA, Ana Isabel

Vergílio Ferreira : a arte de comunicar. Pref. Rosa Maria Goulart. Angra do Heroísmo : Direcção Regional da Educação, imp. 1999.

UCBG 6-31-23-73

SOARES, Maria Almira

Vergílio Ferreira : o excesso da arte num professor por defeito. Lisboa : Difel, 2010.

UCBG 10-(1)-4-5-16

SOUSA, José Antunes de

Vergílio Ferreira e a filosofia da sua obra literária. Lisboa : Instituto Piaget, D.L. 2010.

UCBG 10-(1)-4-45-1

SOUSA, Ana de; QUEIROZ, Cristina Barros

A estrela de Vergílio Ferreira : o texto em análise. Cacém : Texto, 2000.

UCBG 6-70-8-14

UM (E)TERNO olhar : Eduardo Lourenço, Vergílio Ferreira e a Guarda. Coord.

Alexandra Isidro ... [et al.]; textos Almeida Faria ... [et al.]; fotogr. Arménio Bernardo ... [et al.]. Guarda : Centro de Estudos Ibéricos, D.L. 2008.

UCBG 8-108-12-36

VERGÍLIO Ferreira : fotobiografia. Org. Helder Godinho, Serafim Ferreira.

[Lisboa] : Bertrand, imp. 1993.

UCBG 5-10-73-104

VERGÍLIO Ferreira, a serra e o cinema. Coord. Lauro António; fot. Lauro

António, Maria Eduarda Colares. [Lisboa] : IPAMB-Instituto de Promoção Ambiental, D.L. 1995.

UCBG 5-56-30-32

Luís de Albuquerque (1917-1992)

Sala do Catálogo, 9 de junho a 31 de julho de 2017

Bibliografia ativa

ALBUQUERQUE, Luís de, 1917-1992

Algumas propriedades dos conjuntos dos espaços abstractos. [S.l. : s.n., 1943?] (Porto : Tipografia Empresa Guedes). Tese para o doutoramento na Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra.

UCBG 9-(11)-24-5-11

Exercícios de Geometria descritiva. Porto : [s.n.], [1943?] (Porto : Tip. Empresa Guedes).

UCBG 5-12-14

Exercícios de álgebra e geometria analítica. Pref. de Manuel Esparteiro. [Coimbra] : Coimbra Editora, imp. 1948.

UCBG 5-20-32

As ciências exactas na reforma pombalina do ensino superior. [Coimbra : Vértice, 1948]. Sep. de : *Vértice*. Coimbra. 52-54 (Dez. 1947-Fev. 1948).

UCBG 9-(11)-22-1-30

Sobre a primeira classe de funções de conjunto. Coimbra : [s.n.], 1948 (Coimbra : Tip. da Atlântida). Sep. de : *Revista da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra*. Coimbra. 17 (1948).

UCBG 5-12-13-467

Observação sobre alguns problemas de Perspectiva. Coimbra : Tipografia da Atlântida, 1955. Sep. de : *Revista da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra*. Coimbra. 24 (1955).

UCBG 5-49-9-272

Sobre a teoria da aproximação funcional. Coimbra : Centro de Matemática, 1958 (Coimbra : Tip. da Atlântida). Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra.

UCBG 5-48-51-63

Aproximação funcional [Mimeog.] : resumo das conferências. Recife : Instituto de Física e Matemática da Universidade do Recife, 1959.

UCBG 6-3-11-19

Álgebra superior [texto dactilografado]. Segundo elementos fornecidos pelo Ex.º. Prof. Doutor Luís de Albuquerque; Mário Sérgio Cabral Lopes. Coimbra : [s.n.], 1960 (Dactilografia Universitária).

UCBG 9-(11)-25-4-19

Notas para a história do ensino em Portugal. Coimbra : Ed. do A., 1960 (Coimbra : Tip. da Atlântida).

UCBG 9-(4)-12-10-1

Os almanaques portugueses de Madrid. Coimbra : Junta de Investigações do Ultramar, 1961. Sep. de : *Revista da Universidade de Coimbra*. Coimbra. 21 (1961).

UCBG 9-(11)-25-4-1

Introdução à História dos Descobrimentos. Coimbra : Atlântida, 1962.

UCBG 5-6-46-150

Curso livre de equações diferenciais [Texto policopiado]. Dirigido pelo Professor Luís de Albuquerque, e exposto pelos alunos, no ano lectivo de 1963-1964. Coimbra : Associação Académica, Secção de Textos, 1963-1964.

UCBG 9-(11)-23-2-2

Algumas propriedades de certos semi-grupos de elementos idempotentes. Coimbra : Coimbra Editora, 1965. Sep. de : *Revista da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra*. Coimbra. 35 (1965).

UCBG 5-12-19-111

Os guias náuticos de Munique e Évora. Introd. Armando Cortesão. Lisboa : Junta de Investigações do Ultramar, 1965.

UCBG 5-43-56-18

Análise infinitesimal I [texto dactilografado]. Lições coligidas por A. St. Aubyn, M. dos Anjos Saraiva, M. Ivone Madalhas. Coimbra : Livraria Almedina, 1966.

UCBG 9-(11)-25-4-17

Fragmentos de Euclides numa versão portuguesa do século XVI. Lourenço Marques : Universidade de Lourenço Marques, 1968. Sep. de : *Revista de Ciências do Homem. Série A*. Lourenço Marques : Universidade de Lourenço Marques. 1 (1968).

UCBG 9-(11)-24-3-6

Curso de história da náutica. Coimbra : Livraria Almedina, imp. 1972.

UCBG 6-9-41-52

Diário da viagem de D. Álvaro de Castro ao Hadramaute, em 1548. Coimbra : Junta de Investigações do Ultramar, Agrupamento de Estudos de Cartografia Antiga, Secção de Coimbra, 1972. [Sep. de : *Revista da Universidade de Coimbra*. 23]

UCBG 6-9-21-22

A projecção da náutica portuguesa quinhentista na Europa. Coimbra : Junta de Investigação do Ultramar, 1972. Sep. de : *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa. Classe de Ciências*. 15 (1972).

UCBG 9-(11)-9-2-5

Sobre as prioridades de Pedro Nunes. Lisboa : Junta de Investigações do Ultramar, 1972. Sep. de : *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa. Classe de Ciências*. Lisboa. 16 (1972).

UCBG 9-(11)-9-2-6

A viagem de Vasco da Gama entre Moçambique e Melinde, segundo Os Lusíadas e segundo as Crónicas. [Lisboa] : Junta de Investigações do Ultramar, 1972. Sep. de : *Garcia de Orta : revista da Junta de Investigações do Ultramar*. Lisboa. Nº especial comem. do 4.º centenário da publicação de "Os Lusíadas" (1972).

UCBG 9-(11)-8-4-6

Estudos de história. Coimbra : Universidade de Coimbra, 1974-1978. 6 vols. (Acta Universitatis Conimbrigensis).

UCBG 6-16-3-3/8

Casos da expansão portuguesa. Coimbra : Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1975. Sep. de : *Biblos*. Coimbra. 51 (1975).

UCBG 9-(11)-9-1-5

"O Reino da estupidez" e a reforma Pombalina. Coimbra : Atlântida, 1975.

UCBG IC-17-2-1-48

Notícia de uma biografia inédita de D. João de Castro. Lisboa : Academia Portuguesa da História, 1977. Sep. de : *Anais da Academia Portuguesa da História*". Lisboa. 24 :1 (1977).

UCBG 9-(11)-9-1-9

Escalas da carreira da Índia. Lisboa : Junta de Investigações Científicas do Ultramar, 1978. Sep. de : *Revista da Universidade de Coimbra*. Coimbra. 26 (1978).

UCBG 9-(11)-9-2-8

Ciência e experiência nos descobrimentos portugueses. 1ª ed. Lisboa : Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1983.

UCBG 9-(11)-17-1-58

A Comissão de Cartografia e a cartografia portuguesa antiga. Lisboa : Instituto de Investigação Científica Tropical, 1984. Sep. de : *Revista do Instituto Geográfico e Cadastral*. Lisboa. 3 (1984).

UCBG 5-26-5-24

Considerações sobre a carta-portulano. Coimbra : [s.n.], 1984 (Coimbra : Coimbra Editora). Sep. de : *Revista da Universidade de Coimbra*. Coimbra. 31 (1984).

UCBG 9-(11)-11-3-102

Os descobrimentos portugueses. Lisboa : Alfa, 1985.

UCBG 9-(11)-29-1-16

Uma tradução portuguesa da "Navegacion Especulativa" de António de Naiera. Lisboa : Academia de Marinha, 1985.

UCBG 9-(11)-20-2-38

A cartografia portuguesa dos séculos XV a XVII. Lisboa : Academia das Ciências de Lisboa, 1986. Sep. de : *História e desenvolvimento da ciência em Portugal*. Lisboa. Vol. 2 (1986), p. 1061-1084.

UCBG 6-42-28-287

A contribuição portuguesa para o conhecimento do magnetismo terrestre no século XVI. Lisboa : Academia das Ciências de Lisboa, 1986. Sep. de : *História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal*. Lisboa. Vol. 1 (1986), p. 169-190.

UCBG 6-42-28-257

A Geometria em Portugal no início do século XVIII. [Lisboa : s.n., D.L. 1986 (Lisboa : Tip. Silvas)]. Sep. de : *Clio*. Lisboa : Centro de História da Universidade de Lisboa. 5 (1984/1985) 89-97.

UCBG 5-26-15-199

Gil Eanes, o cabo Bojador. Lisboa : Academia de Marinha, 1987.

UCBG 5-28-13-73

Navegadores, viajantes e aventureiros portugueses : séculos XV e XVI. Fotogr. Jorge de Barros. Lisboa : Caminho : Círculo de Leitores, cop. 1987.
UCBG 6-10-4-54/55

Os antecedentes históricos das técnicas de navegação e cartografia na época dos descobrimentos = The historical background to the cartography and the navigational techniques of the age of discovery. Lisboa : Ministério da Educação, Comissão para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1988.
UCBG 5 A-1-5-59

Astronomical navigation. Lisboa : Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1988.
UCBG 9-(11)-16-4-19

Alguns casos da Índia Portuguesa no tempo de D. João de Castro. Lisboa : Alfa, D.L. 1989.
UCBG 9-(11)-25-3-6/7

A náutica e a ciência em Portugal : notas sobre as navegações. 1ª ed. Lisboa : Gradiva, 1989.
UCBG 6-4-31-45

Os descobrimentos portugueses. Luís de Albuquerque, Ana Maria Magalhães, Isabel Alçada; [il. Emílio Vilar ... et al.]. Lisboa : Caminho, 1991-1992.
UCBG 6-34-16

Colombo = Columbus. Trad. George Dykes. Lisboa : Correios de Portugal, 1992.
UCBG 9-(11)-24-5-37

Portugaliae Monumenta Africana. Dir. projecto Luís de Albuquerque, Maria Emília Madeira Santos; coord. Maria Luísa Oliveira Esteves; transcr. paleográfica de Maria Francisca de Oliveira Andrade ... [et al.]; trad. Jean Boulégué, Paul Hair. Lisboa : Comissão Nacional para as Comemorações

dos Descobrimentos Portugueses : Imprensa Nacional-Casa da Moeda, imp. 1993-2002. 4 vols.
UCBG 6-50-44

Estudos de história da ciência náutica. Luís de Albuquerque; org. Maria Emília Madeira Santos. Lisboa : Ministério do Planeamento e da Administração do Território : Instituto de Investigação Científica e Tropical, 1994.
UCBG 5-24-44

Estudos de matemática : em homenagem ao Professor Doutor Luís de Albuquerque. Org. Departamento de Matemática da Universidade de Coimbra; pref. Eduardo Marque de Sá, José Vitória. Coimbra : Universidade, Departamento de Matemática, [D.L. 1994].
UCBG 6-16-15-116

Bibliografia passiva

PEREIRA, Isabel; MARQUES, Alfredo Pinheiro; CARDOSO, Ana Paula
Luís de Albuquerque : o homem e a obra. Figueira da Foz : Serviços Culturais [da] Câmara Municipal da Figueira da Foz Câmara Municipal, 1993.
UCBG 5-10 B-3-18-27

MARQUES, Alfredo Pinheiro
Luís de Albuquerque na historiografia portuguesa : a serenidade e a convicção. Coimbra; Figueira da Foz : Cemar-Centro de Estudos do Mar e das Navegações Luís de Albuquerque, 1998
Col. Particular

CONSELHO DIRETIVO e Conselho Regional de Colégio de Engenharia Geográfica da Região Centro da Ordem dos Engenheiros
Luís de Albuquerque : testemunhos. [Coimbra] : Ordem dos Engenheiros - Região Centro, 2007.
UCBG 6-14-57-124

CASTRO, Armando de

Luís de Albuquerque e o exercício da cidadania na investigação científica.

Coimbra : [s.n.], 1990.

UCBG 6-16-11-29

Publicações periódicas

MARE LIBERUM : revista de história dos mares. Dir. Luís de Albuquerque.

[Lisboa] : Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. Nº 1 (1990). ISSN 0871-7788

UCBG A-22-15

Histórias do Jazz em Portugal

Sala do Catálogo, 13 a 28 de outubro de 2017

ALEXANDER, Stephon

O jazz da física : a ligação secreta entre a música e a estrutura do universo.

Trad. de Florbela Marques; rev. cient. de Carlos Fiolhais. 1.ª ed. Lisboa : Gradiva, 2016.

UCBG 10-(1)-16-7-25

ARNAUD, Gérald; CHESNEL, Jacques

Os grandes criadores de jazz. Pref. Claude Nougaro; trad. Ana Isabel Couto.

Lisboa : Pergaminho, imp. 1991.

UCBG 6-16-20-10

BARRETO, Jorge Lima, 1949-2011.

Anarqueologia do jazz. Lisboa : A Regra do Jogo, 1984.

UCBG 6-30-25

Revolução do Jazz. [Porto] : Editorial Inova, [1972].

UCBG 5-52-10-47

BOFFI, Guido, 1958-

Os caminhos do Jazz. Trad. Artur Morão. [Reimp.]. Lisboa : Edições 70, 2014.

UCBG MI-3-13-4

CASTELO-BRANCO, Salwa, et al.

Enciclopédia da música em Portugal no século XX. 1ª ed. [Lisboa] : Temas e Debates : Círculo de Leitores, 2010. 4 vols + 1 CD.

UCBG MI-3-4-12/15

UCBG CD-A-1991

DICTIONNAIRE du jazz. Hugues Panasié et Madeleine Gautier ; préf. Louis Armstrong. Nouv. ed., rev. et aug. Paris : Albin Michel, 1971.

UCBG MI-1-13-1

DYER, Geoff, 1958-

Mas é bonito : um livro sobre jazz. Trad. Bruno Vieira Amaral. 1ª ed. Lisboa : Quetzal, 2014.

UCBG 10-(1)-14-47-37

DUARTE, José, 1938-

Ayler Albert. [Lisboa] : Público, Comunicação Social, D.L. 2005.

UCBG 7-49-15

Bateria. [Lisboa] : Público, Comunicação Social, D.L. 2005.

UCBG 7-49-15

Big Band. [Lisboa] : Público Comunicação Social, D.L. 2005.

UCBG 7-49-15

Blues. [Lisboa] : Público, Comunicação Social, D.L. 2005.

UCBG 7-49-15

Charlie Parker. [Lisboa] : Público Comunicação Social, D.L. 2005.

UCBG 7-49-15

Clarinete. [Lisboa] : Público, Comunicação Social, D.L. 2005.

UCBG 7-49-15

Composição. [Lisboa] : Público, Comunicação Social, D.L. 2005.

UCBG 7-49-15

Contrabaixo. [Lisboa] : Público Comunicação Social, D.L. 2005.
UCBG 7-49-15

Cinco minutos de jazz. 1. ed. Lisboa : Oficina do Livro, 2000.
UCBG 7-49-9-16

“Dizzy” Gillespie. [Lisboa] : Público Comunicação Social, D.L. 2005.
UCBG 7-49-15

“Duke” Ellington. [Lisboa] : Público Comunicação Social, D.L. 2005.
UCBG 7-49-15

Eric Dolphy. [Lisboa] : Público Comunicação Social, D.L. 2005.
UCBG 7-49-15

Flauta. [Lisboa] : Público, Comunicação Social, D.L. 2005.
UCBG 7-49-15

Guitarra. [Lisboa] : Público Comunicação Social, D.L. 2005.
UCBG 7-49-15

Histórias de jazz. Linda-a-Velha : Abril/Controljornal, 2000.
UCBG 7-49-8-38

História do jazz. 1.ª ed. Lisboa : Sextante, 2009.
UCBG 7-49-18-13

Jazz português. [Lisboa] : Público Comunicação Social, D.L. 2005.
UCBG 7-49-5

Jazzé e outras músicas. 2.ª ed. Lisboa : Sextante, 2011.
UCBG 7-49-18-47

João na terra do Jaze. 2.ª ed. Lisboa : Sextante, 2010.
UCBG 7-49-18-29

John Coltrane. [Lisboa] : Público, Comunicação Social, D.L. 2005.
UCBG 7-49-15

Louis Armstrong. [Lisboa] : Público Comunicação Social, D.L. 2005.
UCBG 7-49-15

Miles Davis. [Lisboa] : Público Comunicação Social, D.L. 2005.
UCBG 7-49-15

Ornette Coleman. [Lisboa] : Público Comunicação Social, D.L. 2005.
UCBG 7-49-15

Piano. [Lisboa] : Público Comunicação Social, D.L. 2005.
UCBG 7-49-15

Sax barítono. [Lisboa] : Público, Comunicação Social, D.L. 2005.
UCBG 7-49-15

Sax soprano. [Lisboa] : Público Comunicação Social, D.L. 2005.
UCBG 7-49-15

Sax tenor. [Lisboa] : Público, Comunicação Social, D.L. 2005.
UCBG 7-49-15

Solo. [Lisboa] : Público, Comunicação Social, D.L. 2005.
UCBG 7-49-15

Trombone. [Lisboa] : Público Comunicação Social, D.L. 2005.
UCBG 7-49-15

Trompete. [Lisboa] : Público Comunicação Social, D.L. 2005.
UCBG 7-49-15

Voz feminina. [Lisboa] : Público Comunicação Social, D.L. 2005.
UCBG 7-49-15

Voz masculina. [Lisboa] : Público Comunicação Social, D.L. 2005.
UCBG 7-49-15

Jazz português. [Lisboa] : Público Comunicação Social, D.L. 2005.
UCBG 7-49-15

ELLROY, James, 1948-
White jazz = Noites brancas. Trad. Marta Mendonça. 1ª ed. Lisboa : Pre-
sença, 2010.
UCBG 10-(1)-5-43-14

FERRO, António, 1895-1956.
A idade do jazz-band : conferência... 2ª ed. Lisboa : Portugália, 1924.
UCBG 869.0-5 Ferro FER

FRANCIS, André
Jazz. 6ª ed. Paris : Éditions du Seuil, 1973.
UCBG MI-1-13-19

GELLY, Dave.
Ícones do jazz. Trad. Conceição Barreira de Sousa. 1ª ed. São João do Estoril
: Casa Sassetti, 2008.
UCBG 7-49-13-48

HEUVELMANS, Bernard, 1916-2001.
O jazz : do New Orleans ao jazz moderno. Lisboa : Empresa Nacional de
Publicidade, 1967.
UCBG 6-15-3-6

JAZZ : boletim do Clube Universitário de Jazz. Prop. e ed. Pedro Manuel
Valente Pereira. Nº 1 (Ago. 1958)- . Lisboa : C.U.J., 1958-
UCBG 10-11-22-30

JAZZBANDA : fanzine dedicado à banda desenhada e ao jazz. Ed. Geraldês
Lino. Nº 1 (Maio 2005)- . Lisboa : G. Lino, 2005-
UCBG 10-2 A-41-5

JONES, Morley

O jazz; [trad. de Manuel Ruas]. 1ª ed. Lisboa : Dom Quixote, 1984.

UCBG 6-50-34 A-2

LOURENÇO, Vanda; GOMES, Rui Telmo

O Festival Estoril Jazz : construção de uma imagem de marca. Colab. de Natália Gomes. Lisboa : Observatório das Actividades Culturais, 2005.

UCBG 9-(1)-3-28-4

MALSON, Lucien

Os mestres do jazz. Lisboa : Editora Arcádia, 1968.

UCBG 5-60-49

MARTINS, Hélder Bruno de Jesus, 1976-

O Jazz em Portugal : da sua emergência à sua afirmação com o Hot Clube.

Coimbra : H.B. de J. Martins, 2005.

UCBG MI-3-17-1

O jazz em Portugal : (1920-1956) : anúncio-emergência-afirmação. Trad.

Liliana Rodrigues, Sandra Guerreiro, Hélder Bruno Martins. Coimbra : Almedina, 2006.

UCBG 8-(2)-28-37-25

MARTINS, Miguel, 1962.

Jazz e literatura. 1ª ed. Porto : Campo das Letras, 1998.

UCBG 6-35-20-61

PINHEIRO, Ricardo Futre

Perpetuating the music : entrevistas e reflexões sobre jam sessions. Porto : Papiro Editora, 2013.

UCBG 8-(2)-29-15-41

POEZZ : jazz na poesia em língua portuguesa. Sel. e textos José Duarte,

Ricardo António Alves; colab. Artur Queiroz ... [et al.]. Coimbra : Almedina, 2004.

UCBG 8-(2)-18-27-47

RUBIO, António

Lisboa e o jazz : uma pequena história da relação da cidade com o jazz nos últimos 80 anos. 1ª ed. Lisboa : Apenas Livros, 2008.

UCBG 9-(1)-8-33-34

SANTOS, João Moreira dos

Duarte Mendonça : 30 anos de jazz em Portugal : 1974-2004. Cascais : Câmara Municipal, cop. 2005.

UCBG 7-49-9-90

O jazz segundo Villas-Boas. Lisboa : Assírio & Alvim, 2007.

UCBG 7-49-14-54

Jazz em Cascais : uma história de 80 anos : 1928-2008. [Pref. Charles Lloyd; posf. Jorge Costa Pinto]. 1ª ed. Cascais : Casa Sassetti, 2009.

UCBG 7-49-16-34

Roteiro do Jazz na Lisboa dos anos 20-50 : guia ilustrado de 40 espaços históricos dos primórdios do Jazz em Portugal. 1ª ed. Parede : Casa Sassetti, 2012.

UCBG 10-(1)-5-22-43

SANTOS, Guilherme P. dos

Jazz moderno. [S.l. : Editorial Plano, 1975?].

UCBG 5-33-46-10

SANTOS, João Moreira dos; RUBIO, António

Jazz na Terceira : 80 anos de história. Praia da Vitória : Bluedições, D.L. 2008.

UCBG 7-49-18-3

VIANA, Maria, coord.

Maria Viana : 30 anos de Jazz = Maria Viana : 30 years of Jazz. 1ª ed. Cascais : Casa Sassetti : Príncípia, 2009.

UCBG 7-49-20-9

VIGNA, Giuseppe

Louis Armstrong : a história do jazz. II. Studio Boni-Pieri-Critone. Matosinhos
: Quid Novi, imp. 2003.

UCBG 6-43-13

WILSON, John Stenart

Jazz : the transition years 1940-1960. New York : Appleton-Century-Crofts,
1966.

UCBG MI-2 A-6-4

«Uma coisa útil, um livro popular». Almeida Garrett e o *Romanceiro*

Sala de São Pedro, 22 junho a 12 julho de 2017

Núcleo 1 - Recriações poéticas : Romantismo e Romanceiro

GARRETT, Almeida, 1799-1855

[Adozinda]; [Bernal Francez]. [Londres] : [Boosey & Son] : [V. Salvá], [1828].
77 f.

Na cinta de papel que serve de capa tem manuscrito : «N.º 2 : 1.ª Edição da
Adozinda e Bernal Francez : Provas corrigidas pelo author»

UCBG Ms. AG Cx. 7, 59

Adozinda [Manuscrito] : romance. [S. l.], [182-]. [1] f.

UCBG Ms. AG Cx. 7, 60

Adozinda : romance. Pelo auctor da Historia da Lingua e Litteratura Portuguesa na Collecção intitulada Parnaso Lusitano, do Poema Camões, editor de D. Branca, &a. &a. &a. [1.ª ed.]. Londres : Boosey & Son : V. Salva, 1828. LIII, [3], 122 p.

UCBG AG Impressos, vol. V

Romanceiro e cancionero geral. I, Adozinda e outros. [2.ª ed.]. Lisboa : Tip. da Soc. Propagadora dos Conhecim. Uteis, 1843. CCIII, 216 p. (Obras de J. B. de A.-Garrett; IV : Primeiro do Romanceiro). Exemplar de uso do Autor.

UCBG AG Impressos, vol. XI

Gaya [Manuscrito] : romance. [S. l.], [182-?]. [1] f. Autógrafo.

UCBG Ms. AG Cx. 7, 62

[Dedicatória], À Ill.ma e Ex.ma S.ra Marqueza de Fronteira [Manuscrito]
: *O Anjo e a Princeza*. Campolide, 20 de Outubro de 1842. [2] f. (4 p.).
Autógrafo.

UCBG Ms. AG Col. FP Éditos, 1

O Chapim de Elrei ou Parras verdes [Manuscrito]; O anjo e a Princeza; Rosalinda; Introdução dos Romanceiros. [S. l.], [1843]. [35] f. (70 p.). Autógrafo.

UCBG Ms. AG Col. FP Éditos, 4

Núcleo 2 - O Romanceiro de 1851 : materiais recuperados em 2004

GARRETT, Almeida, 1799-1854

A nau Catrineta [Manuscrito]. [S. l.], [18--]. [11] f. (22 p.). Autógrafo.

UCBG Ms. AG Col. FP Éditos, 21

Dom João [Manuscrito]. [S. l.], [184-]. [7] f. (14 p.). Autógrafo.

UCBG Ms. AG Col. FP Éditos, 23

Dom Gaifeiros [Manuscrito]. [S. l.], [18--]. [12] p. em 3 f. dobr. Autógrafo.

UCBG Ms. AG Col. FP Éditos, 28 (f. 15-26)

Sylvaninha [Manuscrito]. [S. l.], [18--]. [19] f. (38 p.). Autógrafo.

UCBG Ms. AG Col. FP Éditos, 17

Sancta Iria [Manuscrito]. [S. l.], [1849]. [6] f. (12 p.). Autógrafo.

UCBG Ms. AG Col. FP Éditos, 3

Infeitiçada [Manuscrito]. [S. l.], [184-]. [6] f. (12 p.). Autógrafo.

Ms. AG Col. FP Éditos, 12

Dom Aleixo [Manuscrito]. [S. l.], [184-]. [9] f. (18 p.). Autógrafo.

UCBG Ms. AG Col. FP Éditos, 13

Núcleo 3 – A poesia popular : teorização, documentos, textos

GARRETT, Almeida, 1799-1854

Bernal-Francez. **A Ilustração : jornal universal**. Lisboa. 1 :2 (maio 1845) 22-23; 1 :4 (jul. 1845) 59-60.

UCBGJ 1-(24)-46-1965

Da antiga poesia portuguesa. **Revista Universal Lisbonense**. Lisboa. 6 :9 (23 jul. 1846) 99-102; 6 :13 (20 ag. 1846) 148-150.

UCBGJ 1-(24)-37-1699

Viagens na minha Terra. Capítulo XXX : [Romance de Sancta Iria]. Lisboa : Typographia da Gazeta dos Tribunais, 1846. Vol. II, p. 34-36. (Obras de J. B. de A. Garrett; IX. Segundo das Viagens). Exemplar de uso do Autor. UCBG AG, Impressos, vol. XVIII

O Caçador. In **Cancioneiro de romances, xacaras, soláos e outros vestígios da antiga poesia nacional, pela maior parte conservados na tradição oral dos povos** [Manuscrito]. E agora primeiramente coligidos por... [S. l.], começado em 1824, p. 141.

UCFL Sala Ferreira Lima 1-2-1-24

Núcleo 4 – Os materiais inéditos

GARRETT, Almeida, 1799-1854

O Arraiano [ou] Romance do arraiano [Manuscrito]. [S. l.], [18--]. [6] f. (12 p.). Autógrafo.

UCBG Ms. AG Col. FP Inéditos, 45

O judeu errante [Manuscrito]. [S. l.], [18--]. [2] f. (4 p.). Autógrafo.

UCBG Ms. AG Col. FP Inéditos, 12

O sapo negro [Manuscrito]. [S. l.], [18--]. [3] f. (6 p.). Autógrafo.

UCBG Ms. AG Col. FP Inéditos, 10.

D. Anna [ou] D. Anna, a de Villaviçosa [Manuscrito]. [S. l.], [185-]. [4] f. (8 p.).
Autógrafo.

UCBG Ms. AG Col. FP Inéditos, 16

A renda atrasada [Manuscrito]. [S. l.], [18--]. [3] f. (6 p.). Autógrafo.

UCBG Ms. AG Col. FP Inéditos, 13

Conde Flores [ou] O Conde *Ordonho* [Manuscrito]. [S. l.], [18--]. [3] f. (6 p.).

Autógrafo.

UCBG Ms. AG Col. FP Inéditos, 6

O Pobrezinho [Manuscrito]. [S. l.], [1853?]. [1] f. (4 p.). Autógrafo.

UCBG Ms. AG Col. FP Inéditos, 49

Núcleo 5 – Garrett e o Romanceiro autoral

LAMENTO de Portugal [Manuscrito]. [S. l.], [entre 1839 e 1843]. [3] f. (6 p.).

UCBG Ms. AG Col. FP Inéditos, 30.

ANDRADE, Miguel Leitão de, 1553-1660

D. Sebastião [Manuscrito] : A Batalha; O cavallo de Albuquerque. [S. l.],
[184-]. [8] f. (16 p.). Autógrafo de A. Garrett.

UCBG Ms. AG Col. FP Inéditos, 51

VICENTE, Gil, 1465?-1537

Os padres no Limbo [ou] Romance dos Padres no Limbo [Manuscrito]. [S.
l.], [18--]. [4] f. (8 p.). Autógrafo de A. Garrett.

UCBG Ms. AG Col. FP Inéditos, 18

LOBO, Francisco Rodrigues, ca. 1579-1621

Romance da Entrada d'elrei em Lisboa [Manuscrito]. [18--]. [2] f. (4 p.). Au-
tógrafo de A. Garrett.

Ms. AG Col. FP Inéditos, 32

MELO, Francisco Manuel de, 1608-1666

Romances de Aben-Humea [Manuscrito]. [De] D. Francisco Man. de Mello; [vertido do castelhano para português por Almeida Garrett]. [S. l.], [18--]. [4] f. (8 p.). Autógrafo de A. Garrett.

UCBG Ms. AG Col. FP Inéditos, 1

Núcleo 6 – O lugar das traduções

GARRETT, Almeida, 1799-1854

Bernal and Violante [Manuscrito] : a portug. traditionary Romance of the times of the Troubadours and Minstrels. [S. l.], [18--]. 12 p.

Com a anotação : «Tradução do meu romance de Bernal feita p. John Adamson, o autor das memorias de Camões».

UCBG Ms. AG Cx. 7, 61

Miragaia [Manuscrito] : imitation de la charmante Ballade Portugaise de M. A. Garrett, publiée dans le Journal des Beaux arts. [Par] J. Zanoletti. Lisbonne, 10 Janvier 1847. 1 vol. (27 f.).

UCBG Ms. AG Cx. 7, 63 (f. 175-201)

«A caza va el emperador» [Manuscrito]. [S. l.], [18--]. [2] f. (4 p.). Autógrafo.

UCBG Ms. AG Col. FP Éditos, 5

Conde Yanno [Manuscrito]. II. Versão Inglesa. [S. l.], [18--]. [4] f. (p.23-26).

Autógrafo.

UCBG Ms. AG Col. FP Éditos, 8

Núcleo 7 – O projeto editorial garrettiano

GARRETT, Almeida, 1799-1854

Romanceiro. II : Romances cavalharescos antigos. [1.^a ed.]. Lisboa : Imprensa Nacional, 1851. XLVI, 300 p. (Obras de J. B. de A. Garrett; XIV. Segundo do Romanceiro)

Romanceiro. III : Romances cavalharescos antigos. [1.^a edição]. Lisboa :
Imprensa Nacional, 1851. VI, 294 p. (Obras de J. B. de A. Garrett; XV.
Terceiro do Romanceiro). Exemplares de uso pessoal do autor.
UCBG AG Impressos, vols. XXIV, XXV

Romanceiro : introdução. In **Obras completas de Almeida Garrett**. Grande
edição popular, ilustrada, prefaciada, revista, coordenada e dirigida
por Theophilo Braga. Lisboa : Empreza da Historia de Portugal, 1904.
2 vols.
UCBG 6-7-14-8 (vol. 1)

Livros e códices que se consultaram para o Romanceiro [Manuscrito]. [S. l.],
[18--]. [14] f. (28 p.). Autógrafo.
UCBG Ms. AG Col. FP Inéditos, 52

Plano de um Romanceiro e Cancioneiro geral Portuguez para coligir as reli-
quias da poesia popular [Manuscrito]. [S. l.], [18--]. [4] f. (8 p.). Autógrafo.
UCBG Ms. AG Col. FP Inéditos, 27

Mutatis mutandis : os dramas da forma. *Metamorfoses* de Ovídio

Sala de São Pedro, 16 a 22 de julho de 2017

Núcleo 1 : Séculos XV e XVI, e os comentários de Rafael Regius

Os mitos como exemplos de vícios e virtudes

OVÍDIO, 43 a.C.-17?

P. Ouidii Metamorphosis cum integris ac emendatissimi Raphaelis Regii enarrationibus & repraehensione illaru[m] ineptiarum quibus ultimus Quaternio primae editionis fuit inquinatus. Venetiis : Simon Ticinesis Bibilaqua, octavo idus iulii 1497 [8 Julho].

UCBG R-46-6

Publii Ovidii Nasonis Sulmonensis Metamorphoseos librorum XV opus auctum et recognitum. Universi operis elenchus. Ipsi[us] Ovidii vita ex ejus op[er]ib[us] lucule[n]ter collecta. Luculentissime reverendi patris magistri Petri Lavinii ... Tropologice expositiones et signo tali designantur. Elegantissime Raphaelis Regii enarrationes ... [Excusum Lugduni] : [in edibus Antoniii Bla[n]chard], [1527].

UCBG J.F.-66-5-14

P. Ovidii Nasonis Metamorphoseos Libri quindecim, cum commentariis Raphaelis Regii. Adiectis etiam Annotationibus [Iacobi Micylli] nunc primum in lucem editis. Basileae : per [Ioan. Hervagium], 1543.

UCBG J.F.-50-6-5

P. Ovidij Nasonis Metamorphoseon libri XV. Raphaelis Regii Volaterrani
luculentissima explanatio, cum novis Iacobi Micylli, viri eruditissimi,
additionibus ... Venetiis : apud Ioan. Gryphium, 1565.

UCBGJ 1-3-7-454

Núcleo 2 : Séculos XVII, XVIII e XIX

Histórias educativas

Opera omnia

OVÍDIO, 43 a.C.-17?

Publii Ovidii Nasonis Operum. Scripta amatovia complexus Nicolaus Hein-
sius. Amstelodami : Typis Danielis Elzevirii, 1664.

UCFL CF B-3-16

Operum P. Ovidii Nasonis. Editio nova, accurante Nicolao Heinsio. Amste-
lodami : apud Abrahamum Wolfgang, 1684-1685.

UCBGJ 4-1-1-10

Pub. Ovidii Nasonis Operum tomus primus [-quartus]. Interpretatione et
notis illustravit Daniel Crispinus, Helvetius jussu christianissimi regis, ad
usum serenissimi Delphini. Lugduni : apud Anissonios, Joannem Posuel,
et Claudium Rigaud, 1689.

UCBGJ 1-3-5-335/338

Publii Ovidii Nasonis Opera omnia, IV voluminibus comprehensa. Amste-
lodami : apud R. & J. Wetstenios, & G. Smith, 1727.

UCBGJ 1-3-5-330/333

Publii Ovidii Nasonis Operum ... Amstelodami : Sumptibus Societatis, 1746.

UCFL CF A-7-42/44

Traduções e edições comentadas

OVÍDIO, 43 a.C.-17?

Metamorphoseos del excelente poeta Ovidio Nasson. Traduzidos en verso suelto y octava rima, con sus alegorias al fin de cada libro, por el Doctor Antonio Perez Sigler ... Nuevamente agora enme[n]dados, y añadido por el mismo autor un Diccionario Poetico copiosíssimo ... En Burgos : por luã Bautista Varesio : a costa de Pedro de Osete, 1609.

UCBGJ 4-1-2-9

Les metamorfoses d'Ovide. Traduites en françois, par Mr. Du-Ryer de l'Academie Françoise. Avec de nouvelles explications à la fin de chaque fable. Enrichie de figures en taille douce. Tome IV. A La Haye : chez P. Gosse & J. Neaulme, 1728.

UCBG S.P.-M-10-40 [T. 4]

Ovide, Oeuvres complètes avec la traduction en français. Publiées sous la direction de M. Nisard ... Paris : J. J. Dubochet et Compagnie, 1843.

UCBG V.T.-6-2-7

Shakespeare's Ovid : being Arthur Golding's translation of the Metamorphoses. Edited by W. H. D. Rouse. London : Centaur Press, [1961].

UCLIN 871.2 OVI cor

Fabulae Selectae

OVÍDIO, 43 a.C.-17?

Pub. Ovidii Nasonis Metamorphose libri XV ab omni obscoenitate purgati. Studio et operii Iacobi Pontani e Societatis Iesu. Antuerpiae : apud Ioannem Baptist. Verdussen, 1711.

UCBGJ 4-3-4-100

SELECTAE fabulae ex libris metamorphoseon Ovidii Nasonis, capitibus et notis gallicis enucleatae. Nova editio, recognita et prioribus locupletior. Curante C.P. Lutetiae Parisiorum Institute. Paris : chez Madame Veuve Dabo, 1821.

UCBG Abraveia 9-(1)-5-7-49

MORCEAUX choisis des metamorfoses : texte latin publié avec une notice sur la vie d'Ovide des observations sur la constitution du texte des remarques de grammaire et de prosodie une table des noms propres des arguments, des notes et des illustrations d'après les monuments. Par M.L. Armengaud. Ovide; texte latin par M.L. Armengaud. Paris : Librairie Hachette et Cie, 1896.

UCLCL U-4

Núcleo 3 : Em busca do texto ovidiano

Edições científicas e traduções para o leitor moderno

OVÍDIO, 43 a.C.-17?

P. Ovidi Nasonis Metamorphoses. Recognovit brevique adnotatione critica instruxit R.J. Tarrant. Oxonii : E Typographeo Clarendoniano; New York : Oxford University Press, 2004.

UCLCL Mest. 6

Les metamorphoses. Ovide; texte établi et traduit par Georges Lafaye. Paris : Société d'Édition "Les Belles Lettres", 1955.

UCLCL Cor. 26-7

Metamorphoses I[-XV]. Ovid; edited with translation and notes by D.E. Hill. Warminster : Aris and Phillips, 1985-[2000].

UCLCL U-4

Metamorfosis. P. Ovidio Nasón; texto revisado y traducido por Antonio Ruíz de Elvira. Barcelona : Alma Mater, 1964-[1969].

UCLCL L-2

Metamorfosi. Ovidio; a cura di Alessandro Barchiesi; testo critico basato sull'edizione oxoniense di Richard Tarrant; traduzione di Ludovica Koch; commento di Alessandro Barchiesi e Gianpiero Rosati. Milano : Fondazione Lorenzo Valla; Arnoldo Mondadori, 2007.

UCFL F-7-54 (EL)

Núcleo 4 : Ovídio em Portugal (edição e tradução)

As Metamorfoses em Portugal

OVÍDIO, 43 a.C.-17?

P. Ovidii Nasonis Metamorphoses selectae in usum scholarum. Accedit Index mythologicus et geographicus. Olisipone : ex Typographia Nationali, 1899.

UCBG 7-64-27-148

As Metamorphóses de Publio Ovidio Nasão : poema em quinze livros. Vertido em portuguez por António Feliciano de Castilho. Lisboa : na Imprensa Nacional, 1841.

UCBG 7-28-15-18

Metamorfoses. Ovídio; trad. directa do latim de Domingos Lucas. Lisboa : Vega, 2006-2008.

UCBG 9-(1)-9-13

Metamorfoses. Ovídio; trad. Paulo Farmhouse Alberto. Lisboa : Livros Cotovia, 2014.

UCBG 7-75 B-2-1

Metamorfoses. Ovídio & Bocage; intr. João Angelo Oliva Neto. São Paulo : Hedra, 2000.

UCFL B-177-4-54

Núcleo 5 : Ovídio ilustrado

OVÍDIO, 43 a.C.-17?

P. Ovidii Metamorphosis cu[m] luculentissimis Raphaelis Regii enarratio[n]ibus, quibus cu[m] alia q[uae]da[m] ascripta sunt, q[uae] i[n] exemplaribus a[n]tea impressis non inveniuntur, tum eor[um] apologia quae fuerant a quibusdam repraehensa ... Venetiis : per Ioannem Tacuinum de Tridino, 1518.

UCBGJ 1-3-7-453

Les metamorphoses d'Ovide : traduites en prose françoise, et de nouveau soigneusement reveuës, corrigees en infinis endroits, et enrichies de figures à chacune fable. Avec XV discours contenans l'explication morale et historique. De plus outre le jugement de Paris, augmentees de la Metamorphose des Abeilles, traduite de Virgile, de quelques Epistres d'Ovide, et autres divers traitez. A Paris : chez Augustin Courbé, 1651.

UCBGJ 1-3-15-455

Les metamorphoses d'Ovide. Traduites en françois par P. Du-Ryer. Avec des explications sur toutes les fables. A Paris : chez Antoine de Sommaville, 1655.

UCBGJ 1-3-4-260

P. Ovidii Nasonis Opera omnia, in tres tomos divisa, cum integris Nicolai Heinsii, D.F. lectissimisque variorum notis, quibus non pauca, ad suos quaeque antiquitatis fontes diligenti comparatione reducta, accesserunt. Studio Borchardi Cnippingii. Lugduni Batavorum : ex officina Hackiana, 1670.

UCBGJ 1-3-19-236/238

Les métamorphoses d'Ovide, en latin. Traduites en françois, avec des remarques, et des explications historiques par Mr. L'Abbé Banier ... ; ouvrage enrichi de figures en taille douce, gravées par B. Picart, & autres habiles maîtres. A Amsterdam : chez R. & J. Wetstein & G. Smith, 1732.

UCBGJ 1-3-8-498

LE MIRE, Noël, 1724-1800

Les Métamorphoses d'Ovide gravées sur les desseins des meilleurs peintres français. Par les soins des S.rs le Mire et Basan graveurs. A Paris : chez Basan, Le Mire, [1767]-[1770].

UCBG RB-12-23

Núcleo 6 : Bibliografia passiva

Ovídio, objeto de fascínio e de estudo

CANTEL, Raymond, 1914-1986

Ovide et les sermons du Pere Vieira. [Lisboa] : Livraria Bertrand, 1955.

UCBG 9-(4)-8-5-71

BUESCU, Victor, 1911-1971

Ovídio o primeiro poeta romeno. Braga : Bracara Augusta, 1966.

UCBG 5-12-35-4

SCHEVILL, Rudolph, 1874-1946

Ovid and the Renaissance in Spain. Hildesheim; New York : G. Olms, 1971.

UCFL N-1

PEREIRA, Maria Helena da Rocha, 1925-2017

"O tema da metamorfose na poesia camoniana". Coimbra : [s.n.], 1975.

UCBG 9-(10)-II-4 PER

COLLOQUE Présence d'Ovide. Édité par R. Chevallier. Paris : Les Belles Lettres, 1982.

UCFL U-5

MOSS, Ann

"relegatio" : Colóquio Internacional ... : actas. [Org.] Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Lisboa; coord. Aires A. Nascimento, Maria Cristina C. M. S. Pimentel. Lisboa : Centro de Estudos Clássicos, 2007.

UCBG 9-(1)-6-54-13

A COMPANION to Ovid. Edited by Peter E. Knox. Chichester, U.K.; Malden, MA : Wiley-Blackwell, 2009.

UCFL C-15-4

ANDRÉ, Carlos Ascenso

Camões e Vieira, na senda de Ovídio. In **Vir bonus peritissimus aequus**. *Estudos de homenagem a Arnaldo Espírito Santo*. Maria Cristina Pimentel, Paulo Farmhouse Alberto (eds.). Lisboa, Centro de Estudos Clássicos, 2013. p. 745-753.

UCBG 10-(1)-15-6-31

Iconografia

Metamorfoses

OVID in Renaissance France : a survey of the Latin editions of Ovid and commentaries printed in France before 1600. London : Warburg Institute, University of London, 1982.

UCFL C-11-2

BRILL'S Companion to Ovid. Edited by Barbara Weiden Boyd. Leiden : Brill, 2002.

FLUL 821.124'02.09 OVI/BOY, B-CC

WARNER, Marina, 1946-

Fantastic Metamorfoses, Other worlds : Ways of telling the self. Oxford : Oxford University, [2004].

FLUL 82-09 WAR, M-CC

Colóquio Internacional "Ovídio : Exílio e Poesia", Lisboa, 2007

Publius Ovidius Naso Sulmonensis, ex veteri numismate repraesentatus. In Ovídio - **P. Ovidii Nasonis Opera omnia**, in tres tomos divisa, cum integris Nicolai Heinsii, D.F. lectissimisque variorum notis; studio Borchardi Cnipplingii. Lugduni Batavorum : ex officina Hackiana, 1670. Vol. 1, p. 14.

UCBGJ 1-3-19-236

Medalhão de Ovídio

Fab. X. Myrrha changée en Arbre. Naissance d'Adonis. In Ovídio - **Les métamorfoses d'Ovide** en latin. Traduites en françois, avec des remarques, et des explications historiques par Mr. L'Abbé Banier...; ouvrage enrichi de figures en taille douce, gravées par B. Picart, et autres habiles maîtres. A Amsterdam : chez R. & J. Wetstein & G. Smith, 1732. T. 2, p. 342.

UCBGJ 1-3-8-498

Mirra e o nascimento de Adónis (*Metam. X, 481-514*)

VAN GUNST, Philipp, 16---17--

Fab. VI. Narcisse aimé d'Echo. Phil. a Gunst sculp. In Ovídio - **Les métamorfoses d'Ovide** en latin. Traduites en françois, avec des remarques, et des explications historiques par Mr. L'Abbé Banier...; ouvrage enrichi de figures en taille douce, gravées par B. Picart, et autres habiles maîtres. A Amsterdam : chez R. & J. Wetstein & G. Smith, 1732. T. 1, p. 95.

UCBGJ 1-3-8-498

Eco e Narciso (*Metam. III, 339-510*)

Fab. IX. Pigmalion amoureux d'une Statue qu'il avoit faite. In Ovídio - **Les métamorfoses d'Ovide** en latin. Traduites en françois, avec des remarques, et des explications historiques par Mr. L'Abbé Banier...; ouvrage enrichi de figures en taille douce, gravées par B. Picart, et autres habiles maîtres. A Amsterdam : chez R. & J. Wetstein & G. Smith, 1732. T. 2, p. 340.

UCBGJ 1-3-8-498

Pigmalião e Galateia (*Metam. X, 243-297*)

SAINT-AUBIN, Augustin de, 1736-1807

Jupiter Métamorphosé en Taureau, enleve Europe jusque dans l'Isle de Créte. F. Boucher inv.; Aub. De St. Aubin sculp. In Le Mire, Noël – **Les Métamorfoses d'Ovide gravées sur les desseins des meilleurs**

peintres français. Par les soins des S.rs le Mire et Basan graveurs. A Paris : chez Basan [et] Le Mire, [1767]-[1770]. N° 38.

UCBG RB-12-23

O rapto de Europa (*Metam.* II, 844-875)

BAQUOY, Pierre-Charles, 1759-1829

Daphné poursuivie par Apollon, et changée en Laurier par son Père. C. Monnet del.; Baquoy sc. In Le Mire, Noël - **Les Métamorphoses d'Ovide gravées sur les desseins des meilleurs peintres français.** Par les soins des S.rs le Mire et Basan graveurs. A Paris : chez Basan [et] Le Mire, [1767]-[1770]. N° 18.

UCBG RB-12-23

Apolo e Dafne (*Metam.* I, 452-567)

LAUNAY, Nicolas de, 1739-1792

Orphée sur le mont Rhodope attire au son de sa voix et de sa lyre les animaux, les rochers et les arbres. Car Eisen del.; N. De Launay sculp. In Le Mire, Noël - **Les Métamorphoses d'Ovide gravées sur les desseins des meilleurs peintres français.** Par les soins des S.rs le Mire et Basan graveurs. A Paris : chez Basan [et] Le Mire, [1767]-[1770]. N° 102.

UCBG RB-12-23

Eis Bocage...

Biblioteca Joanina, 26 de janeiro a 4 de março de 2017
Sala do Catálogo, 30 de março a 28 de abril de 2017

Obras publicadas em vida

BOCAGE, 1765-1805

Elegia, que o mais ingénuo e verdadeiro sentimento consagra á deplorável morte do illustrissimo e excellentissimo Senhor D. Jozé Thomaz de Menezes... Lisboa : Na Offic. de Lino da Silva Godinho, 1790.
UCBGJ Misc. 403 (nº 6 463)

Queixumes do Pastor Elmano contra a falsidade da Pastora Urselina : Egloga. Lisboa : Na Off. de Simão Thaddeo Ferreira, 1791.
UCBGJ Misc. 1 (nº 27)

Rimas de Manoel Maria de Barbosa du Bocage. Segunda edição, correcta, e aumentada [aliás a 3.^a]. Lisboa : na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1800.
UCBGJ 1-4-9-81

Rimas de Manoel Maria de Barbosa du Bocage dedicadas à amizade. Lisboa : na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1802.
UCBGJ 1-4-9-82

Poesias dedicadas à Illm^a. e Exm^a. Senhora Condessa de Oyenhausen. Lisboa : na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1804.
UCBGJ 1-4-9-83

Epicedio na sentida morte do ... Senhor D. Pedro José de Noronha, marquez de Angeja ... Lisboa : Na Imprensa Regia, 1804.

UCBG V.T.-17-1-11 (23)

Collecção dos novos improvisos de Bocage na sua molestia, com as obras que lhe forão dirigidas por varios poetas nacionaes... Lisboa : Impressão Regia, 1805.

UCBG V.T.-5-2-17 (2)

A saudade materna : idyllio, na prematura, e chorada morte da Senhora Dona Anna Raimunda Lobo... Lisboa : Impressão Regia, 1805.

UCBG V.T.-5-2-17 (1)

Obras publicadas postumamente

BOCAGE, 1765-1805

A virtude laureada : drama recitado no Theatro do Salitre : composto e dirigido ao Reverendissimo Padre Mestre Fr. José Marianno da Conceição Velloso ... Lisboa : Na Impressão Regia, 1805.

UCFL I.E. Teatrais 2-4-81

A morte de Ignez de Castro : Cantata. In GOMES JÚNIOR, João Baptista, ca. 1775-1803, [et al.] - Nova Castro. Nova ed. correcta de muitos erros, e augmentada com a brilhante scena da Coroação, seguida do episodio de Camões sobre a morte de D. Ignez de Castro e da Cantata de Bocage sobre o mesmo assumpto. Paris : Na Livraria Portuguesa de J.P. Aillaud, 1838. P. 108-114.

UCBG 9-(2)-1-50-11

Poesias satiricas inéditas ... 2ª ed. mais correcta e augmentada. Lisboa : na Typ. de Antonio José da Rocha, 1840.

UCBG 5-27-74-16

Poesias eroticas, burlescas e satyricas... Nova ed. Paris : [s.n.], 1908.

Contém : Ribeirada; A Manteigui; A empresa nocturna; Epístola a Marília; Fragmento de Algeu; Arte de Amar; Cartas de Olinda a Alzira; Sonetos;

Décimas...; O ciúme do inferno [sic]; Diálogo entre o poeta e o Tejo;
Improviso; Elegia à morte de uma famosa alcoviteira.
UCBG V.T.-14-2-20

CASTILHO, António Feliciano de, 1800-1875; NORONHA, José Feliciano de
Castilho Barreto e, 1810-1879
Excerptos de todos os principaes auctores portuguezes de boa nota, assim
prosadores como poetas.sob os auspicios de S. M. F. El- rei D. Fernando,
por Castilhos (António e José). Lisboa : Typographia Lusitana : Imprensa
Nacional, 1845-1847. (Livraria Classica Portuguesa).
UCBG 5-(4)-1-34-55/60

BOCAGE, 1765-1805
Olinda a Alzira. Lisboa : Guimarães, 1915.
UCBG 5-3-14

Fábulas de Bocage. II. Julião Machado; introd. e actualização do texto de
Daniel Pires. [3.ª ed.]. Setúbal : Centro de Estudos Bocageanos, 2000.
UCBG 6-67-7-27

Obras bilingues e traduções

ARNAUD, François Thomas Marie de Baculard d', 1718-1805
Eufemia, ou O Triunfo da religião : drama de Mr. D'Arnaud. Lisboa : Na Off.
de Simão Thaddeo Ferreira, 1793.
UCBG 094.5"17" ARN (2 ex.)
UCBG 9-(4)-A-248
UCBG 5-(4)-1-30-31

BOCAGE, 1765-1805
As chinellas d'Abu-Casem : conto arabico. Lisboa : Off. de Simão Thaddeo
Ferreira, 1797.
UCBG V.T.-15-7-33

LESAGE, Alain René, 1668-1747

Historia de Gil Braz de Santilhana. 3ª ed. Lisboa : Nova Offic. de João Rodrigues Neves, 1808-1813.

UCBG 7-48-11-1/4

CARDOSO, José Francisco, 1761-1842

... Canto heroico sobre as façanh[as] dos portuguezes na expedição de Tripoli, em testemunho de vassalagem, profundo acatamento, e gratidão, mui respeitosa, e humildemente D. O. C. [2ª ed.]. Lisboa : na offic. da Casa Litteraria do Arco do Cego, 1800.

Col. Daniel Pires

CASTEL, René Richard Louis, 1758-1832

As plantas : poema. Lisboa : Na Typ. Chalcographica, Typoplastica e Litteraria do Arco do Cego, 1801.

UCBG 5-(4)-1-13-41

FLORIAN, Jean-Pierre Claris de, 1755-1794

Galatée : novella pastoril imitada de Cevrantes [sic]. Lisboa : na Off. de Simão Thaddeo Ferreira, 1802.

UCBG 5-(4)-1-7-10

DUBOIS-FONTANELLE, Joseph-Gaspard, 1727-1812

Ericia, ou A vestal : tragedia de Mr. d'Arnaud. Lisboa : Na Imprensa da Rua dos Fanqueiros, 1825.

UCBG 7-12-6-28

D'USSIEUX, Louis, 1744-1805

Raymundo e Marianna : novella hespanhola. [1ª ed.]. Lisboa : Typ. Rollandiana, 1819.

UCBG 7-48-12-26

BRUEYS, David-Augustin de, 1640-1723, e outro

O ralhador : comedia em tres actos. [Rio de Janeiro] : Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e C., 1842.

UCBG 7-12-10-1

SAINT-PIERRE, Bernardin de, 1737-1814

Historia de Paulo e Virginia. Porto : Livraria Chardron, 1905.

UCBG 9-(2)-1-17-21

Obras completas

BOCAGE, 1765-1805

Poesias de Manuel Maria de Barbosa du Bocage. Colligidas em nova e completa ed., dispostas e anotadas por I. F. da Silva; precedidas de um estudo biographico e litterario sobre o poeta escripto por L. A. Rebello da Silva. Lisboa : A.J.F. Lopes, 1853.

UCBG 5-24-30-16/21

Obras poéticas de Bocage. Porto : Imp. Portugueza, 1875-1876.

UCBG V.T.-4-7-7/10

Opera omnia. Lisboa : Livraria Bertrand, 1969-1973.

UCBG 9-(4)-11-6

Obra completa. 1ª ed. Porto : Caixotim, 2004- .

UCBG 6-50-114

Manuscritos

BOCAGE, 1765-1805

Soneto. In GOMES JÚNIOR, João Baptista - **Castro** [Manuscrito] : tragédia... Coimbra, 1802.

UCBG Ms. 1528, f. [10]

Ode 2.ª : Os Amores. In ÁLVARES, Miguel Justino de Araújo Gomes - **Collecção de peças poéticas de bom gosto** [Manuscrito]. Coimbra, 1833.

UCBG Ms. 1639, p. 50-56

Outava. In **[Miscelânea sobre diversos assuntos]** [Manuscrito]. [S.l.], [séc. 19].

UCBG Ms. 1665, f. 56v (numer. moderna com contador de tinta preta)

Bocage, próximo á sua hora final, fez o seguinte soneto. In [NUNES, P. L.?.]
- **Poesias diversas** [Manuscrito]. [S.l.], 1852.

UCBG Ms. 2997, p. 279

Carta de Ramirio [sic] para a sua Eufrásia [seguida de] Carta de Eufrásia
a Ramiro. In [**Compilação de obras jocosas**] [Manuscrito]. [S.l.], 1819.

UCBG Ms. 3163, p. 228-243

Prologo. In DUBOIS-FONTANELLE, Joseph-Gaspard, 1727-1812 - **Erícia, ou
Vestal** [Manuscrito] : Tragedia. [S.l.], [183-?].

UCBG Ms. 3226

[Decimas]. In **Espirito do Systemma da Naturêza de Helvécio** [Manuscrito]
: obra posthuma Vozes da Razão em três epístolas... varias Decimas
glizadas... copiados por A... A... C... S... M... Porto, 1822.

UCBG Ms. 3221, f. 80v-81

SONETO. In SILVA, José de Souza - **Amusement curieux et divertissant...**
[Manuscrito]. [S.l.], [séc 19].

UCBG Ms. 3166, f. 18v

Bibliografia passiva

MACEDO, José Agostinho de, 1761-1831

Considerações mansas sobre o quarto tomo das Obras Métricas de Manoel Bocage, acrescentadas com a vida do mesmo. Lisboa : Impressão Regia, 1813.

UCBGJ Misc. 769 (nº 12 969)

BAPTISTA, António José, fl. 17--

Historia verdadeira de Elmano e Marília ou A força do destino. Lisboa : Na Typ. Rollandiana, 1819.

UCBG 5-(4)-1-31-43A

VEGEZZI-RUSCALLA, Giovenale, 1799-1885

Notizie intorno agli scritti di Manoel Maria Barbosa del Bocage poeta portoghese : lettera del Cav. Giovenale Vegezzi-Ruscalla al marchese Damaso Pareto. Asti : Tipografia de Fratelli Paglieri, 1860.

UCBG IC-16-2-1-45

NORONHA, José Feliciano de Castilho Barreto e, 1810-1879

Manoel Maria du Bocage : excerptos, seguidos de uma Noticia sobre a vida e obras, um juizo critico, apreciações de bellezas e defeitos e estudos de lingua. Rio de Janeiro : Livraria de B.L. Garnier; Paris : Aug. Durand, 1867.

UCBG 9-(2)-1-17-22/24

BRAGA, Teófilo, 1843-1924

Bocage, sua vida e epoca litteraria. Porto : Livraria Chardron, 1902.

UCBG 9-(4)-5-2-25

MURAT, Luís, 1861-1929

Centenario de Bocage : discurso proferido na sessão solenne do Retiro Literario Portuguez, no dia 21 de Dezembro de 1905. Rio de Janeiro : Typ. do Jornal do Commercio, 1905.

UCBG IC-17-3-5-88

SILVA, Luís Augusto Rebelo da, 1822-1871

Memoria biographica e litteraria ácerca de Manoel Maria Barbosa du Bocage ... offerecida à Academia Real das Sciencias. Lisboa : Empreza da Historia de Portugal, 1909.

UCBG 9-(2)-2-17-15

CIDADE, Hernâni, 1887-1975

Bocage : com cinco retratos. Porto : Lelo & Irmão, 1936.

UCBG 92 (Bocage) CID

MENESES, Carlos José de, pseud.

Bocage : sua vida histórica e anedótica. [1.^a ed.]. Lisboa : Lisboa : Guimarães Editores, 1965.

UCBG 5-12-30-100

KELLY, John R.

Censorship and Bocage. Lisboa : Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1987.

UCBG 6-10-2-64

NYS, Florence Jacqueline

As fontes francesas das Cartas de Olinda e Alzira de Bocage. [Braga] : Universidade do Minho, Centro de Estudos Humanísticos, 2005.

UCBG 8-(2)-25-25-14

ARRANJA, Álvaro

Bocage, a liberdade e a Revolução Francesa. Setúbal : Centro de Estudos Bocageanos, 2003.

UCBG 8-(2)-18-37-19

GONÇALVES, Adelto

Bocage : o perfil perdido. Lisboa : Caminho, imp. 2003.

UCBG 8-(2)-21-33-1

PIRES, Daniel, 1951-

Bocage : a imagem e o verbo. 1.^a ed. Lisboa : Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2015.

UCBG RC-84-21

Bibliothecae Imago : bilhete de identidade de uma biblioteca geral

Biblioteca Joanina, de 27 de junho a 2 de outubro de 2017

Núcleos 1 e 2 : Francisco Suárez, 1548-1617, S.J.

SUÁREZ, Francisco, 1548-1617, S.J.

Relectionis in locum Pauli ad Ephes. I. Vbi de Deo loquens ait, qui operatur omnia secundū consiliū voluntatis suae, puncta aliquot ex iis, quae copiosius differentur, breuiter collecta. [Coimbra] : ex officina Antonij à Mariz, 1598.

UCBG RB-38-31

[Francisco Suárez] [Iconografia]. [Coimbra, 17--?]. 1 gravura : buril, p&b; 23,1x16,8 cm (matriz 15,6x11,9 cm).

AUC-IV-1.ªD-9-2-354

SANTOS, Bernardo dos, gravador

V. P. D.or Francisco Svarez dela Compañia de IESVS... [Iconografia]. [Coimbra : R. Colégio das Artes], 1730. 1 gravura : buril, p&b; 24,4x16.9 cm (matriz 17,5x11,7 cm).

AUC-IV-1.ªD-9-2-354

[Parecer do doutor Francisco Suarez "Pregunta sy se puede Su Mag. como Maestre de una orden militar y general administrador de los beneficios della substituído por Su Sant. remover de los

benefícios a los regulares de la misma orden por via de translacion, o comutacion sin consentimiento de ellos, y sin ser convencidos de culpas que merescan priuacion de los tales beneficios”] [Manuscrito]. Coimbra, 5 jul. 1609. F. 46. Cópia.

UCBG Ms. 519

[Carta sobre os coadjutores e sua residência] [Manuscrito]. In : [Miscelânea]. [S.l., 16--?]. Cópia.

UCBG Ms. 1620, [2ª parte, Carta 1]

Tractatus de Fide [Manuscrito]. [Coimbra], 1613. Cópia.

UCBG Ms. 2019

[De Legibus] [Manuscrito]. [Coimbra], 1601-1603.

É o «Manuscrito de Coimbra» ou Fonte A, escrito por Marcos de Monte, do qual diz Luciano Pereña : “Si no refleja exactamente el original autógrafo, se acerca mucho de él” (De legibus, vol. I, p. XXXIV).

UCBG Ms. 1924

Núcleo 3 : António de São Domingos, 1531?-1596, O.P.

ANTÓNIO DE SÃO DOMINGOS, 1531?-1596, O.P.

Começam as vidas de algu(n)s sanctos da ordem dos pregadores. Coimbra : Per loam da Barreyra & loa[m] Alvarez, 1552.

UCBG V.T.-18-10-1

Incipiunt notata in (Secund)am (Secund)ae S. Tho(mae) [Manuscrito] : L. utrum obiectus fidei sint veritas prima ar(ticulus) (septim)us quae dictauit fr. Antonius ordinis praedicatorum. [Coimbra], 1562. Cópia.

UCBG Ms. 1914

Annotationes in Primam secundae D. Thomae ... [Manuscrito]. [S.l.], 1574. F. 418. Cópia.

UCBG Ms. 1912

In (Secundam Secundae) D. Thomae Questio 23 ... [usque ad q. 44] [Manuscrito]. [Coimbra?], [1579-1580].

UCBG Ms. 1857

Núcleo 4 : Martín, de Ledesma, ? -1574, O.P.

MARTÍN, de Ledesma, ? -1574, O.P.

... Prima (quartae) nuncupatur. Conimbricae : excudebat Ioannes Aluarus, 1555.

UCBG R-58-11

... Secunda quartae. Conimbricae : apud Ioannem Aluarum, 1560.

UCBG R-58-11 A

Annotationes ... in (Secund)um Sententiaru(m) q(uestiones) XXVlli... [Manuscrito]. [Coimbra], 2 out. 1560. Cópia.

UCBG Ms. 1200

[Trovas aos filhos do Conde de Odemira por irem caçar escondidos na Semana Santa] [Manuscrito]. [S.l., 15--]. F. 70. Cópia.

UCBG Ms. 2584

Núcleo 5 : Outros teólogos

RODRIGUES, Francisco, 1513-1573

Compendium philosophicum, De metheoris, Parvis naturalibus, De coelo, item de Generatione et corrup(t)io(n)e, De anima c(on)iuncta m(ateri)ae et ab illa separata denique De ethicis [Manuscrito]. Ulyssippone, 1629.

Ex libris do Colégio de Santa Rita de Coimbra.

UCBG Ms. 2316

CRISTO, Francisco de, ca. 1520? -1587, O.E.S.A.

Praelectionvm siue en(n)arrationvm admirabilis Diuini Verbi incarnationis libri sex in quibus omnia quae ab scholasticis authoribus de hoc abditissimo mysterio subtilius, tertio sente(n)tiaru(m) libro differuntur

accuratissime tractantur & lucidissime explicantur. Conimbricae
: ex officina Ioannis Aluares, 1564.

UCBG R-21-9

Annotationes in II et III Sentenciar(um) ex Scotica Doctrina [Manus-
crito]. [S.l., 15--?]. F. 1-119v. Cópia.

UCBG Ms. 1877

Materia de Gratia... ad Primam (Secund)ae S. Thomae. Q(uestio) CIX
[Manuscrito]. [S.l.], 1571. F. 46-184v. Cópia.

UCBG Ms. 1890

Núcleo 6 : Molina, Luís de, 1535-1600, S.J.

MOLINA, Luís de, 1535-1600, S.J.

Concordia liberi arbitrij cum gratiae donis ... Olyssipone : apud An-
tonium Riberium : a costa de Domingos Martinez, 1588.

UCBGJ 4-24-9

De iustitia tomus primus complectens tractarum primum et ex se-
cundo disputationes 251 usq(ue) ad ultimas voluntates inclusiue.
Conchae : Joannes Masselinus, 1593-1609.

UCBGJ 2-9-14-2

Annotationes In Secundam Secundae Diui Thomae à Doctore Lu-
dovico Molina dictatae [Manuscrito]. [Évora?, 1573-1575?]. Cópia.

UCBG Ms. 1851

Prima pars De homicidio [Secunda-Secundae, q. 64] [Manuscrito].
[Coimbra], 11 Aprilis Anno a Virginis partu 1579 in sabbatho Pal-
marum. Cópia.

UCBG Ms. 1840

Núcleos 7 e 8 : A Escola Jurídica de Coimbra

CRISTOVÃO, João, 1542- ?

Sequitur titulus de tes(tamen)tis explicandus... [Manuscrito]. [Coimbra], 1589. F. 323-418v.

UCBG Ms. 2102

CASTRO, Luís de

Incipit t(i)t(ulus) De Judicijs a D. Lud(ovico) de Castro [Manuscrito]. [Coimbra, s.d.]. F. 1-14.

UCBG Ms. 2121

MORAIS, Jaime de

Sequitur titulus de restitutione spoliatorum... [Manuscrito]. [Coimbra], 1576. F. 121-229v.

Miscelânea contendo cópias de Luís Correia, de Manuel Soares e de Cristóvão João. A mesma matéria no Ms. 872. Algumas f. cortadas.

UCBG Ms. 2114

BARBOSA, Pedro? -ca. 1606

... De haeredibus instituendis [Manuscrito]. [Coimbra], 1574. F. 63-137v.

A partir da f. 172 tem um De legat(is) a D. D. Petro Barbosa (1573).

UCBG Ms. 992

SOARES Manuel, 1596-1654; CORREIA, Luís

Sequitur elegantissimus de rest(itutione) spoliator(um) titulus a Sapientissimo D. Emanuele Soares explicandus [Manuscrito]. [Coimbra], 1585. F. 1-139v.

O nome de Manuel Soares na página inicial foi cortado, porque o tratado foi terminado por Luís Correia, depois da sua morte, conforme o Ms. 92 §42.

UCBG Ms. 2192

DIAS, Francisco

De Consuetudine [seguido de] De Successionibus ab intestato, de
reurm permutatione pelo D(out)or Francisco Dias [Manuscrito].

[Coimbra, 1590-1592]. Cópia incompleta.

UCBG Ms. 1466

Um precursor do Modernismo : Camilo Pessanha (1867-1926)

Biblioteca Joanina, 23 de outubro de 2017 a 26 de fevereiro de 2018

Núcleos 1-2 : Poemas avulso

PESSANHA, Camilo, 1867-1926

Logares selectos. **Notícias de Bragança**. Bragança. 2 :65 (15 maio 1913) [2].

Primeira publicação de «Tatuagens opulentas do meu peito!».

UCBG B-48-36-2

Poemas inéditos de Camillo Pessanha. **Centauro**. Lisboa. 1 :1 (out. 1916)
13-31.

Contém «Os Violoncelos» e mais quinze poemas.

UCBG RP-8-6

Quando voltei encontrei os meus passos. **A Semeadora**. Lisboa. 1 :10 (15
abr. 1916) 2.

UCBG B-57-32-M40

O meu coração desce. **A Semeadora**. Lisboa. 2 :17 (15 nov. 1916) 1.

UCBG B-57-32-M40

Sons que passam. **A voz da mocidade**. Setúbal. 1 :23 (1 jan. 1916) 1.

Nova publicação de «Tatuagens complicadas do meu peito!».

UCBG G.N.-24-12

Dois sonetos inéditos de Camilo Pessanha. **Contemporânea**. Lisboa. 1
(maio 1926) 11-12.

Nova publicação de «San Gabriel» (Macau, 1898) em duas partes.
UCBG RP-3-3

Poema : um soneto de Camilo Pessanha. **Boletim Geral das Colónias**.
Lisboa. 2 :17 (nov. 1926) 2-3.

Nova publicação de «Tatuagens opulentas do meu peito!».
FLUC B-126-3/7

Três sonetos inéditos de Camilo Pessanha. **Seara Nova**. Lisboa. 130 (1928)
186.

UCBG RP-21/23

Inédito de Camilo Pessanha. **O Diabo : semanário de crítica literária e
artística**. Lisboa. 2 :96 (26 abr. 1936) 5.

UCBG RP-5-1

Núcleo 3 : A “Clepsydra” editada

PESSANHA, Camilo, 1867-1926

Clepsydra : poemas. [1ª ed.]. Lisboa : Ed. Lusitania, 1920.

UCBG RB-33-19

Clépsidra : poemas. [Nota explicativa de João de Castro Osório]. Lisboa :
Ática, 1945.

UCBG 9-(11)-20-4-49

Clépsidra e outros poemas. Introd. crítico-bibliográfica por João de Castro
Osório. Lisboa : Ática, 1969.

UCBG 5-44-59

Clepsydra. Estab. de texto, introd. crítica, notas e comentários por Paulo
Franchetti. Lisboa : Relógio d'Água, D.L. 1995.

UCBG 5-53-26-65

Clepsidra e poesias dispersas. Mem Martins : Europa-América, 1997.
UCBG 6-47-28-49

Clepsydra. Ensaio de ed. de Gustavo Rubim; des. de Cruzeiro Seixas. Lisboa
: Colóquio Letras, 2000.
UCBG 8-(2)-18-22-27

Clepsydra : poemas de Camilo Pessanha. Posf. e fixação do texto António
Barahona. Lisboa : Assírio & Alvim, 2003.
UCBG 8-(2)-19-24-71

Clepsidra. Coord. Carlos Reis; ed. de texto Barbara Spaggiari. Lisboa : Im-
prensa Nacional-Casa da Moeda, cop. 2014.
UCBG 5-22-37-113

Clepsidra = dilòu. [Beijing] : People's Literature Publishing House; Macau
: Instituto Cultural da R.A.E. de Macau, 2017.
Ed. bilingue em português-chinês por Yao Feng, pseud. com as traduções
de C.P. de oito elegias chinesas que não pertencem à Clepsidra.
Col. Manuel Seixas

Núcleos 4-5 : Traduções e outros textos

Crónica da Alta. **A Crítica**. Coimbra. 2 (mar. 1888) [1-4].
UCBG 10-5-21-10

[Relatório sobre a atividade pedagógica das Irmãs Canossianas por uma
Comissão constituída por] Camillo d'Almeida Pessanha, Eduardo Cyrilo
Lourenço, Fernando Celle de Menezes. **Boletim Oficial do Governo da
Província de Macau**. Macau. 11 :4 (28 jan. 1911) 40-42.
UCBG B-59-B-62

Prefacio. In PALHA, J. António Filipe de Moraes – **Esboço crítico da civili-
zação [sic] chinesa**. Macau : Typ. Mercantil de N. T. Fernandes e Filhos,
1912, p. [VII]-LXI.
Col. Manuel Seixas

[Três] Elegias chinesas. **Figueira**. Figueira da Foz : Bibliotheca Publica Municipal. Publicadas em fascículos sucessivos da revista : I - S. 5, nº 4 (abr. 1915), p. 247-248; II – S. 5, nº 5 (mai. 1915), p. 263; III - S. 6, n 7 (jul. 1915), p. 301.

UCBG 10-5-13

Leituras chinêsas. **A voz da mocidade**. Setúbal. 1 :24 (23 jan.1916) 2.

UCBG G.N.-24-12

Vozes do Outono : trad. do chinês... **Atlântida**. Lisboa. 3 :27 (15 jan. 1918) 383-387.

UCBG RP-15-1

Oito elegias chinesas. **Descobrimento : revista de cultura**. Lisboa. 1 (Primavera 1931) 35-52.

Nova publicação de «Ascensão ao Miradoiro do Kiang», etc.

UCBG 10-1-3-2

Macau : excerpto de Camilo Pessanha. **O Mundo Português**. Lisboa. 2 :2 (1º semestre 1935) 183.

UCBG RP-20

Chon-Kôc-Chao [tradução]. In Ruy Sant'Elmo – **China, país da angústia : kakemonos**. [Lisboa : s. n., 1938] (Soc. Industrial de Tipografia), p. 21-23.

UCBG 5-27-19

Provérbios chineses. **Revista de Portugal**. Coimbra; Lisboa. 3 :10 (nov. 1940) 165-166.

UCBG RB-38-43

China : estudos e traduções. Lisboa : Agência Geral das Colónias, 1944.

UCBG 908(51) PES

As elegias chinesas : tradução poética. Pintura de Pedro Barreiros. Lisboa : Gradiva, [1999].

Col. Manuel Seixas

Correspondência, dedicatórias e outros textos. Org, pref., cronologia e notas Daniel Pires. Lisboa : Biblioteca Nacional de Portugal; Campinas : Editora da Unicamp, 2012.

UCBG 6-(1)-8-9-1

Núcleos 6-8 : Bibliografia passiva

ALMEIDA, João Paulo Barros Alves Rodrigues de, 1967-
Sentimento e conhecimento na poesia de Camilo Pessanha. Coimbra : [s.n.], 2009.

UCBG 9-(1)-12-23-42

AMARAL, A. E. Maia do, 1957-
Colecções orientais. In Portugal. Museu Nacional de Machado de Castro -
A exposição “Colecções Orientais” do Museu Nacional de Machado de Castro. Coimbra : Museu Nacional de Machado de Castro, [1984?].

UCBG 5-26-6-56

BARREIROS, Danilo, 1910-1994

O testamento de Camilo Pessanha. Lisboa : Bertrand (Irmãos), 1961.

UCBG 5-66-8-67

BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL

Espólio de Camilo Pessanha (Esp. N1) : inventário. [Org.] Biblioteca Nacional de Portugal; apresent. Daniel Pires; inventário Júlia Ordorica. Lisboa : Biblioteca Nacional de Portugal, 2008.

UCBG 6-(1)-8-5-32

CADERNO

Caderno poético de Camilo Pessanha. [Apresent. José Augusto Seabra].
Macau : Serviços de Educação e Cultura : Biblioteca Nacional de Macau, 1986.

UCBG RC 21-44

CAMILO, João, 1943-

Realismo e simbolismo em Clepsidra. Lisboa : Centro de Linguística da Universidade, 1984. Sep. de : *Boletim de Filologia*. 29. p. 287-318.

UCBG 5-26-23-4

FRANCHETTI, Paulo, 1953-

O essencial sobre Camilo Pessanha. [Lisboa] : Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2008.

UCBG 6-46-14-96

HIGINO, Nuno

Não voltes mais, alma da minha mãe. **Homenagem ao poeta Camilo Pessanha**. [Tábua] : Editorial Moura Pinto. [Nº único] 7 set. 2017.

UCBG 8-11-6-M 4

HOMENAGEM a Camilo Pessanha. Org., pref. e notas de Daniel Pires.

[Lisboa] : Instituto Português do Oriente; Macau : Instituto Cultural, 1990.

UCBG 6-8-30-30

HOMENAGEM ao poeta Camilo Pessanha. [Tábua] : Editorial Moura Pinto, 2017.

UCBG 8-11-6-M 4

JOSÉ, Carlos Morais, e outro

A poesia de Camilo Pessanha. Coord., lição e apresent. de Carlos Morais José e Rui Cascais. 1ª ed. Macau : Instituto Internacional, 2004.

UCBG 10-(1)-15-41-23

LEMOS, Ester de, 1929-

A "Clepsidra" de Camilo Pessanha : notas e reflexões. Porto : Liv. Tavares Martins, 1956.

UCBG 869.0.06 Pessanha LEM

MIGUEL, António Dias

Camilo Pessanha : elementos para o estudo da sua biografia e da sua obra.

Lisboa : [s.n.], 1956.

UCBG 5-54-27-80

MONTEIRO, Ofélia Paiva, 1935-

O universo poético de Camilo Pessanha. Coimbra : [s.n.], 1969 (Of. Gráficas da Coimbra Editora). Sep. de : *Arquivo Coimbrão*. 24 (1969).

UCBG 5-6-71-172

OLIVEIRA, António Falcão Rodrigues de

O simbolismo de Camilo Pessanha. Lisboa : Edições Ática, 1979 imp.

UCBG 5-19-27-79

OLIVEIRA, Celina Veiga de

Camilo Pessanha : o jurista e o homem. Macau : Instituto Português do Oriente : Instituto Cultural de Macau, 1993.

UCBG 6-66-16-7

OSÓRIO, António, 1933-

O amor de Camilo Pessanha. [Mafra] : Elo, [2005].

Col. Manuel Seixas

PÂRIS-MONTECH, Christine

L'imaginaire de Camilo Pessanha : résonances fin-de-siècle et hantises individuelles. Paris; Lisboa : F.C.Gulbenkian, 1997.

UCBG 6-42-38

PIRES, Daniel, 1951-

A imagem e o verbo : fotobiografia de Camilo Pessanha. Macau : Instituto Cultural do Governo da R.A.E. de Macau, 2005.

Col. Manuel Seixas

PORTUGAL. Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Agenda 2017 : Camilo Pessanha (1867-2017). Ana Paula Laborinho (coord.).

Lisboa : INCM, 2016.

UCBG

PORTUGAL. Museu Nacional de Machado de Castro
Exposição de peças de arte oriental oferecidas por Camilo Pessanha : 13
a 20 de Dezembro de 1967 no 1º centenário do nascimento do poeta.
Coimbra : Museu Machado de Castro, 1967.

UCBG 5-39-2-149

QUADROS, António, 1923-1993
O primeiro modernismo português : vanguarda e tradição. Mem Martins
: Europa-América, cop. 1989.

UCBG 6-44-22-244

RAMOS, Manuela Delgado Leão
António Feijó e Camilo Pessanha no panorama do orientalismo português.
[Lisboa] : Fundação Oriente, D.L. 2001.

UCBG 6-50-86-5

RIBEIRO, José Diogo Henriques Sêco, 1958-2009
A coleção de arte chinesa do poeta Camilo Pessanha. **Arquivo Coimbrão**.
Coimbra. 35 (dez. 2002) [115]-283.

UCBG A-1-78

RODRIGUES, Urbano Tavares, 1923-2013
Reflexões sobre três sonetos de Camilo Pessanha : a Estátua e Vénus Viva
e a Vénus morta. Lisboa : [s.n.], 1978 (Braga : Tip. Barbosa & Xavier). Sep.
de : *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa. Letras*. 19.

UCBG 6-42-28-13

RUBIM, Gustavo, 1962-
A canção da obra : ensaios. 1ª ed. Alcochete : Textiverso, 2008.

UCBG 9-(1)-8-33-13

A inscrição espectral [Texto policopiado] : poética do vestígio em Camilo
Pessanha. Lisboa : [s.n.], 1998.

UCBG 7-57-5-6

SAMPAIO, Albino Forjaz de, 1884-1949

A colecção de arte chinesa do poeta Camilo Pessanha. **Ilustração**. Lisboa.

1 :15 (1 ago. 1926) 14-15.

UCBG 10-3-14-1

70º ANIVERSÁRIO da publicação da Clepsidra de Camilo Pessanha : exposição bio-bibliográfica, 9 a 27 de Novembro de 1990. Pesquisa bibliográfica, coord. e rev. Daniel Pires. [Lisboa] : Instituto Português do Oriente, [1990?].

UCBG 6-(1)-7-3-40

SILVA, Armando Carneiro da, 1912-1992

Camilo Pessanha, poeta e ensaísta coimbrão. Coimbra : B.M.C., 1967. Sep. de : *Arquivo Coimbrão*. 24 (1968).

UCBG 5-29-23-14

SIMÕES, João Gaspar, 1903-1987

Camilo Pessanha. Lisboa : Editora Arcádia, [1967?].

UCBG 5-62-7

SPAGGIARI, Barbara, 1952-

O simbolismo na obra de Camilo Pessanha. [Trad. do italiano por Carlos Moura]. 1ª ed. Lisboa : Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1982.

UCBG 9-(11)-17-1-54

Para saber mais...

GUIMARÃES, Fernando, 1928-

Poética do simbolismo em Portugal. Lisboa : Imprensa Nacional-Casa da Moeda, imp. 1990.

UCBG 6-44-32-34

HISTÓRIA crítica da literatura portuguesa. Dir. Carlos Reis. [Lisboa] : Editorial Verbo, 1995.

UCBG 6-34-1

PEREIRA, José Carlos Seabra, 1949-
Decadentismo e simbolismo na poesia portuguesa. Coimbra : Coimbra
Editora, 1975.

UCBG 5-33-46-135

PERSONA : publicação do Centro de Estudos Pessoaanos. N. 1 (Nov. 1977)
- nº 11/12 (Dez. 1985). Porto : Faculdade de Letras, 1977-1985.

N.º 10 (monográfico, dedicado a Camilo Pessanha).

UCBG 7 B-8-3-7

NOVA RENASCENÇA. V. 1, n. 1 (outono 1980) - v. 19, n. 72/73 (inverno /
primavera 1999). Porto, 1980 – 2015.

V. 9, n. 35/38 (verão 1989 / verão 1990), p. 137-595 (Monográfico sobre o
Simbolismo).

UCBG A-17-37

A Polifonia em Santa Cruz de Coimbra

Sala de São Pedro, 2 de maio a 1 de junho de 2016

Entre 1527 e 1557, sob a supervisão de Dom Brás de Barros (1500-1559) operou-se a reforma do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Na ocasião, para atualização dos músicos da capela, o Mosteiro adquiriu e produziu grandes livros de coro com extensos repertórios de polifonia internacionais. Todos os monges aprenderam cantochão e canto de órgão (*organum*). Por sua vez, os cantores da capela foram escolhidos entre as melhores vozes. Entre os cónegos regrantes contaram-se compositores, instrumentistas e fabricantes de instrumentos musicais.

Ao longo do percurso expositivo, os objetos, dispostos linearmente, foram organizados em função de quatro grupos de manuscritos musicais, que se podem distinguir na coleção de polifonia do fundo musical de Santa Cruz que se conserva na Biblioteca Geral.

O primeiro grupo, constituído pelas fontes mais antigas da polifonia sacra de Santa Cruz, está representado pelos grandes e ricos livros de coro que transmitem o repertório então em voga. Vemos sobretudo obras de autores estrangeiros : Johannes Mouton (1475-1522), Josquin des Prez (c.1450-1521), Adrian Willaert (c.1488-1562), Francisco de Peñalosa (c.1470-1528), Cristóbal de Morales (c.1500-1553), Luis Moran. Não faltam, contudo, os primeiros polifonistas portugueses, como Dom João de Noronha (m. 1506),

Vasco Pires (fl.1481-1509), Pedro de Escobar (c.1465- depois de 1535) ou Dom Heliodoro de Paiva (m. 1552).

O segundo grupo corresponde às obras dos polifonistas de Santa Cruz. Nele se destacam as composições policorais de Dom Francisco de Santa Maria (m. 1597), os motetes sacros e os vilancicos de Dom Pedro de Cristo (m. 1618), o polifonista crúzio mais representado na coleção. O visitante pode ainda apreciar os responsórios de Natal, com acompanhamento instrumental, de Dom Pedro da Esperança (m. 1660), e um *Passionário* misto, anónimo, do final do século XVI, que ostenta as formas monódica e polifónica, constituindo um modelo original da música portuguesa da Paixão de Cristo. Do núcleo de música instrumental, mostram-se os livros em formato de partitura para tecla, contendo transcrições de peças do vasto e variado repertório praticado no Mosteiro e ainda os livros de música para pequenos grupos de instrumentos.

Por fim, apresentaram-se algumas peças da extraordinária coleção de *Cartapácios* do século XVII, constituída por centenas de vilancicos, chansonetas, romances e outros subgéneros poético-musicais, que se destinavam às festas monásticas, envolvendo participação popular, realizadas por ocasião das grandes celebrações do Natal, dos Reis, da Epifania, dos dias dos santos e dos patronos locais.

Para além da oportunidade de apreciar espécies representativas da extraordinária coleção de polifonia de Santa Cruz de Coimbra, que espelham o dinamismo artístico, a diversidade e a evolução das práticas musicais do Mosteiro, esta mostra proporcionou ao visitante observar diferentes formatos de livros de música – livros de coro, partes separadas, livros em forma de partitura, cartapácios – e os modos de escrita e evolução da notação mensural, em que transparecem os meios humanos, os materiais e os métodos do scriptorium do Mosteiro, refletindo globalmente a autossuficiência musical da comunidade crúzia que fez de Santa Cruz de Coimbra um centro musical excecional entre o Renascimento e o Barroco.

1. Cantemos domino

AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona, 354-530

«De musica libri sex». In *Operas*. Parisiis : apud Gulielmum Merlin et Sebastianum Niuellium, 1571.

UCBG 4 A-18-2-1

O tratado filosófico *Da música*, escrito por Santo Agostinho, Bispo de Hipona, patrono da Ordem dos Cónegos Regrantes de Santa Cruz, comprova o valor atribuído à música por este influente doutor da Igreja e um dos principais fundadores do pensamento cristão.

AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona, 354-530

Las confessiones. Traduzidas de latin en romance castellano por el padre maestro fray Sebastian Toscano. En Anvers : en casa de Martin Nucio, M.D.LV. [1555].

Pertence : “De Santa Cruz de Busaco”

UCBG 1-(1)-1-5

Na sua mais célebre obra, *Confissões*, Santo Agostinho, reconhecendo o forte efeito emocional da música, admite como benéfica a prática do canto nas cerimónias religiosas :

«Contudo, quando me lembro das minhas lágrimas, que derramei perante os cânticos da Igreja, nos primórdios da recuperação da minha fé, e quando mesmo agora me comovo, não com o canto, mas com as coisas que se cantam, quando são cantadas com uma voz clara e uma modulação perfeitamente adequada, reconheço de novo a grande utilidade desta prática. Assim, flutuo entre o perigo do prazer e a experiência do efeito salutar, e inclino-me mais, apesar de não pronunciar uma opinião irrevocável, a aprovar o costume de cantar na igreja, a fim de que, por meio do prazer dos ouvidos, um espírito mais fraco se eleve ao afecto da piedade. Todavia, quando me acontece que a música me comova mais

do que as palavras, confesso que peço de forma a merecer castigo e, então, preferiria não ouvir cantar. Eis em que estado me encontro!»

Santo Agostinho, *Confissões*, 10, XXXIII, 50. Tradução de Arnaldo do Espírito Santo, João Beato e Maria Cristina Castro-Maia de Sousa Pimentel. 2.^a edição. Lisboa : Centro de Literatura e Cultura Portuguesa e Brasileira, 2004

CÓNEGOS REGRANTES DE SANTO AGOSTINHO

In hoc volumine continentur infra scripta Regula beati Augustini ...; Constitutiones fratrum ordinis predicatorum; Declarationes super cōstitutiones...
Mediolani : Joannes Angelus Scinzenzeler et sub impensis Joannis Jacobi et fratrum de Lignano, 1505.

Pertence : "Livreria de Sancta Cruz"

UCBG R-26-4

Até ao século XVI, segundo a *Regra* e as *Constituições* praticadas pelos monges crúzios, apenas o cantochão cumpria o espírito e a letra das normas; contudo, praticava-se também a polifonia, desde há muito, nas cerimónias religiosas do convento.

SANTA MARIA, D. Nicolau de, 15-- -1675

Chronica da Ordem dos Conegos Regrantes do patriarcha S. Agostinho. Em Lisboa : Na Officina de loam da Costa, 1668.

Pertence : "Sta Cruz de Coimbra"

UCBG 1-11-16-283

No século XV, a capela do Mosteiro era constituída por quatro cantores de boas vozes : Tiple, Contralta, Tenor e Contrabaxa.

D. Nicolau de Santa Maria reporta vários acontecimentos que ilustram a perfeição artística alcançada nas execuções musicais, tanto de cantochão quanto de polifonia, pelos cantores da comunidade dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho.

2. Fontes da polifonia de Santa Cruz de Coimbra

LIVRO DE CORO

[Livro de coro] [Música manuscrita]. Século XVI (entre 1540 e 1550). 272 f.,
enc. : papel, ilum.; 43 cm

Proveniente do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra

UCBG M.M. 37

Este elegante livro de cantochão produzido no *scriptorium* do Mosteiro constitui uma das mais antigas fontes musicais de Santa Cruz.

O conjunto de cânticos litúrgicos e para as festividades que o livro contém ostenta total conformidade com o *Breviarium*, publicado em 1531, e as Constituições, vigentes no período de reforma do mosteiro que decorreu entre 1527 e 1554, sob a tutela de Dom Brás de Barros, ou de Braga, (1500-1559).

A escrita musical utilizada, notação quadrada, semi-mensural, é característica do *scriptorium* de Coimbra. Podemos observar o mesmo tipo de notação em algumas outras fontes manuscritas da polifonia de Santa Cruz.

CÓNEGOS REGRANTES DE SANTO AGOSTINHO, Santa Cruz de Coimbra
Breuiariu[m] secu[n]du[m] usu[m] insignis monasterii s[an]ct[a]e crucis coli[m] brie[n]sis ordinis diui Augustini. [Coimbra] : per Germanum Galhardu[m],
1531, sexto Ido. Aprilis.

Pertence : “Da Livra. do Nouiciado de Sta. Cruz de Coimbra”

UCBG R-3-16

LIVRO DE CORO

[Livro de coro] [Música manuscrita]. [Pedro de Escobar, Juan de Anchieta, Francisco de Peñalosa, Luis Morán, Johannes Lupus Hellinek, Antonio de Ribera... [et al.]. Século XVI (c.1540 a 1555 e final do século). 123 f.,
enc. : papel, ilum.; 39 cm.

Proveniente do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra

UCBG M.M. 32, ff. 2v-3r

O moteto anónimo «Sie pie Domine», a 4 vozes, que se mostra, composto provavelmente em 1520 para a cerimónia da trasladação dos restos mortais de D. Afonso Henriques, 1.º Rei de Portugal, é demonstrativo da atualização estilística do compositor. Segundo obras de referência, a composição acusa a influência dos polifonistas ligados à Corte dos Reis Católicos e evoca o estilo de Josquin des Prez (c. 1440-1521).

LIVRO DE CORO

[Livro de coro] [Música manuscrita]. [Por] Johannes Mouton, Adrianus Willart, Petrus Mossue... [et al.]. Século XVI (c. 1530-1535). 205 f., enc. : papel, ilum.; 57 cm

Originário dos Países Baixos. Proveniente do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra

UCBG M.M. 2

Este precioso livro de coro é provavelmente originário da Holanda (de 's-Hertogenbosch?) e terá sido copiado por Philippus de Spina (Séc. XVI). Contém peças de nove compositores, em notação mensural branca.

A aquisição, em data próxima da produção, pode ter sido feita por encomenda de D. Brás de Braga, sob o patrocínio de D. João III, para garantir o conhecimento da tão apreciada cultura musical do Norte da Europa no Convento de Santa Cruz.

LIVRO DE CORO

[Livro de coro] [Música manuscrita]. [Por] Jean Richafort, Clément Janequin, Bruxel, Jacquet de Berchem, Heliodoro de Paiva, Luis Morán, Vasco Pires, Cristóbal de Morales, D. Francisco de Santa Maria... et al.]. Século XVI (c. 1545-c. 1550). 168 f., enc. : papel, ilum.; 56 cm

Produzido no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra de onde é proveniente UCBG M.M. 9

O M.M. 9 da Biblioteca Geral é uma das duas maiores compilações musicais produzidas em Santa Cruz nos séculos XVI-XVII que se conservam. O trabalho realizado neste manuscrito musical é surpreendente pela consistência e a eficiência do planeamento e da execução do texto, e pela notação – mensural branca – e escrita – letra gótica tardia – caligráficas dos, pelo menos três, copistas.

Provavelmente foi usado como livro de facistol, ou estante, nas cerimónias do Mosteiro.

LIVRO DE CORO

[Livro de coro] [Música manuscrita]. [Por Diego Ortiz, Dom Pedro de Cristo, António Carreira, D. Francisco de Santa Maria, Aires Fernandes, Bartolomeu Trosilho, Rodrigo Ordoñez, Giovanni Pierluigi da Palestrina... [et al.]. Século XVI (158-). 204 p., enc : papel, ilum.; 34 cm

Produzido no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra

Pertence : "Da livr(ari)a do Noviciado de s(an)ta Cruz de Coimbra"

UCBG M.M. 44

Trata-se provavelmente de um compêndio didático destinado à aprendizagem do repertório polifónico litúrgico usado em Santa Cruz e das técnicas do canto de órgão, e ao treino da leitura da notação mensural.

Os noviços do Convento, durante o período de formação, eram obrigados a aprender quer rudimentos de cantochão quer de canto de órgão, ou polifónico. Os mais dotados aprendiam a tocar órgão para as Missas e as Vésperas.

SÃO MIGUEL, Diogo de, fl. 15--

Exposiçam da Regra do glorioso padre sancto Augustinho. Copilada de diuersos authores por... Lixboa : em casa de Ioannes Blauio de Agrippina Colonia, 1563.

Pertence : "Livraria do Collegio de S.ta Rita dos Agost. Desc.os de Coimbra"

UCBG RB-30-8, f. 51

Em meados do século XVI, em plena época da Contrarreforma, a Igreja Católica questiona a prática da polifonia nas cerimónias litúrgicas. Aparentemente contrária às orientações resultantes do Concílio Tridentino (1545-1563), a música polifónica continua presente nas capelas do Mosteiro.

Como argumenta Frei Diogo de São Miguel, neste impresso de 1563, sendo natural no homem a inclinação para a música, qualquer religioso deve procurar aprender e saber cantar bem.

3. Obras de Polifonia dos Compositores de Santa Cruz de Coimbra

LIVRO DE PARTE DE VOZ

[Livro de parte de voz] [Música manuscrita] : [*Cantus*]. Século XVI (depois de 1570). 109 f. : papel, ilum.; 14 x 20 cm

Proveniente do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra

UCBG M.M. 70, ff. 91v-95v

No obituário de Dom Gabriel, é atribuída ao polifonista Dom Francisco de Santa Maria (m. 1597) a autoria dos coros para a grande representação da Tragédia a que El Rei Dom Sebastião assistiu na sua visita a Coimbra, tendo os coros daquele compositor sido «escolhidos entre muitos, porque para isto tinha especial graça».

O manuscrito M.M. 70 – livro da parte de soprano, faltando os restantes quatro livros de partes do conjunto – contém peças de música religiosa e profana em grande parte de autoria atribuída a Dom Francisco de Santa Maria. Entre a música profana, encontra-se uma peça de música dramática, para cinco coros na tragédia de Sedecias, com texto em latim de Luis da Cruz, padre da Companhia de Jesus, representada para o rei D. Sebastião na sua visita a Coimbra, em 1570.

Estas composições revelam o forte pendor humanístico do primado do texto literário sobre o musical.

DOM PEDRO DE CRISTO, m. 1618, eminente polifonista de Santa Cruz de Coimbra,

«[...] mestre da capella deste mosteiro [morreu em 16 de dezembro de 1618] sendo ia ansião, [...] de uma queda que deu na clastra do silêncio [...] foi mestre de capella aqui e no Mosteiro de S. Vicente, por ser grande compositor, tangedor de tecla e de baixão, arpa e frauta; deixou muita musica composta e particularmente tinha graça pera chasonetas, e musica alegre e por tal era buscado de todos os mosteiros de freyras e de frades : era muy zeloso do bem da Religião e obseruancia della, muy gracioso e de grande conversação : nasceu nesta cidade, mas seu pay era estrangeiro [...].»

«Rol dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho por D. Gabriel de S. Maria». [Transcrito e publicado por] Pedro de Azevedo. *Boletim da Segunda Classe*. Academia de Ciências de Lisboa. Vol. XI (1816-1817) 174-175.

CRISTO, Pedro de, m. 1618

[Livro de coro] [Música manuscrita] : [Motetos]. Autógrafo. Século XVI (158-).

127 f., enc. : papel, ilum.; 43 cm

Proveniente do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra

UCBG M.M. 33

Este livro de coro é, na maior parte, uma cópia autógrafa de Dom Pedro de Cristo (m. 1618), das suas próprias composições, provavelmente executada durante a década de 1580. Na folha inicial, uma miniatura representando um monge frente a uma partitura com a legenda «D Petrus Avt[or]», pode bem ser o auto-retrato do compositor. Os motetos incluídos neste códice refletem claramente a liturgia de Santa Cruz tal como é representada no Breviário impresso em 1531.

CRISTO, Pedro de, m. 1618

[Livro de coro] [Música manuscrita]. Século XVII (entre 1610 e 1620). 117 f.,
enc. : papel, ilum.; 56 cm

Proveniente do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra

UCBG M.M. 8

Este manuscrito é uma das mais importantes fontes da música de Dom Pedro de Cristo.

Em escrita humanística e notação mensural branca, contém Antífonas, Magnificats, Salmos, Responsórios.

Trata-se de um dos quatro códices em que o próprio compositor interveio e provavelmente o último a ser compilado.

CRISTO, Pedro de, m. 1618

Obras do Padre Dom Pedro Cónego Regular [Música manuscrita] : [Livro de coro].

Cópia autógrafa. Século XVI (157- ou 158-). 72 f., enc.. : papel, ilum.; 42 cm
M.M. 36, f. 67v-68

O M.M. 36 é provavelmente uma cópia autógrafa, pelo menos em parte, de obras de Dom Pedro de Cristo, embora inclua algumas peças de outros compositores.

Na chasoneta «Ay mi Dios que causa a sido», a 3 vozes e acompanhamento, o acompanhamento instrumental segue de perto o Baixo do segundo coro. Esta é provavelmente uma das primeiras peças portuguesas que apresentam a tradição instrumental da voz grave.

A partir desta época, e ao longo do século XVII, vai aumentando nas partituras a presença da notação musical da parte instrumental.

CÓNEGOS REGULARES DA ORDEM DE SANTO AGOSTINHO, de Santa Cruz de Coimbra

Ordinario dos Canonicos Regulares da Ordem do bemaumentado nosso padre S. Augustinho, da congregação de santa Cruz de Coimbra. Em Lisboa, no mosteiro de Sam Vicente de Fora : per Ioam Fernandez, 1579.

UCBG J.F.-37-4-26, fls. 81-81v

Como resultado do Concílio Tridentino que estabeleceu o primado do texto sacro, o novo Ordinário dos Regulares de Santa Cruz prescreve a censura prévia dos novos motetos : «...primeiro que se cantem a letra será aprovada pelo Prior e um teólogo de Casa». A revisão, para além dos conteúdos litúrgicos e dogmáticos, visava a articulação dos textos literários com os temas contrapontados, segundo os tratados de música coevos, de modo a que os crentes entendessem o que ouviam cantar.

DOM PEDRO DA ESPERANÇA (m. 1660) foi um eminente compositor de Santa Cruz de quem se conhecem apenas quatro Responsórios de Natal e dois Salmos, a 4 vozes.

ESPERANÇA, Pedro da, m. 1660

[Livro de coro] [Música manuscrita] : [*Quatro responsórios do Natal*] : *Hodie nobis de caelo; O magnum misterium; Beata dei genitrix; Beata viscera mariae*. Século XVII (c. 1610-1620). 131 f. : papel, ilum.; 48 cm

Proveniente do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra

UCBG M.M. 18, ff.40v-50r

O M.M. 18, compilação de obras de Dom Pedro de Cristo, copiadas entre 1610 e 1620 por duas mãos diferentes, é a única fonte conhecida de obras atribuídas a Dom Pedro da Esperança. Estas peças foram tardiamente acrescentadas ao códice, possivelmente pelo próprio compositor.

ENCARNAÇÃO, Pedro da, 1729-1802

Index generalis bibliothecae canonicorum regularium monasterii sangtae crugis collimbriensis, et supplementorum ejusdem bibliothecae... [Manuscrito].

Século XVIII. 2 vols. : papel; 40 cm

UCBG Ms. 1825, volume 1, p. 649

O Índice para o catálogo da Biblioteca dos Cónegos Regulares do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, elaborado no final do século XVII por D. Pedro da Encarnação, inclui nomes de compositores portugueses e estrangeiros, muito provavelmente obras existentes na Livraria de Música do Mosteiro. Nesta página pode ver-se o nome «Morales, Cristoval de».

FUENLLANA, Miguel de, c. 1500-1579

Libro de mvsica para vihuela, intitulado Orphenica lyra... Sevilla : en casa de Martin de Montedoca, 1554.

Pertence : "Da Comunidade do Most.o de S.ta Cruz de Coimbra"

UCBG M.I. 262

Impresso quinhentista de música instrumental que aqui representa a Livraria de música do Mosteiro.

Apresenta a notação em tablatura. Este sistema de escrita, apropriado para alguns instrumentos de corda, não indica a nota que deve ser tocada, como acontece com a notação musical numa partitura, mas qual a corda que deve ser tangida e o traste em que os dedos devem ser colocados. A leitura da notação em tablatura supõe o conhecimento prévio da música.

LIVROS DE PARTES DE VOZES

[Livros de partes de vozes] [Música manuscrita] : *Syperivs; Altvs; Tenor*. Século XVI (c.1570). 3 vols. : papel; 17 x 24 cm

Originários do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, de onde são provenientes

UCBG M.M. 230; M.M. 231; UCBG M.M. 161

Apresentam-se três livros de partes pertencentes a um conjunto de quatro, faltando na coleção a parte do *Bassus*.

Compilados em Santa Cruz de Coimbra, incluem fugas e motetes. Várias das composições copiadas podem ser atribuídas a

Dom Francisco de Santa Maria (m. 1597), o músico mais relevante de Santa Cruz entre 1560 e 1570.

PASSIONÁRIO

[Passionário misto] [Música manuscrita] : [ditos vários de Mateus e João a 3 vozes]. Século XVI (c. 158-). 93 f. : papel, ilum.; 36 cm
Proveniente do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra
UCBG M.M. 56, f. 1v-2

A relevância do tema da Paixão na vida cristã reflete-se na arte musical monástica através da forte presença de espécies musicais dedicadas à Semana Santa.

É nas melodias do canto da Paixão de Cristo dos polifonistas portugueses que se encontra um modelo verdadeiramente original para os cantos litúrgicos.

Os Passionários de Santa Cruz, aqui representados pelo belíssimo códice M.M. 56, revelam toda a singularidade do modelo português.

4. Música para pequenos conjuntos de instrumentos e livros em forma de partitura para tecla

LIVRO DE CORO. MÚSICA PARA TECLA

[Livro de coro]. [Partitura para tecla] [Música manuscrita]. Século XVII (entre 1610 e 1650). 46 f. : papel; 30 cm
M.M. MJ 1

Possivelmente originário do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, este códice pode ter pertencido ao Mosteiro de São Vicente de Fora, de Lisboa, da mesma congregação. Depois de extintas as Ordens religiosas, em 1834, pertenceu à Paróquia de Santa Cruz.

Foi adquirido em 1994 pela Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra juntamente com o arquivo pessoal e a biblioteca do musicólogo Manuel Joaquim (1894-1986).

Trabalho de pelo menos três copistas, trata-se de uma importante fonte para o conhecimento da evolução da música instrumental na Península Ibérica.

LIVRO DE CONCERTADOS E TENTOS

[Livro de concertados e tentos] [Música manuscrita]. [Por] fr. Theotonio da Cruz. Meados do século XVII. 45 f., enc.; 31 cm

Proveniente do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, também pertenceu à comunidade de São Vicente de Fora, Lisboa.

UCBG M.M. 52

Trata-se de um manuscrito musical para uso dos instrumentistas, provavelmente em cerimónias litúrgicas. Inclui 19 concertados, a três, de Frei Teotónio da Cruz (m. 1653), sem texto, compostos sobre uma melodia de *cantus firmus*, e vários *tentos*, (para 3 a 5 partes) igualmente sem texto, de autoria indeterminada.

LIVRO DE CONCERTADOS

[Livro de concertados] [Música manuscrita]. Meados do século XVII. 286 f., enc. : papel; 32 cm

Provavelmente originário do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra

UCBG M.M. 236, ff. 189v-220 e ff. 246-285

Este códice é constituído por vários cadernos de diferentes origens, de conteúdo muito heterogéneo em que sobressaem os concertados de Frei António da Madre de Deus (m. 1656), Dom João de Santa Maria (m. 1654) e Dom Gabriel de São João (m. 1651), músicos da comunidade de Santa Cruz. Desde a sua conceção, estas peças destinam-se a ser interpretadas por instrumentistas, ao contrário das tradicionais adaptações dos repertórios vocais.

MÚSICA PARA TECLA

[Música para tecla] [Música manuscrita]. Século XVI (de 1550 ao princípio de 1560). Partitura (127 f., enc.) : papel; 32 cm

No verso da segunda f. inumerada tem : “Em os seis dias do mes de junho 1559 comecei a dar lição / de tanger aos irmãos dom bras dom bernado e dom joam”

UCBG M.M. 48

O formato de partitura e o conteúdo dos códices musicais M.M. 48 e M.M. 242 têm gerado controvérsia, entre os especialistas, quanto à sua função.

Quer se tratem de antologias pedagógicas para a transmissão e assimilação das técnicas polifónicas e do repertório instrumental internacional, quer de partituras para instrumento, é notável a extensão e a variedade das formas musicais – motetos, canções, madrigais e obras instrumentais, etc. – e o número de compositores representados nestas compilações.

MÚSICA PARA TECLA

[Música para tecla] [Música manuscrita]. Século XVI (c.1559-157-). Partitura (184 f., enc.) : papel; 29 cm

Originário do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra

UCBG M.M. 242

Cópia de uma mesma mão, também responsável pela maior parte das transcrições do M.M. 48. Tal como o anterior, este manuscrito contém mais de 250 obras de gosto eclético, copiadas de impressos de Susato, Phalèse, Gardanee e outros editores flamengos e italianos.

Entre as composições de muitos polifonistas estrangeiros, o manuscrito inclui grande número de tentos de Antonio Carreira (c.1525-c.1589) e composições de D. Heliodoro de Paiva.

5. Coleção de Cartapácios de Santa Cruz de Coimbra

Estes manuscritos são representativos da coleção de *Cartapácios* – como foram intitulados originalmente – provenientes de Santa Cruz de Coimbra. Na sua maioria, os manuscritos desta coleção foram oferecidos à Biblioteca Geral por iniciativa do diretor da «Polyphonia (Schola Cantorum)», Mário Sampaio Ribeiro (1898-1966), com o patrocínio da Acção Cultural das Fábricas Aleluia de Aveiro.

Os *Cartapácios*, reunidos em 16 códices de escrita em letra moderna e notação mensural branca, sem preocupações caligráficas e organização descuidada, frequentemente rasurados e emendados, escritos a tinta ferrogálica em cadernos de papel avergoado e capas de pergaminho reutilizado, constituem um testemunho verdadeiramente extraordinário do Barroco musical no Mosteiro de Santa Cruz.

O conteúdo muito heterogéneo destes manuscritos destinava-se ao serviço da liturgia e à animação de cerimoniais sumptuosos em que os cânticos sacros, em latim, alternavam com peças vernaculares, executadas pelo coro da capela, com acompanhamento de instrumentos variados. Os manuscritos contêm também peças instrumentais

Nestas compilações estão também presentes peças de música dramática, comprovando que o teatro e a dança tinham lugar nas festividades monásticas, principalmente da Natividade.

TARAMBOTE PARA AS DUAS CHAMELINHAS

«Tarambote p[ar]a as duas charamelinhas» [Música manuscrita]. In [*Cartapácio*]. Meados do século XVII. 96 f., enc. : papel; 29 cm, ff.16r-17r
UCBG M.M. 243, ff. 16r-17r

«Tarambote p[ar]a as duas charamelinhas» é uma *canzona* instrumental para dois instrumentos de sopro. Trata-se da única peça para instrumentos de sopro da coleção de Coimbra; poderá ser

interpretada como duo de charamelas com baixo contínuo, ou como trio para duas charamelas e baixo.

O cartapácio inclui uma Missa policoral composta por Dom Gabriel de São João (m. 1621), com guião e uma parte instrumental – «voz de fora» – para o primeiro coro.

CARTAPÁCIO 6

Cartapácio 6. Da Paschoa. Psalmos Dixit D.nus a 4. Coros e a 2 e Chansonetas [Música manuscrita]. Meados do século XVII. 86 p. : papel; 36 cm
UCBG M.M. 228, ff. 3v-6r

A peça «Bastião Bastião», que se mostra, é um “vilancico de negro” (versos em português falado pelos negros), com acompanhamento de palmas, batimentos de pés, bandurria e gaita. Nos vilancicos e ensalladas, as figuras do negro, do judeu, do ratinho (português beirão), ou do espanhol (galego), postas em diálogo, cada qual na respetiva língua, criam um efeito de verdadeira comédia.

A anotação «nossa natal de '643», pode indiciar que a peça foi executada no Mosteiro de Santa Cruz, no Natal de 1643. Neste Cartapácio destacam-se também uma obra policoral, «Dixit Dominus», em que um dos coros é instrumental, e uma Missa a oito vozes, baixo contínuo e dois violinos.

CARTAPÁCIO 15

Cartapácio 15. Cansonetas do Natal e hymno de nosso Padre Dom Gabriel de S. João
[Música manuscrita]. Século XVII. 48 f., enc. : papel; 32 cm
Proveniente do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra
UCBG M.M. 240, f. 1r

A peça «Hola Hau Pastorcillos», que se mostra, é de um dos mais longos vilancicos da coleção de Coimbra (ff.1r-9).

Com aspetos de cantata, uma série de trocadilhos na introdução permite a utilização dos efeitos do eco, um recurso muito utilizado na época. No verso da folha 7, tem a indicação dos instrumentos para o «Discante : Baixão tenorete, Corneta, So tiple e guião».

Referências bibliográficas

- ABREU, José - O legado musical português : fontes manuscritas e impressas dos séculos XVI e XVII». In *II Festival Internacional de Polifonia Portuguesa*. Vila Nova de Famalicão : Fundação Cupertino Miranda, 2012. p. 133-142.
- ABREU, José & ESTUDANTE, Paulo - *A propósito dos livros de polifonia impressa existentes na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra : uma homenagem ao musicólogo pioneiro Manuel Joaquim*. Coimbra : Faculdade de Letras, 2011.
- ALVARENGA, João Pedro de - *Estudos de Musicologia*. Lisboa : Colibri; Évora : Centro de História da Arte da Universidade, 2002.
- Polifonia portuguesa sacra tardo-quincentista : estudo de fontes e edição crítica do Livro de São Vicente, manuscrito P-Lf FSVL 1P/H-6*. Em : <http://dited.bn.pt/30736/1859/2316.pdf>
- ANDRADE, Inês Pereira de - *Os modos concertados de Frei Theotónio da Cruz : MM 52, Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*. Coimbra, 2004. Dissertação de mestrado, FLUC.
- BESSA, Rui Manuel Pereira da Silva - *O vilancico : um género musical de Santa Cruz de Coimbra*. Coimbra, 2001. Dissertação de mestrado, FLUC.
- CARDOSO, José Maria Pedrosa - *O canto da Paixão nos séculos XVI e XVII : a singularidade portuguesa*. Coimbra : Imprensa da Universidade, 2006.
- «Em busca do peculiar na música sacra portuguesa». In *Sons do Clássico : no 100º aniversário de Maria Augusta Barbosa*. Coord. J. M. Pedrosa Cardoso, Margarida Lopes de Miranda. Coimbra : Imprensa da Universidade, 2012. p. 101-122.
- «A singularidade dos Passionários impressos em Portugal no século XVI». *Revista Portuguesa de Musicologia*. 12 (2002) 35-66.
- ESTUDANTE, Paulo - Os cartapácios do fundo musical da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra : pretexto para uma releitura científica e patrimonial. *Rua Larga*. 43 (2015) 40-43.
- Les pratiques instrumentales de la musique sacrée portugaise dans son contexte ibérique : XVI-XVII siècles : le ms. 1 du fond Manuel Joaquim (Coimbra)*. Paris : [s.n.], 2007. Thèse, Université de Paris-Sorbone.

- GOMES, Saul António – Cónegos Regrantes de Santo Agostinho. In *Dicionário de história religiosa de Portugal*. Dir. Carlos Moreira Azevedo. Lisboa : Círculo de Leitores, 2000. vol. 1 : A-C. p. 429-34.
- JANELA, David – *Transcription et analyse de la Missa Verdeloth du manuscrit 9 de Coimbra : du XVIe au XXIe siècle : réurrection d'un manuscrit en perdition*. Paris, 2000. Tèse, Université de Paris-Sorbonne.
- KASTNER, Macario Santiago – *Três compositores lusitanos para instrumentos de tecla : António Carreira, Manuel Rodrigues Coelho, Pedro de Araújo*. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian, 1979.
- «Los manuscritos musicales n.ºs 48 y 242 de la Biblioteca General de la Universidad de Coimbra». *Anuario Musical*. 5 (1950) 78-96.
- MIRANDA, Pedro – *D. Francisco de Stª Maria : cantor mor de Santa Cruz de Coimbra*. Coimbra, 2001. Dissertação de mestrado em Ciências Musicais apresentada à FLUC.
- «Diego Buxel (?-post 1572) em Coimbra». In *Sons do Clássico : no 100º aniversário de Maria Augusta Barbosa*. Coord. J. M. Pedrosa Cardoso, Margarida Lopes de Miranda. Coimbra : Imprensa da Universidade, 2012. p. 47-58.
- MONTEIRO, Maria do Amparo Carvas – *Da música na Universidade de Coimbra : das artes liberais aos estudos artísticos*. [Prefácio Gerhard Doderer, Manuel Augusto Rodrigues]. Coimbra : CIEC - Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, 2015.
- NERY, Rui Vieira – O vilancico português do século XVII : um fenómeno intercultural». In *Portugal e o Mundo : o encontro de Culturas na Música*. Coord. Salwa Castelo-Branco. Lisboa : Dom Quixote, 1997. p. 91-102.
- OLIVEIRA, Filipe Mesquita de – As recomposições dos “ricercari” do “Libro primo...” de Jacques Buus no manuscrito P-Cug MM 242 e a execução instrumental em Portugal em meados do séc. XVI. In *Performa '11, Performa Conference on Performa studies*. Universidade de Aveiro, 2011. Em : <http://performa.web.ua.pt/pdf/actas2011/FilipeMesquitaOliveira.pdf>
- PÁEZ GRANADOS, Octávio – *Zente pleto, zente pleto : o vilancico de negro em Portugal - século XVII : dois casos de estudo do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra*. Coimbra : [s.n.], 2013. Dissertação de mestrado em Estudos Artísticos, área de Estudos Musicais (Musicologia Histórica) apresentada à FLUC.
- PINHO, Ernesto Gonçalves de – *Santa Cruz de Coimbra centro de actividade musical nos séculos XVI e XVII*. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian, 1981.
- REES, Owen – *Polyphony in Portugal, c. 1530-c. 1620 : Sources from the Monastery of Santa Cruz, Coimbra*. New York & London : Garland, 1995.
- RIBEIRO, Mário de Sampaio – *Os manuscritos musicais n.ºs 6 e 12 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra : contribuição para um catálogo definitivo*. Coimbra : Biblioteca Geral da Universidade, 1941.

SANTA MARIA, Gabriel de - Rol dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho. [Transcrito e publicado por] Pedro de Azevedo. *Boletim da Segunda Classe*. Lisboa : Academia Real das Ciências. 11 (1816-1817) 174-175.

VIEIRA, Ernesto - *Diccionario biographico de musicos portuguezes : historia e bibliographia da musica em Portugal*. 2 vols. Lisboa : Lambertini, 1900.

Recursos online

PEM - Portuguese Early Music Database (Dir. Manuel Pedro Ferreira, Lisboa, Portugal)
Disponível em <http://pemdatabase.eu/>



UNIVERSIDADE D
COIMBRA